Brenna Yovanoff

O SUBSTITUTO

BERTRAND BRASIL

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.us*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Brenna Yovanoff
O SUBSTITUTO
BERTRAND BRASIL

O SUBSTITUTO

Brenna Yovanoff

ackie Doyle se parece

mcom todas as outras

pessoas da pequena e

perfeita cidadezinha de Gentry,

mas ele vive com um segredo fatal

– ele é um Substituto, deixado no

berço de um bebê humano

dezesseis anos antes. Agora, a

criatura descendo a colina o quer

de volta, e Mackie precisa decidir

onde ele realmente pertence, e o

que realmente quer.

Sumário

PARTE 1 - OS SEGREDOS DOS VIVOS

PARTE 2 - AS MENTIRAS QUE AS PESSOAS CONTAM

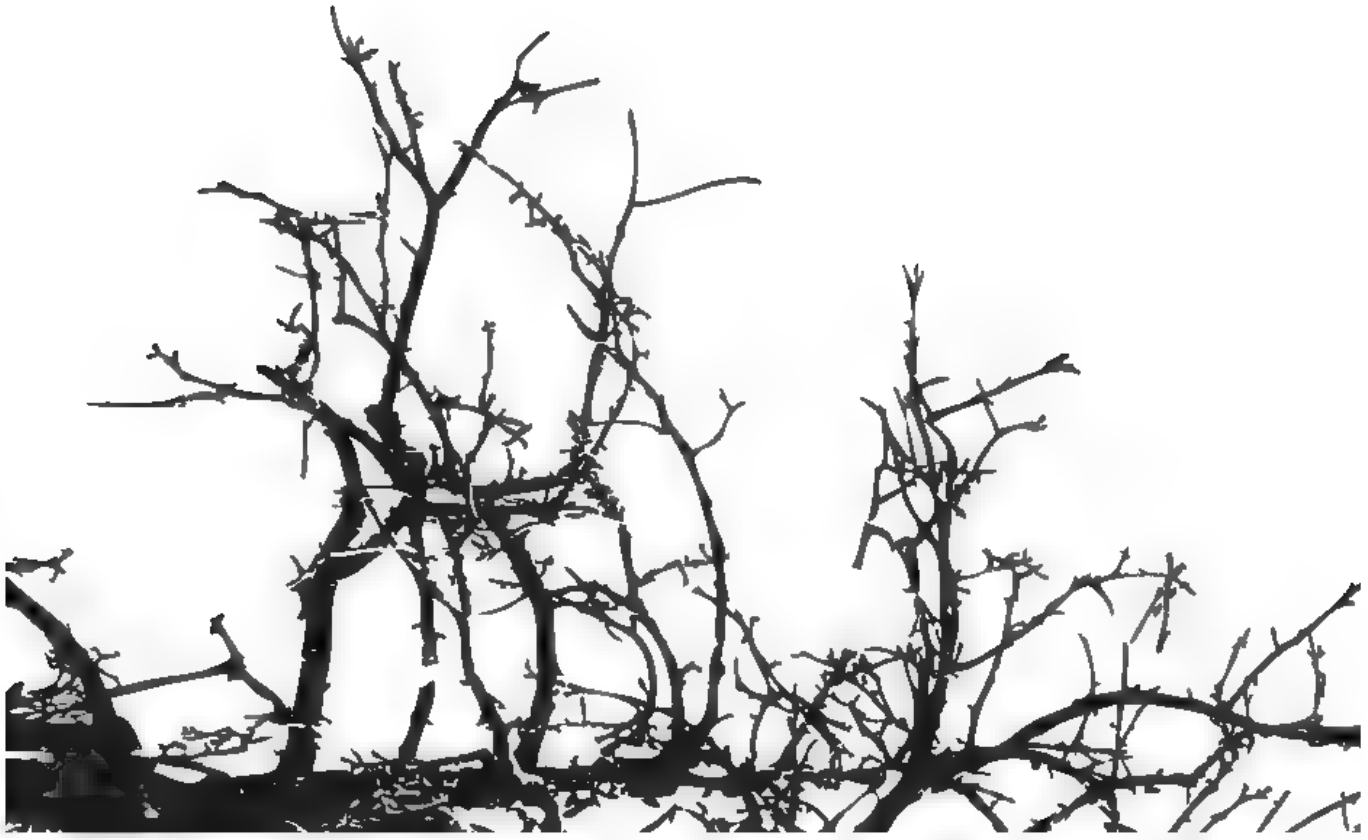
PARTE 3 - OS MORTOS-VIVOS

PARTE 4 - ELES

Brenna Yovanoff

PARA DAVID

(O primeiro sempre seria para você)



Parte 1

OS SEgredos dos Vivos

1

Sangue

IVO TENDO ESSE SONHO, mas não me lembro de nenhuma das partes realmente importantes. Faz muito frio, e galhos arranham a tela da janela. Árvores enormes se agitam, farfalhando suas folhas. A calha branca do telhado, a cortina balançando. Amores-perfeitos, violetas, girassóis. Conheço de cor a estampa do tecido. A lista desfila em minha mente como um poema.

Sonho com campos, túneis escuros, mas tudo é meio confuso. Uma figura sombria me coloca no berço, cobre minha boca com a mão e sussurra em meu ouvido. Shh, diz ela. E, espere. Não há ninguém lá, ninguém está me tocando, e, quando o vento entra pelas frestas da janela, minha pele gela. Acordo me sentindo sozinho, como se o mundo fosse enorme, gelado e assustador. Como se ninguém nunca fosse me tocar de novo.

Os alunos estavam recebendo os adesivos na cantina, perto das estantes de troféus.

Eles tinham pendurado uma cortina para esconder a unidade móvel de doação de sangue, e ela descia quase até o chão, mas todo mundo sabia o que havia por trás. Agulhas entrando, tubos saindo. Um cartaz em papel pardo tinha sido colado na entrada do lado esquerdo, anunciando a doação de sangue em letras garrafais.

A gente tinha acabado de chegar do almoço. Eu, os gêmeos Corbett e Roswell Reed.

Drew Corbett procurava uma moeda nos bolsos para me mostrar um

truque de cara ou coroa. Parecia complicado, mas ele tinha um jeito de fazer com que qualquer truque de mágica parecesse fácil.

Ele lançou a moeda, que ficou suspensa no ar por um segundo, e tive a nítida impressão de tê-la visto virar; porém, quando Drew me mostrou as costas da mão, ainda era cara. Ele abriu um sorriso largo, preguiçoso, como se tivéssemos acabado de compartilhar uma piada muito boa sem que nenhum dos dois dissesse nada em voz alta. Atrás da gente, seu irmão Danny-boy discutia com Roswell se a única banda local boa o suficiente poderia chegar ao rádio ou ser convidada para um daqueles programas de entrevistas na madrugada.

De longe, se alguém olhasse para os gêmeos, poderia pensar que se tratava da mesma pessoa. Tinham as mesmas mãos morenas, com dedos compridos, os mesmos olhos estreitos e cabelos escuros. E eram bons nas mesmas coisas: desenhar, construir e consertar cacarecos, só que Drew era mais tranquilo. Ele escutava com mais atenção e era mais lento. Danny era o falante.

— Olha só o que vende — disse Roswell, passando a mão pelos cabelos e levantando tufos avermelhados. — O que faz você pensar que as mesmas pessoas que enlouquecem com acordes do tipo power chords apreciariam um talento complexo como o dos Rasputin Sings the Blues?

Danny soltou um suspiro e segurou meu braço.

— Mackie, você acha que alguém ia preferir algo que é basicamente uma porcaria em vez de uma coisa boa? — Ele parecia impaciente, como se já soubesse que tinha vencido a discussão quer eu concordasse, quer não.

Então, por que eles ainda conversavam sobre aquilo?

Não respondi. Eu estava olhando para Alice Harms, o que era um hábito, uma espécie de hobby.

Danny me puxou com mais força.

— Mackie, pare de agir como um completo tapado e escute. Você realmente acha que alguém escolheria a porcaria?

— Nem sempre as pessoas sabem o que escolher — respondi, sem tirar os olhos de Alice.

Ela vestia uma blusa verde, com um decote generoso que deixava à mostra a curva dos seios. Um adesivo amarelo de doadora de sangue estava colado bem na frente. Alice prendeu os cabelos atrás das orelhas. No geral, uma visão bem bonita.

Exceto pelo fato de que eu conseguia sentir o cheiro do sangue: doce, metálico. Podia sentir seu gosto no fundo da boca, e isso estava começando a me deixar enjoado. Tinha me esquecido por completo da doação de sangue até chegar à escola de manhã e deparar com o festival de cartazes escritos à mão.

Drew me deu um soco forte no ombro.

— Aí vem a sua namorada.

Alice atravessava a cantina, acompanhada por mais duas amigas da realeza do segundo ano, Jenna Porter e Stephanie Beecham. Escutei o arrastar de seus tênis sobre o piso de linóleo. O som era agradável e me fez lembrar do farfalhar de folhas mortas. Observei Alice, mas sem grandes esperanças.

As garotas gostavam de Roswell, não de mim. Ele era alto e forte, com uma boca grande e reta. Ficava cheio de sardas no verão, tinha os pelos dos braços ruivos e nunca conseguia igualar as costeletas, mas era uma pessoa fácil de se gostar. Ou talvez fosse apenas porque ele era como os demais.

Eu era o esquisito — pálido, assustador. Cabelos louros talvez fossem uma bela característica em outra pessoa, mas não em mim; apenas tornava mais difícil disfarçar o fato de meus olhos serem escuros demais. Eu não inventava brincadeirinhas nem puxava conversa. Às vezes, as pessoas se sentiam mal só de olhar para mim. Era melhor ficar afastado, nas sombras.

Só que agora eu estava ali, parado no meio da cantina, e Alice se aproximava. Sua boca era rosada. E seus olhos, muito azuis.

De repente, ela parou na minha frente.

— Oi, Mackie.

Abri um sorriso que me pareceu mais uma careta de dor. Uma coisa era olhar para ela do outro lado da sala e pensar em, talvez, quem sabe, beijá-la. Outra bem diferente era entabular uma conversa. Engoli em seco e tentei pensar em alguma coisa normal para dizer. Tudo o que consegui pensar foi que a tinha visto certo dia na primavera anterior com o uniforme de jogar tênis e suas pernas estavam tão bronzeadas que quase fizeram meu coração parar.

— E aí, você já doou sangue? — perguntou Alice, tocando de leve o adesivo amarelo. — É melhor me dizer que já. — Quando ela afastou os cabelos do rosto, notei um brilho prateado em sua boca. Alice tinha um piercing na língua.

Fiz que não.

— Não suporto agulhas.

Ela riu. De repente, a mão dela estava sobre meu braço sem nenhum motivo aparente.

— Ah, isso é tão fofo! Muito bem, você está perdoado por ser um tremendo maricas. Me diz uma coisa, seus pais não ficaram completamente abalados com a última tragédia? Quero dizer, você sabe o que aconteceu com a irmã da Tate Stewart, não sabe?

Atrás de mim, Roswell inspirou fundo e soltou o ar. Os gêmeos ficaram sérios. Tentei encontrar uma forma de mudar de assunto, mas não consegui pensar em nada.

O cheiro do sangue era doce e marcante, forte demais para ignorar.

Tive de pigarrear antes de responder.

— Sei. Meu pai ficou bem abalado, sim.

Alice arregalou os olhos.

— Ai, meu Deus, vocês conhecem mesmo a família dela?

— O pai dele vai realizar o funeral — respondeu Danny com indiferença.

Os irmãos tinham se virado de costas. Ao acompanhar o olhar deles, percebi que estavam observando Tate, sentada sozinha numa das mesas compridas, olhando para o céu através das janelas que iam do chão ao teto.

Eu não a conhecia. Quero dizer, tínhamos frequentado a mesma escola a vida inteira. Tate morava a um quarteirão de Drew e Danny, e eu tinha, pelo menos, uma aula com ela todos os semestres desde a quinta série. Mas

eu não a conhecia. Também não conhecia a irmã dela, embora já as tivesse visto no estacionamento da igreja do meu pai. Uma garotinha rechonchuda e sorridente chamada Natalie. Apenas uma criança normal de aparência saudável.

Tate afastou a cadeira e lançou um olhar em nossa direção. Os cabelos dela eram castanho-escuros, bem curtinhos, o que deixava seu rosto estranhamente exposto. De longe, ela parecia pequena, mas os ombros estavam rígidos ao se levantar, como se estivesse preparada para levar um soco. Até dois dias atrás, Tate tinha amigas. Talvez não amigas inseparáveis, do tipo que sussurram e dão risadinhas, como as de Alice, mas as pessoas gostavam dela.

Agora os lugares em volta dela estavam vazios, o que me fez pensar em quarentena. Era perturbador perceber que não precisava muito para alguém se tornar um excluído. Bastava que algo terrível acontecesse.

Alice não perdeu tempo com Tate. Jogou os cabelos por cima do ombro e, de repente, estava bem mais perto de mim.

— A gente nunca pensa que criancinhas também podem morrer. Quero dizer, é muito triste, não é? Desde que escutou, minha mãe anda louca, é medalhinha de santo e ave-maria para tudo quanto é lado. Ei, vocês vão estar por aqui no sábado? Stephanie vai dar uma festa.

Roswell se debruçou por cima do meu ombro.

— Legal. De repente, a gente dá uma passada por lá. Quer dizer que vocês foram arrastadas para esse negócio de doação de sangue, é? — Ele olhou para Stephanie enquanto falava. — Como foi a sangria?

Doeu?Stephanie e Jenna começaram a balançar a cabeça, fazendo que sim, mas Alice revirou os olhos.

— Na verdade, não. Quero dizer, doeu um pouco quando a enfermeira meteu a agulha… mas nem tanto. Está doendo mais agora. Quando ela puxou a agulha, rasgou um pouco a minha pele, e agora não para de sangrar. Olhe só.

Ela esticou o braço. Uma bolinha de algodão estava presa com um curativo, sobre o furo da agulha. No meio, bem debaixo do esparadrapo, uma mancha vermelha continuava a se espalhar pelo algodão.

Há ferro em todos os lugares. Nos carros, nos utensílios de cozinha e naquelas máquinas industriais enormes usadas para empacotar comida, mas a maior parte é misturada com outros materiais, carbono, cromo e níquel. Isso machuca de forma lenta, exaustiva. Eu consigo aguentar.

O ferro do sangue é diferente. Ele se insinua pela minha boca e pelo meu nariz e penetra minha garganta. De repente, estava difícil manter o foco. Meu coração começou a bater muito rápido e, em seguida, bem, bem devagar.

— Mackie? — A voz de Alice parecia fraca e indistinta, como se viesse de muito longe.

— Preciso ir — falei. — Meu armário… esqueci uma coisa e preciso…

Por um segundo, pensei que, pelo menos, um ou dois deles, ou todos, iam me seguir. Alice fez menção de me segurar. Roswell, porém, colocou a mão sobre o braço dela impedindo. Ele estava com uma expressão dura, pressionava os lábios como que para evitar dizer alguma coisa. Apontou

discretamente com a cabeça para o corredor. Vai, anda.

Atravessei o labirinto de mesas e saí da cantina sem tropeçar em nada, mas eu estava começando a perder a visão periférica e podia sentir as batidas do meu coração nas mãos e nos ouvidos. Assim que me afastei do cheiro doce e sufocante da unidade de doação de sangue, a sensação melhorou. Inspirei fundo algumas vezes e esperei a vertigem passar.

Os armários no corredor das turmas do segundo ano eram todos iguais — um metro e meio de altura, com a pintura bege já meio descascada. O meu ficava bem no fim, passando o corredor em direção à ala das turmas de matemática e às portas que davam para o pátio. Assim que dobrei o corredor, vi que havia algo errado com ele.

Na porta, na altura dos meus olhos, havia uma mancha vermelha do tamanho e da forma da palma da mão de alguém. Antes mesmo de me aproximar, senti o cheiro de sangue. Não tão ruim quanto o machucado de Alice. O dela parecia morno, terrivelmente metálico. Esse era frio e pegajoso, começando a secar.

Olhei em volta, mas o corredor estava vazio. As portas que davam para o pátio estavam fechadas. Chovera o dia inteiro, e não havia ninguém lá fora.

A mancha era de um vermelho-escuro, semelhante ao das gengivas.

Fiquei ali em pé, com a testa apoiada entre as mãos. Era uma brincadeira, uma espécie de pegadinha idiota e de mau gosto. Nada tão criativo assim — não era preciso ser um gênio para adivinhar. Sou conhecido como o sujeito que senta no chão com a cabeça entre os joelhos quando o nariz de alguém sangra.

Era uma brincadeira, tinha de ser. No entanto, mesmo antes de chegar mais perto, eu soube, lá no fundo, que não era. Alguém decidira ser criativo com um clipe de papel ou uma chave. E havia escrito a palavra Aberração em meio à confusão de sangue coagulado.

Comecei a esfregar o sangue com a ponta da manga, sentindo-me enjoado e com dificuldade de respirar. Consegui limpar quase tudo, mas a Aberração continuava ali, no meio da porta. A escrita tinha arranhado a pintura, e o sangue penetrara as letras, de modo que a palavra sobressaía escura sobre o esmalte bege. Olhar para aquilo me fez ser invadido por uma nova onda de vertigem. Dei um passo para trás e quase caí. Só conseguia sentir as batidas lentas e descompassadas do coração.

Apoiei a mão na parede e comecei a tatear em busca da porta, do pátio vazio, de ar fresco.

Eu estava no jardim de infância quando meu pai me contou pela primeira vez sobre Kellan Caury.

A história era curta, e ele a repetiu inúmeras vezes, como se fosse O Ursinho Pooh ou Boa-Noite, Lua. Ao escutar a narrativa de meu pai, eu imaginava as partes importantes como se fossem cenas de um filme antigo em imagens intermitentes e granuladas. Kellan Caury era um homem quieto e educado. Um adulto por volta dos trinta anos.

Ele era como eu. Em quase tudo. Exceto por ter um conjunto extra de articulações nos dedos e eu sempre imaginá-lo em preto e branco.

Kellan tinha uma loja de restauração de instrumentos musicais na Hanover Street e morava numa pequena quitinete em cima dela. Ele não

afinava pianos porque não aguentava tocar nas cordas de aço, mas era honesto e justo, e todos gostavam dele. Sua especialidade era consertar violinos.

Quando as crianças começaram a desaparecer, ninguém deu muita importância ao fato. Era o período da Depressão, as pessoas não tinham comida ou dinheiro suficientes, e era comum que as crianças desaparecessem. Elas ficavam doentes ou fugiam, ou morriam em acidentes ou de inanição, e isso era terrível, mas ninguém suspeitou de nada ou questionou o fato.

Foi então que a filha do xerife desapareceu. O caso aconteceu em 1931, no fim de outubro.

Kellan Caury nunca tinha machucado ninguém, mas isso não fez diferença. Eles vieram atrás dele mesmo assim.

Arrancaram-no da quitinete e o arrastaram pela rua. Queimaram a loja dele e o espancaram com canos e chaves-inglesas. E depois o enforcaram numa árvore do pátio da igreja, com um saco sobre a cabeça e as mãos amarradas nas costas. O corpo dele ficou exposto por um mês.

Na primeira vez que meu pai me contou isso, não entendi o que ele quis dizer, porém, quando já estava na primeira ou na segunda série, comecei a compreender.

A moral da história é: não chame atenção. Não tenha dedos deformados. Não deixe que ninguém descubra que você consegue afinar as cordas com facilidade só de ouvido. Não mostre a ninguém o seu verdadeiro eu. Caso contrário, quando alguma coisa der errado, você poderá acabar apodrecendo

numa árvore.

Todo mundo tem uma origem. Todos vieram de algum lugar.

Só que o lugar de algumas pessoas é mais simples do que o de outras.

Não me lembro de nada disso, mas minha irmã Emma jura que é verdade, e eu acredito nela. Essa é a história que ela costumava me contar à noite, quando eu pulava da cama e atravessava o corredor nas pontas dos pés até o quarto dela.

O bebê no berço: chorando, daquele jeito irritante, impaciente. O rostinho brilhando por entre as barras da grade. O homem entra pela janela — esquelético, usando um sobretudo preto — e agarra o bebê. Ele pula de novo o peitoril, fecha a janela e recoloca a tela. O homem se foi. Há outra coisa no berço.

Na história, Emma tem quatro anos. Ela pula da cama e atravessa o quarto. Quando enfia a mão por entre as barras da grade do berço, o ser se aproxima. Ele tenta mordê-la, e ela puxa a mão de volta, mas não se afasta. Eles passam a noite inteira olhando um para o outro no escuro. De manhã, o ser continua agachado sobre a colcha com desenhos de carneirinhos e patinhos, olhando para ela. Esse não é o irmão dela.

Sou eu.

Nunca fale com estranhos

OSWELL ME ENCONTROU NO PÁTIO. A sineta indicando que a aula começaria dali a dois minutos já tinha tocado, mas não havia ninguém por perto para me mandar entrar. Eu estava recostado contra o prédio, de olhos fechados, inspirando fundo.

— Ei — disse ele já do meu lado antes que eu percebesse.

Engoli em seco e abri os olhos. O céu estava nublado e ainda chovia, uma garoa fina e deprimente que não condizia com o mês de outubro.

— Ei. — Minha voz soou rouca e embolada, como se eu estivesse dormindo.

— Você não me parece bem. Como está se sentindo?

Queria dar de ombros e me livrar da sensação, mas a vertigem ia e voltava em ondas.

— Bem mal.

Roswell recostou-se contra a parede e, de repente, tive certeza de que ele ia perguntar o que havia acontecido ou pelo menos por que eu estava hiperventilando sozinho no pátio. Imaginei se ele tinha visto meu armário.

Inspirei fundo e falei antes que ele pudesse dizer alguma coisa.

— Nada melhor para finalizar a história de um bebê morto do que um pouco de sangue fresco.

Ele riu e bateu com o ombro no meu.

— Ei, Alice não pode fazer nada com relação às panes constantes do próprio cérebro. Mas preciso ser legal com ela se quiser ter alguma chance

com a Stephanie. Além disso, eu sei que você não é indiferente aos dotes naturais dela, certo?

Eu ri, mas a risada pareceu forçada e um tanto triste. Ainda estava enjoado, com uma leve vontade de vomitar.

— Olhe só — falou Roswell num tom inesperadamente baixo. — Sei que você não conversa muito com garotas... eu sei disso. Mas ela sairia com você. Só estou dizendo que a oportunidade existe se você quiser aproveitar, sacou?

Não respondi. Alice era tão inacreditavelmente, dolorosamente atraente, tão perfeita de ser observada do outro lado da sala, porém a ideia de sair de verdade com ela para qualquer lugar me dava um aperto no peito.A sineta tocou uma última vez, reverberando no sistema de alto-falantes do telhado, e Roswell se afastou da parede.

— Você vai para a aula de história?

Fiz que não.

— Acho que vou para casa.

— Quer uma carona? Vou dizer a Crowley que você teve uma emergência familiar ou algo parecido.

— Não precisa, estou bem.

Roswell me lançou um olhar de quem não estava muito convencido. Coçou o queixo e olhou para além do gramado.

— A gente se vê mais tarde então. Você vai ao enterro?

— Talvez. Não sei. Provavelmente não.

Ele fez que sim. Eu fiz que sim. Ficamos os dois ali, no meio do pátio,

meneando as cabeças, mas sem olhar um para o outro. Às vezes, Roswell faz perguntas bem difíceis e, às vezes, tem a decência de não fazê-las. Ele não disse mais nada. Voltou para a escola, e eu saí pelo portão.

Comecei a me sentir melhor assim que deixei o estacionamento e me vi longe da escola, da cantina cheia de agulhas, do cheiro pungente e metálico de sangue. Ergui o capuz e baixei os olhos para os pés, pensando: como, diabos, eu ia arrumar uma namorada? E por que alguém como Alice Harms estaria interessada em mim? Eu era um fracassado...

Ainda assim, ela havia tocado meu braço.

O ar estava limpo e úmido, tornando minha respiração melhor. Eu estava com frio, um pouco trêmulo talvez, mas estava bem. Senti que estava bem. Ainda assim, não conseguia me livrar da incômoda sensação de que as coisas estavam prestes a piorar. Na escola. No mundo. A mãe da Alice começara a rezar ave-marias e todos estavam com os nervos à flor da pele, procurando pelo demônio que se inserira no meio deles, procurando alguém em quem colocar a culpa. Meu corpo inteiro parecia fraco, como se eu estivesse à beira de um colapso.

Uma coisa estava clara: eu precisava fazer o que fosse necessário para não chamar atenção. A chuva castigava a calçada de forma persistente, o que me deixava incomodado, embora sem nenhuma razão visível. Talvez tudo estivesse mal, mas tudo sempre estava assim. Eu estava acostumado com isso. O verdadeiro problema era a sensação de que as coisas estavam prestes a piorar.

Antigamente, numa época que poderia ser considerada uma outra vida,

Gentry era uma cidade de aço, porém, no decorrer de quatro ou cinco décadas, ela havia se transformado num mar de minivans, jardins e golden retrievers.

Quase todo mundo trabalhava ou em uma das fábricas de computadores, montando placas e empacotando chips, ou na fazenda leiteira ou na escola, dependendo do nível de instrução. Havia muitas outras cidadezinhas, nos condados vizinhos, cuja economia girava em torno de um único tipo de indústria — subúrbios que não pertenciam a cidade alguma, cada qual com sua própria fábrica ou indústria.

Gentry era apenas mais autossuficiente do que a maioria. As pessoas nasciam, cresciam e morriam sem que nunca desejassem sair da cidade. Tudo o que você precisava já estava ali.

A escola fora construída às margens do que costumava ser a refinaria Gates. Por quarenta anos, Gates tinha sido o coração de Gentry, e muitos dos negócios locais e das mascotes da escola ainda eram batizados em sua homenagem. Quando Gates foi à falência após a Segunda Guerra Mundial, as primeiras a chegar oferecendo empregos foram as lojas de máquinas, seguidas pelas empresas de desenvolvimento industrial, e elas patrocinaram pontes e pracinhas, sempre decidindo que Gentry era uma aposta melhor do que as outras oito ou nove pequenas cidades das redondezas. A refinaria foi derrubada antes de eu nascer.

A maior parte do pessoal da escola cortava caminho pela propriedade Gates ao ir para casa. Quase todos os bairros residenciais ficavam do outro lado, separados da área comercial e da escola por uma ravina estreita. No

entanto, ainda havia toda espécie de sucata e detritos espalhados pela grama, e o solo estava saturado de ferro. Eu sempre escolhia uma rota diferente. Nesse dia, eu prosseguia pela Benthaven, esquadrinhando o campo aberto onde, anos antes, costumava ficar a refinaria, tentando descobrir o que acabara de acontecer. Alguém espalhara sangue na porta do meu armário. Contudo, a pergunta crucial era: Por quê? O que eu tinha feito para chamar a atenção de qualquer pessoa em particular? Por que agora?

As coisas sempre ficavam tensas em Gentry quando alguma criança morria. Funerais eram um assunto complicado, mas eu tinha sido cauteloso. Tinha me mantido quase invisível. Fizera a minha parte.

Eu e Roswell sabíamos que eu não ia ao enterro, porém, às vezes é preciso entrar no jogo, mesmo quando não há ninguém por perto. Isso ajuda a criar o hábito de fingir que acreditamos no que estamos dizendo. Mesmo quando, na verdade, são apenas duas pessoas que conhecem um segredo e fingem que não.

O solo sagrado não era como o aço inoxidável ou o ferro do sangue. Era uma coisa com a qual eu simplesmente não conseguia lidar. Se eu botasse os pés meio metro dentro do pátio da igreja, minha pele se enchia de bolhas, como a de uma pessoa normal que sofreu uma terrível queimadura de sol. Em algumas partes da propriedade, eu podia entrar — nos galpões de depósito, no anexo onde funcionava a escola dominical e na área do cemitério que não era consagrada, reservada aos suicidas e aos bebês não batizados —; porém, a ideia de ir até a igreja somente para ficar no canto do cemitério e observar as outras pessoas era deprimente.

Eu havia frequentado a escola dominical quando era mais novo. Meu pai mandara construir um prédio anexo para as aulas num lote vizinho por volta dos meus três ou quatro anos de idade. Era uma expansão razoável, porque o espaço era mesmo necessário, só que ele tinha outro motivo mais secreto. Ele nunca consagrara o solo.

O novo prédio tinha sido uma solução viável por um tempo, mas, agora que eu estava velho demais para as aulas da escola dominical, precisava fingir que era um daqueles adolescentes rebeldes que não queriam saber dos negócios do pai pastor.

Segui pela Welsh Street, uma rua sem saída, até chegar ao fim dela.

Pulei a pequena divisória de concreto e continuei pela trilha em direção à pilha de escória de metal.

Na época em que a refinaria funcionava, o pessoal despejava os refugos de cascalho e cal virgem na ravina. Eles tinham sido acumulados por anos, cobrindo as árvores finas e os arbustos baixos. Essa era a única parte de Gates que sobrevivera.

Havia depósitos de sucata e pilhas de escória de metal por todo o condado, porém, em Gentry, as crianças nunca pulavam as cercas. Em outras cidades, as pilhas eram cercadas por uma questão de obrigação. Elas eram pequenas e cinzentas, nada muito interessante. As nossas eram tão pretas que pareciam queimadas. E eram cercadas como um lembrete de que convinha manter distância.

As histórias que as pessoas contavam daquele lugar eram do tipo que se conta em torno da fogueira de um acampamento, histórias sobre possessões e

assombrações. Sobre seres em decomposição, com os dentes arreganhados, que se levantam do meio dos mortos à noite e perambulam pelas ruas desertas. Nada plausível, mas isso era irrelevante. Não fazia diferença que as histórias não fossem verdadeiras. Ainda assim, ninguém gostava de passar por lá.

No meio da encosta da colina, a trilha se dividia em duas, e segui em direção a uma ponte estreita que levava ao outro lado da ravina. Um homem estava em pé no meio da ponte, o que era estranho, pois os adultos não costumavam ficar naquele lugar. Ele estava debruçado sobre a mureta de proteção, o queixo apoiado entre as mãos e os olhos perdidos no espaço. O sujeito me pareceu familiar, mas eu não sabia por quê.

Não queria me aproximar, no entanto, precisava passar por ele ou subir a colina de volta e percorrer o caminho todo até a Breaker Street. Meti as mãos nos bolsos do casaco e segui em frente.

— Você está com uma aparência horrível — comentou ele quando me aproximei. Aquela era uma observação esquisita, visto ser grosseira e ele um estranho; além disso, falara sem olhar para mim.

Ele vestia um casaco comprido com os punhos esfiapados e um distintivo militar costurado nas mangas. Havia uma fileira de buracos na frente do casaco, como se alguém tivesse arrancado os botões.

— Seus olhos — disse ele de modo inesperado, virando-se para mim. — Seus olhos estão pretos como pedras.

Olhei por cima do ombro para me certificar de que não havia ninguém mais por perto antes de concordar com um meneio de cabeça. Meus olhos

eram sempre escuros, mas o ferro os escurecia ainda mais. A vertigem passara quase por completo, mas eu ainda estava pálido e suado.

O homem inclinou-se para mais perto de mim. A pele em torno dos olhos dele era arroxeada e parecia oleosa. Tinha um tom amarelado doentio.

— Eu posso ajudar.

— Não sou nenhum especialista, mas você parece estar precisando mais de ajuda do que eu.

Ele sorriu, o que não melhorou em nada sua aparência.

— Minha aparência é resultado de uma criação pobre, mas você, meu amigo, está mal. Precisa de algo que o ajude a se reerguer. — Ele apontou para o outro lado da ravina, para meu tranquilo bairro de subúrbio e minha casa. — Lá mora a infelicidade. É isso o que irá encontrar no lugar para onde está indo, e acho que você sabe disso.

A chuva castigava a ponte. Olhei por sobre a mureta para a pilha de escória de metal lá embaixo. Ela era tão preta que quase se podia ver outras cores. Meu coração batia num ritmo desconfortável.

— Não estou interessado — respondi. Minha boca estava seca.

Ele fez que sim, sério.

— Mas vai ficar.

Aquilo não soou como uma ameaça nem como um aviso. Seu tom era indiferente. Tirou um relógio do bolso do casaco, virou-se de costas e abriu a tampa, mas olhou fixamente para a pilha de escória.

Um minuto depois, passei por ele, tomando cuidado para que nossos ombros não se tocassem. Segui até o ponto em que a trilha subia pelo outro

lado da ravina e saí na interseção da Orchard com a Concord. Continuei prosseguindo, tentando com todas as forças lutar contra o pânico em meu peito. Parte de mim, uma parte pequena e amedrontada, estava convencida de que ele me seguia, que vinha logo atrás, mas, quando me virei de novo para a ponte, não havia ninguém mais lá.

Na Concord Street, todas as casas tinham dois andares e varandas grandes que tomavam toda a frente. A sra. Feely se encontrava no jardim, três casas antes da nossa, prendendo uma ferradura na mureta da varanda. Os cabelos grisalhos estavam presos com rolos em torno da cabeça, e ela usava uma capa de chuva amarela. Olhou por cima do ombro ao me ver, abriu um sorriso e deu uma piscadinha.

Em seguida, voltou à tarefa de prender a ferradura, como se o ferro pudesse protegê-la de algo grande e assustador. Segui para casa com as batidas do martelo ecoando às minhas costas.

3

As batidas do coração

ARGUEI A MOCHILA e arranquei fora meu pulôver de capuz. A manga estava toda suja de sangue, e pensei em jogá-lo no lixo, mas imaginei que meu pai poderia fazer algum comentário.

A lavanderia ficava num cômodo próximo ao corredor, e eu não gostava de entrar lá. Tanto a máquina de lavar quanto a secadora eram de aço inoxidável, e o aposento, tão pequeno que o ar tinha sempre um cheiro forte, tóxico. Por um minuto, pensei em ligar de qualquer jeito a máquina de lavar, no entanto, ficar ali, mesmo com a porta aberta, fazia com que sentisse minha pulsação martelando nos ouvidos. Enrolei o pulôver e fiz uma anotação mental para não esquecer de pedir a Emma que o lavasse para mim. Com água fervendo. E alvejante. Em seguida, joguei-o dentro do cesto de roupa suja e fui para a cozinha.

Escutei o som do teclado nos fundos da casa. Minha mãe estava no escritório digitando alguma coisa no computador.

— Mackie — chamou ela —, é você?

— Sou eu.

— Não deixe seu pai descobrir que você está matando aula, certo?

— Certo.

Peguei um copo-d'água e me sentei à mesa, olhando para a toalha e tentando descobrir o padrão da estampa xadrez. Vermelho, preto, vermelho, branco, verde, e, então, me perdi.

Quando Emma chegou, eu estava tão distraído que tomei um susto

quando ela colocou a mão em meu ombro. Comecei a falar da roupa suja, mas parei ao perceber que não estava sozinha. A outra garota era alta e parecia séria, com um rosto comprido e ossudo.

Emma pegou um pote de manteiga de amendoim na despensa e uma faca de plástico daquelas usadas em piqueniques.

— Oi, feioso — disse, esticando a mão para bagunçar meu penteado. — Você chegou cedo. — Ela olhou em direção à porta do escritório e, em seguida, falou bem baixinho, quase num sussurro. — Está se sentindo bem?

Balancei a mão num gesto de mais ou menos.

— Você não devia estar na aula de botânica?

Emma tinha dezenove anos e não era do tipo que matava aula. Inscrevera-se em todos os cursos de ciência que o preparatório da faculdade oferecia, e sua dedicação era um tanto assustadora.

— A professora Cranston dispensou a gente para que pudéssemos trabalhar no nosso projeto de grupo. — Ela brandiu a faca de plástico na direção da outra menina. — Essa é Janice.

Janice se sentou de frente para mim e cruzou as mãos sobre a mesa.

— Oi — cumprimentou-me. Seus cabelos tinham um tom castanho-escuro e pendiam em cachos selvagens de cada lado do rosto.

Cumprimentei de volta com um aceno de cabeça, mas não disse nada. Ela me olhava como se eu fosse um espécime de laboratório, um daqueles insetos cheios de alfinetes pelo corpo. Seus olhos eram escuros e enormes.

— Por que ela chama você de feioso?

As outras pessoas conseguiam fazer quase todas as situações parecerem normais apenas dizendo as palavras certas. Eu não era assim. Mantive os olhos fixos nas costas das minhas mãos e esperei que Emma se intrometesse e assumisse o controle.

Emma, a grande mentirosa. A rainha do meu-irmão-é-normal, meu-irmão-é-tímido. Meu irmão é doentinho, tem alergias, mononucleose, estômago fraco, gripe e, a maior mentira de todas: Meu irmão.

Como era de se esperar, ela veio por trás de mim e apoiou o queixo no topo da minha cabeça. Seus cabelos eram finos e lisos. Algumas mechas tinham se soltado do elástico e caíram sobre meu rosto, fazendo cócegas.

— Quando ele era bebê, era a coisa mais feia que você já viu na vida. Todo amarelo e amarrotado. E tinha esses dentes. — Ela me soltou e se virou na direção do escritório. — Uma boca cheia deles... não é mesmo, mãe?

— Igualzinho ao Ricardo III — gritou minha mãe de volta.

Janice ainda me olhava, debruçada sobre a mesa como se estivesse com fome.

— Bom, ele agora não é feio.

— Vou subir — falei, afastando a cadeira.

Já no meu quarto, deitei na cama, mas não consegui encontrar uma posição confortável. Eu estava irrequieto, como se houvesse pequenos insetos andando sob a minha pele. O homem da ponte estava esperando por mim — por mim, e não por algum garoto qualquer que tivesse resolvido cruzar a ponte. Ele tinha me encarado como se estivesse procurando alguma

coisa. Eu ainda estava com frio e trêmulo devido ao sangue, pior do que andava me sentindo ultimamente e bem pior do que costumava me sentir antes.

Por fim, levantei e fui até o armário. Peguei meu baixo e meu amplificador e conectei os fones de ouvido.

O baixo tinha cordas do tipo Black Beauties, e eu havia arrancado os trastes de metal. Se a música era rápida, eu usava uma palheta e, quando não, o revestimento das cordas impedia o aço de queimar meus dedos. No entanto, eu tocaria mesmo que as cordas não fossem revestidas, só para escutar aquele zumbido baixo, ter aquela sensação. Qualquer coisa que assuste ou preocupe, de repente, parece estar a centenas de quilômetros.

Toquei músicas que conhecia e outras que inventei. Fiz progressões cheias de notas agudas e claras que pareciam se prolongar eternamente, e tons graves que reverberavam, desdobrando-se sem parar, de novo e de novo.

Depois de algum tempo, comecei a sentir uma coisa estranha. Como se alguém estivesse escutando. Não aquela sensação típica de quando há gente em casa ou de Emma escutando no corredor. Era mais como uma onda de ansiedade ao tocar para um estranho. No entanto, quando tirei os fones de ouvido e fui até a janela, não tinha ninguém no jardim dos fundos. Eu não tinha percebido o tempo passar, e já estava escurecendo. Olhei fixamente para o jardim e os arbustos, mas era ridículo pensar que houvesse alguém escutando. Um completo absurdo, visto que eu estava sentado com os fones de ouvido e não poderia ter escutado nenhum outro som.

Sentei de volta na beira da cama com a Gibson apoiada nos joelhos e

toquei uma melodia que subiu, desceu e depois continuou a crescer até eu conseguir senti-la nas batidas do coração.

Acordei pouco depois com alguém me chamando.

Rolei para fora da cama, me desembaraçando dos cabos e das cordas. Eu tinha pegado no sono com os fones de ouvido. O amplificador zumbia baixinho no chão, envolto pela penumbra. Senti-me confuso e anestesiado.

Lá fora, o céu estava escuro.

A casa estava muito clara, o que significava que meu pai já havia chegado. Ele tem essa coisa com luz elétrica. Se um interruptor puder ser ligado, ele liga. Quando saí para o corredor, tive de fechar os olhos por causa da claridade.

— Malcolm — ele me chamou da cozinha. — Venha cá, por favor.

Desci a escada, piscando e cobrindo os olhos com a mão.

Ele estava sentado à mesa, e vi pela expressão e pela gravata que tinha acabado de chegar da igreja. Do enterro de Natalie Stewart. Seu rosto era redondo e quase sempre amigável, mas agora parecia um tanto áspero. Eu queria perguntar como tinha sido o funeral, mas não sabia o que dizer.

Ele folheava uma pilha de sermões antigos, fazendo algumas anotações.

O paletó do terno estava pendurado nas costas da cadeira. Ergueu os olhos quando entrei, mas não largou a caneta. Parecia cansado e um tanto exasperado, como se mal pudesse esperar que o dia terminasse.

— Quer me contar por que eu recebi um telefonema da coordenadora hoje à tarde? — perguntou ele.

— A unidade móvel de doação de sangue estava na escola…

Ele analisou meu rosto, brincando com a caneta entre os dedos.

— Hoje não era um bom dia para fazer nada que pudesse chamar a atenção. Imagino que eles tenham avisado sobre isso com antecedência, certo?

— Eu esqueci — respondi. — De qualquer forma, não dá para dizer que provoquei algum tipo de crise.

— Malcolm — continuou ele. — A sua responsabilidade é não deixá-los perceber nada.

Baixei os olhos para o piso de linóleo.

— Não deixei. — Após um segundo, ergui os olhos de novo. — Eu não deixo.

Ele arrumou os sermões numa pilha organizada, acertando as pontas.

Em seguida se levantou e foi até o balcão. Pegou uma faca de plástico e começou a usá-la para fatiar uma maçã. Eu queria perguntar por que ele simplesmente não pegava a maçã e a comia como uma pessoa normal, mas todo mundo tem suas esquisitices.

Após brigar com a maçã por alguns minutos, ele jogou dentro da pia a faca, que quicou como uma vareta e partiu ao meio.

— Por que não tem nenhuma faca de descascar frutas nesta casa?

— A faca boa está no armário. Em cima da geladeira — falei quando ele me olhou aturdido.

Minha mãe muda os talheres de lugar como se fossem peças de xadrez. Às vezes, ela os joga fora. Tudo o que não pode ser de plástico ou de cerâmica é de alumínio. E tudo o que não é de alumínio ela esconde.

Ele abriu o armário, vasculhou a pilha de facas e demais utensílios de aço inoxidável e levou a faca de descascar frutas para a bancada.

Fiquei observando as costas do meu pai enquanto ele fatiava a maçã. Os ombros estavam tensos. Ele exalava um cheiro de loção pós-barba, misturado ao odor forte e pungente que sua pele adquiria quando ficava estressado.

— Eu estava pensando — falou sem se virar. — Missy Brandt comentou que seria bom ter alguém que a ajudasse de vez em quando com as turmas do pré-escolar. Você não estaria interessado?

Eu tinha a sensação de que Missy não havia comentado nada, que meu pai tinha inventado aquilo por conta própria, e ela concordara, é claro: o que mais alguém pode dizer quando o ministro pede para que tomem conta do seu filho problemático?

Como não respondi, ele olhou por cima do ombro.

— Algum problema? Pensei que poderia ser uma boa saída. Desse jeito, você conquista um lugar oficial na congregação.

Enfiei as unhas nas palmas e tentei manter a voz sob controle.

— Só é tão... complicado.

— Bom, talvez leve algumas semanas para você se acostumar a ter crianças pequenas à sua volta, mas acho que vai se sair bem se tentar. — Ele suspirou, balançando a cabeça. — Este é o problema com você e com a sua mãe. Os dois, vocês se veem diante de uma situação e começam a inventar obstáculos logo de cara. Nunca dão uma chance para que as coisas melhorem.

Lá estávamos de volta à desagradável política de fazer escolhas. De um

lado, eu e minha mãe — realistas e pessimistas sempre. Do outro, meu pai e Emma, eternos vibrantes, esperando apenas coisas boas do mundo, e eu simplesmente não conseguindo concordar porque não acreditava naquilo. Embora quisesse.

Comecei a brincar com a toalha de mesa, mas parei porque daria a impressão de que eu estava em dúvida, e eu não estava. Sabia o que precisava dizer, sério. Só não queria dizer.

— Pai, isso não tem nada a ver com dar uma chance. As coisas são assim e não vão mudar num passe de mágica. Eu nunca vou poder viver a minha vida como vocês.

Meu pai se virou de novo para a janela, de modo que não pude ver o rosto dele.

— Não repita isso. Nada disso é por sua causa.

Inclinei a cabeça para trás e fechei os olhos, sentindo uma dor profunda e pulsante no meio do peito, como se alguém estivesse me socando.

— Mas é por minha causa. Você nem sequer me trata do mesmo jeito que trata Emma.

Isso fez com que ele soltasse o ar numa rajada dissonante, quase uma risada.

— Você não se parece nem um pouco com Emma. Dou o melhor de mim para tentar descobrir o que você precisa, mas é difícil. Com você, nada nunca foi óbvio, mas isso não quer dizer que eu não tente. Na verdade, isso é tudo o que podemos fazer… tentar fazer a coisa certa.

Emma entrou no momento em que eu ia dizer que a coisa certa era fazer

o que funcionava, e não me colocar como responsável por um bando de criancinhas. Ela atravessou a cozinha arrastando os pés e abriu a geladeira.

Parei de falar e meu pai continuou de costas para a gente.

Emma vasculhou a gaveta de legumes por um tempo e, em seguida, levantou o olhar.

— Você não precisava ser tão grosseiro com a Janice — disse ela; a princípio, pensei que fosse comigo.

Meu pai soltou a faca e se virou para encará-la.

— Você sabe que temos regras com relação a visitas inesperadas.

Nós temos regras. Nós temos um monte de regras. Roswell pode vir aqui em casa, mas só porque meu pai confia nele. Um conhecido qualquer pode desconfiar do fato de não consumirmos comida enlatada nem usarmos utensílios de metal na cozinha.

Meu pai passou as mãos nos cabelos.

— Vocês dois, por favor. Esta família tem uma posição de destaque nesta comunidade, e precisamos tomar cuidado com a imagem que projetamos.

Emma bateu a porta da geladeira com força.

— Que imagem? Não estávamos fazendo nada para constranger você.

Ela passou aqui para que pudéssemos fazer a experiência com as sementes.

— Bom, aqui não é o lugar ideal para uma reunião de estudos. Vocês não podiam ter se encontrado na biblioteca?

Ela colocou as mãos na cintura.

— Infelizmente eles não permitem que a gente arme bandejas de

germinação na biblioteca.

— Bom, e quanto àquela aconchegante livraria no centro da cidade? Ou uma cafeteria?

— Pai!

Ficaram se encarando, mas nenhum dos dois disse nada.

Meu pai e minha irmã eram os expansivos da família, sempre gritando ou rindo alto. Eu achava estranho que fossem exatamente eles os que haviam aperfeiçoado a arte da discussão silenciosa. Os dois conseguiam se comunicar até por diferentes maneiras de inspirar e expirar

Meu pai bufou. Emma revirou os olhos e, em seguida, os desviou.

Ela estava encostada na porta da geladeira, olhando fixamente para o chão. De repente, deu um pulo para a frente e o abraçou pela cintura, como se estivesse pedindo desculpas. Ficaram ali, com os braços em volta um do outro, e percebi que, em nenhum momento, houvera o menor resquício de dúvida de que ele devolveria o abraço.

Ela pressionou o rosto contra a camisa dele e disse:

— É melhor guardar a faca de novo quando terminar. Mamãe odeia ver a cozinha bagunçada.

Ele riu e se virou para bater nela com o pano de prato.

— Bom, eu com certeza não gostaria de bagunçar a cozinha dela, não é mesmo?

— Não se você souber o que é bom para você.

Emma estendeu a mão e desarrumou meus cabelos, mas sem tirar os olhos dele. Em seguida, virou-se e saiu da cozinha dançando. Ele a observou

se afastar. Tinham um relacionamento de verdade — aquele que eu jamais conseguiria decifrar ou copiar.

Meu pai deixou o resto da maçã sobre a bancada e se sentou à minha frente.

— Não quero brigar, mas você sabe o quanto é importante não fazer nada que chame atenção.

— Algumas pessoas desmaiam ao ver sangue. É um fenômeno bastante conhecido.

Ele se debruçou sobre a mesa e me encarou. Seus olhos eram verde-claros, como vidro, e os cabelos, antes de um castanho-claro, estavam começando a ficar grisalhos. Para as pessoas de fora, ele passava a impressão de ser um sujeito bom e correto, do tipo que a gente chega perto em busca de conforto e aconchego.

— Você não pode se dar ao luxo de ser como certas pessoas. Precisa se parecer com a maioria. Não estou dizendo que a gente daqui é má, mas essa é uma cidade tensa, desconfiada, e vai piorar bastante por um tempo. Uma família enterrou a filha hoje. Você sabe. — Em seguida, a expressão dele se atenuou. — Você desmaiou?

— Não. Só precisei sair para tomar um pouco de ar.

— Alguém viu você?

— Roswell.

Meu pai se recostou de novo na cadeira e cruzou as mãos atrás da cabeça, me analisando.

— Tem certeza de que ninguém mais viu você?

— Só o Roswell.

Após um minuto, ele concordou com um meneio de cabeça.

— Tudo bem. — Inspirou fundo e repetiu, como se resolvesse o problema. — Tudo bem. Você está certo… não é uma crise.

Fiz que sim, olhando para o chão e para as reluzentes bancadas de granito. Caso alguém julgasse a dinâmica de nossa família com base apenas na cozinha, é provável que enxergasse um programa humorístico.

Apoiei os cotovelos na mesa como se quisesse verificar se ela aguentaria meu peso. O cheiro da loção pós-barba dele era tão forte que se insinuava pela minha boca, dificultando engolir. Na parede, o relógio tiquetaqueava baixinho, os ponteiros indicando que já eram quase onze da noite.

Não. Não era uma crise. Exceto pelo fato de que alguém tinha escrito Aberração na porta do meu armário.

Contudo, eu não ia contar isso a ele de jeito nenhum. Ele jamais entenderia que nenhuma de suas regras ou medidas de segurança tinha importância.

A palavra continuava sendo verdadeira.

4

Gentry à noite

EMPOS DEPOIS, eu estava deitado de bruços na cama. Os sons da casa eram familiares. A geladeira, o aquecimento central. O banheiro do andar de cima, que nunca parava de pingar.

Lá embaixo, a porta da frente foi aberta e fechada. Escutei o farfalhar da correspondência sendo jogada sobre a mesa do vestíbulo, seguido pelo tilintar das chaves. Nenhum barulho de sapatos. Minha mãe usa tênis brancos de enfermeira, e a sola é de borracha. Totalmente silenciosos.

— Sharon — chamou meu pai. Pelo visto, ele ainda estava na cozinha.

— Você pode vir aqui, por favor?

Minha mãe disse alguma coisa ininteligível. Deve ter sido um não, porque minutos depois escutei o barulho do chuveiro. Ela sempre toma banho assim que chega em casa, uma vez que lida com muito sangue no trabalho. E porque passa o dia inteiro tocando objetos de aço.

Virei de barriga para cima e olhei para o teto, para a luminária acima da minha cabeça. Reparei no modo como o ventilador girava, formando sombras que pareciam as asas de uma libélula.

Por fim, abri a janela e fui para o telhado.

Dali de cima, eu podia ver a vizinhança e o jardim dos fundos. Inclinei-me para a frente e apoiei os cotovelos nos joelhos. A chuva tinha parado, mas o céu ainda estava encoberto por uma camada fina e gelada de névoa.

Lá embaixo, na rua, havia motocicletas, hidrantes e carros estacionados.

A Wicker Street era toda ladeada por árvores. A cidade inteira exalava um

fedor de ferro, mas, sob ele, era possível sentir o aroma claro e vívido da vegetação.

Escutei alguém arrastando os pés pelo carpete no corredor em frente ao meu quarto. Em seguida, uma batida na porta, leve e cautelosa.

Girei o corpo e me debrucei sobre o peitoril da janela.

— Que foi?

Emma apareceu. Seus cabelos estavam presos num nó, e ela usava pijama, com aqueles horrorosos chinelos felpudos. Subiu na cama e lutou para passar para o telhado. Com as mãos abertas em busca de equilíbrio, veio se arrastando de bunda até ficar ao meu lado, sentada sobre as telhas molhadas.Ficamos observando a rua. Emma se recostou em mim e aconchegou a cabeça em meu ombro.

Apoiei meu queixo no topo da cabeça dela.

— Você e papai tiveram uma bela discussão.

— Apenas divergência de opiniões. Ele achava que eu estava quebrando uma regra básica e, na minha opinião, ele estava agindo como um louco.

Você meio que pegou o fim da conversa, desculpe.

Fiz que não.

— Ele não ficou com raiva. Só quer que eu seja mais discreto. Por causa daquela criancinha de hoje. Ou por causa do Kellan Caury.

— Ai, meu Deus, gostaria que ele parasse de falar nisso. Ficar contando antigas histórias de horror não vai ajudar em nada.

Corri os dedos pela superfície do telhado. As telhas eram ásperas, presas com pregos galvanizados. A dor provocada pelo leve queimar servia apenas

como distração.

— Ele não disse nada. Só deu a entender. A garota da escola… a Tate. A menina que morreu era irmã dela.

Emma fez que sim e desencostou a cabeça do meu ombro. O ar estava frio. Ela tremeu e abraçou os cotovelos.

— É difícil para ele. — Ela agora evitava me tocar, e sua voz parecia estranha. — É difícil para os dois. Imagino que isso signifique que deveria ser difícil para mim também, mas não consigo me sentir assim, entende? Você é o único irmão que eu já tive.

Olhei fixamente para minhas meias. Elas estavam sujas das telhas, cheias de terra.

— A gente pode não falar nisso, por favor?

Emma inspirou fundo e se virou para mim.

— Estou cansada de não falar nisso. Você não reparou que todo mundo na cidade parece desesperadamente determinado a fingir que não há nada de errado?

Fiz que sim, resistindo à tentação de assinalar que, às vezes, é mais fácil assim. Esfreguei as telhas com os dedos, sem dizer nada.

Emma cruzou os braços sobre o peito.

— Você se parece muito com ele.

Meus ombros penderam contra a minha vontade. Ela estava falando do irmão verdadeiro, e tudo a respeito dele, até as pequenas coisas, faziam com que eu me sentisse pesado, meio anestesiado.

Ela continuou num tom baixo, sonhador.

— Ele era louro, eu acho, como você. Sei que tinha olhos azuis porque você também tinha, pelo menos por um tempo. Mas depois parece que o azul se desgastou. Ou escorreu, ou algo parecido. Talvez fosse um encanto que perdeu a força, e um dia o azul desapareceu, e lá estava você.

— Você não se lembra mesmo de como ele era?

Emma fitou as costas das mãos, franzindo a testa como se estivesse se esforçando para se lembrar de alguma coisa.

— Eu era muito nova — disse, por fim. — Não consigo diferenciar muito bem o antes e o depois. Se me lembro de algum detalhe, não sei dizer se é ele ou você. Do que eu mais me lembro é da tesoura. Mamãe tinha uma tesoura que ela amarrava com uma fita sobre o berço. Ela era bonita.

Pensei em todas as superstições do Mundo Antigo. Amuletos para proteger o gado e a casa. Era cada vez mais óbvio: eles não funcionavam.

Emma suspirou.

— Acho que não me lembro de nada sobre ele — acrescentou por fim.

— Só me lembro das coisas que mamãe fazia para impedir que ele fosse levado.

Ela puxou um dos joelhos para perto do corpo de modo que pudesse enganchar o braço nele. Seus cabelos estavam começando a se soltar do nó, e ela tentou prendê-los de novo, parecendo solitária e triste como um farol. Triste como uma freira.

Eu queria dizer que a amava, e não da maneira complicada como amava nossos pais, mas de um jeito simples que não me forçava a ficar pensando a respeito. Para mim, amá-la era como respirar.

Ela suspirou e se virou para mim.

— Que foi? Por que está me olhando desse jeito?

Dei de ombros. O sentimento era fácil, mas as palavras não saíam.

Ela me fitou por um longo tempo. E, então, tocou meu rosto.

— Boa-noite, feioso.

Emma mergulhou de cabeça pela janela, caindo sobre a cama com os pés para fora, por cima do peitoril. Os chinelos estavam sujos das telhas, e eu quase estiquei o braço para dar um puxão no tornozelo dela, mas desisti.

Lá embaixo, a vizinhança estava quieta, dormindo. Apoiei-me nos cotovelos e fiquei olhando a rua.

Gentry era duas coisas diferentes, e, à noite, eu sempre conseguia ver a segunda coisa melhor. A cidade tinha seus jardins verdes de subúrbio, com certeza, mas tinha também seus segredos. Era o tipo de lugar onde as pessoas verificavam as fechaduras à noite ou puxavam as crianças mais para perto no mercado. Elas penduravam ferraduras nas portas da frente e sinos no lugar de mensageiros do vento. Usavam crucifixos de aço em vez de ouro porque o ouro não podia protegê-las de gente como eu.

Talvez os mais corajosos enterrassem quartzo e ágata nos jardins ou deixassem uma tigela de leite do lado de fora para trazer sorte — uma pequena oferenda no jardim dos fundos para o que quer que estivesse à espreita nas sombras. Se alguém lhes perguntasse a respeito, dariam de ombros ou cairiam na risada, mas não parariam de proceder assim porque, bem, a gente vivia num lugar onde as pessoas mantinham as luzes da varanda acesas e não sorriam para estranhos. Porque quando elas decoravam os vasos

de calêndulas com pedrinhas bonitas, a neve prematura nunca arrancava os galhos de suas árvores e seus jardins ficavam mais bonitos do que os dos vizinhos. E sobretudo porque, mais do que qualquer outra coisa, a noite significava sombras e crianças perdidas, e aquele era o tipo de lugar onde ninguém falava a respeito.

Tempos depois, voltei para o quarto e me meti na cama. Deixei a janela aberta para respirar melhor. O ar da casa não era ruim, mas ainda assim era difícil sobreviver com o cheiro de parafusos, dobradiças e pregos no ambiente.

Ao sentir a brisa entrar, tremi e me enfiei ainda mais debaixo das cobertas. Os grilos cricrilavam no jardim e as árvores rangiam ao roçar umas nas outras. Lá embaixo na rua, em meio à grama alta, os camundongos guinchavam e os pássaros noturnos trinavam como engrenagens giratórias. Cobri a cabeça com o travesseiro para bloquear o som. Os barulhos do jardim foram abafados, e imaginei se era assim que as coisas soavam para Roswell. Ou para qualquer pessoa que não fosse eu. Ele podia entrar na sala de aula e não notar o farfalhar das folhas de papel ou o zumbido do ventilador. Eu tinha de lembrar que não podia me encolher quando alguém fechava uma porta ou deixava um livro cair, para o caso de o som não ter sido alto o suficiente a ponto de assustar uma pessoa normal.

Assim era a vida em Gentry — eu tinha que ir para a escola diariamente e tentar me adaptar a um mundo onde todos preferiam ignorar as coisas que não se encaixavam, sempre dispostos a virar a cara desde que cada um fizesse a sua parte.

Caso contrário, como eles poderiam continuar levando suas vidinhas suburbanas?

Talvez não fosse assim tão difícil. Crianças morriam. Elas ficavam doentes e depois pioravam, e ninguém conseguia descobrir o que havia de errado. Em algum lugar, alguém perdia um filho ou uma filha. Talvez eles medissem os níveis de poluição ou jogassem a culpa nos lençóis freáticos. Chumbo, talvez, ou fluidos tóxicos das pilhas de escória de metal.

Natalie Stewart era apenas mais uma morte, enterrada no cemitério da Welsh Street com meu pai comandando o funeral, e isso era triste. Eu conhecia o texto, as respostas normais, mas, quando tentava sentir qualquer espécie de pena ou pesar, via apenas Tate sentada sozinha na cantina. E, quando pensava nela, a sensação que me acometia não era de tristeza, mas de solidão. Quando visualizava as cadeiras vazias em volta dela, eu não sofria por causa da sua irmã. Sentia apenas a mesma dor embotada de todos os dias.

A verdade, pura e simples, é que não se pode entender uma cidade. Pode-se conhecê-la, amá-la e odiá-la. Pode-se jogar a culpa nela, ficar ressentido, mas nada vai mudar. No fim, a gente continua sendo parte dela.

5

A letra escarlate

SEXTA-FEIRA ESTAVA FRIA e cinzenta. A unidade móvel de doação de sangue tinha ido embora, mas eu ainda me sentia um pouco fraco e fiz de tudo para não entrar na cantina. No saguão da entrada principal, a chuva escorria pelas janelas, dando a impressão de que os vidros estavam derretendo.

Passei a manhã inteira evitando um monte de coisas. Multidões e conversas e qualquer um que pudesse me perguntar por que eu estava andando de um lado para o outro como um zumbi — ou seja, todo mundo, exceto Roswell. No entanto, umas quatro horas depois, eu já estava sem desculpas para minha carência de material escolar e precisava ir até o armário. Não era algo que eu estivesse ansioso por fazer.

A Aberração tinha sumido. Em seu lugar, havia um estranho padrão em espiral, feito com linhas finas e serpenteantes. A tinta fora descascada numa espécie de teia de aranha, resultando numa malha de metal exposto que irradiava do lugar onde antes se encontrava a palavra acusatória entremeada de sangue. Algumas áreas tinham sido encobertas com preto em determinados lugares e camadas grossas de branco em outros.

— A gente arrumou seu armário — declarou Danny, chegando por trás de mim.

Drew concordou com um meneio de cabeça e mostrou uma canetinha hidrográfica preta e um vidrinho de líquido corretivo.

Analisei o emaranhado de espirais e círculos. Numa das pontas do

desenho, o corretivo tinha sido aplicado com cuidado sobre a caneta e depois esfregado, de modo que a tinta sobressaía em espirais fantasmagóricas. Para um projeto limitado por um vandalismo anterior e no qual fora usado apenas caneta preta e líquido corretivo, o trabalho ficara muito bom.

Danny apoiou o cotovelo sobre meu ombro.

— A gente não tentou sufocar sua criatividade pessoal, nem nada parecido. Só achamos que não seria muito adequado se exibir com tanta agressividade tão cedo. Isso pode, sei lá, passar uma ideia errada.

Os dois ostentavam uma expressão forçadamente impassível, como se quisessem não demonstrar o quanto estavam satisfeitos consigo mesmos. Drew jogava o vidrinho do corretivo no ar e o pegava de volta. Eles se plantaram cada um de um lado e esperaram pela minha reação.

Queria fazer alguma coisa para mostrar o meu alívio, a minha gratidão, porém tudo o que eu disse foi:

— Obrigado.

Danny me deu um soco amigável.

— Não nos agradeça. É você quem vai pagar sessenta dólares à escola para que o armário seja pintado de novo.

Se não tinha sido óbvio na véspera, agora era: Tate se tornara o novo assunto do momento. Ao verem-na atravessar os corredores com passos decididos, os grupinhos sussurravam por trás das mãos. Os olhares não eram aquelas olhadelas de relance de simpatia, mas sim encaradas rápidas e furtivas, cheias de curiosidade.

As pessoas passavam longos períodos observando-a e, ao mesmo tempo,

fingindo que não estavam fazendo isso. Não parecia fazer a menor diferença. Ela passava por todo mundo como se estivesse sozinha. Como se as fofocas e os olhares não pudessem afetá-la. Andava com os olhos focados, a expressão distante, mas algo no jeito de sua boca me fez sentir pena. Ela não parecia triste, o que tornava tudo cem vezes mais triste.

O problema de Tate era que ela não dava a mínima para o que as pessoas pensavam. Nunca tentava impressionar ninguém ou fazer os outros gostarem dela. Certa vez, quando a gente estava na sétima série, ela entrou para o time de beisebol masculino, mesmo o time sendo uma porcaria, apenas para provar que o departamento de educação física não podia impedi-la.

No entanto, à medida que a manhã foi passando, a boca de Tate foi se transformando numa linha cada vez mais fina. Ela exalava uma sensação estranha, quase como uma descarga elétrica. Essa sensação pairava no ar, como se ela estivesse prestes a explodir, mas a explosão só foi acontecer no meio da aula de literatura norte-americana.

A gente estava terminando o capítulo sobre Romantismo, discutindo A letra escarlate. A sra. Brummel era alta e magra, com cabelos descoloridos e um monte de suéteres diferentes. Ela ficava muito entusiasmada com o tipo de literatura que nenhuma pessoa sensata leria por diversão.

Em pé diante da sala, ela bateu palmas, o que vivia fazendo.

— Muito bem, hoje vamos falar de culpa e de como a própria existência de Pearl condena Hester de um jeito mais eficaz do que a letra A. Isso se torna óbvio pelo fato de alguns moradores da vila acreditarem que Pearl seja

a filha do diabo.

Em seguida, ela escreveu no quadro: Pearl como a manifestação concreta da culpa.

— Alguém quer acrescentar alguma coisa?

Ninguém disse nada. Na minha frente, Tom Ritchie e Jeremy Sayers jogavam futebol com uma bolinha de papel, fazendo mímicas de euforia cada vez que um deles acertava o gol formado pelas mãos do outro. Alice e Jenna ainda observavam Tate, sussurrando e cobrindo as bocas como se estivessem dizendo coisas tão chocantes que ninguém mais podia escutar e trocando olhares significativos.

De costas para a gente, a sra. Brummel desenhava alguns pontos no quadro, à guisa de enumeração, esperando que alguém começasse a preenchê-los.

Olhei para Alice. Ao chegar à sala e se sentar, sua saia levantara o suficiente para deixar à mostra parte das coxas, e eu estava apreciando o fato de ela ainda não tê-la ajeitado. Seus cabelos caíam soltos pelas costas e ostentavam um tom de bronze sob a luz fluorescente.

Ela apoiou os cotovelos na mesa e se debruçou, de modo que pudesse sussurrar no ouvido de Jenna.

— Escutei dizer que a mãe dela não se levanta da cama desde que tudo aconteceu. Quero dizer, nem mesmo para o enterro. Não acredito que ela esteja agindo como se não houvesse nada errado. Eu nem viria para a escola.

Pelo visto, o comentário tinha sido alto o bastante para Tate captar pelo menos parte dele ou quem sabe tudo, pois ela se levantou tão rapidamente

que a mesa virou no chão com um som agudo. Seus olhos estavam duros ao percorrê-los pela sala, e eu não saberia dizer se fiquei tonto por causa dos parafusos e fios nas paredes ou pelo modo como Tate me encarou.

— Ei — disse ela numa voz clara e desafiadora. — É isso que vocês querem? Dar uma boa olhada? Pois deem uma boa olhada… eu não ligo.

Talvez ninguém tivesse ficado muito animado com Hester Prynne e sua filha bastarda, mas agora todos prestavam atenção. Eu me mantive encurvado sobre a mesa, de cabeça baixa, querendo encolher e sumir. Meu coração batia tão rápido que podia senti-lo na garganta, e ficava me dizendo que estava tudo bem, que o jeito como ela me olhara tinha sido apenas minha imaginação, porque eu precisava acreditar nisso. Precisava acreditar que ninguém em Gentry jamais escutaria as palavras filho do diabo e, em seguida, se viraria para mim.

Ninguém disse nada.

A sala estava tão quieta que eu só conseguia escutar o zumbido da luz fluorescente. Tive a impressão de que ela estava zumbindo bem em cima de mim, como uma espécie de sinal ou alarme, mas ninguém se virou com um olhar acusador. Ninguém sussurrou ou apontou.

A sra. Brummel permaneceu com as costas no quadro e a caneta destampada na mão, olhando fixamente para Tate.

— Você está precisando de alguma coisa?

Tate fez que não, mas continuou em pé.

— Não se preocupe comigo. Estou só esperando pelo meu A escarlate.

— Isso não tem graça nenhuma — disse a sra. Brummel, tampando a

caneta.

— Não — retrucou Tate. — Não tem. Mas podemos todos concordar em continuar sorrindo de qualquer jeito, porque isso faz com que as coisas se tornem muito mais fáceis.

A sra. Brummel foi para trás de sua mesa e brandiu uma caixa de lenços de papel, ainda que Tate não estivesse chorando.

— Você precisa de um tempo para se acalmar?

— Não. Porque eu não estou me sentindo abalada nem consumida pelo luto, está bem? Só estou irritada.

— Você não quer ir conversar com o orientador?

— Não, só quero que alguém me escute! — A voz dela saiu alta, bizarramente estridente. De repente, ela recuou e deu um chute com tanta força na mesa que a sala inteira pareceu reverberar com o som metálico provocado por sua bota de operário.

— Pode sair — falou a sra. Brummel, mas não daquele jeito delicado e compreensivo que os professores usam às vezes. Seu tom foi mais do tipo "sem discussão", dando a entender que, se Tate recusasse, provavelmente seria escoltada para fora de sala pelos seguranças da escola. Por um segundo, Tate deu a impressão de que ia esperar ser tirada dali à força. Mas, então, agarrou os livros e saiu da sala sem olhar para trás.

O restante da turma continuou sentado em silêncio. Agarrei as quinas da mesa para impedir que minhas mãos tremessem, e a sra. Brummel fez de tudo para atrair nossa atenção de volta para Nathaniel Hawthorne e o estúpido dilema de Hester até a sineta tocar indicando o fim da aula.

Já no corredor, encontrei Roswell, que acabara de sair da aula de matemática e seguiu caminhando comigo.

— Pronto para a aula de conversação de francês?

Fiz que não e segui para os fundos da escola, em direção ao estacionamento.

— Preciso de ar.

Ele me olhou como se tentasse encontrar a melhor forma de dizer algo.

— Acho que você devia ir para a aula de francês — disse, por fim.

— Não posso.

— Você quer dizer que não está a fim.

— Não, quero dizer que não posso.

Ele cruzou os braços e, de repente, pareceu muito maior.

— Não, você quer dizer que não está a fim. Semanticamente, é possível.

Cobri a mão com a manga do pulôver e abri a porta.

— Preciso sair — falei com voz baixa e trêmula. — Só por um tempo.

Preciso mesmo de ar.

— Não, você precisa me contar por que está parecendo um cadáver gelado. Mackie, qual é o problema?

— Odeio isso — respondi, e minha voz soou tensa. — Odeio o modo como às pessoas estão sempre metendo o nariz no que não lhes diz respeito. Odeio o fato de que ninguém nunca deixa para lá. E odeio Nathaniel Hawthorne.

Roswell meteu as mãos nos bolsos e me encarou.

— Está certo. Não era bem isso o que eu estava esperando.

Ele não me seguiu.

Fui até o canto mais distante do estacionamento e me encostei no maior carvalho branco que havia ali, deixando a chuva escorrer por entre as folhas e cair sobre o meu rosto. A sineta tocou; permaneci onde estava, paralisado e respirando rápido demais porque eu nunca era o melhor aluno quando se tratava de ler em voz alta, mas conhecia o livro o suficiente para saber que talvez Hester tivesse que andar com um enorme A preso ao vestido, mas era Dimmesdale quem carregava a letra gravada na pele. Era ele quem morria.

Escutei o ronco de um carro atrás de mim e, em seguida, uma voz falou:

— Ei, Mackie.

Tate tinha encostado um Buick absolutamente monstruoso junto ao meio-fio e se inclinava por cima do assento do carona. Pelo visto, ela decidira dar o dia de aula por encerrado. Ou, o que era mais provável, cansara de servir de espetáculo para os outros. Apoiou a mão sobre a janela do passageiro.

— A chuva não vai parar. Quer uma carona?

O carro continuava em ponto morto ao lado do meio-fio, com as palhetas do para-brisa movendo-se de um lado para o outro. Tinha uma carroceria comprida, coberta de primer cinza, aquele revestimento anterior à pintura, e para-choques venenosos. Ele me lembrou um perigoso tubarão de metal.

— Está tudo bem. Mas obrigado assim mesmo.

— Tem certeza? Não me incomodo de dar uma carona.

Fiz que não, observando a chuva descer em cascata pelo para-choque da frente, a fim de não ter que olhar para ela.

Seu rosto parecia mais suave e jovem do que o normal. Permaneci debaixo do carvalho, em dúvida se deveria elogiá-la pela forma como encarara a sra. Brummel, apenas para dizer alguma coisa — dizer que eu estava impressionado pela maneira como ela podia se sentir triste e observada e, ainda assim, mandar todo mundo para o inferno.

Após um minuto, ela desligou o carro e saltou.

— Escute, preciso falar com você.

Tate estava com uma expressão diferente ao atravessar o gramado e vir em minha direção. Como se ali, no estacionamento, em plena luz do dia, ela não estivesse tão segura de si. Como se, talvez, eu a assustasse. Seus lábios pareciam arroxeados. E ela estava com olheiras típicas de noites sem dormir.

Parou do meu lado e se virou, de modo que ficamos de frente para o estacionamento. A ponta do cotovelo dela estava a centímetros da manga do meu pulôver.

— Você tem um minuto?

Não respondi.

— Jesus, por que você nunca diz nada?

Ela se virou e ergueu os olhos para mim, mordendo o lábio inferior, que parecia estar em carne viva, como se ela viesse fazendo aquilo com muita frequência. Mesmo com o fedor de ferro do Buick entranhado nela, Tate ainda exalava um cheiro doce e revigorante, o que me fez pensar em árvores floridas ou em algo que a gente fica com vontade de pôr na boca. O tipo de cheiro que não deveria ser possível sentir em garotas afetadas pela tragédia e pelo aço de Detroit.

— Você não foi ao enterro ontem — comentou ela.

A corrente elétrica entre nós pareceu zumbir com mais força. Concordei com um meneio de cabeça.

— Por quê? Quero dizer, seu pai parece se dedicar a "manter a comunidade unida", e considerando o fato de que ele organizou a coisa toda… Além disso, Roswell foi.

— Religião é assunto do meu pai — respondi, e minha voz soou mecânica e monótona, mostrando quem eu era de verdade… um péssimo mentiroso recitando a mentira de outra pessoa. — De qualquer forma, um enterro não é minha concepção de evento social ideal. Quero dizer, eu não iria a um por diversão ou algo parecido.

Tate apenas me observou. Em seguida, cruzou os braços apertando-os sobre o peito, o que a fez parecer pequena e molhada. Seus cabelos estavam grudados na testa.

— Deixa para lá. Isso não tem importância mesmo.

— Você está lidando muito bem com a coisa toda.

Tate inspirou fundo e me olhou fixamente.

— Não era ela.

Por um segundo, eu não disse nada. Nenhum dos dois disse. Tampouco desviamos o olhar um do outro. Eu podia ver riscos verdes e dourados nos olhos dela, assim como pequeninos pontos tão fundos e gelados que pareciam roxos. Percebi que não olhava de verdade para Tate havia anos.

Ela fechou os olhos e mexeu os lábios antes de falar, como se testasse as palavras.

— Não era a minha irmã no caixão, era outra coisa. Conheço minha irmã, e seja lá o que tenha morrido naquele berço, não era ela.

Fiz que sim. De repente ficou frio, e os pelos dos meus braços se arrepiaram de um modo que não tinha nada a ver com a chuva. Minhas mãos formigaram e começaram a ficar dormentes.

— Você vai ficar parado aí parecendo um móvel?

— O que você quer que eu diga?

— Não quero que você diga nada… quero que alguém me escute!

— Talvez você devesse conversar com o orientador — repliquei, olhando para meus sapatos. — Quero dizer, é para isso que eles servem.

Tate me encarou com olhos esbugalhados, sofridos e, pela primeira vez, cheios de lágrimas.

— Quer saber o que mais? Vá se foder!

Ela atravessou o gramado até o carro e pulou para o banco do motorista. Bateu a porta com força, engatou a ré e saiu para a rua.

Depois que cruzou a Benthaven inteira e desapareceu ao fazer a curva, me deixei escorregar até ficar agachado, com as costas apoiadas no tronco do carvalho.

Mal sentia a chuva que escorria pela minha testa e pela nuca.

Eu não havia contado meu segredo porque sequer sabia como falar a respeito em voz alta. Ninguém sabia. Em vez disso, as pessoas se agarravam à mentira de que as crianças que morriam eram seus filhos verdadeiros, e não meros substitutos convincentes. Dessa forma, elas não precisavam perguntar o que havia acontecido com os verdadeiros. Eu nunca tinha perguntado o

que acontecia com eles.

Esse era o código da cidade — não se falava sobre isso, não se faziam perguntas. Tate, porém, tinha perguntado mesmo assim. Ela tivera coragem de dizer o que todos pensavam — que sua irmã verdadeira havia sido substituída por um ser estranho e errado. Nem minha família jamais fora honesta o suficiente para falar sobre isso.

Tate se tornara uma solitária, uma excluída, quando, na verdade, eu é que era o esquisito. Eu tinha me esquivado como se ela pudesse me infectar, embora fosse apenas uma garota tentando obter uma resposta direta da fonte mais óbvia.

Porque, sim, eu era óbvio. No que dizia respeito aos fatos, eu era esquisito, uma aberração, e o jogo só funcionava enquanto todos concordassem em se fingir de cegos. Se pegássemos todos os alunos da escola e os colocássemos enfileirados, eu destoaria do grupo de maneira gritante. Eu era a doença. Agachado sob a árvore que não parava de pingar, cobri a cabeça com as mãos.

Tratei-a mal porque não tinha escolha. Era assim que o jogo funcionava e, ao embarcar nele, o mais importante era permanecer fora de vista. Tudo o mais era secundário. Não havia como consertar o que eu fizera, não era possível voltar atrás, porque era apenas eu.

— Sinto muito — falei para o céu pálido e chuvoso, para a grama e para a árvore. Para o estacionamento vazio e para as minhas próprias mãos trêmulas.

6

Sextas na Starlight

UANDO ROSWELL me pegou depois do jantar para nossa saída semanal até o centro da cidade, a fim de assistirmos a exibição das bandas locais, não conversamos muito. Fiquei olhando para fora pela janela do carona enquanto ele mexia no rádio, tentando encontrar algo de que gostasse.

Por fim, ele o desligou.

— Então, você vai me contar qual é o problema?

Naquele silêncio, a voz dele soou alta.

— O quê?

Ele não desviou os olhos da estrada.

— Você não me parece muito animado hoje.

Dei de ombros e observei as lojas que passavam.

— Tate Stewart... Tate explodiu na aula hoje. Ela queria conversar comigo, mas não sei o que dizer. A irmã dela morreu... Ela precisa de um profissional. — E, porque essas coisas eram verdade, mas não a verdade completa, acrescentei algo mais, num tom tão baixo e rouco que foi quase um sussurro. — Roz, não estou me sentindo bem. Não tenho me sentido bem já faz algum tempo.

Roswell fez que sim, batendo as mãos no volante no ritmo de um compasso quatro por quatro.

— Como é? — perguntou ele de supetão. — Ser... você sabe.

Ele fazia parecer tão fácil, como se estivesse perguntando sobre

hemofilia ou sobre ter polegares com duas articulações. Levei um segundo para perceber que tinha parado de respirar. Era difícil descrever algo sobre o qual supostamente não se devia falar. E, sim, talvez meu pai gostasse de se referir a isso como incomum — a palavra neutra, politicamente correta —, mas, às vezes, eu podia ver, pela expressão em seu rosto, que ele, na verdade, queria dizer anormal.

Ao meu lado, Roswell continuava a tamborilar os dedos no volante. Por fim, virou a cabeça de lado e me encarou.

Roswell não era burro. Eu sabia disso. A gente se conhecia desde pequeno; portanto, eu não tinha a menor pretensão de pensar que podia enganá-lo. O que me manteve calado foi a possibilidade de que, se eu falasse, ele passasse a me ver de um jeito diferente. Talvez não de forma explícita — ele tentaria não demonstrar —, porém a diferença seria perceptível.

Isso já seria ruim o suficiente, só que, lá no fundo, eu sentia um medo estranho de que nada mudasse. Ele poderia simplesmente dar de ombros e continuar do mesmo jeito, o que, de certa forma, seria pior ainda. A verdade era feia, e eu não podia sequer pensar na possibilidade de que ele a encarasse com naturalidade, porque não era natural.

Roswell estava quieto e se virava para mim todas as vezes que parava num sinal, esperando uma resposta.

Abri a janela e meti a cabeça para fora, deixando a chuva molhar meu rosto. Sabia que, se abrisse a boca, ia contar tudo a ele. O ar frio estava ajudando um pouco; contudo, sob as laterais de fibra do carro, o chassi era

de aço carbono e eu começava a ficar enjoado. Estava piorando.

Roswell soltou o ar num suspiro longo e intenso, indicando que ele tinha alguma coisa em mente.

— Estive pensando — disse após um minuto. — Não tem nada de científico nisso e talvez não seja nem da minha conta… mas você acha que pode estar deprimido?

Olhei para minhas mãos e as fechei em punhos.

— Não.

Sabia como isso soava. Ultimamente, eu parecia um panfleto de saúde mental, dava respostas monossilábicas, evitava atividades extenuantes, dormia demais. Queria dizer a ele que não era tão ruim quanto parecia. Só estava fazendo a minha parte, bancando o invisível. Eu queria dizer que era algo bastante deprimente sentir-se cansado o tempo todo, ter que puxar as mangas sobre as mãos para não tocar sem querer numa maçaneta ou, ainda, ter um bom dia apenas quando ninguém notava a sua existência. No entanto, esse não era um quadro clínico comum.

A casa de shows Starlight tinha sido um cinema nos anos cinquenta e, antes disso, um teatro. O prédio de três andares era revestido de estuque, com as janelas e o telhado enfeitados com espirais de ferro forjado, que agora enferrujavam como quase tudo, deixando manchas que escorriam pela frente do prédio lembrando sangue coagulado. Entramos na fila e cada um deu dois dólares para o segurança.

Lá dentro, a multidão estava amontoada em torno do palco, sobre o qual ainda pendiam as velhas cortinas de veludo em ondas gigantescas. Havia

colunas de gesso distribuídas ao longo das paredes, e a sanca do teto exibia desenhos de pássaros, flores e folhas. Quem estava no palco era a Dollhouse of Mayhem, gritando sobre incentivos fiscais e sobre o governo. Os acordes do guitarrista principal soavam como se alguém houvesse misturado todos os barulhos de um acidente de trânsito num liquidificador. O lugar inteiro fedia a ferro oxidado e a cerveja derramada, e a sensação ruim de tremor que pairara sobre mim o dia todo me invadiu como uma onda terrível.

Roswell estava dizendo alguma coisa bastante analítica sobre o cenário musical de uma época ser o termômetro das insatisfações civis, mas sua voz parecia falhar, e minha boca salivava demais.

— E aí surgem essas bandas como os Horton Hears — disse ele. — Quero dizer, ninguém poderia acusá-los de ser socialmente atuantes, mas…

De repente, percebi que ia vomitar, e não dali a algum tempo, num futuro distante e abstrato, mas bem ali, naquele momento. Ergui uma das mãos como quem diz espera um pouco e corri para o banheiro.

Agachado em um dos compartimentos sem porta, tentei vomitar dentro do vaso sanitário sem precisar me ajoelhar no chão nojento.

Roswell parou bem atrás de mim.

— Mais um dia na vida glamorosa de Mackie Doyle?

Sua voz parecia tranquila e falsa, e tive a impressão de que ele estava tentando contrabalançar o momento. De que ele simplesmente não tinha ideia do que mais poderia fazer. Durante toda a minha vida, eu sempre pudera contar com ele para virar a cara e fingir com todas as forças que tudo estava bem.

Depois de vomitar, debrucei-me sobre a pia, enchi a boca de água e cuspi. Havia um espelho grande, coberto de rabiscos sobre a bancada, e tentei não olhar meu reflexo entre aquela teia de garranchos pretos. Por trás daquelas pichações ilegíveis, meu rosto estava pálido e chocado. Não consegui evitar pensar em Natalie. O fato de um corpo ter sido enterrado com o nome dela, quando talvez não fosse realmente ela, me deixou com uma leve sensação de desmaio.

— Você está tremendo — observou Roswell. Ele estava encostado na bancada enquanto eu lavava o rosto e evitava olhar para o meu reflexo.

Fiz que sim e fechei a torneira.

— Você está tremendo muito.

Sequei a boca com uma toalha de papel e não olhei para ele.

— Já vai parar. — Minha voz soou rouca, quase um sussurro.

— Isso não tem graça — continuou ele. — Você não acha melhor irmos para casa? Talvez, se você não exigisse tanto de si mesmo... — Ele parou de falar.

Joguei a toalha de papel no lixo e peguei outra.

Ele se aproximou.

— Mackie... Mackie, olhe para mim.

Quando me virei para fitá-lo, ele me olhava fixamente. Roswell tinha olhos azuis, que mudavam de tom dependendo da luz. Gostaria que os meus tivessem alguma outra cor que não um preto profundo, sobrenatural.

— Você não precisa fingir que está bem o tempo todo.

— Preciso, sim. — Minha resposta saiu alta e ecoou nas paredes de

azulejo. Recostei-me na bancada e fechei os olhos. — Por favor... não quero falar sobre isso.

Passado um segundo, ele se aproximou um pouco mais, e senti sua mão sobre meu ombro. Foi um gesto inesperado, porém o peso foi reconfortante e fez com que eu me sentisse seguro.

Quando abri os olhos, Roswell continuava do meu lado, mas tirara a mão do meu ombro. Um minuto depois, ele pegou um pacotinho de chiclete no bolso. Com a ponta do polegar, empurrou um quadradinho para o topo da embalagem, me ofereceu e pegou um também.

— Vamos lá — disse ele, virando-se para a porta. — Vamos ver se a gente encontra Drew e Danny.

Os gêmeos estavam no salão ao lado do bar jogando sinuca com Tate. Roswell foi até eles, mas eu fiquei para trás. Tate estava de costas para mim e eu precisava passar a impressão de que não tinha acontecido nada entre a gente. De que eu não a repelira no estacionamento e depois a observara ir embora.

Se eu tivesse imaginado que ela ia fazer uma cena e mostrar que estava pau da vida comigo, teria errado feio. Ela lançou um olhar de relance para a gente e voltou ao jogo. Deu uma tacada certeira. Não era uma bola difícil, mas ela fez parecer impressionante e complicada. Os cabelos dela estavam em pé, como se ela tivesse acabado de levantar da cama. No todo, porém, parecia calma, não como alguém que acabara de enterrar a irmã e muito menos como uma pessoa que procurara o cara mais estranho da escola para discutir a teoria de que o ser que haviam enterrado não era sua irmã coisa

nenhuma.

A tacada seguinte foi mais elaborada, uma bola em curva no canto, mas ela a encaçapou como se fosse uma pedra. A bola retiniu dentro da caçapa, mas a expressão de Tate não se alterou.

— Boa bola — comentou Roswell, aproximando-se da mesa.

Ela apontou com a cabeça para Drew e Danny.

— É, bom, esses caras aí são péssimos.

Drew apenas deu de ombros, mas Danny bufou e jogou uma bolinha de papel amassado na cabeça dela.

— Vá se ferrar, Stewart.

Fiquei um pouco atrás de Tate e a observei se preparar para a tacada seguinte. Comparada às outras, aquela não era nada, porém ela tremeu no último segundo e a bola saiu girando num arco torto. Ela apenas beijou a quina da caçapa e parou em frente a ela.

Danny deu-lhe um soco de brincadeira no braço, rindo.

— Espere um pouco, quem é péssimo mesmo?

Ela jogou o taco para ele.

— Tudo bem, tudo bem... Vou pegar uma Coca.

Drew aproximou-se de mim com uma expressão excepcionalmente alegre.

— Estamos quase lá com o Pânico Vermelho. Acabamos de receber várias partes que compramos pela Internet, e acho que, dessa vez, algumas são as peças certas. Quase ficamos em casa para trabalhar nele.

A sra. Corbett era uma antiquária, o que era um jeito politicamente

correto de dizer que ela colecionava um monte de lixo. Os gêmeos remexiam no estoque dela desde pequenos, desmontando velhas torradeiras e rádios, e depois tornando a montá-los de novo. O Pânico Vermelho era o projeto do momento, no qual já vinham trabalhando havia seis meses. Era um polígrafo da década de 1950, que não funcionava. Eu não gostava de ser pessimista, mas, apesar do que Drew dizia, era provável que nunca funcionasse.

O salão era todo cercado por uma meia-parede; debrucei-me sobre ela e passei os olhos pela multidão do outro lado. Na pista, as pessoas dançavam. Elas esbarravam umas nas outras, movendo-se em círculos, unindo-se e separando-se de novo. Observar aquilo fez com que me sentisse cansado. Inclinei-me de modo que apoiasse a cabeça na parede e fechei os olhos.

— Por que você veio hoje? — A pergunta de Roswell pareceu vir de algum lugar acima de mim. A voz dele soou abafada pela música.

Inspirei fundo e tentei responder com um mínimo de energia.

— Melhor isso do que nada.

— Sei — replicou ele, como se dissesse que aquilo era a coisa mais idiota que já tinha escutado.

Quando me empertiguei e passei os olhos de novo pela multidão, vi Alice. Ela estava com algumas garotas de um dos mais novos grupinhos. Apoiei os cotovelos sobre a meia-parede e a observei. A luz que incidia sobre seu rosto deixava-o bem bonito.

No palco, a Dollhouse of Mayhem terminou a apresentação, curvando-se de uma maneira que provavelmente deveria parecer irônica. O silêncio que se seguiu assim que eles desconectaram os amplificadores foi tão pesado

que fez meus dentes doerem. Concentrei-me em Alice e nas luzes coloridas. Segundo Roswell, eu tinha uma chance com ela. No entanto, mesmo que isso fosse verdade, ter uma chance era diferente de saber como aproveitá-la. Ela era um ponto brilhante no centro das coisas, enquanto eu estava destinado a passar as festas e bailes da escola encostado num canto com os rapazes do clube de latim. Apesar de isso nem sequer descrever de forma correta o que eu era.

Roswell participava do clube de latim, do clube de debate e da sociedade da honra. Ele fazia coisas como colecionar tampinhas de garrafa e canetas extravagantes. No tempo livre, construía relógios com vários materiais que encontrava em casa, e essas nem eram as características que melhor o definiam. Ele também jogava futebol e rúgbi e concorria em todas as eleições da escola. Ele sorria. Abraçava todo mundo o tempo todo e jamais agia como se houvesse a menor possibilidade de alguém não gostar dele. Roswell podia fazer o que lhe desse na telha e se dar bem. Quando falava com as meninas, mesmo as bonitas e populares como Stephanie Beecham, elas sorriam e davam risadinhas como se não pudessem acreditar que ele as notara de verdade. Ele simplesmente presumia que tudo daria certo, enquanto eu procurava uma parede conveniente e dava o melhor de mim para me esconder.

Acima da gente, as cortinas se abriram de novo e os Rasputin Sings the Blues entraram no palco.

A Starlight sempre apresentava, pelo menos, cinco bandas, porém todos sabiam que os Rasputin eram os donos do palco. As outras apenas o usavam

de vez em quando.

Não era somente pelo fato de as outras bandas não poderem competir com a atuação e os truques de mágica. Quando os Rasputin tocavam, a música simplesmente era melhor. Quando eles apresentavam o cover de alguma canção, era como se a versão deles fosse a única verdadeira.

A cantora, Carlina Carlyle, entrou orgulhosamente no palco, com os cabelos presos com um nó no topo da cabeça. Ela usava um vestido escuro de gola alta. O modelo parecia antiquado, exceto pela saia, que era curta o suficiente para deixar os joelhos à mostra, assim como uns quinze centímetros de coxa.

Ela agarrou o microfone e fez uma pose bacana de super-heroína. Seus olhos eram enormes, de um azul bem claro, as pálpebras escurecidas por uma sombra preta, o que a fazia parecer louca.

Eles estavam fazendo o cover de uma música do Leonard Cohen. O refrão era forte e rápido, e a bateria reverberava como as batidas de um coração partido.

Drew aproximou-se da meia-parede e se debruçou do meu lado, observando a pista como se fosse a coisa mais chata do mundo.

— Estou de saco cheio de Leonard Cohen — comentou ele.

— Cara, você faz ideia de como seria legal se eles tocassem "Head Like a Hole" ou talvez algo do Saliva ou do Manson? Ou dos Gutter Twins?

No palco, Carlina repetia repent sem parar, não como as backing vocals do álbum, mas proferindo a palavra de forma raivosa, gritando com a cabeça jogada para trás. Na pista, as pessoas gritavam de volta em uníssono, socando

o ar no ritmo da batida. Leonard Cohen poderia ser tão pesado quanto Reznor ou Manson se você cantasse no estilo adequado.

Eles tocaram "Formula for Flight", uma música da própria banda, e Carlina pegou um cigarro atrás da orelha. O primeiro verso dizia "Burning towers down/ Sleeping underground". Ela meteu o cigarro no canto da boca, fazendo a plateia ir à loucura.

Próximo à outra ponta do palco, Alice ria com Jenna, Stephanie e outras garotas muito bonitas. Todas usavam blusinhas decotadas e coloridas e jeans justos. Quando dançavam, pareciam se mover num único bloco, como se tivessem combinado os passos previamente.

No palco, o baixista parou de tocar, colocou-se sob os holofotes e pegou no bolso um punhado de fósforos. As presilhas de seus suspensórios refletiram a luz como espelhos.

— Acende o cigarro dela — gritou alguém no meio da multidão.

Ele bateu continência, prendeu um fósforo entre os dentes, acendeu-o com um puxão e o ofereceu. Carlina levou a mão ao pescoço, fechou os olhos e se curvou em direção ao fósforo, mas o baixista o deixou cair.

Ele acendeu o segundo riscando-o na abotoadura da camisa, mas, quando Carlina se inclinou, o fósforo apagou sozinho. O terceiro ele não riscou em nada, apenas estalou os dedos e a chama surgiu.

Levou o fósforo até o cigarro de Carlina e ela tragou, fazendo a chama crepitar e apagar. Ela começou a andar para a frente e para trás, e o guitarrista a seguiu, tocando um solo que me fez pensar em vidro rachado e fios embaralhados. Ele usava uma cartola preta, e a sombra da aba fazia com

que seu rosto parecesse duro e faminto.

Nos fundos, o baterista ainda marcava o tempo, porém, cada vez que Carlina jogava o quadril para um lado, ele acrescentava uma forte batida dupla no bumbo. Se ela arqueasse as costas, isso resultava numa batida na caixa, um forte rá-tá-tá. Eu estava completamente concentrado no progresso dela, assim como todos os rapazes da plateia.

Ela se colocou sob o holofote enquanto o guitarrista girava à sua volta, ofegante como um cachorro. Carlina deu uma piscadinha e apagou o cigarro na língua dele. O tempo inteiro, ele acompanhou com uma complicada progressão, e, na pista, os garotos adeptos do punk rock colidiam uns nos outros como se fosse o fim do mundo.

Carlina agarrou o microfone e cantou a passagem "Going low, going down, going to burn the spires/ No one in this sleepy town wants a race of monsters".

Atrás dela, o guitarrista cuspiu as cinzas e fez o solo crescer. Quando a multidão parou com o bate-bate e começou a clamar por ele, o guitarrista ergueu a cabeça e sorriu para o holofote como se tivesse acabado de descobrir a luz do sol.

O calafrio começou no topo da minha cabeça e desceu pelos braços e pelo peito. Eu o conhecia.

O ângulo do palco tornava difícil ver os olhos dele, e a cartola fazia sombra sobre o rosto, mas, mesmo no escuro, soube que era ele. Eu o vira na ponte. Ele comentara sobre meus olhos escuros, zombara de minhas mãos trêmulas e de minha boca arroxeada.

Fiquei ali, no meio da multidão, com os olhos fixos no homem assustador com um sorriso aterrorizante.

Eu conhecia o segredo dele, e ele conhecia o meu.

Ao fim da apresentação, os Rasputin desmontaram o equipamento e a Concertina subiu no palco. A voz da cantora era razoável, mas seus arranjos eram fracos, com distorções demais, e, sem a experiente presença de palco de Carlina Carlyle, a Starlight voltou a ser apenas um lugar empoeirado e decadente. Apenas um espaço alugado.

Alice continuava em meio a um grupinho de amigas, e tive a sensação de que talvez me sentisse melhor se tomasse um pouco de água. Seria uma boa desculpa para me aproximar. Eu poderia passar ao lado do grupo. Talvez eu falasse com ela ou, quem sabe, talvez ela falasse comigo. Rumei para o bar.

O guitarrista dos Rasputin surgiu do nada. Num minuto, eu estava sozinho, seguindo ao lado da parede em direção à saída de incêndio. No minuto seguinte, ele estava ao meu lado, cintilando de forma estranha sob a luz verde da placa de saída.

Ele apontou com a cabeça para Alice, sorrindo como se soubesse de algo engraçado.

— Ela é encantadora. Mas você precisa tomar cuidado com garotas desse tipo. Ela pode encurralar você no estacionamento. E beijá-lo com aquela língua de ferro gelada.

Dei um passo para trás e ele me agarrou, segurando-me pelo maxilar, enterrando os dedos na carne macia sob meu queixo. Ele me puxou de modo que meu pescoço se curvou num ângulo esquisito. Seu hálito era quente e

cheirava a folhas queimadas.

Permanecemos sob a luz verde da placa, olhando fixamente um para o outro. A mão dele me machucava, mas não tentei me safar. Talvez ele ficasse camuflado no palco, porém, ali embaixo, não era inteligente se expor tanto. Eu poderia ter forçado a passagem, mas os olhos dele eram escuros demais. Os dentes, afiados e estreitos, muito juntos uns dos outros. Fiquei imóvel, determinado a fazer o que fosse necessário para não fazer um escândalo.

Ele aproximou o rosto do meu, de modo que a aba do chapéu fez sombra sobre nós dois.

— Você está pálido e gelado, e fede a ferro. — A voz dele soou travada, como se as palavras estivessem agarradas atrás dos dentes. — Não finja que você não está infectado ou que isso não machuca. O ferro está no seu hálito e no branco dos seus olhos. No seu sangue.

Permaneci parado, sem chance sequer de desviar os olhos, visto que ele se aproximou ainda mais. Apertando meu maxilar com mais força, sussurrou num tom rouco:

— Você realmente precisa que um desgraçado como eu diga que você está morrendo?

7

Morrer jovem

EU PULSO MARTELAVA, e apoiei uma das mãos na parede para me firmar. O prédio inteiro parecia entrar e sair de foco. Mantive os olhos fixos no guitarrista e a mão na parede. Não queria fazer nada que lhe desse a impressão de que ele estava certo. Morrendo? A ideia era tão assustadora que me deixara desorientado. Eu talvez estivesse doente, mas morrendo?

Lá no fundo, porém, eu sabia que havia uma parcela de verdade na declaração. Pensei em todas as vezes que tivera uma reação ruim a um passeio de carro ou às bancadas de aço das turmas de ciência, em como a vez seguinte era sempre um pouco pior do que a anterior. Se fôssemos nos ater aos fatos, na verdade eu nem deveria estar vivo. Em circunstâncias normais, eu deveria ter dado adeus à vida, e ter sido enterrado havia anos, tal como Natalie Stewart.

Não. Não como Natalie — como o ser que fora enterrado com o nome dela.

De repente, o ar ficou frio e comecei a tremer. O homem se curvou sobre mim e sorriu — quase com gentileza. Seu nariz estava desconfortavelmente próximo ao meu.

— Posso mudar a sua vida — sussurrou ele. — Venha comigo que eu salvo você.

No palco, a Concertina tocava uma música chamada "Kill All Cowards" [Morte aos covardes], e ninguém havia salvado Kellan Caury. Não fazia

diferença que a justiça do condado fosse apenas assassinato com um nome diferente ou que ele fosse inofensivo. Não se devia fazer amizade com estranhos. Caso contrário, poderia terminar balançando numa árvore.

Coloquei a mão sobre o pulso do homem e fiz menção de me virar.

Os olhos dele eram meras poças escuras de sombra, mas, de repente, eles se incendiaram com um brilho feroz e quente sob a aba do chapéu.

Virei-me rápido, antes que ele conseguisse me agarrar de novo, e voltei por onde tinha vindo.

Meu coração martelava com força, em pânico, enquanto abria caminho pela multidão, tentando voltar para o lugar onde Roswell ria alto demais e brandia as mãos ao falar. Ele quase sempre conseguia fazer com que eu me sentisse normal.

Só que eu sabia que dessa vez seria necessário mais do que apenas fingir que estava tudo bem. Ainda conseguia escutar a voz do guitarrista. Ela reverberava em minha cabeça como um eco distante: Você está morrendo.

Quando alcancei as mesas de sinuca, Drew aterrorizava Roswell num jogo de 9-Ball, encaçapando uma atrás da outra, em seguida começando outra rodada e repetindo a façanha.

— E aí, qual foi o lance? — perguntou Danny, apontando com a cabeça para a pista e se apoiando no taco.

— Nada — respondi, pigarreando para limpar a garganta. — Só um mal-entendido.

Danny me olhou de cara feia. Quando uma situação começava a ficar ruim ou estranha demais, a gente sempre podia contar com ele para

transformá-la numa piada, só que agora não havia o menor esboço de sorriso em seus lábios.

— Um lugar um tanto estranho para um mal-entendido. O que ele queria?

Você está morrendo. Você está morrendo.

Sem querer, olhei em direção à saída de incêndio. Não havia ninguém lá; a placa verde ainda cintilava de leve sobre a porta.

Danny me fitava com uma expressão impassível.

O que o sujeito queria? Me levar para algum lugar, ou me dizer alguma coisa, ou me dar algo. Ele disse que queria me salvar, e eu também desejava isso, só que não no meio da Starlight, onde todos podiam ver, e não por alguém com olhos pretos e faiscantes e dentes amarelados. Não consegui me livrar da sensação incômoda produzida pela forma como Danny me fitava, como se estivesse esperando que eu me revelasse.

Tate me salvou de ter de responder. Ela se aproximou das mesas, ofegante. Seu rosto brilhava de suor, e a camiseta estava rasgada no ombro; alguém na pista devia ter tentado agarrá-la pela gola.

Ela se empoleirou sobre a meia-parede no momento exato em que Alice chegou por trás. Imaginei que estivessem juntas, muito embora eu jamais as tivesse visto conversando em sala de aula. Alice, porém, passou direto por Tate e veio em minha direção.

— Oi, Mackie! Estava procurando você. Ontem você me pareceu meio abalado. Roswell disse que você foi para casa. Está se sentindo melhor?

Na verdade não, mas dei de ombros.

— Não foi nada.

Ela ergueu os olhos para mim, prendendo os cabelos atrás das orelhas.

— Bom, eu queria perguntar... Stephanie vai dar aquela festa amanhã à noite. Você vai?

Olhei para ela e sorri. A sensação de sorrir era boa.

— Talvez. É provável.

Em algum lugar à minha direita, senti os olhos de Tate fixos no meu rosto. Isso me fez ter vontade de olhar para ela e, ao mesmo tempo, fugir dali.

Alice suspirou e se recostou na parede, de modo que nossos braços se encostaram. Sob a luz fraca da luminária sobre a mesa de sinuca, os cabelos dela pareciam de bronze.

— E então, você chegou perto do palco? Está uma loucura hoje. Quero dizer, um cara chegou a me empurrar em cima dos alto-falantes... de propósito. Só que eu não sou um daqueles punks suados. Eu sou uma garota!

Tate desceu da parede e lançou um olhar irritado em nossa direção.

— Então não vá para a pista.

Alice abriu a boca como se fosse replicar, mas Tate apenas se afastou e puxou o taco da mão de Roswell.

Alice suspirou e, ao se virar para mim, seus olhos pareciam tristes.

— Uau. Ela está num forte processo de negação com relação à irmã.

Quero dizer, Tate age como se nada tivesse acontecido.

Não respondi, porque não era bem o caso. Apenas que a ideia de Tate sobre o que acontecera era diferente do que os outros pensavam.

Tate estava preparando um jogo de 8-Ball e começou a enfiar todas as bolas no triângulo de plástico. De repente, senti vontade de pedir desculpas. Queria me desculpar por não ter tido coragem de escutar o que ela quisera me dizer, por tê-la deixado enfrentar sozinha a turma inteira, quando, na verdade, era eu quem devia estar lá na frente.

Alice encostou-se em mim, observando Tate levantar o triângulo.

— Então, você sabe qual é o lance com a família dela? Quero dizer, ela devia estar em casa agora, processando a perda ou chorando ou algo parecido, não acha?

Dei de ombros. Os gêmeos andavam com Tate desde a quinta série, mas a verdade era que não dava para conhecê-la, a menos que ela permitisse.

— Ei, Mackie, quer jogar? — perguntou Drew apontando com a cabeça para a mesa.

Fiz que não. Drew deu de ombros e jogou o taco para Danny, que passou giz na ponta e se preparou para dar a tacada. A abertura foi razoável, mas ele não encaçapou nada.

Tate sorriu para mim de um jeito duro e dissimulado, e tive a impressão de que ela estava imaginando como eu ficaria com uma barra de ferro atravessada no peito.

— Só para que não fique nenhuma dúvida, eu teria destruído você — disse ela.

Fiz que sim, mas escutei um terrível sussurro em minha mente. Ele dizia: Você não precisaria fazer isso. Estou morrendo mesmo.

Por um segundo, permanecemos com os olhos fixos um no outro. Então,

do nada, ela jogou o taco para Drew e veio em minha direção com uma expressão apocalíptica. Alice devia ter visto também, porque recuou.

Tate parou com os dedos dos pés quase tocando os meus, fitando meu rosto.

— Tudo bem, já chega. Você tem de começar a falar comigo.

Tentei soar confiante, mas tive de olhar por cima da cabeça dela para impedir que minha voz falhasse.

— Nós não temos nada para conversar.

Ela agarrou meu pulso e me puxou mais para perto.

— Olhe só, talvez você não dê a mínima para nada disso, mas não vou andar por aí como se estivesse tudo bem!

— Tate, não sei do que você está falando.

Ela balançou a cabeça e desviou os olhos.

— Você acreditou em mim hoje. Você acreditou em mim e isso o assustou, e agora está sendo covarde demais para dizer que sim. — Ela estava com os ombros caídos e os olhos abatidos, mas manteve os dedos enterrados em meu pulso. — Por que você apenas não diz que sim?

Olhei para ela boquiaberto. Seu maxilar estava retesado, mas eu tinha certeza de que ela não estava com tanta raiva quanto eu — nem de longe.

Você não tem o direito de me dizer o que fazer. Isso era o que eu deveria ter dito. Você não pode se achar dona da razão, porque não faz ideia de como é ser como eu. As pessoas são espancadas até a morte por serem como eu. As pessoas são linchadas por serem como eu. Sou um eterno excluído, sem chance de uma vida normal, de ser apenas comum ou de me enquadrar.

Pesos livres numa aula de educação física significam uma emergência hospitalar, envenenamento alimentar significa qualquer coisa que venha numa lata. Ah, e a propósito, há uma boa chance de eu estar morrendo, portanto isso é realmente ótimo.

Apenas olhei para Tate e, como ela nada disse, soltei meu braço com um safanão. Alice estava recostada contra a meia-parede, observando-nos com uma expressão aturdida. Queria pedir desculpas a ela pela interrupção, dizer que minha vida não era sempre tão bizarra, mas minha garganta estava apertada, e eu sabia que não conseguiria dizer nada. Apenas me virei de costas e segui em direção à multidão a fim de procurar Roswell.

Ele estava ao lado do bar com Stephanie e Jenna. Agarrei-o pelas costas da jaqueta e o puxei para longe delas. Como ele não tentou se livrar de mim nem perguntou por que eu estava agindo como um doido, agradeci a Deus e segui em direção à porta de saída.

Minha fuga não foi fácil, deveria ter sido uma saída rápida e determinada, mas eu não era tão disciplinado. Olhei para trás — apenas uma vez. No entanto, foi o suficiente. Tate continuava no lugar onde eu a deixara, com um taco de sinuca nas mãos e uma expressão extremamente sofrida no rosto.

Necessidade de salvação

QUANDO ROSWELL ME DEIXOU em casa, esperei até as luzes das lanternas do carro desaparecerem na curva da esquina. Em seguida, me sentei na entrada da garagem e enfiei a cabeça entre os joelhos. O ar estava frio, mas fiquei ali sentado, respirando e escutando a chuva.

Meu coração martelava em meus ouvidos. A forma como Tate me olhara quando fui embora da Starlight me corroia por dentro, e agora eu sentia como se estivesse com um pedaço enorme do peito em carne viva. Após um tempo, entrei cambaleando em casa e tentei pendurar minha jaqueta no cabide de parede. Ela caiu e a deixei no chão, porque pegá-la de novo parecia um esforço complicado demais. Precisei parar no meio da escada para descansar. A escuridão era solitária, porém familiar, e caí na cama sem tirar a colcha ou os sapatos.

Os sonhos foram piores dos que os que eu vinha tendo. Sonhos de ser deixado sozinho, de folhas roçando a tela da janela. As cortinas balançando sob uma brisa forte e seca.

Minhas articulações doíam, e, mesmo sonolento, sentia-me desconfortavelmente ciente das batidas descompassadas de meu coração, ora rápidas, ora lentas, ora falhadas. Devagar, devagar, rápido. Nada.

Sonhei com Kellan Caury. Sonhei que os linchadores de Gentry arrombavam a porta de seu pequeno apartamento no centro da cidade e o arrastavam para a rua. A cena era vaga e clara demais, como se eu a estivesse misturando com a cena do moinho em Frankenstein. O povo da cidade

carregava tochas. Sonhei com a silhueta do corpo dele pendurada num carvalho no fim da Heath Road.

Na manhã seguinte, acordei tarde, com sede e exausto.

Arrastei-me pelo corredor até o banheiro e entrei no chuveiro. Após quinze minutos debaixo d'água sem sequer pegar o sabonete ou erguer as mãos, me sequei, me vesti mais ou menos e desci.

Minha mãe estava mexendo uma panela de cobre para a frente e para trás sobre o fogão. O barulho da panela arrastando na grade me deixou com vontade de arrancar a cabeça fora.

Observei-a abrir a gaveta e pegar uma espátula. Os cabelos finos e louros escapavam do rabo de cavalo. Sua expressão era a mesma de sempre, calma, paciente. Despreocupada por completo.

— Já tomou café? — perguntou, olhando para mim por cima do ombro.

— Estou fazendo batatas fritas. Se você quiser um pouco.

Fiz que não, e ela soltou um suspiro.

— Coma alguma coisa.

Comi um pouco de cereal direto da caixa. Ela revirou os olhos, mas não disse nada.

Lá fora, o dia estava cinzento e chuvoso, porém, em meu estado atual, a luz parecia cruelmente clara, entrando pelas janelas como o espocar de uma bomba. As folhas outonais balançavam e se agitavam, um reflexo da chuva fraca e incessante.

Sentei-me à mesa, comendo o cereal em pequenos punhados. Queria cruzar os braços e abaixar a cabeça ou perguntar que horas eram, mas não

consegui pensar em uma maneira de formular a pergunta. Minhas articulações pareciam quebradiças.

— Cadê a Emma? — perguntei, com os olhos fixos na caixa de cereal aberta. Lá dentro estava escuro.

— Ela falou alguma coisa sobre um projeto de laboratório. Disse que ia até o campus encontrar uma amiga. Janet, acho eu.

— Janice.

— Pode ser. — Minha mãe se virou e olhou para mim. — Tem certeza de que está se sentindo bem? Você está muito pálido.

Fiz que sim e fechei a caixa de cereal. Quando eu fechava os olhos, escutava a voz séria do guitarrista. Você está morrendo. Você está morrendo.

— Mãe — falei de repente, de modo impulsivo. Eu me sentia exausto.

— Você já pensou no que acontece com as crianças roubadas?

Em pé diante do fogão, ela parou de virar as batatas na frigideira.

— O que você quer dizer com isso?

— Os bebês. Quero dizer, se eles são substituídos por… pessoas como eu, tem de haver um motivo, certo? A história não pode apenas terminar aí. Eles são levados para algum lugar, certo?

— Nenhum lugar bom.

Ela falou tão baixo e com tanta certeza que, por um minuto, quase não consegui me forçar a fazer a pergunta seguinte.

— Você está dizendo isso porque sabe que eu vim de um lugar muito ruim… por causa do meu jeito?

— Não, eu sei porque aconteceu comigo.

Continuei sentado, sentindo-me fraco e abobalhado.

— Aconteceu com você como?

Os olhos dela eram inacreditáveis, enormes e límpidos. Eles enganavam as pessoas, fazendo-as acreditar que ela não guardava segredos. Minha mãe, porém, desviou os olhos antes de responder a pergunta, e percebi que ela estava falando a verdade.

— Eu fui levada, e isso é tudo. Não há nada de excitante nem glamoroso nisso. É só uma coisa que acontece, só isso.

— Mas você está aqui agora… está aqui em Gentry, levando uma vida normal. Quero dizer, você foi levada para onde?

— Esse não é um tema de conversa apropriado — retrucou ela de modo áspero. — Gostaria que você não falasse sobre coisas ruins à mesa e não quero que comente isso de novo.

Em seguida, pegou uma cebola e começou a cortá-la em pequenos cubinhos, assobiando baixinho. Fechei os olhos. A informação era estranha e difícil de digerir. Não sabia o que fazer com ela.

Meu pai entrou na cozinha, absolutamente alheio ao silêncio bastante desconfortável entre nós. Deu um tapinha no meu ombro e tentei não me encolher.

— Ele não está se sentindo bem — informou minha mãe de costas para ele. Ela estava debruçada sobre a cebola, cortando-a em pedaços ainda menores. E menores. Microscópicos.

Meu pai se curvou para analisar o meu rosto.

— Isso é verdade?

Fiz que sim, sem dizer nada. Eu não estava me sentindo bem, mas uns dois minutos antes eu começara a me sentir ainda pior.

Minha mãe voltara a assobiar, só que agora mais alto, mais rápido. Continuava de costas para a gente, picando a cebola, a faca subindo e descendo. De repente, escutei um leve ofegar. O cheiro de sangue invadiu a cozinha; ela foi até a pia e colocou o dedo sob a água da torneira.

Cobri a boca e o nariz com as duas mãos, sentindo a cozinha entrar e sair de foco como uma onda.

Sem dizer nada, meu pai foi até o armário em cima da geladeira e pegou esparadrapo.

Ficaram na frente da pia, olhando um para o outro, e então ela ofereceu o dedo. Meu pai secou a pele com uma folha de papel toalha e grudou o esparadrapo. Minha mãe estava sempre cortando algum dedo ou batendo com as pernas e os braços em algum lugar. Eu nunca escutara nada sobre qualquer tipo de acidente quando ela estava na sala de cirurgia, mas, em casa, ela sempre batia nas coisas, como se esquecesse que elas ocupavam um espaço no mundo, assim como ela própria.

Depois de envolver o dedo com o curativo, meu pai deu um passo para trás e soltou o pulso dela. As batatas tinham começado a queimar e cheiravam a torradas.

— Obrigada — agradeceu ela.

Ele lhe deu um beijo na testa e saiu da cozinha. Minha mãe continuou ao lado da pia, olhando para fora pela janela. Passado um segundo, ela esticou o braço e apagou o fogo.

Esfreguei o rosto com a mão e respirei. O cheiro de sangue continuava a se espalhar lentamente pela cozinha. Comecei a sentir uma dor leve e pulsante atrás do olho esquerdo.

— Acho que vou voltar para a cama.

De volta ao quarto, tirei a camiseta e fechei a cortina. Em seguida, deitei virado para a parede e puxei o cobertor por cima da cabeça.

Acordei assustado. Estava escuro. Meu celular tocava sobre a mesinha de cabeceira, e me virei. Na penumbra, eu conseguia ver as silhuetas do baixo, do amplificador e dos móveis. Queria voltar a dormir. O telefone, porém, continuava tocando.

Por fim, estiquei o braço e o atendi.

— Alô.

— Uau, que animação! — Era Roswell.

— Desculpe. Eu estava dormindo.

— E aí, a Stephanie está dando uma festa hoje, e talvez haja outra na casa do Mason. Quer que eu vá pegar você?

Virei de barriga para cima e fechei os olhos com força.

— Acho que não.

Roswell suspirou.

— Vamos lá, você não vai querer perder essa festa. Essa é a temporada em que as garotas usam roupas provocantes. A gente encontra os gêmeos, bebe um pouco e exercita nossa capacidade de interação social. Tenho a impressão de que Alice está particularmente ansiosa pela sua companhia.

Esfreguei os olhos com a mão.

— Não estou dando um bolo em você. Tudo bem, estou. Só que não é bem assim. Jesus, que horas são?

— Quase nove.

Do outro lado da linha, uma porta se abriu e Roswell suspirou. Escutei a mãe dele ao fundo, dizendo que alguém precisava alimentar o cachorro e que seria melhor que fosse ele. Roswell respondeu alguma coisa, mas as palavras saíram abafadas, e a escutei rindo a distância.

De repente, lembrei-me de que tinha levantado de manhã e de que tivera uma conversa horrível com minha mãe. No entanto, a coisa toda parecia um pesadelo, e eu não conseguia juntar todas as peças.

Roswell voltou a falar comigo.

— Está tudo bem?

— Tudo. Só não estou a fim de sair agora. Hoje não.

Depois que desliguei, cobri a cabeça com o travesseiro e já começava a entrar de novo num agradável estado de esquecimento quando o celular tocou novamente.

Dessa vez, verifiquei o identificador de chamadas, mas não reconheci o número. Atendi mesmo assim, imaginando que podia ser alguém da escola, ligando a respeito do dever de casa ou de alguma outra coisa tão improvável quanto. Eu estava imaginando, embora não admitisse, que poderia ser Alice. Mesmo que eu pudesse ter alguma dificuldade em reconhecer a voz de Tate, o fato de ela começar a falar sem sequer me cumprimentar já seria indicativo o suficiente.

— Mackie — disse ela. — Preciso que você me escute.

Inspirei fundo e caí de costas na cama de novo.

— Como você conseguiu meu telefone?

— Se você não queria que eu ligasse, devia ter dito ao Danny para não me passar o número. E aí, onde a gente pode se encontrar? Preciso realmente falar com você.

— Não posso — respondi.

— Pode, sim. Tudo bem, ótimo. Vou até sua casa. Você está em casa? Estarei aí em dez minutos; portanto, é melhor que você esteja em casa.

— Não!... Quero dizer, não vou estar em casa. Vou a uma festa com o Roswell e já estava de saída.

— Festa — repetiu ela. A voz de Tate soou fria e, de repente, pude visualizar a expressão em seu rosto... uma mistura estranha de frustração e dor. Tive um devaneio rápido, de meio segundo, em que me imaginei tocando-a, correndo a ponta do polegar pelo rosto dela, numa tentativa de afastar a tristeza de seus olhos, mas a visão se desmanchou no segundo seguinte, quando ela disse: — Alguma coisa está muito errada, você sabe, e ainda assim está indo a uma festa? Você é inacreditável.

— Eu não sei de nada, entendeu? Vou desligar agora.

— Mackie, você é tão...

— Tchau — interrompi e apertei o botão de desligar.

Em seguida, liguei para Roswell.

Ele atendeu no primeiro toque, parecendo tranquilo e animado.

— Que foi? Você está me ligando para me desejar sorte em minha missão de livrar Stephanie da tirania de suas roupas?

— Você se importa se eu for junto?

— Não, tudo bem. Não é sobre a história de tirar a roupa, certo? Quero dizer, isso é trabalho para um homem só.

Eu ri e fiquei aliviado ao perceber que meu riso soava quase normal.

Roswell continuou num tom falsamente descontraído.

— Então, você se lembra de que eu liguei há uns quinze minutos, certo? E perguntei se você queria ir a uma festa, ficar bêbado e, quem sabe, seduzir Alice… isto é, acho que eu falei sobre seduzi-la… mas você disse não, lembra? Quero dizer, você se lembra disso, certo?

Pigarreei.

— Mudei de ideia.

Ele ficou em silêncio por um bom tempo. E, então, disse:

— Sua voz está horrível. Você está se sentindo bem?

— Não, mas isso não tem importância.

— Mackie, tem certeza de que quer ir mesmo à festa?

Inspirei fundo.

— Tudo o que eu quero no momento é sair de casa.

Assim que desliguei, fechei os olhos e tentei clarear a mente. Em seguida, rolei para fora da cama e me levantei. Se eu ia à festa com Roswell, precisava dar um jeito nos meus cabelos desgrenhados e vestir uma camisa. Atravessei o quarto e comecei a vasculhar minha cômoda. Em geral, dormir o dia inteiro era o suficiente para acabar com a tonteira, mas, a cada vez que eu virava a cabeça, o quarto parecia girar preguiçosamente, e precisei apoiar a mão no topo da cômoda para não perder o equilíbrio.

— Mackie?

Quando olhei por cima do ombro, vi que Emma estava parada na porta do quarto me observando. Ela usava um conjunto de moletom, e seus cabelos estavam enrolados num nó, como sempre. Eles tinham a mesma aparência desde que éramos crianças, macios e bagunçados. Emma não saía muito e, pelo visto, estava pronta para outra noite em companhia de um livro.

Fechei a gaveta e me virei para encará-la.

— Pode entrar, você sabe.

Ela deu uns dois passos e parou de novo.

— A Janice… minha colega de laboratório, a Janice… ela me deu uma coisa — disse Emma, segurando um saco de papel. — Ela disse que isso é um tipo especial de… extrato holístico. — A voz dela soou estranhamente estridente, como se eu a deixasse nervosa. — Ela disse… ela apenas disse que isso seria bom para você. — Emma cruzou o quarto até a minha escrivaninha.

— Obrigado — respondi enquanto a observava colocar o saco sobre a escrivaninha e se afastar. — Emma…

Mas ela já se virara e saíra do quarto.

Peguei o saco e o abri. Dentro havia uma garrafinha de vidro marrom. Ela exibia um rótulo de papel no qual alguém havia escrito: Espinheiro Benéfico. Para beber.

Em vez de uma tampinha ou de uma rolha, a garrafa era lacrada com cera. Quando quebrei o lacre com a unha do polegar, senti um forte odor de folhas, porém não um cheiro de algo estragado ou venenoso.

Eu confiava em Emma. Durante a minha vida inteira, ela fizera questão de cuidar de mim, de se certificar de que eu estava bem. No entanto, beber uma coisa desconhecida era algo bastante arriscado, e, embora eu confiasse em Emma, não tinha tanta certeza se podia dizer o mesmo de Janice.

Só que mais insistente ainda era a sensação de que, se algo não mudasse, se as coisas continuassem do mesmo jeito, eu iria acordar um dia e não conseguiria levantar da cama. Ou, o que era mais provável, iria dormir e não acordaria hora alguma.

Toquei a boca da garrafa, lambi o resíduo da ponta do dedo e esperei.

Após alguns minutos inspecionando antigos deveres de casa e as roupas que eu colocara para lavar, notei que o vodu hippie da Janice não tinha me matado ainda; portanto, tomei um bom gole, seguido de outro. O gosto não era ruim. Não era bom, mas também não era ruim. Parecia uma mistura de terra e Everclear, uma espécie de pinga feita de cereais.

Coloquei a garrafa vazia de volta no saco e encontrei uma camisa polo que não estava amarrotada demais. Vestia a camisa quando percebi subitamente que me sentia melhor, muito melhor. Fazia tanto tempo que eu me sentia fatigado que já esquecera que essa era a minha sensação permanente, até não notar mais. Espreguicei, e os músculos dos ombros responderam bem, flexionando-se agitados.

Parei em frente ao espelho do banheiro. Meus olhos continuavam escuros, porém não mais de um preto sobrenatural. Eles estavam normais, com a pupila preta e a íris marrom. Minha pele continuava pálida, mas com a palidez de uma pessoa "clara", e não de um doente "terminal". Eu parecia um

sujeito comum, prestes a sair num sábado à noite. Eu parecia normal.

Voltei para o quarto e analisei a garrafa. O rótulo era simples, de papel grosso, apenas com os dizeres Espinheiro Benéfico e a instrução de beber, mais nada. Eu sabia que espinheiro era uma árvore pequena e espinhosa que crescia ao longo das estradas do país, porém o rótulo não dava nenhuma outra indicação do que a bebida era de fato.

Minha cabeça se encheu de perguntas. O que era aquilo de verdade e como funcionava? Será que a sensação de melhora significava cura? Emma tinha me salvado? Embora minha primeira reação fosse de dúvida, senti um sorriso se formar em minha boca. Grande, aliviado. Eu não me sentia bem assim fazia semanas. Meses, talvez.

Senti uma necessidade intensa e súbita de fazer alguma coisa que despendesse muita energia. Precisava pular em volta do quarto ou rir sem parar ou encontrar Emma e abraçá-la até que ela começasse a rir também e tivéssemos de nos sentar no chão, sem ar. Queria plantar bananeira ou dar cambalhotas para trás, só que ali não havia espaço suficiente. Queria correr.

Desliguei a luz e saí para o corredor.

— Emma. — Encostei a testa na porta do quarto dela e, ao não obter resposta, a abri. — Emma, que negócio é esse? É fantástico.

Emma, porém, não estava no quarto nem em lugar nenhum.

Pela primeira vez desde meu encontro com o guitarrista na véspera, a voz em minha cabeça havia desaparecido. Talvez morrer fosse uma conclusão precipitada. Talvez houvesse um jeito de levar uma vida real, de verdade, de ser normal. Parte de mim não acreditava muito nisso. Essa pequena parte se

colocava de fora e observava com suspeita enquanto eu analisava a garrafinha boa demais para ser verdade. No entanto, o restante de mim não dava a mínima. Era maravilhoso me sentir livre.

Quando escutei o carro de Roswell na porta da garagem, desci correndo.

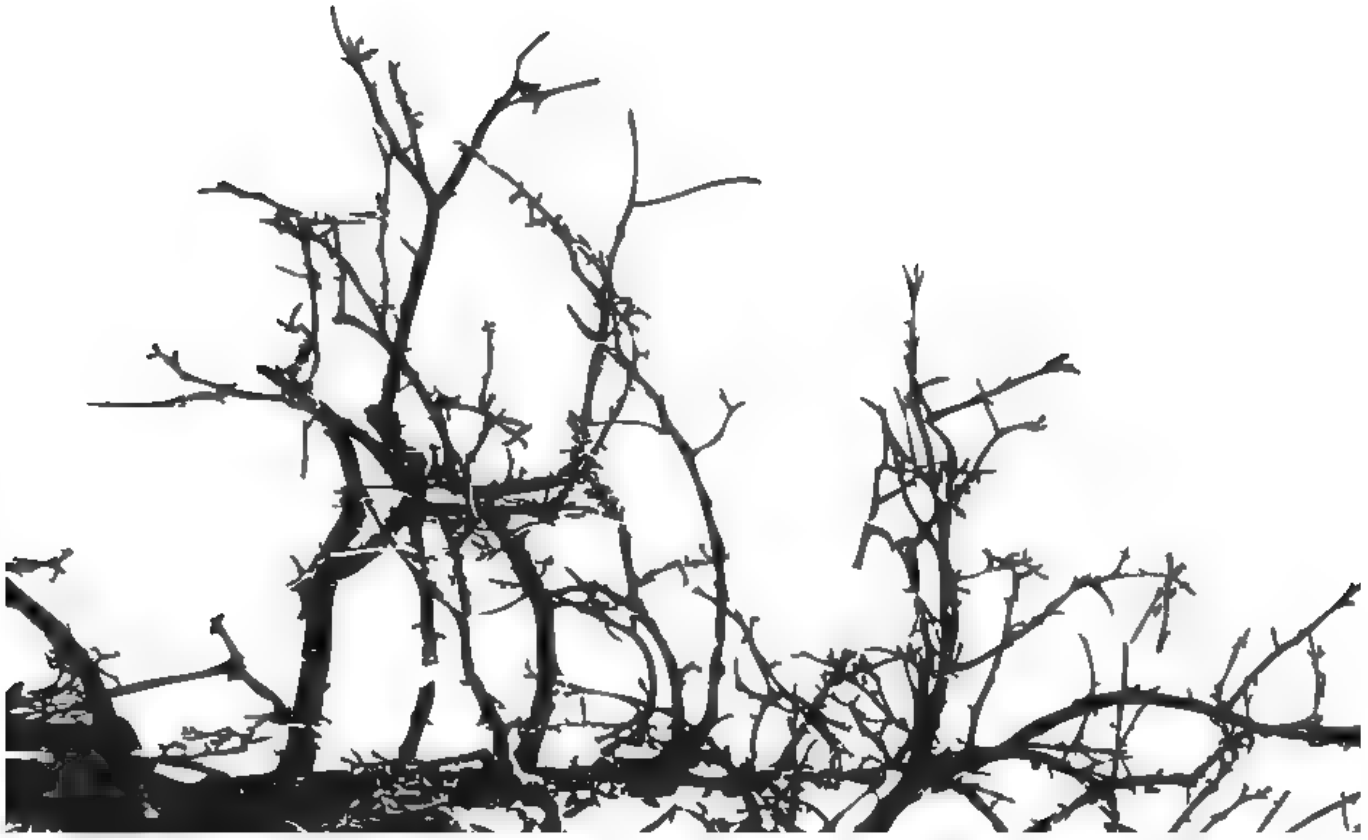
Ao sair para a varanda, fui atingido por um bombardeio de cheiros: o fedor de legume cru das abóboras entalhadas, o cheiro chamuscado de folhas queimadas e o leve, porém presente, odor pantanoso do leito seco do lago na County Road 12. Era uma noite escura, vibrante e ferozmente cheia de vida.

A três quarteirões dali, escutei a sra. Carson-Scott chamando o gato para entrar, mas isso era normal. Em seguida, escutei o suave tilintar do sininho da coleira do bichano e o farfalhar das folhas quando ele subiu nos galhos.

Até os carros na Benthaven pareciam estar bem diante de mim.

Esqueça Tate. Esqueça as crianças mortas e os armários ensanguentados e a dor profunda e pulsante que eu sentia sempre que pensava em minha família ou no meu futuro. Minha vida era o aqui e agora.

E eu a desejava.



Parte 2

As mEntiras

que as

pessoas contam

9

Tudo o que brilha

RUA ONDE STEPHANIE BEECHAM morava era um festival de portas de carros batendo. O barulho de vozes tornava-se cada vez mais constante à medida que as pessoas iam se espalhando pela casa e em torno dela. A maioria estava fantasiada, ainda que o Halloween fosse somente dali a três dias, na terça.

Toda a vizinhança estava decorada para o Dia das Bruxas. Havia esqueletos de papel pendurados nas janelas e lanternas de abóboras em todas as varandas. A chuva diminuíra para uma garoa constante. No jardim da frente da casa de Stephanie, alguém armara um espantalho de estopa do lendário monstro de Gentry, a Bruxa Porca. Seus cabelos eram feitos de arame retorcido, e um rosto raivoso tinha sido desenhado na estopa com canetinha. Ela se erguia ao lado da varanda, parecendo enorme e sinistra.

Roswell e eu chegamos pela entrada de carros sem dizer nada. Ele não estava exatamente fantasiado, mas usava um par de dentes pontiagudos de plástico que se encaixavam sobre seus caninos verdadeiros. Volta e meia, ele me lançava estranhos olhares de esguelha.

— Que foi? Por que você está me olhando desse jeito?

— Você não... ai! — Ele tocou o lábio e, em seguida, os dentes de plástico. — Você não abriu a janela. Sabe quanto tempo faz que você não abre a janela do meu carro?

Era verdade, percebi. Eu estava bem, mesmo depois de quinze minutos dentro do carro.

— Isso é problema?

— Não, mas é estranho.

Fiz que sim, e paramos no meio da entrada de carros, olhando um para o outro. Atrás da gente, alguém cantava aos berros o grito de guerra da escola de modo estridente e desafinado.

Andamos até o portão aberto na lateral da casa e nos dirigimos para os fundos.

A porta dos fundos dava para uma cozinha grande e brilhantemente iluminada, onde muitas coisas ou tinham a forma ou eram pintadas como vacas.

E lá estava Tate. Ela estava em todos os lugares, aproximando-se em silêncio pelos cantos, intrometendo-se em minha vida sem nunca deixar nada de lado. Tate sorriu ao me ver, mas foi um sorriso feroz, triunfante, como se ela tivesse me vencido em algum jogo.

Ela estava recostada na bancada, entre Drew e Danny. Não estava fantasiada, mas usava uma espécie de arco bizarro, com duas anteninhas, cada uma com uma estrela na ponta, as quais balançavam para a frente e para trás. Com o movimento, as estrelas lançavam purpurina para todos os lados.

Inspirei fundo e tentei agir normalmente. Passei por Tate e fui até a geladeira. Peguei uma lata de cerveja na prateleira da porta e voltei.

Danny estava ao lado da pia brincando com colheres de medidas e com garrafas, criando alguma espécie de drinque. Ele vestia uma fantasia de esqueleto, com um casaco de capuz cinza por cima, igual ao personagem

principal do filme Donnie Darko. Drew estava vestido como Frank, o Coelho, outro personagem do mesmo filme, mas estava sem a máscara, que se encontrava jogada sobre a bancada.

Depois de acrescentar sloe gin, uma espécie de licor de ameixas bravas, e groselha, Danny colocou um copo com o drinque na frente de Drew.

— Experimente e me diga o que está faltando.

Drew tomou um gole, tossiu e pôs o copo de volta sobre a bancada.

— Que coisa horrível.

Danny fez cara feia e jogou uma colher de sobremesa no irmão.

— Você é horrível. Estou pedindo uma crítica construtiva, seu babaca. Está faltando o quê?

Drew jogou a colher de volta.

— Está faltando ser levado lá para fora e ser derramado no chão.

— Então, faça seu próprio drinque, sr. Especialista em Misturas.

Trocaram alguns socos amigáveis; em seguida, Danny enfiou a máscara na cabeça de Drew e partiram para a sala de estar. Enquanto seguiam lado a lado, Drew esticou o braço e puxou o capuz de Danny para a frente, cobrindo-lhe o rosto.

Roswell tinha se mandado na primeira oportunidade — provavelmente para ver onde estava Stephanie. Fiquei sozinho com Tate, sem saber ao certo se devia começar a planejar minha escapada, porque, por mais desagradável que fosse a ideia de conversar sobre sua falecida irmã, eu tinha certeza de que Tate me seguiria se eu saísse dali, e talvez fosse mais inteligente resolver logo o problema enquanto não havia ninguém por perto.

Pude ver a silhueta dela, o contorno do corpo sob a camiseta. Sabia que devia me manter afastado, mas, de repente, tudo o que eu queria era tocá-la. Atravessei a cozinha e parei ao seu lado, pelo menos assim a gente não teria de gritar nossos segredos para que o outro escutasse. A boca de Tate se abriu num sorriso duro, cínico; nada de bom poderia sair dali. Seus cabelos exalavam um aroma de toranja aliado a alguma outra essência leve e vaporosa que não parecia combinar com ela, mas que era boa mesmo assim.

— Você está fantasiada de quê? — perguntei esticando o braço para tocar uma das antenas.

— Ah, sei lá... sou uma louva-a-deus robótica. Uma marciana. Uma folha de papel alumínio. E você, está fantasiado de quê?

Soltei a cerveja e pressionei as mãos espalmadas sobre a bancada. Eu não sou eu — sou outra pessoa.

Sou uma pessoa normal, comum, filho biológico de uma família normal, com olhos castanhos e unhas que não ficam azuladas só porque as atendentes da cantina usaram bandejas de aço em vez das de alumínio para as batatas fritas.

Mas não disse nada. Os olhos de Tate estavam duros e misteriosos. Ela esticou o braço para pegar o fracasso de drinque que Danny preparara sem desviá-los do meu rosto.

Deixei meu queixo cair e baixei os olhos para o chão.

— Pare de me olhar desse jeito.

— De que jeito?

Como se eu fosse idiota e patético e você me odiasse?

Dei de ombros.

— Sei lá. Nada, não. — Levantei os olhos e lancei-lhe um olhar indefeso. — Só me diz uma coisa, o que você está fazendo aqui?

O aparelho de som tocava uma música rápida e bem popular — daquelas que todos conhecem — com aquele papo de que tudo vai se resolver, que você só precisa ser você mesmo e dar o melhor de si que tudo vai dar certo, e toda aquela lenga-lenga de sempre. Na sala ao lado, as garotas dançavam e cantavam, acompanhando a melodia.

— O que surpreende com relação a essa música — falou Tate num tom agressivamente alegre, como se ela não estivesse mudando por completo de assunto. — O que surpreende com relação a essa música é que ela não contém nenhuma ironia.

O olhar dela foi direto, transbordando uma tristeza tão pungente e cristalizada que pude ver a forma. Ela envolvia as pupilas com uma auréola de raios em tom de ferrugem. Tate, entretanto, sorria — um sorriso terrível, feroz. Dava a impressão de que queria rasgar a garganta de alguém.

Recostei-me na bancada, tentando pensar em algo para dizer e pôr um fim à discussão sem deixar que ela se arrastasse por horas a fio. Precisava de algo definitivo que resolvesse o problema de uma vez por todas. Tate terminou de beber o drinque de Danny num único gole, sorrindo para mim.

Eu não fazia ideia do que ela queria de fato. Sua irmã estava morta.

Fosse em um belo caixão na Welsh Street ou em algum outro lugar, não fazia diferença. A morte é irreversível. Um estado permanente. Ninguém podia fazer nada com relação a isso, mas, ainda assim, Tate parecia determinada a

revertê-la, como se com a resposta certa ela pudesse consertar tudo.

Seus olhos estavam duros. Grãos de purpurina desprendiam-se do arco, sujando os ombros da sua jaqueta.

— Você acredita em contos de fadas?

— Não.

— Nem mesmo nos contos bacanas, para adultos, em que você segue todas as regras, dá um duro danado até conseguir um bom trabalho e uma família e depois é feliz para sempre?

Bufei e fiz que não.

— Ótimo. Então, você devia ficar tão furioso quanto eu com o fato de que todo mundo por aqui adora um belo joguinho de Vamos Fingir.

— Olhe só, você está tirando a coisa de contexto por completo. Sinto muito pela sua irmã, sinto de verdade. Sei que é horrível. Só que, pelo amor de Deus, isso não é problema meu.

O sorriso de Tate pareceu congelar de súbito, e ela esbugalhou os olhos. Sua voz saiu estridente, desdenhosa e cruel.

— Ah, então vamos brincar de fingir, Mackie! Vamos pular para a parte em que você cria colhões e encara os fatos básicos e deixa de agir como se tudo fosse luz do sol e unicórnios! Vamos fingir que você começa a tratar a garota como se ela tivesse metade de um cérebro e conta para ela como, às vezes, pequenos monstrinhos horrorosos aparecem na cama onde sua irmã costumava dormir. Por que você não conversa com ela sobre isso?

Minhas bochechas queimaram, como se eu tivesse acabado de levar um tapa na cara.

— Por quê? — indaguei, e a pergunta soou alta demais, como um latido hostil. Baixei a voz para um sussurro. — Por que eu deveria fazer isso? O que é que eu ganho?

Ela ergueu os olhos para mim e balançou a cabeça, fazendo com que a purpurina voasse em todas as direções.

— Você realmente pensa que as pessoas são idiotas, não é mesmo?

Parei de respirar por um segundo. Em seguida, aproximei meu rosto do dela e falei no tom mais duro e cruel que consegui.

— Então, agora eu virei um especialista e tenho de saber por que a sua família é tão trágica? O que foi que eu fiz para você achar que isso é minha responsabilidade?

A risada de Tate foi curta e sarcástica.

— Acredite em mim, se eu tivesse opção, teria escolhido alguém com um pouco mais de coragem. Você é tudo o que tenho.

Virei a cerveja na pia, formando uma espuma branca, e me afastei da bancada. Precisava me afastar da cozinha e do sorriso duro e impiedoso de Tate.

Pensei no meu armário pela primeira vez desde o projeto artístico de Drew e Danny e, por um segundo, imaginei que talvez tivesse sido Tate quem escrevera Aberração na porta. No entanto, a ideia logo se desfez. O episódio acontecera no dia do enterro, o que a descartava como suspeita pelo simples motivo de que até então eu não a tinha irritado.

A sala estava cheia de gente, e o som ali era mais alto. Abri caminho pelo bando de super-heróis e bruxas seminuas, tentando encontrar um lugar

para onde pudesse fugir.

— Mackie! — Alice estava sentada no sofá, sorrindo e acenando para mim. — Mackie, vem cá. — Tudo a respeito dela era fácil, normal, uma ilha de esplendor, um alívio. Exatamente o que eu precisava.

Quando me sentei ao seu lado, ela se aproximou de mim, de modo que nossas pernas se tocaram. Alice cheirava a tequila e a alguma espécie de perfume poeirento que fez meus olhos lacrimejarem.

Ela estava vestida como uma gata, uma fantasia muito óbvia, pensei. Era mais fácil imaginá-la num uniforme de tênis de algodão, longe e perfeita. Ali, porém, não tinha como evitar as orelhas pontudas e os riscos pretos nas bochechas, imitando bigodes. Uma em cada três garotas estava fantasiada de gata.

— Ei. — Ela se aproximou ainda mais. Os cabelos se soltaram de um dos pregadores e roçavam meu braço em cachos embaraçados. — Vamos para algum lugar mais calmo.

Os lábios dela pareciam molhados e brilhantes. Em sua boca, o piercing continuava zumbindo para mim — uma musiquinha cruel e mal-intencionada. Imaginei se o Espinheiro Benéfico era forte o bastante para me proteger do aço. Se eu ainda quisesse mesmo o que eu achava que queria, ou seja, beijá-la, não seria um daqueles beijos puros e castos. Desejava que fosse como daquelas vezes em que a gente tem vontade de pular na água muito gelada mesmo sabendo que não será uma sensação agradável. Queria ficar anestesiado. Ver qual era a sensação de ser outra pessoa.

Alice se mexeu de modo que seu peito encostou em meu ombro.—

Quer se sentar em algum lugar?

— Estamos sentados. — Minhas mãos suavam.

Ela me lançou um olhar irritado e inclinou a cabeça de lado.

— Mas aposto que tem outros lugares onde poderíamos ter mais privacidade… lá em cima? Nos quartos ou algo parecido.

Eu não sabia o que responder. Sim e sim e não e sim.

Olhei de relance para a escada e quase parei de respirar.

No meio dela, havia duas garotas com os cotovelos apoiados no corrimão, conversando aos sussurros.

Uma era bonita, usava um vestido longo e bufante, complementado por uma coroa e uma varinha prateada com uma estrela na ponta. Ela parecia meiga, com as bochechas rosadas, o tipo de garota que ganha um beijo para acordar no fim de um conto de fadas, só que ela era baixinha. Muito baixinha. Se ela ficasse do meu lado não chegaria à altura do meu cotovelo. Além disso, tinha as maiores orelhas que eu já vira numa pessoa.

Ela estava em pé sobre a base lateral da escada, com os pés entre as barras verticais, segurando no corrimão. Conversava com a outra garota, que não era baixinha, nem rosada, nem fofa.

O rosto da segunda menina brilhava, tal como a pele de alguém depois de uma queimadura feia. Havia um talho em torno do pescoço dela. Sem sangue, apenas uma abertura com as pontas em carne viva. Seu sorriso era igual ao de uma louca, quase tão grande quanto o talho no pescoço.

Ela corria os olhos pela sala lotada e, ao me ver, sorriu para mim.

Virei para Alice.

— Vamos lá para fora.

Ela fez que não.

— Lá fora está frio.

Do outro lado da sala, a garota se afastou do corrimão e começou a descer a escada. Mesmo do sofá, senti o leve fedor de algo morto. Não era uma fantasia.

Agarrei Alice com mais força do que pretendia e a puxei para que se levantasse.

— Vamos lá para fora. Vamos dar uma caminhada.

No jardim dos fundos, as pessoas estavam reunidas em grupinhos sob a parte coberta, rindo, fumando e bebendo cerveja em copos plásticos. Tentei diminuir o ritmo da minha respiração, mas meu coração batia rápido e com força, chegando à garganta.

Ao meu lado, Alice lutava com a fantasia de gato.

— Meu Deus, esse rabo é um horror.

E era mesmo, mas não do jeito que ela estava falando. De repente, Alice estava bem na minha frente, na ponta dos pés.

Em sua boca, o piercing emitia vibrações para mim. A mão dela em meu braço estava quente. Seus lábios estavam a menos de sete centímetros de distância. Engoli em seco e tentei descobrir por que aquele não era o melhor momento da minha vida.

— Qual é o problema? — perguntou ela, liberando outra lufada de tequila e aço inoxidável. Colocou a mão na cintura. — Me diga, você é gay ou algo parecido?

Olhei para ela fixamente. Alice era bonita sob a luz da varanda e a uma boa distância. Fiz que não.

— Qual é o seu problema, então? Sério.

Ela nunca olhara para mim de verdade. Nunca me vira de fato. Ali estava ela, inventando alguma história complicada, quando, na verdade, Tate estava certa — a resposta sempre fora perigosamente óbvia para quem quisesse ver.

Tate, com o rosto a centímetros do meu, me observando, dizendo que o ser no caixão não era sua irmã, que alguma outra coisa tinha morrido na cama dela e que tudo o que queria era que alguém a escutasse.

Alice se aproximou ainda mais.

— Você está me escutando?

Não estava. Estava sob uma árvore encharcada pela chuva com uma garota cuja irmã era mais uma morte infeliz em nossa pequena cidade de merda e que tinha o bom-senso de ficar zangada em vez de sofrer. Essa era a única coisa na qual eu conseguia pensar, e Alice estava muito distante.

A porta de tela bateu atrás da gente e me virei, pronto para dar de cara com as duas garotas estranhas, mas era Tate. Ela estava parada nos degraus da escada dos fundos e nos observava com os cotovelos apoiados no corrimão, as estrelas de purpurina balançando para a frente e para trás.

A luz da cozinha brilhava atrás dela iluminando as pontas de seus cabelos, formando uma auréola em torno de sua cabeça, como um ser sobrenatural de néon com um arco de anteninhas. Eu não conseguia ver o rosto dela, porém sua sombra nos cobria de forma alternada. Eu. Alice. Eu.

Alice.

Permaneci onde estava e ergui os olhos, como se ela fosse uma garota numa sacada. Tate saiu da frente da luz e, por fim, pude ver seu rosto. Não sei o que ela esperava. Algo extraordinário, imagino. Ela exibia a mesma expressão de sempre. Nem um pouco impressionada.

— Roswell está procurando você. — A boca era uma linha fina, e ela me encarava fixamente.

Encontrei-o na sala de estar com um bando de garotas do conselho estudantil. Ele sorriu e acenou para que eu me aproximasse. Em seguida, virou-se de supetão para Stephanie, fazendo-a rir a cada vez que fingia mordê-la com suas presas.

Eu me espremi ao lado de Jenna Porter, que parecia entediada e meio bêbada. Ela vestia uma toga, com folhas presas nos cabelos, só que calçava sapatos normais. Eles eram de um vermelho vivo, com recortes de pequeninas flores sobre os dedos do pé, e não combinavam com a fantasia.

— Oi — cumprimentei.

Ela devolveu o cumprimento com um aceno de cabeça e sorriu. Próximo ao armário da entrada, as duas garotas estranhas sussurravam, cobrindo a boca com as mãos. Fingi não perceber nada, mas Jenna olhou de relance para elas e balançou a cabeça.

— Mal posso esperar para ir embora daqui — murmurou, tocando de leve uma cruz de aço pendurada no pescoço. — Assim que a gente se formar, vou me mudar para Nova York.

— O que tem em Nova York? — perguntei, erguendo as sobrancelhas.

Minha voz soou despreocupada, embora o olhar insistente das garotas tornasse difícil agir de maneira natural. De repente, eu não estava mais com ânimo de conversar.

Jenna deu de ombros.

— Chicago, então. Ou Boston ou Los Angeles, qualquer lugar. — Os olhos dela saíram de foco e ela sorriu, o que não me pareceu intencional. — Ah, que se dane… vou para Newark ou Detroit, só quero ir embora dessa cidade esquecida por Deus.

Ela não precisou dizer o que estava pensando de verdade — que queria se ver longe daquelas pessoas.

Abri a boca tentando pensar em algo genérico e reconfortante para dizer. Nesse momento, senti o cheiro de carne podre.

A garota com a garganta cortada vinha em minha direção. Ela abria caminho pela multidão, com a menininha rosada logo atrás. Meu pulso disparou.

Jenna soltou um guincho estridente, algo entre repulsa e medo.

— Essa é a fantasia mais horrenda que eu já vi. Sério. Você está fantasiada de quê?

A garota em decomposição não respondeu. Apenas se virou para Jenna com um sorriso enlouquecido, e Jenna recuou, parecendo feliz por se afastar dali. Fiquei sozinho com uma garota que parecia ter saído da cova.

— Você está nos evitando? — perguntou ela, aproximando-se. Seu hálito era frio e fedorento. — Achei que o espinheiro fosse melhorar sua disposição para uma conversa.

— Sai daqui — disse, num sussurro, olhando por cima do ombro dela, tentando não notar a forma como o rasgo na garganta se abria e fazia um ruído de alguém patinhando na lama quando falava.

Ela abriu ainda mais o sorriso. Seus dentes eram pontudos e amarelados.

— Qual é o problema? Está preocupado que a gente chame atenção? Que exponha seu pequeno segredo? Essa é a nossa temporada, querido… a época em que até os piores de nós podem andar pela cidade como qualquer outra pessoa.

— Você viu a chuva de meteoros orionídeos ontem à noite? — perguntou a garota rosada, me espiando por detrás da outra. — Os orionídeos estão caindo o tempo todo agora… corpos astrais desprendendo-se do corpo progenitor. Eles se originam no cometa Halley. Você os viu?

Fiz que não. As bochechas dela eram muito rosadas.

— O ápice vai ser na segunda-feira. Você ainda tem muito tempo para ver.

A outra garota se virou para ela.

— Fique quieta, sua boba. Ninguém liga para estrelas.

— Ele liga — retrucou a menina rosada. — Eu o vi na cozinha, olhando para elas. Estava mesmo com inveja delas. — Ela brandiu a varinha de brinquedo na frente da amiga e tentou dar um tapinha em meu braço. — Está tudo bem, não se preocupe. Nem todo mundo é tão indiferente à beleza quanto ela.

ontinuei a olhar para a frente, sentindo um gosto de carne estragada todas as vezes que inspirava.

— O que vocês querem?

A outra garota abriu ainda mais o sorriso.

— Você, é claro. Estávamos à sua caça.

— Isso mesmo — confirmou a menina rosada sorrindo, o que fez seus olhos se transformarem em pequenas luas crescentes. — Estamos caçando.

— Em seguida, ela jogou a cabeça para trás e riu como se isso fosse a coisa mais engraçada que já escutara.

A outra garota se inclinou para a frente e analisou meu rosto com olhos opacos.

— Sua irmã adotiva aceitou nossos serviços e agora ela nos deve um favor. Vá até a pilha de escória de metal e resolva logo isso. Se você se recusar, vamos encontrar Emma e cobrar a dívida arrancando a pele dela.

— Ah, não seja uma pessoa detestável — retrucou a baixinha, batendo na amiga com a varinha. Ela se virou para mim. — Malcolm, por favor, se você for amável e cooperativo, tudo vai dar certo.

Dizendo isso, elas se foram, e fiquei ali, no meio da sala decorada com motivos florais da casa de Stephanie Beecham, com um gosto na boca que me fazia lembrar um bicho morto no meio da estrada. Ela me chamara de Malcolm.

De repente, Drew estava do meu lado, exalando um cheiro de maconha aliado a um leve aroma de papel machê.

— Credo — disse ele, tirando a máscara de coelho. — O que foi isso?

Virei-me para ele.

— O que foi o quê?

— Aquelas garotas ainda agora. — Ele estreitou os olhos. — Parecia que vocês estavam tendo uma conversa bem intensa, só isso.

Dei de ombros e baixei os olhos.

— Acabei de conhecê-las. — O que, nós dois sabíamos, não era exatamente uma resposta, por mais verdadeira que fosse a declaração.

Ele ergueu as sobrancelhas de modo sugestivo.

— Desde que você não esteja planejando sair com nenhuma delas. A alta era horrorosa demais.

— Não há o menor perigo de isso acontecer — repliquei, esticando o braço para cutucar Roswell. — Ei, vamos embora?

Ele não pareceu surpreso — nunca parecia —, apenas beliscou de leve a bochecha de Stephanie e começou a se dirigir para a porta.

Sentamos no carro sem olhar para os lados e sem dizer nada. Meu coração batia de modo totalmente descompassado.

Roswell girou a chave na ignição.

— E aí, quer dar uma passadinha na casa do Mason?

— Não… — Minha voz soou estranha mesmo para mim, e tentei de novo. — Acho melhor ir para casa. Tenho um monte de coisas para fazer…

Roswell fez que sim e engatou a primeira. Seu perfil parecia mais sério e jovem do que o normal.

Não falei mais porque não consegui pensar em nada para dizer. Havia coisas demais na minha cabeça. Disse a mim mesmo que Emma estava em casa, trabalhando em seu projeto de botânica ou, quem sabe, enroscada na cama com um livro. Que ela estava segura. Tinha de estar, porque eu não

conseguia sequer pensar na possibilidade de que ela não estivesse.

Vá até a pilha de escória de metal, como se isso fosse uma espécie de convite. Só que a pilha era apenas um monte velho de entulhos. Um lugar abandonado, tomado pelo mato. Eu não encontraria nada se fosse lá.

Exceto que, se as garotas fossem tão sobrenaturais quanto pareciam ser, deveria haver algum segredo por lá. Algum tipo de entrada, porque, às vezes, os mortos se levantavam e passeavam pelas ruas desertas. Se você desse ouvidos aos rumores e aos murmúrios sombrios das histórias para dormir, algo vivia sob os refugos de cascalho e cal virgem. Eu não era nenhum especialista, mas a garota da festa estava morta. O cheiro que ela exalava era o fedor pútrido e pestilento de um corpo em decomposição, e nada podia continuar vivo com as veias e artérias abertas. O sorriso dela era aterrorizante, e eu sentia um medo secreto de que ela fosse apenas o começo do que eu encontraria indo lá.

No entanto, apenas uma coisa importava, pensei, enquanto olhava para fora da janela do carona a caminho de casa. Emma. Ela tentara me ajudar — e a garrafinha de extrato de espinheiro realmente tinha ajudado —, mas a que preço? Ao pensar nisso por esse ângulo, percebi que a resposta não importava. Eu não podia deixar nada acontecer com ela. Assim sendo, sabia o que precisava fazer.

10

Monstros

VIZINHANÇA ESTAVA QUIETA. Nenhuma criatura, nenhum morto-vivo. Nenhum ser escondido nas sombras.

Fui andando pela Concord até a Orchard Circle, pulei a mureta que delimitava a rua sem saída e desci a encosta em direção à ponte.

Era deprimente caminhar sozinho àquela hora da madrugada, e mais deprimente ainda descer pela ravina que separava meu bairro do centro da cidade sem saber o que eu iria encontrar. Assim que comecei a descida, senti um cheiro molhado e adocicado, como uma mistura de adubo e algo putrefato.

O guitarrista dos Rasputin Sings the Blues estava em pé na ponte.

Naquela escuridão, mal consegui ver a silhueta dele, cuja cartola a tornava absurdamente alta. Ele fumava um cigarro e, ao erguer a cabeça, a brasa brilhou com um vermelho vivo, violento.

Alcancei a ponte.

— Você está esperando por mim?

Ele fez que sim e apontou para o outro lado da ponte.

— Vamos dar uma caminhada.

Minha pele estava toda arrepiada.

— Quem é você… Qual é o seu nome?

— Pode me chamar de Luther se quiser.

— E se eu não quiser?

— Então me chame de qualquer outra coisa. — Após uma pausa

ligeiramente misteriosa, ele apontou mais uma vez para o outro lado da ravina e, em seguida, inclinou a cabeça em direção à pilha de escória de metal.

— Para onde estamos indo?

— Para o buraco, é claro.

O som da voz dele provocou um calafrio em minha nuca. Uma pessoa tinha de ser louca para descer até o covil dos mortos. Tinha de estar completamente fora de si. Eu sabia que deveria dizer a ele que nada feito, em seguida me virar e ir embora.

Só que isso não ajudaria em nada. Eu poderia lançar mão de toda espécie de argumentos para me virar, subir a trilha, voltar para casa e trancar a porta. No entanto, quando se tratava de Emma, ninguém poderia duvidar da minha lealdade. Eu faria qualquer coisa por ela.

Segui Luther pela ponte e por uma trilha que serpenteava até o fundo da ravina, onde a negra pilha de escória de metal se acumulava de forma irregular. À medida que descíamos, a ravina parecia ficar mais alta, enorme contra o céu noturno.

Luther sorriu e tocou a aba do chapéu.

— Lar, doce lar.

— Então, vocês vivem em meio à escória?

Ele flexionou os ombros de um jeito que pareceu um quase dar de ombros.

— Bom, para ser mais preciso, debaixo dela.

Luther enfiou a mão no casaco e puxou uma faca. A lâmina era

comprida e amarelada, feita de marfim ou de osso. Dei um passo para trás.

Ele riu.

— Não seja ridículo. Não vou atacar você.

Em seguida, espetou a faca até o punho na base da colina.

Assim que a lâmina penetrou a escória, por um segundo, nada aconteceu. E, então, uma camada de cascalho deslizou para o lado, revelando uma porta estreita.

Luther enfiou a faca de volta no bolso e abriu a porta fazendo sinal para que eu passasse. A entrada era escura e cheirava a mofo. A abertura era baixa e o ar, molhado e frio, porém, quando ele me apressou a entrar, não hesitei.

Entrei no túnel baixo e Luther me seguiu. Ao olhar para trás enquanto prosseguia, tudo o que consegui ver foi o preto desbotado do casaco dele.

A gente seguia devagar, e eu mantive uma das mãos na parede. Ela era áspera, incrustada de fragmentos soltos, embora não parecesse haver perigo de o túnel desmoronar. O caminho estendia-se em declive constante, e fui ficando cada vez mais consciente de que estávamos penetrando fundo o subterrâneo. Mais fundo do que as adegas e os porões e a tubulação de água que corria numa malha complexa abaixo das ruas. O peso da terra acima da gente era quase sufocante, porém reconfortante ao mesmo tempo. Eu me sentia cercado, como se estivesse sendo preso no lugar.

À medida que prosseguíamos, o túnel foi se alargando, e o ar se tornou mais úmido e frio. Bem lá embaixo, havia uma luz acesa.

Ao alcançarmos o fim do túnel, Luther parou, ajeitou o colarinho da camisa e arrumou as lapelas. A luz vinha de uma fenda estreita entre duas

portas maciças. Ele pousou as mãos sobre as duas maçanetas idênticas e abriu as portas.

Em seguida, tirou o chapéu e se curvou.

— Bem-vindo à Casa do Caos.

Eu estava numa espécie de saguão, com piso de pedra e teto alto. Fileiras de tochas estendiam-se pelas paredes, produzindo uma fumaça preta e com cheiro de querosene. Elas não combinavam entre si; algumas eram feitas de galhos, outras de tacos de beisebol, e havia uma que parecia ser feita com o cabo de uma pá ou de um machado. Ao longo das paredes, havia outras portas, mais baixas e estreitas do que a que tínhamos acabado de atravessar. O aposento contava também com duas grandes lareiras em lados opostos, porém nenhuma das duas estava acesa.

Em volta de uma delas, um grupo de garotas nos observava. Todas usavam vestidos compridos e sujos, e corpetes duros sobre eles que se fechavam com uma fita amarrada nas costas. O cheiro que emanava delas era pior do que o da garota da festa. Ele me fez pensar numa sala de necrotério.

No fundo do saguão, havia uma grande mesa de madeira, como as usadas pelos bibliotecários e recepcionistas, mas a cadeira estava vazia.

Quando Luther colocou a mão entre as minhas omoplatas, o peso inesperado me fez dar um pulo.

— Vamos lá — disse ele baixinho. — Não tenha receio. Ela só quer conversar com você.

Ele me empurrou em direção à mesa e ambos nos curvamos por cima dela para dar uma espiada atrás.

Uma menininha estava encolhida no chão. Ela usava um vestido de festa branco que parecia ter sido feito de gaze cirúrgica e ter se incendiado em algum momento. Estava sentada com as pernas dobradas e os joelhos junto ao peito, usando um galho queimado para desenhar no piso de pedra. Todos os desenhos pareciam olhos e bocas gigantes cheias de dentes.

Luther apoiou-se na mesa e tocou um pequeno sino de latão.

— Aqui está o seu garoto.

A garotinha se virou e ergueu os olhos para mim. Quando ela sorriu, dei um passo para trás. O rosto era jovem e tímido, porém a boca era repleta de dentes pequenos e pontiagudos. Não os belos e respeitáveis trinta e dois dentes, mas algo em torno de cinquenta ou sessenta.

— Ah, querido — disse ela, largando o galho e oferecendo a mão suja.

— Eu devia ter sido mais cuidadosa. — Sua voz era suave, mas os dentes acavalados a faziam sibilar. — Você me acha feia.

Na verdade, sim. Ela era feia, talvez até horripilante, mas tinha olhos grandes. Ela se tornaria assustadora se crescesse mais um pouco; contudo, por enquanto, ainda era fofa, como pode ser um filhote de peru ou de gambá.

A menina deu um tapinha na cadeira pesada de espaldar alto ao lado dela.

— Venha cá, sente-se e converse comigo. Me conte sobre você.

Não me sentei logo de cara. Era difícil saber o que pensar dela. Ela era diferente de Luther e das garotas da festa de Stephanie. Os dentes pontiagudos e o tamanho diminuto a tornavam mais inconcebível, mais inacreditável do que o restante deles.

Ela voltou a desenhar no chão assim que me sentei na beirada da cadeira.

— Estava curiosa sobre você — disse, criando outra boca preta com o galho. — Ficamos muito felizes por você ter sobrevivido à infância. Em geral, os excluídos não sobrevivem.

Fiz que sim com os olhos fixos no topo da cabeça dela.

— Quem é você?

Ela se levantou e se aproximou, analisando fixamente o meu rosto. Seus olhos eram de um preto fosco, como as penas de um pássaro morto.

— Sou a Morrigan, a Rainha Fantasma.

A palavra soava estranha, como se fosse de outra língua.

— Fico feliz que você tenha encontrado disposição para vir nos visitar — murmurou ela, esticando o braço para tocar meu queixo. — Entenda, é maravilhoso o fato de você precisar da gente, porque precisamos de você, e os acordos de negócios são muito mais satisfatórios quando são recíprocos.

— O que você quer dizer com "precisar da gente"? Eu não preciso de nada.

— Ah, meu querido — retrucou ela, sorrindo e tomando a minha mão. — Não seja tolo. É claro que você precisa da gente. Está ficando muito fraco, e só vai piorar. Você me ajuda e, como recompensa, eu me certificarei de que receba um estoque de todos os remédios e estimulantes de que precisa. Assim você não terá de viver o restante dos seus dias em lenta agonia.

Observei-a, tentando descobrir a razão para eu estar lá.

— O que você quer? — perguntei com mais nervosismo do que gostaria de deixar transparecer.

— Não fique com essa cara de preocupado. Não vou pedir que faça nada que o seu coração não deseje. — Ela se virou e se ajoelhou de novo no chão, puxando tufos de cabelos. — Embora a música dificilmente seja a forma mais poderosa de adoração, ela é boa e adequada. Estamos sempre querendo sangue novo em nosso palco.

— O que isso tem a ver comigo? Eu sou apenas... um joão-ninguém.

— Você tem um belo rosto — replicou ela, cruzando as pernas e brincando com o vestido. — E um corpo sem defeitos. Seu todo o torna absurdamente útil para mim. Se você concordar, irei mandá-lo para o palco com o restante dos meus músicos, para que se exiba diante da cidade e receba a admiração de todos. — Cada vez que ela puxava uma mecha de cabelos, colocava-a com cuidado ao lado dos desenhos, como se estivesse iniciando uma coleção.

— Você está falando dos Rasputin? Quando?

— Amanhã, no local de sempre, a Starlight.

— Mas eu acabei de assisti-los. Eles tocaram ontem à noite.

— Estamos numa época ruim — declarou ela. — Não me diga que não viu os sinais.

Lembrei-me das grades e dobradiças enferrujadas da Starlight e fiz que sim.

— A cidade está se afastando da gente. A chuva destrói o ânimo das pessoas, e a atenção delas acaba sendo prejudicada. Precisamos de toda a

adulação que pudermos conseguir. Se essa temporada for ruim demais, vou mandá-los tocar todas as noites até que os piores dias tenham passado.

— Mas o que você quer que eu faça?

A Morrigan sorriu.

— Agora chegamos ao ponto. Sua irmã tem andado ocupada, como tenho certeza de que você sabe. Ela nos procurou para interceder a seu favor, pedindo remédios e curas, o que teremos todo o prazer em providenciar. É bem fácil preparar os remédios de que você precisa. Tudo o que pedimos em troca é que nos ajude em nosso empenho para obter aplausos.

Não perguntei por que eles precisavam de aplausos nem como ela sabia que eu tocava um instrumento. Em vez disso, o que saiu de minha boca foi algo completamente idiota.

— Por que é importante deixar as pessoas felizes?

A Morrigan arrancou outro tufo de cabelos.

— Elas nos amam com mais facilidade quando estão felizes.

Eu começava a sentir que estávamos andando em círculos.

— Como assim, nos amar? Como elas podem amar vocês? Elas nem acreditam que vocês existem.

— As pessoas precisam nos amar porque, caso contrário, vão nos temer e nos odiar, e, então, a existência de todos nós entrará num longo declínio. Elas irão nos caçar… já fizeram isso antes. Se não mantivermos a paz, elas vão nos matar.

Eu sabia que isso era verdade. Todas as minhas preocupações diárias e tudo o que definia a minha existência — tudo se resumia ao que fora feito

com Kellan Caury.

A Morrigan franziu o cenho, o que a fez parecer aterrorizante.

— As pessoas podem ser muito perigosas quando cismam com alguma coisa; portanto, é imperativo mantê-las aplacadas. A admiração delas nos sustenta, e nossa música as faz sorrir, mesmo que não percebam que estão sorrindo para nós.

— Vocês sobrevivem da adulação dos fãs?

Ela deu de ombros e desenhou um bicho grande e cheio de corcovas no chão.

— Sobrevivemos da atenção e de pequenos favores. — Acrescentou um par de olhos e dois riscos no lugar das pupilas. — Essa não é a única forma de homenagem, mas é boa o bastante.

— Se não é a única forma, quais são as outras?

— Tenho uma irmã que acredita em algo diferente — respondeu a Morrigan com suavidade, embora mantivesse os olhos fixos num ponto distante e a voz soasse fina e estridente. — Mas ela é uma vaca cruel.

— Isso não é uma coisa muito legal de se dizer de uma irmã.

— Bom, não é nada legal sequestrar criancinhas. Isso deixa a cidade perturbada. — Ela soltou o galho e engatinhou até um dos cantos da mesa, de onde deu uma espiada nas portas principais. — Além de nos obrigar a abrir mão de nossos preciosos bebês para que substituam as crianças sequestradas.

As duas garotas da festa de Stephanie tinham acabado de chegar pelo túnel comprido que levava até a pilha de escória de metal. A que tinha a

garganta cortada encostou-se no umbral, enquanto a pequena princesa rosada saltitava em volta dela, brandindo a varinha de condão.

A Morrigan levantou-se e apontou para a morta-viva.

— A família sabia o que ela era. Eles a levaram uma noite até o vale perto da Heath Road e cortaram a garganta dela com uma foice.

Tentei respirar, mas, por um segundo, meus pulmões não cooperaram. A garota era horrível, mas a história era pior.

A Morrigan apenas meneou a cabeça em assentimento e deu um tapinha na minha mão.

— Terrível, não é mesmo? Ela era muito jovem. Na verdade, apenas um bebê.

A garota continuava ao lado das portas duplas, alta e dilacerada. Ela corria os dedos pela garganta aberta, brincando com as beiradas do corte. Ao perceber que eu estava olhando, sorriu.

Desviei os olhos e me voltei para a Morrigan.

— Como ela pode ter morrido ainda bebê? Quero dizer, ela não é mais uma criança… ela cresceu.

A Morrigan fez que sim.

— E por que não deveria ter crescido?

— Porque, quando as pessoas morrem, isso não acontece… elas não ficam mais velhas.

Ela descartou meu comentário com um balançar da mão, fazendo que não.

— Isso é ridículo. Como eu conseguiria administrar uma casa decente

se tivesse que passar todo o tempo tomando conta de crianças que não aprenderam a cuidar de si próprias? — A Morrigan sorriu, parecendo satisfeita consigo mesma. — Os mortos me escutam. Não é difícil ressuscitá-los se você tiver as lembrancinhas e os amuletos certos e souber os nomes pelos quais deverá chamá-los.

— Não sei, não. Acho que a maioria das pessoas diria que esse é um truque bem complicado.

Ela ergueu os olhos para mim, balançando a cabeça com determinação.

— Na maioria das vezes, as pessoas simplesmente não querem fazer isso.

— Pessoas como a sua irmã?

Ela agarrou o galho e o bateu com força no chão.

— Minha irmã vive de sangue e sacrifício. Ela não dá a mínima para os que já estão mortos. O fato, porém, é que ela tem a vantagem única de ter nascido sem coração.

— Você acha cruel deixar que os mortos permaneçam mortos?

— Não — respondeu a Morrigan. — É cruel usar crianças de forma tão impiedosa e jogá-las fora simplesmente porque ela prefere ter outra coisa. Mas, olhe para mim, vamos continuar. Você veio aqui em busca do estimulante de espinheiro, e pretendo lhe dar um frasco.

Ela deu a volta na mesa, pegou minha mão e eu a segui.

A Morrigan me conduziu por uma porta estreita, e descemos um curto lance de escada. O ar cheirava a umidade e a minerais, mas era um ar agradável, que eu queria continuar respirando. Continuei seguindo-a por

portas e túneis, admirado com o tamanho da Casa do Caos.

Viramos num corredor largo e entramos numa sala enorme, muito maior do que o saguão. O chão era coberto por poças-d'água, tantas que não havia como evitá-las.

A Morrigan chapinhou alegremente, pulando nas poças menores e chutando a superfície, lançando respingos-d'água para todos os lados. Continuei seguindo com mais cuidado, tentando contornar as poças sempre que possível.

— Tome cuidado com as poças — disse ela, puxando-me para trás da beirada de uma enorme. — Algumas são bem fundas, e eu teria que chamar Luther para pescar você.

Olhei com mais atenção para a que eu quase tinha pisado. As beiradas eram íngremes, escavadas na rocha, e a poça era tão profunda que não consegui ver o fim.

Nos fundos da sala, contornamos uma que era ainda maior do que as outras. Uma mulher estava deitada de costas, boiando na água. Os braços estavam cruzados sobre o peito e imobilizados com tiras de lona, mas, mesmo assim, ela continuava flutuando. O vestido grudara nas pernas e afundava, de modo que as bordas desapareciam sob a água turva. Ela estava com os olhos abertos e fixos no teto, como quem olha sem ver, e seus cabelos formavam um leque em torno da cabeça, entremeados com folhas e galhos. Havia cicatrizes fundas em suas bochechas, que se cruzavam e se sobrepunham, como se alguém tivesse entalhado uma tela no rosto dela.

A Morrigan lançou-lhe apenas um breve olhar, mas eu parei e me

inclinei para ver melhor.

— Ela está morta também?

A Morrigan voltou correndo e parou do meu lado.

— Ela? Não, de jeito nenhum.

— O que aconteceu então?

A Morrigan inspirou fundo, como se tentasse encontrar a melhor forma de explicar algo, e falou com cuidado:

— Alguns podem sair e outros não; alguns só podem sair nas noites em que a esquisitice é vista como brincadeira; e outros costumavam sair, mas, devido a um infortúnio ou acidente qualquer, não podem mais. — Ela enganchou o braço no meu e sussurrou: — O marido da minha irmã fez isso com ela… o Carrasco. Ele encostou barras de ferro no rosto dela por diversão, e agora temos de amarrar-lhe os braços para impedi-la de arrancar a própria pele com as unhas.

Na poça a meus pés, a mulher abriu a boca, mas não emitiu nenhum som. Seus lábios estavam arroxeados, e ela me encarou com olhos esbugalhados e agonizantes até que tive de desviar os meus.

Virei-me para a Morrigan.

— Mas por quê? Qual é a vantagem de machucar alguém dessa forma?

— Vantagem nenhuma. Isso nunca é uma questão de vantagem. Minha irmã, porém, adora punir os inocentes por nossas transgressões. Ela estava irritada comigo; portanto, descontou em outra pessoa. — A Morrigan pegou minha mão. A dela era pequena e quente. — Não foi minha intenção deixá-lo triste. Mas não vamos perder tempo com tristezas. Venha comigo, vou

pegar algo bacana para você levar.

Quando olhei por cima do ombro, a mulher ainda flutuava com os olhos perdidos no teto, enquanto a água batia suave em seu rosto dilacerado.

A Morrigan ergueu os olhos para mim.

— Nem sempre é assim tão ruim — declarou ela. — Minha irmã só abusa da crueldade com aqueles que cruzam o caminho dela. Ela quer se certificar de que sabemos qual é o nosso lugar e a quem devemos obediência. Contudo, se você ficar longe dela, não haverá o que temer.

Passamos por outra porta nos fundos da sala, descemos mais um lance de escada, atravessamos outro corredor e entramos num pequeno aposento.

Fiquei parado na porta, observando-o cheio de armários de vidro. Uma bancada de mármore estendia-se por todo o comprimento da parede, com prateleiras e armários em cima. Tubos, pipetas e recipientes de vidro de diferentes tamanhos cobriam a bancada.

A amiga de Emma, Janice, estava sentada sobre uma almofada em frente à bancada, separando uma pilha de gravetos, raízes e folhas. Quase não a reconheci. Em vez dos cachos selvagens e desordenados, seus cabelos tinham sido puxados do rosto e presos com um nó no alto da cabeça, da mesma forma como Emma costumava fazer antes de se deitar. Os cabelos presos daquele jeito faziam minha irmã parecer suave e delicada, mas, no caso de Janice, o efeito era oposto. Ele expunha o rosto dela por completo, deixando à mostra as maçãs salientes e o maxilar delicado.

Ela era inacreditavelmente linda, só que de um jeito que jamais funcionaria no mundo real. Um tipo de beleza tão estranha que as pessoas

não conseguiriam aceitar e, portanto, precisariam destruir.

Janice estava com uma das pernas dobrada para trás num ângulo estranho, passando o pé descalço por uma área inundada onde a água brotava da pedra formando bolhas.

— Olá, garoto feioso que não é feio — cumprimentou ela sem erguer os olhos. — Você está aqui por causa dos meus tônicos e estimulantes?

A Morrigan atravessou as poças aos pulinhos e passou os braços em volta do pescoço dela.

— Ele quer outra dose do extrato de espinheiro, por favor. Mas, para começar, só um pouquinho. Se ele nos deixar orgulhosos amanhã, a gente decide se dá uma quantidade maior da próxima vez.

Janice se levantou e foi até a fileira de armários. Usava uma espécie de macaquinho abotoado na frente, com renda em torno do pescoço e das cavas do braço. Parecia algum tipo de roupa íntima fora de moda. Ela abriu um dos armários com porta de vidro e começou a examinar os frascos.

Ao encontrar o que queria, levou-o de volta até a bancada. Com extrema concentração, lambeu um rótulo de papel, passando a língua com cuidado por toda a extensão, e o grudou no frasco. Tirando uma caneta do nó dos cabelos, marcou o rótulo com o que me pareceu um número 3 grande. Em seguida, virou-se e olhou para mim.

— Uma dose — disse entregando-me o frasco. — Não é muito, mas deve ser o suficiente para mantê-lo bem até você fazer por merecer mais.

Atrás dela, a Morrigan se aproximou da bancada, disfarçando e esticando o braço para pegar a pilha de pedaços de plantas.

Janice se virou rapidamente na almofada e deu um tapa nas costas da mão da Morrigan.

— Menina má!

A Morrigan deu um pulo para trás, com uma expressão de culpa e arrependimento. Janice passou os olhos pelas folhas e caules até encontrar uma pequena flor amarela, a qual enfiou atrás da orelha da Morrigan.

A pequena rainha acariciou a flor de leve, sorrindo e curvando a cabeça em agradecimento.

— Nossa Janice é muito gentil. Ela não é gentil?

Levantei a pequena garrafinha.

— É por isso que as garotas mortas e o pessoal da banda parecem bem?

A Morrigan fez que não. Girou a cabeça de modo que pressionasse o lado do rosto contra o meu braço. Sua bochecha estava quente.

— Vocês são de espécies completamente diferentes. Todos têm sua própria maneira de sobreviver. As garotas-cadáver são bem fortes, só podem ser destruídas de verdade por desmembramento ou fogo. Já meus músicos só precisam de adulação para desabrochar, e minha irmã vive do sangue conseguido com o sacrifício de pobres criaturas, como Malcolm Doyle.

Olhei para ela fixamente.

— Você está falando de mim?

Ela fez que não.

— Não, não. Malcolm Doyle era um garotinho que foi tirado da própria cama para satisfazer o apetite insaciável de minha irmã. Você é outra pessoa.

Verdade, mas ainda assim era estranho ouvir alguém dizer isso. Não sou

Malcolm Doyle. Sou outra pessoa.

— E ele foi machucado.

— Ela cortou a garganta dele — respondeu a Morrigan. — Foi bem rápido. Suponho que tenha sido indolor, mas não posso afirmar com certeza. Sim — acrescentou ela após um minuto, enrolando uma mecha de cabelos em torno do pulso para, em seguida, desenrolá-la de novo. — Pensando bem, imagino que isso machuque, sim.

— Então, quando você fala de se alimentar da cidade, está falando de assassinato.

— Ah, não, não. Assassinato não… sacrifício. E o custo é pequeno. Mal dá para chamar de "sacrifício", visto que só acontece a cada sete anos e faz com que a cidade se fortaleça por mais outros tantos anos. E, quando a cidade está bem, nós também ficamos.

Lembrei-me de como eu havia me sentido mal no dia da doação de sangue por causa do cheiro do ferro.

— Vocês bebem o sangue?

A Morrigan fez que não de novo.

— Os métodos da Dama são particulares e não têm quase nada a ver com a Casa do Caos. Nós só temos de ir até o pátio da igreja para testemunhar o sacrifício.

— Do que você está falando? Vocês não podem pisar no pátio da igreja.

— Não seja burro. Tem um espaço lá destinado para a gente… você sabe, para os hereges e os impuros.

— Para os suicidas, os natimortos e os assassinos. Não para gente como

vocês.

A Morrigan sorriu para mim e apertou minha mão.

— Aquele solo é para a gente. A cada sete anos, vamos até a área não consagrada e testemunhamos o derramamento de sangue.

Olhei fixamente para ela.

— Mas isso significa que o sangue nem sequer é usado, ele é apenas derramado.

— A intenção é uma das forças mais poderosas que existe. A sua intenção ao fazer qualquer coisa irá sempre determinar o resultado. A lei molda o mundo.

— Mas vocês não podem se fortalecer com o sangue derramado no chão só porque pensam que podem. O mundo é apenas... o mundo.

A Morrigan balançou a cabeça, sorrindo.

— Todas as grandes ações são determinadas pela intenção. O que você tem intenção de conseguir é o que você consegue. Na Casa do Caos, conseguimos o que precisamos quando as pessoas nos amam. É por isso que precisamos de criaturas adoráveis como você... há muito poder na beleza, você sabe.

Pensei em Alice, em como ela vivia no topo da escada social pelo simples fato de que a simetria perfeita de seu rosto fazia as pessoas quererem acatar qualquer coisa que ela dissesse.

A Morrigan abraçava o próprio corpo, balançando-se para a frente e para trás. De repente, apoiou-se em mim e descansou o rosto em meu braço.

— Nós amamos a cidade da melhor forma que conseguimos, e os

cidadãos retribuem esse amor, embora nem sempre saibam o que estão fazendo. Só que isso não é o suficiente para minha irmã. Ela precisa do sacrifício.

A Morrigan brincou com a flor atrás da orelha e disse numa voz baixa e monótona.

— Ela rouba os belos bebezinhos e, em troca, deixa um dos nossos, algum bebê doente. São esses os que morrem, é claro... quase sempre. É praticamente impossível viver fora da colina. Pois, então, entenda: nós sacrificamos um dos nossos também. Só que abrir mão dos bebês doentes é um preço pequeno, já que eles iriam morrer de qualquer jeito. Exceto...

— Exceto o quê?

A mão dela era pequena e quente ao pegar a minha. Ela se virou e sorriu para mim, deixando à mostra os dentes pontiagudos.

— Exceto que você não morreu. Isso não é maravilhoso?

Não respondi. Eu estava absorto demais em minhas próprias lembranças inquietantes, pensando na figura sombria entrando e saindo do quarto, na tela da janela. No que significava ser deixado em algum lugar e jamais ser encontrado.

A Morrigan entrelaçou os dedos nos meus, apertando com força. Olhei para ela e vi uma menina pequena e feia, sorrindo como se soubesse de algo absurdamente desolador. Como se me conhecesse. Seus olhos eram enormes e escuros, e sorri de volta porque ela estava com uma expressão de dar pena, parada ali. Ela parecia tão triste.

— Prometa — disse ela, enganchando o dedo indicador no meu e me

puxando em direção à porta. — Prometa que você vai trabalhar para mim e tocar de forma gloriosa e, como recompensa, vou me certificar de que você jamais precise de nada. Prometa que vai se manter em segurança, longe das garras da minha irmã, e nós prometemos parar de incomodar a sua.

— Prometo — respondi, porque Emma era a pessoa mais importante da minha vida e porque era bom conseguir respirar normalmente. — Prometo.

11

Amor humano

QUANDO DEIXEI A PILHA de escória de metal, o ar estava frio e úmido, não só porque estávamos no outono, como também por causa da chuva que não parava de cair.

Subi a encosta da ravina e cruzei a ponte. Continuei pela Orchard Circle, a caminho de casa. Na Concord Street, as luzes dos postes brilhavam numa fileira que se estendia por todo o quarteirão.

Uma vez em casa, parei no alto da escada e me apoiei no corrimão, certificando-me de que estava recomposto antes de prosseguir pelo corredor até o quarto de Emma. Apenas entreabri a porta e pressionei a boca contra a fenda, a fim de a sussurrar sem deixar muita luz entrar no aposento.

— Emma?

Escutei um suspiro e um farfalhar de cobertores.

— Que foi?

Senti uma onda de alívio, e meu peito relaxou. Entrei no quarto e fechei a porta. Apenas um fio de luz entrava por debaixo da porta. Deitei no carpete ao lado da cama e olhei para as sombras no teto. Emma não disse nada; eu sabia que ela estava esperando eu falar primeiro.

— Conheci umas pessoas essa noite.

Acima de mim, ela se virou, mas ainda sem dizer nada. Em seguida, Emma inspirou fundo.

— Que tipo de pessoas?

Do tipo que já estão mortas. Do tipo que ainda caminham entre os vivos.

Do tipo que exalam um fedor horroroso, pútrido, de dentro para fora. Pessoas cheias de dentes e de sorrisos, imundas devido à sujeira e à poeira das minas abandonadas. No entanto, essa não era toda a verdade. Eles eram mais do que isso. Eram Carlina e Luther, estrelas no palco, e a Morrigan, com a mão sobre meu braço como se me conhecesse, como se tivesse me conhecido a vida inteira. E não a Janice que aparecia depois da aula para fazer o dever de botânica, ossuda, com uma aparência esquisita, mas sim a Janice que vivia na Casa do Caos e era linda. E também a menina que gostava de estrelas e era alegre, rosada e, de certa forma, fofinha.

— Por que a Janice é sua parceira de laboratório?

Emma respondeu com uma voz tensa, controlada.

— Bom, porque trabalhos em grupo quase sempre envolvem um grupo.

— Você está mentindo para mim, não está?

Emma ficou quieta por um longo tempo e, ao responder, deu a impressão de estar na defensiva.

— Eu a vi roçar o braço numa mesa de aço. Ela o puxou rapidamente e olhou em volta para ver se alguém havia reparado. Achei que ela poderia ser… como você. Aí, perguntei se ela queria ser minha parceira.

— Você pegou uma coisa com eles — falei, pressionando as mãos espalmadas no chão.

— Para ajudar você — sussurrou ela. — Apenas para ajudar você.

— Isso não é de graça, Emma. Acho que eles querem algum tipo de pagamento.

— Então a gente paga — replicou ela, e fechei os olhos ao escutar a

determinação de sua voz. — A gente faz o que for preciso.

— E se não for assim tão simples? E se eles quiserem algo estranho ou impossível ou... ruim?

Nenhum de nós dois disse nada depois disso. Às vezes, as coisas são tão grandes e complicadas que não dá nem para conversar sobre elas.

— Eles fazem sacrifícios de sangue — comentei. — Iguais aos que a gente lê nos livros. Quero dizer, isso parece loucura, algo que alguém inventou. Só que é verdade.

Emma não respondeu de imediato. Quando decidiu falar, a voz dela soou extraordinariamente calma.

— Talvez isso não seja tão surpreendente. Muitas culturas possuem um histórico de sacrifícios humanos.

— Isso é surpreendente porque é insano. Não estamos na Idade da Pedra. Não saímos por aí sacrificando pessoas para os deuses.

Ela riu uma risada estridente e ofegante, quase como um soluço.

— A gente faz isso, sim. Aceitamos como natural o fato de que, de vez em quando, perdemos um filho. Às vezes, os outros são afetados pela recessão. A taxa de desemprego dispara, suas fábricas vão à falência e as fazendas de laticínios se dão mal, mas não as nossas. Nunca as nossas, porque, se você alimentar o solo, ele o alimenta de volta. Você ganha comida, prosperidade e paz, não há desastres de grandes proporções nem pragas, nada de mal acontece.

— Exceto que, a cada sete anos, alguém mata uma de nossas crianças.

— Você precisa entender: isso não foi sempre considerado ruim.

— Então algumas crianças são mortas, mas isso é legal?

Por um segundo, Emma ficou tão quieta que tive a impressão de que ela estava prendendo a respiração. Ao responder, ela continuou quase imóvel.

— Acho que é mais complicado do que isso. Nem sempre os sacrifícios eram feitos com crianças. Algumas tribos germânicas acreditavam que se entregar ao sacrifício era uma espécie de magia. Como uma transformação. Um dos antigos textos druídicos, citado no Bevelry, fala sobre entrar numa caverna para ser comido por uma deusa e depois sair como o maior poeta de todos os tempos. As pessoas entravam no escuro e saíam renascidas.

Fechei os olhos com força até ver estrelas.

— Como alguém pode ser comido e depois virar poeta?

— Não seja tão literal. Isso é uma metáfora, e você sabe. — Emma rolou na cama e sua voz soou mais distante, como se ela estivesse falando para a parede. — Os rituais de prosperidade funcionam na base da troca. O custo é uma forma de mostrar que sua intenção é séria, que você dará alguma coisa para obter o favor.

Fiz que sim, embora isso fosse mais complicado do que uma troca direta. Ela não estava falando apenas do custo para alimentar a Dama ou de virar a cara enquanto as crianças desapareciam de suas camas. Eu vinha de algum lugar. Eu poderia estar levando uma vida feia num mundo de túneis e águas escuras e turvas, um mundo de garotas mortas, com uma pequena princesa tatuada cuidando de todos. E pertenceria de fato àquele lugar. Em vez disso, eu era apenas um estranho numa casa estranha, com muitas luzes acesas. Isso também era um custo.

— Tem sido difícil para você — continuou ela, por fim. — O tempo todo. Como você acha que eu me sinto ao ver que para você tudo ou é venenoso ou machuca, sabendo que não há nada que eu possa fazer? E sendo obrigada a guardar isso em segredo. Todo mundo sempre pergunta como a gente pode ser tão diferente um do outro. Todos querem saber como você se tornou o delicado, como se fosse minha culpa o fato de meu irmão ser mais bonito do que eu. — Sua voz estava mais estridente e suave do que o normal. — Todos esperam que as garotas sejam bonitas.

— Você é bonita — repliquei e percebi que, se eu podia dizer isso, então era verdade.

Na cama, Emma riu como se eu tivesse acabado de dizer que queria ser uma torradeira ou uma girafa quando crescesse. Levantei e acendi a luminária da escrivaninha.

Ela apertou os olhos e depois piscou devido à súbita claridade.

— Que foi? Qual o problema?

Sentei na beirada da cama, tentando imaginar como as outras pessoas a viam.

— Pare com isso. O que você está fazendo? — perguntou Emma.

— Estou olhando para você.

O rosto dela era suave, mais largo e mais chato do que o meu. Os cabelos eram lisos e castanhos, um pouco abaixo dos ombros, com as pontas camufladas pelo pijama de margaridinhas. Emma agora estava sentada, segurando as cobertas com as duas mãos. Suas bochechas estavam afogueadas e brilhantes.

À nossa volta, as prateleiras de livros chegavam quase ao teto. Havia livros sobre química, física e jardinagem, é claro, mas também sobre mitologia e história, todos os tipos de folclores e contos de fadas. Ela lia periódicos acadêmicos e comprava livros pela Internet. Estocava críticas literárias e ensaios. Seu quarto era uma biblioteca particular de respostas, numa tentativa de me ajudar, me salvar, me compreender. Esse era apenas mais um dos aspectos que a tornavam bonita.

Emma olhava para algum ponto acima da minha cabeça.

— Eles trocam seus bebês doentes por outros saudáveis.

Fiz que sim.

Ela abraçou o próprio corpo, ainda sem olhar para mim.

— Às vezes, se a nova mãe o amar e cuidar dele com carinho, o bebê doente pode ficar bom. Ele deixa de ser feio e cresce forte e saudável, normal. De vez em quando, se a mãe o amar o suficiente, ele se torna bonito.

Eu conhecia essa parte também, só que a forma como Emma dissera isso era muito triste, como se ela estivesse tentando me contar alguma outra coisa. Ela estava com os olhos perdidos no espaço. Talvez pensando, bem lá no fundo da mente, que, se a nossa mãe a tivesse amado mais, ela teria ficado parecida com uma daquelas mulheres de revistas, e não com a garota que eu havia conhecido a minha vida inteira. Tive vontade de ressaltar que forte, saudável e normal não eram palavras que alguém, em geral, usaria para se referir a mim.

De qualquer forma, as histórias sempre deixavam de lado um aspecto crucial. As mães não amavam os seres famintos e assustadores que

substituíam seus filhos. Não era culpa delas nem nada parecido. Elas apenas não conseguiam se forçar a amar algo horrível. Contudo, talvez as irmãs conseguissem, se fossem miraculosamente abnegadas, se a troca tivesse ocorrido quando elas ainda eram bem novas.

Durante toda a minha vida, Emma estivera ao meu lado. Cortando meus cabelos com a tesoura de alumínio do jardim de infância para que eu não tivesse que ir até o barbeiro no centro da cidade, com suas prateleiras de metal e suas tesouras de aço inoxidável. Preparando meu café da manhã, certificando-se de que eu havia comido, de que tinha feito o dever de casa, de que ia sair com os amigos. Garantindo que nada de mal acontecesse.

Queria abraçá-la e dizer que tudo era muito melhor do que ela acreditava ser. As coisas eram apenas tão estranhas que ela não conseguia ver.

— Emma… — Minha garganta se apertou, e tive de começar de novo.

— Emma, não foi a mamãe quem me fez assim. Quem me manteve vivo todo esse tempo… foi você.

Consagrado

DIA SEGUINTE FOI UM DOMINGO e, ao acordar, vi a chuva escorrendo de modo constante pela janela. Fiquei deitado na cama, observando-a, esperando o despertador tocar e me sentindo completamente acordado. À luz do dia, tudo parecia cinza e diluído.

A noite anterior não parecia tão perturbadora nem tão real.

Virei de barriga para cima, tentando decidir se eu queria me levantar ou apenas continuar deitado mais um pouco.

Por fim, afastei as cobertas. Mesmo com o tempo nublado, a luminosidade parecia mais clara do que nas semanas anteriores embora não machucasse meus olhos. Lá fora, o mundo estalava de vida.

Peguei o frasco que a Morrigan me dera, quebrei o lacre e tomei um gole. O efeito foi imediato. Meu reflexo no espelho estava surpreendentemente, gloriosamente normal.

Ao descer, escutei meu pai assobiando. Seus passos eram rápidos e leves, e era estranho pensar que os domingos deixavam alguém feliz.

Quando entrei na cozinha, Emma já estava sentada à mesa, debruçada sobre um livro. Ao erguer os olhos e me ver, abriu um sorriso. Fiquei parado na porta, observando-a. Ela era pequena e frágil, com mãos macias e delicadas, e cabelos lisos.

Gostaria de estar chocado. Queria me sentir sem palavras, horrorizado, mas não consegui. Não havia nada de estarrecedor no fato de existirem monstros no mundo, rituais secretos e esconderijos subterrâneos cheios de

zumbis, visto que, de certa forma, eu era um segredo e uma espécie de monstro também. Essas características apenas não apareciam da mesma forma.

Eu ainda estava parado na porta quando minha mãe entrou. Ela usava os tênis do hospital e o uniforme do centro cirúrgico. O conjunto era totalmente inapropriado para uma ida à igreja, e imaginei se ela sabia que era domingo. Seus cabelos estavam presos num rabo de cavalo e pareciam muito louros sob a luz do dia.

— Bom dia, querido. — Ela se serviu de uma xícara de café e despejou mais açúcar do que uma pessoa razoável usaria. — O que você está fazendo acordado tão cedo?

Dei de ombros.

— Pensei em ir à igreja com vocês.

Emma soltou o livro.

— A previsão do tempo disse que vai chover o dia inteiro. Tem certeza de que não quer ficar em casa?

— Não, o tempo não está tão ruim. Eu dou uma volta pelo terreno da igreja ou algo parecido.

Saímos atrasados de casa. Isso aconteceu porque meu pai se recusou a ligar o carro até minha mãe voltar e trocar de roupa.

Depois que eles entraram e as portas foram fechadas, sentei no jardim do anexo construído para as aulas dominicais, de frente para a igreja. Era uma construção grande, aconchegante e com um tom de manteiga. Mesmo sob o céu cinzento, ela me fazia pensar em luz do sol, com seus telhados

abobadados e tijolos amarelados. Vitrais coloridos compunham as janelas.

Atrás do anexo, o cemitério se estendia por quase oito mil metros quadrados, com os túmulos organizados em fileiras e a grama bem-aparada. Ao longo da lateral norte, a área não consagrada era menos arrumada. As lápides eram velhas e sujas, com os nomes apagados ou nem sequer gravados. Elas se dispunham de modo desorganizado em torno de uma solitária cripta de mármore branco e com quatro metros de altura. Eu não fazia ideia de quando ela havia sido construída, mas era uma das instalações mais antigas do cemitério. Tudo o mais fora erguido ao redor dela.

Inclinei a cabeça para trás e olhei o céu. As nuvens estavam baixas, escuras e carregadas de chuva.

No parque do outro lado da rua, as árvores já tinham passado do verde para o vermelho, o amarelo e depois para o laranja. Agora elas estavam ficando marrons.

Deitei de barriga para cima na grama molhada. Senti o chão frio através do pulôver e fechei os olhos, tentando ignorar a garoa e a silhueta agigantada do prédio. Aquele era o lugar onde tudo em minha vida era dividido de maneira clara. Todos os domingos, minha mãe, meu pai e Emma atravessavam as portas duplas da igreja, e eu ficava de fora.

Não fazia diferença quantos livros sobre Davi e Golias eu tinha colorido, nem que meu pai tentasse com todas as forças fazer tudo parecer bem e normal. A verdade nua e crua era que minha família estava na igreja, sob o campanário, e aquele era um lugar onde eu não podia entrar.

Contudo, talvez as coisas estivessem mudando. Era difícil deixar de

pensar em como eu me sentia bem. Como estava totalmente diferente do meu jeito normal, esquisito.

— Bom-dia — cumprimentou alguém. A voz era rouca e familiar.

Ao abrir os olhos, deparei com Carlina Carlyle. Ela estava em pé ao meu lado, com suas botas gastas e um casaco comprido. Usava também um tipo bizarro de capacete de piloto, com uma tira de couro que o prendia debaixo do queixo. Ela parecia exatamente igual ao dia em que subira no palco da Starlight. E, ao mesmo tempo, completamente diferente. Seus traços pareciam comuns. O jeito feroz no palco se tornara estranho, da mesma forma como Janice podia parecer esquisita e assustadora na minha cozinha e linda quando se debruçava sobre os recipientes de vidro e sobre as flores. Olhando de baixo, os olhos de Carlina pareciam tão pálidos quanto os ovos de um pintarroxo, sem o esplendor demoníaco dos holofotes.

Como eu não disse nada, ela se sentou.

— Você não fica com frio aqui fora?

— Às vezes.

Ela deu a impressão de estar esperando que eu dissesse mais alguma coisa. Carlina tinha uma boca grande, a qual, no momento, estava apertada nos cantos, como se ela fosse o tipo de pessoa que conseguiria compreender.

— Na maior parte das vezes, apenas me sinto solitário.Ela fez que sim.

— Gostamos de pensar que somos tão solitários, tão autossuficientes. —

Ao sorrir, seu sorriso pareceu cansado e quase irônico. As mechas de cabelos que se soltavam do capacete caíam em ondas, emoldurando-lhe o rosto. — É idiotice ter orgulho disso, não acha?

— Quem somos nós? — perguntei, sentindo a boca seca e grudenta, como se eu não quisesse realmente saber.

Ela se curvou e apoiou o queixo entre as mãos. Sem a incidência direta da luz do céu, seus olhos se tornaram de um azul mais escuro.

— Você realmente quer saber de onde viemos? — retrucou ela. — Dependendo do século, dependendo do país, eles nos chamam de um jeito diferente. Dizem que somos fantasmas, anjos, demônios, espíritos elementares, só que os nomes não ajudam em nada. Quando um nome mudou o que uma pessoa é de verdade?

Isso era algo que eu conseguia compreender. Porque não importava quantas vezes meu pai me chamava de Malcolm ou me apresentava como seu filho. Isso só piorava as coisas. Na verdade, dizer uma vez parecia sempre obrigá-lo a dizer de novo, como se, uma vez dito, ele tivesse de continuar repetindo e repetindo, até a declaração perder o significado.

— Deus nos odeia? — indaguei, com os olhos fixos no chão.

Carlina não respondeu de imediato. Ela se inclinou para a frente, observando um brilhante canteiro de árvores muito vermelhas, de um tom tão vivo quanto sangue.

— Não sei nada sobre Deus — disse por fim. — Mas sei sobre tradição. Somos pessoas literais, você e eu. Qualquer que seja a interpretação mais óbvia, essa é a nossa verdade. Quando os antigos representantes da igreja formularam suas leis, eles abriram um precedente. Eles acreditam que o solo sagrado rejeita nossas almas, e, porque acreditam nisso do fundo do coração, esse solo nos machuca.

Fiz que sim, embora fosse desencorajador saber que um objeto inanimado podia rejeitar uma pessoa. Que estranhos que nem sequer me conheciam podiam fazer um lugar me odiar.

Carlina lançou-me um olhar de relance.

— Você vai a Starlight hoje, não vai?

— Tenho que ir, não tenho?

— Tem. — Ela passou a mão no casaco para se livrar das folhas molhadas e se levantou. — Tem, sim.

Dizendo isso, deixou o jardim e desceu a rua, andando devagar, parecendo orgulhosa e confiante, e cerca de um século fora do lugar.

Deitei de novo e olhei para o céu através da chuva. A grama estava morrendo, afogada pela chuva e queimada pelo frio. Ela parecia gelada contra o meu pescoço, e as folhas farfalhavam e deslizavam debaixo de mim cada vez que eu respirava.

Quando pensei na igreja, tive uma visão vívida e indescritível de meu pai no púlpito. No papel, seus sermões pareciam tranquilos, mas ele não era um homem calmo, e eu sabia que, quando lia as palavras em voz alta, elas deviam soar poderosas e decisivas.

Levantei.

Eu queria ver o lado mais verdadeiro, mais real dele, como isso transparecia em seu rosto e em sua voz. Queria ver o que ele via. Eu nunca o vira de um jeito que fosse realmente importante e, agora, percebia que provavelmente jamais veria.

Atravessei o jardim e, antes que pudesse mudar de ideia, me vi nos

limites da propriedade. No entanto, assim que coloquei o pé dentro dela, senti uma forte fisgada de dor, como sempre. Minhas bochechas e minha testa começaram a queimar, e me afastei com pressa.

Queria tanto que o solo tivesse uma verdade diferente — a minha verdade, mas a igreja não vacilou. Não era possível mudar isso. A dor era semelhante a um choque elétrico, e nenhuma bebida especial, nenhuma convicção ou crença poderia mudar o que eu era.

13

Aplausos

E NOITE, ROSWELL VEIO ME BUSCAR e não fez nenhuma pergunta. Eu queria que ele perguntasse por que eu estava levando meu baixo, mas ele não perguntou. Escutamos o rádio. Todas as músicas eram sobre amor verdadeiro ou vício em drogas.

Quando entramos na Starlight, nenhum dos membros dos Rasputin tinha chegado ainda. Roswell e eu paramos no meio da pista e observamos a multidão. Muitas pessoas estavam fantasiadas, mesmo que o Halloween só fosse dali a dois dias. Elas andavam de um lado para o outro, olhando para mim ao passar, e imaginei o que elas viam quando olhavam em minha direção. Não um deus ou um monstro. Talvez ninguém.

Foi então que escutei uma risada alta e esganiçada, e me virei a tempo de ver Alice. Ela estava fantasiada de gata de novo, só que dessa vez usava uma gargantilha de strass e os bigodes eram roxos. Alice estava com um sujeito chamado Levi Anderson, e veio andando em nossa direção de braços dados com ele. Quando chegaram perto o suficiente, ela me lançou um olhar raivoso e se agarrou ainda mais a ele.

— Garota de classe — falou Roswell entredentes, embora eu não tivesse ficado magoado nem zangado. Meu coração estava começando a disparar, e eu não conseguia sentir mais nada.

Encontrei um reservado vazio num dos cantos e me sentei. Mantive os olhos fixos em minhas mãos enquanto Roswell ia até o bar pegar algo para beber.

— Você está bem? — perguntou ao se sentar de frente para mim.

Segurava um copo plástico de refrigerante Mountain Dew. — Porque sua aparência está horrível.

Balancei a cabeça em assentimento e baixei os olhos para a mesa. Havia marcas de cigarro sobre todo o tampo.

— Qual é o problema? — insistiu ele.

— Você alguma vez pensa nos segredos de Gentry, nas coisas feias? Por exemplo, o que significa quando as crianças... quando elas morrem?

Ele olhou para mim por um longo tempo antes de responder, virando o copo de tal forma que os cubos de gelo bateram uns nos outros, retinindo e fazendo o refrigerante respingar em círculos de um tom verde-limão.

— Acho que as pessoas são complicadas e todo mundo tem sua cota de segredos.

Concordei com um meneio de cabeça e imaginei por que ele não estava tentando forçar a conversa. Por que não fazia perguntas. Eu queria que ele me fizesse dizer as coisas que eu não conseguiria colocar em palavras a menos que não pudesse evitar. Se Roswell me fizesse as perguntas certas, eu teria de contar. No entanto, ele ficou calado.

Do outro lado da pista, Carlina Carlyle estava em pé ao lado da mesa de som. Quando ela me viu olhando, abriu bem os olhos e fez sinal para que eu fosse até lá.

Os cabelos dela estavam presos no topo da cabeça. Parecia estranha e fantástica e assustadora e normal.

Levantei e peguei o baixo.

— Preciso ir — falei para Roswell.

— Ir aonde?

— Trabalhar para eles, tocar com eles. Qualquer coisa do gênero. Sou parte da banda agora, e não acho que possa pedir para sair. Não sei o que fazer.

Ele apenas deu de ombros e apontou com a cabeça para o palco.

— Então suba lá e toque algo formidável.

Carlina me conduziu por um corredor estreito até um diminuto camarim que mais parecia um closet. O aposento contava apenas com uma penteadeira em madeira entalhada e uma cadeira, e nada mais. Tudo cheirava a pó.

Parei no meio do camarim com o coração disparado.

— Isso é tudo o que vocês realmente precisam para sobreviver? Quero dizer, tem alguma coisa que eu precise fazer para a música funcionar?

Carlina vasculhava a penteadeira. Fechou uma das gavetas e se virou para mim, fazendo que não.

— É um meio de vida. — A voz dela soava indiferente. — O povo de Gentry nem sempre lembra que estamos aqui, mas eles lembram que gostam de uma boa performance. Todo mundo adora uma boa performance. — Jogou um bolo de roupas em cima de mim. — Veste isso.

Dei uma olhada nas roupas. Calças pretas de lã, uma camisa branca de botão, sapatos de um preto ofuscante e suspensórios. No entanto, permanecia o fato de que eu não era realmente o baixista deles. Eu era um garoto de dezesseis anos, quieto e magricelo, que sentia uma fisgada de nervoso no estômago sempre que era chamado para dar uma resposta em voz

alta na frente da turma.

Carlina suspirou e se virou de costas.

— Anda, veste logo.

Comecei a tirar minhas roupas. Vesti as calças que ela me entregara, abotoei a camisa. Tentei descobrir como prender as presilhas dos suspensórios, mas minhas mãos tremiam.

— Ei. — Carlina tirou uma das presilhas da minha mão e a abriu. — Você precisa relaxar.

Quando terminei de me vestir, ela me fez sentar diante da penteadeira e pegou um pente. Começou a puxar meus cabelos do rosto, mantendo-os esticados para trás com uma espécie de creme que cheirava a menta, mel e cera. As mãos dela estavam frias ao tocar minha testa, como se houvesse algo pingando em minha cabeça.

Inclinei-me para o lado, tentando ver meu reflexo no espelho da penteadeira.

— Você está fazendo com que eu pareça outra pessoa?

— Não, você vai continuar parecendo você, mas não tanto a ponto de as pessoas lá embaixo conseguirem reconhecê-lo, se entende o que eu quero dizer. Para a maioria das pessoas, até o Luther não parece o Luther, e eu não pareço comigo mesma. — Ela tocou os dentes do pente, puxando o creme com as pontas dos dedos, e, em seguida, torceu uma mecha de cabelos, de modo que ela ficasse caída sobre a minha testa. — Não é um encanto nem um truque, nada muda. Eles apenas veem o que querem ver.

Baixei os olhos para os sapatos reluzentes e, ao olhar de relance para

meu reflexo, eu me reconheci, mas ao mesmo tempo não. Já estava começando a me acostumar com o fato de que eu podia parecer uma nova pessoa, mas isso era diferente. Minha expressão parecia distante demais, como se eu estivesse olhando para o espelho, mas fosse outra pessoa devolvendo o olhar. Eu estava vendo o que queria ver porque o que eu queria era ser alguém diferente. No entanto, o visual não era nada reconfortante. A pessoa no espelho parecia cansada e perdida.

Carlina soltou o pente e me virou para longe do espelho. Segurou meu rosto entre as mãos e abriu um dos seus sorrisos estranhos e tristes.

— Então a gente apenas dá a eles uma espécie de distração — constatei.

— Outra mentira.

Ela fechou os olhos e pressionou a testa contra a minha.

— Não, a gente dá a eles a verdade pura, sem polimento. Eles só não percebem. Quando você subir no palco, vai ficar mais próximo de si mesmo do que jamais esteve na vida, e isso é uma coisa maravilhosa. É isso o que eles pagam para ver.

O argumento, porém, não fez eu me sentir melhor. Minhas mãos continuavam trêmulas e eu estava com a boca seca.

— Só estou nervoso. Estou me sentindo estranho, esquisito e sem propósito, e ninguém quer ver isso. Eu não posso ser o que eles pagaram para ver.

— Então sinta isso, deixe esse sentimento de lado e faça o seu trabalho — sussurrou ela, e pude sentir seu hálito sobre o meu nariz. — Vamos entrar no palco em um minuto, e, quando entrarmos, você vai ter de fazê-los

acreditar que o que quer que esteja lhes mostrando é o seu verdadeiro eu, porque, às vezes, acreditarem na gente é tudo o que precisamos para não morrer.

Só que eu estivera esperando para morrer a vida inteira. Passara anos esperando a morte a qualquer momento apenas porque isso era uma coisa que acontecia. Subir no palco era diferente. Lá em cima, a Starlight estaria às escuras, os holofotes estariam incidindo sobre mim e eu não teria para onde olhar, e isso era algo que eu não só não sabia como lidar, como também não podia descartar. Ser observado era a pior coisa que podia acontecer com alguém como eu.

— Eu só... eu nunca toquei para ninguém antes.

Carlina fez que sim, com a testa ainda grudada na minha.

— Eles vão adorar você, do mesmo jeito que adoram a gente. Quer ser anunciado como um convidado especial?

— Não, apenas me deixem entrar com vocês como se eu fizesse parte do grupo.

Ela me soltou, mas continuou me encarando.

— Você faz.

Assim que as cortinas se abriram, o barulho da multidão foi ensurdecedor. O brilho das luzes do palco incidia sobre o meu rosto e, para além delas, não havia nada a não ser um mar de vozes e assobios longos e estridentes.

Eu e o baterista deveríamos marcar o tempo, mas foi Luther quem tocou a introdução como se ela pertencesse a ele, como se fosse a música dele — rápida e frenética, e meus dedos acompanharam, parecendo

conhecê-la, mesmo que eu não a soubesse de ouvido ou de cor. Um pouco antes, Luther tinha rido quando eu lhe pedira para ver a lista do que iríamos tocar, mas agora eu entendia que a lista era dispensável. Eles apenas tocavam o que tinham vontade.

Luther sorriu, observando meu rosto, me conduzindo a cada verso e a cada refrão, me obrigando a acompanhá-lo. Eu escutava as variações e encontrava o contraponto, fazendo as notas se prolongarem e guincharem, porque a música tratava de caos e de estar totalmente, arrogantemente fora de controle.

A adrenalina percorria meus dedos, formigando em meu sangue. Era assim que uma estrela do rock se sentia.

No entanto, assim que a música terminou, a sensação diminuiu e, por fim, desapareceu. Soltei o baixo, que ficou pendurado apenas pela correia, e minhas mãos ficaram frias e trêmulas de novo. De repente, tomei consciência de que eu estava em pé no meio do palco, diante de umas duzentas pessoas, e tudo o que eu tinha era uma reedição da Gibson vermelho-cereja e os sapatos de outra pessoa.

Luther girou a guitarra no ar, zombando de todos na plateia. Em seguida, começou a tocar "Common People", sem se preocupar com o fato de que ela pedia um sintetizador e que fora composta havia uns trinta anos, e que a maioria dos garotos na Starlight jamais ouvira falar de Pulp. Ele apenas escolheu o tom e começou a tocar, fazendo a guitarra chorar em suas mãos, enquanto Carlina representava os dois lados de uma conversa entre uma garota rica e um rapaz da classe operária, e gritava até ficar rouca sobre todos

os motivos pelos quais era horrível ser pobre.

De vez em quando, Luther olhava para mim e eu tentava decifrar os sinais que ele enviava com esses olhares. Ele acelerava a melodia, mostrando-me como todas as músicas eram uma conversa, um debate entre ritmos e tons. Eu só precisava escutar e, em seguida, responder.

Tocamos alternadamente, respondendo um ao outro, até que ele trocou para uma antiga canção do Pearl Jam, "Yellow Ledbetter".

A voz do baixo era baixa e inevitável. Toquei a primeira nota e o prédio inteiro pareceu tremer e rachar.

Era uma música sobre perda, mas a melodia era doce e, se na versão original Eddie Vedder soava como um bêbado cambaleante, a voz de Carlina, por outro lado, era rouca, porém clara.

A voz dela traduzia solidão. Arrependimento. Ela cantava sobre um passado do qual não se consegue se livrar e nem se quer e, parada ali sozinha sob a luz fria azul, ela era bonita — mais bonita do que nas apresentações em que gemia e dançava, pulando para a frente e para trás do palco, e muito mais bonita do que parecera ao meu lado no jardim da igreja. Com as mãos agarradas ao microfone, Carlina era o que havia de mais real na Starlight, a voz mais verdadeira de Gentry. Luther e eu oferecíamos a melodia, mas todas as notas conduziam a ela. Carlina era a maior e a mais pura verdade, enquanto o público se resumia a garotos fantasiados.

Ela cantou o primeiro refrão como se fosse um lamento, com o queixo erguido e as costas retas. Em seguida, aproximou ainda mais o microfone, sorrindo para Luther.

— Agora me faça chorar.

Luther sorriu de volta. Não um sorriso dissimulado e cheio de dentes, mas um sorriso de verdade, aberto e franco. Ele se curvou sobre a guitarra e tocou um solo apenas para ela — uma lenta progressão de notas, cada vez mais pesada, forte e acelerada.

Acompanhei, fazendo minha própria melodia martelar e zumbir sob a dele como as batidas de um coração, prolongando cada nota por minutos ou por anos. E, então, algo aconteceu.

Ela não era como as outras músicas. Não havia história, nem conversa. A música era apenas sentimento, sem palavras nem visões, e não tinha nada a ver com Luther ou com as ferroadas claras de sua guitarra.

Era o som de ser um excluído, um alienígena. Era a pulsação que corre sob todas as coisas e nunca deixa você esquecer que é um estranho, que o mundo machuca só de tocá-lo. Sentimentos complicados demais para colocar em palavras, mas eles eram lançados pelos amplificadores, pairando no ar e preenchendo o salão.

Todos na multidão pararam de se mexer. As pessoas continuaram na pista, olhando para mim, e, quando terminei de tocar, elas começaram a aplaudir.

— Mackie — falou Carlina, aproximando-se para sussurrar em meu ouvido. — Você não pode fazer isso.

— Mas todo mundo gostou.

Ela fez que sim, tocando a gola do vestido.

— Só que… não é bom para eles sentirem isso por muito tempo. Um

sentimento desses é exaustivo.

Na pista, os aplausos já tinham começado a diminuir. As pessoas olhavam para o palco e para as luzes coloridas. Luther passou para uma versão enlouquecida de "Here Comes Your Man", a qual soava como o resultado de três dias à base de Coca-Cola, porém todos continuaram observando como se fossem vacas no pasto.

Ao ver que Pixies não surtiu nenhum efeito, ele passou para Nick Cave e, em seguida, Nine Inch Nails, mas nada pareceu estimular o público a se mexer de novo. Luther tentou uma última mudança rápida e drástica, mas parou de torturar "Mr. Self-Destruct" no meio do refrão.

Atrás da gente, o baterista acompanhou com algumas batidas sem muito entusiasmo na caixa e, em seguida, parou também e se levantou. Nós quatro ficamos parados no palco. Eu tinha acabado de estragar a surpresa especial do show do Halloween, verdadeiramente.

Luther lançou um olhar desesperado para Carlina e apontou com a cabeça para as coxias.

— Precisamos trazer o piano.

Ela fez que não.

— Faça isso... toque para eles uma daquelas baladas tristes e termine o show. É isso o que eles querem agora.

— Tudo bem — concordou ela em meio ao silêncio geral. — Tudo bem, pode trazer o piano.

Luther e o baterista trouxeram, arrastando das coxias, um antigo piano de armário e o empurraram até o centro do palco. O verniz da madeira estava

desbotando em alguns pontos, deixando tiras esbranquiçadas.

Carlina jogou os cabelos por cima do ombro e se sentou na banqueta.

Ergueu as mãos e abriu os dedos sobre o teclado. Em seguida, entrou com o primeiro acorde.

Era uma música de Leonard Cohen. Eu a conhecia, mas nunca a escutara daquele jeito. A melodia não era amarga nem cínica. Era sofrida.

O piano não estava ligado ao microfone, mas não fazia diferença. As notas subiam, guinchavam, tremiam. O lugar inteiro ficou em absoluto silêncio enquanto Carlina tocava a introdução e passava à primeira estrofe. O som de sua voz era doloroso. Ela gritava, soluçava, sussurrava aleluia, porém não a cantava.

Na pista, os espectadores buscavam uns aos outros, abraçando-se, dando as mãos. Entre as primeiras fileiras, uma garota com um estranho corte de cabelo espetado e piercings demais chorava tanto que o nariz estava escorrendo. A maquiagem em volta dos olhos era misteriosa e assustadora, mas seus lábios estavam apertados como os de uma criança.

Carlina tocava os acordes, corria os dedos pelo teclado, sempre acompanhando com uma voz alta e clara, falando sobre ser usado, ser rejeitado. Dizendo que, quando se ama alguém, isso às vezes significa que essa pessoa irá deixá-lo nu, rasgá-lo ao meio, e é preciso permitir que ela faça isso e não se preocupar com o quanto possa doer.

Eu segurava o braço da Gibson com muita força quando Carlina chegou ao fim. Meus dedos estavam pegajosos e doloridos.

— Aleluia — disse ela de um jeito indiferente, tocando com força a

última nota, para, então, deixá-la sumir gradualmente.

Não restou nada.

Luther e o baterista já tinham começado a desarmar as coisas, mas eu permaneci na beira do palco, observando a multidão. Ninguém estava vestido como de costume, porém, de repente, todos pareceram iluminados, acesos por algo real, por suas próprias versões particulares da música. Ela mexera com todos eles. Fiquei ali, acima da pista lotada de gente, observando todos eles brilharem como lanternas devido às suas histórias de amor e às suas tragédias.

Continuei olhando até Carlina me pegar pelo braço e me arrastar de volta para o pequeno camarim. Ela estava ofegante e sorridente, mas seu rosto estava pálido e ela parecia cansada.

— Você se divertiu?

Fiz que sim e soltei os suspensórios. O quartinho estava frio e a adrenalina começava a baixar. Tirei a camisa de botão e peguei minha camiseta e meu casaco de capuz.

Carlina ficou parada na porta, virada de costas por uma questão de educação.

— Vai ter uma comemoração hoje lá nas cavernas. Uma espécie de… evento pós-festa. Você devia ir.

Ri e fiz que não.

— Obrigado pelo convite, mas fica para a próxima.

— Tem certeza? Você ainda não teve a chance de nos ver em nosso estado mais selvagem. O nome é Casa do Caos por um motivo, você sabe.

Eu sabia que ela estava apenas sendo amigável, e, no que dizia respeito à minha sobrevivência, ser amigável com gente como Carlina era provavelmente minha melhor opção. No entanto, isso não significava que eu fosse fã da casa da Morrigan ou de qualquer lugar onde garotas mortas se reuniam e sussurravam por baixo das mãos, e onde mulheres mutiladas flutuavam em poças. Eu não estava muito certo de querer ver o lado selvagem deles.

— Hoje não.

Carlina deu de ombros.

— Como quiser, mas não se sinta um estranho. Nossa casa é sua também.

Por mais bizarro que pudesse parecer, eu não duvidava disso.

Assim que terminei de vestir minhas roupas, sentei na frente da penteadeira e olhei para o meu estranho reflexo no espelho, que começava a parecer comigo de novo.

— Aquilo foi mágica, não é mesmo, o que acabou de acontecer lá?

Carlina sorriu e deu de ombros.

— Acho que sim. Do jeito como a música pode ser mágica às vezes. Ou melhor, sempre. A música é nossa melhor forma de comunicação. É o que fazemos.

— Vocês poderiam dominar o mundo com isso.

Ela riu de um jeito muito mais doce e tímido do que, uma semana antes, eu seria capaz de imaginá-la fazendo.

— Gentry é o suficiente.

14

Colapso

UANDO VOLTEI para o meio da multidão, realmente ninguém reparou em mim. Eu carregava meu baixo, e meus cabelos continuavam emplastados de creme, mas o resto voltara ao normal. Notei que eu estava sorrindo, o que era estranho, e mais estranho ainda foi perceber que era um sorriso verdadeiro. Em geral, eu só sorria quando havia gente em volta para ver. Quando era o que esperavam que eu fizesse. Alguém tocou meu braço e, quando me virei, Tate Stewart estava ao meu lado.

— Era você — falou baixo. — Eu não tinha certeza.

Meu coração batia acelerado, mas de forma constante. Uma boa batida, sem falhas. Eu me sentia novo, diferente, como se pudesse ser outra pessoa. Por cima da cabeça dela, vi Drew e Danny ao lado da mesa de sinuca mais distante. Drew ergueu os olhos e sorriu para mim. Em seguida, fez sinal para que eu fosse até lá.

Não fui de imediato. Em vez disso, continuei no meio da pista, olhando para Tate. Ela me encarava com tanta intensidade que imaginei se não conseguia enxergar através das camadas superficiais e sem sentido e ver lá no fundo como eu me sentia em relação a ela — o que quer que eu estivesse sentindo —, como se isso ficasse claro em meus olhos se eu esquecesse de piscar.

O rosto dela estava próximo do meu.

— Não entendo — declarou Tate. — Na escola, você está sempre

tentando desaparecer, e agora dança aqui no palco como se fosse a merda de uma estrela do rock, como se nada o travasse? Quero dizer, quem é você?

Eu não tinha uma resposta. Não sabia o que ela tinha visto durante a apresentação, mas eu não me sentira solto no palco — nem de longe.

Ela balançou a cabeça e se virou de costas, e, mesmo com o olhar feroz, mesmo parecendo indignada comigo, tive uma certa vontade de segui-la.

Em uma exibição de bom-senso sem precedentes, fui até onde Danny se encontrava debruçado sobre a mesa de sinuca, preparando uma tacada em sequência.

— Você foi ótimo — disse ele, sem levantar os olhos. O objetivo era acertar a bola oito para que ela mandasse a dois para uma das caçapas do canto. Ele abriu a mão em ponte para apoiar o taco e encaçapou a bola.

Olhei para ele, que estava com a cabeça curvada, e meu sorriso se alargou.

— Você me reconheceu?

Danny se empertigou e me lançou um olhar entediado, de quem não acreditava no que acabara de ouvir.

— Bom, claro.

— Jesus — interveio Drew. — A gente viu você na festa ontem à noite. Não estamos caducos.

— Eu não estou diferente?

Danny apoiou o taco no chão.

— Está, mas de um jeito legal. Você parece feliz, Mackie. Nem me lembro da última vez em que vi você assim.

— É só que… tenho me sentido melhor ultimamente.

Drew brincava com o giz, fazendo riscos azuis nas costas de uma das mãos.

— Isso é ótimo — disse ele, mas sem olhar para mim.

— Que foi? Qual é o problema?

Danny balançou a cabeça.

— Nada. Apenas tome cuidado, entende?

Fiz que sim e esperei que ele me dissesse com o que eu precisava tomar cuidado ou por quê, mas ele não disse nada, e os dois voltaram a estudar o jogo.

Cerca de um minuto depois, Drew ergueu os olhos de novo. Lançou um olhar de relance para Tate e o salão de jogos eletrônicos e, em seguida, ergueu as sobrancelhas.

— Que diabos está acontecendo entre vocês? Fico esperando que um dos dois comece a lançar as granadas.

Não respondi. Não havia exatamente uma palavra para explicar o que estava acontecendo entre a gente, exceto que era idiota e confuso, e Tate tinha um jeito de projetar o queixo para a frente que me fazia ter vontade de me aproximar mais do que o necessário.

De volta à pista, fui abrindo caminho entre a multidão, evitando o pessoal da escola e os estranhos.

Tate estava no salão de jogos, jogando pinball Earthshaker, colocando as moedas com uma precisão cirúrgica.

— Ei — falei, ao parar ao lado dela.

Ela puxou a alavanca de lançamento e atirou a primeira bola em direção a um mar de luzes piscantes e brilhantes sirenes de plástico.Apoiei-me no tampo da máquina.

— E então, você gostou do show?

Ela estava curvada sobre o jogo, observando a bola ricochetear em um campo minado de obstáculos e sininhos.

— Foi um belo show, para quem gosta desse tipo de coisa.

— De que tipo de música você gosta?

— Tanto faz. Gosto de um monte de coisas. Você pode sair de cima do vidro, por favor?

O som de sua voz provocou um calafrio em minha nuca; não saberia dizer se era apenas por eu estar nervoso, visto que achei a sensação um tanto agradável. Continuei ao lado da máquina de pinball, vendo a bola passar zunindo pelos obstáculos e armadilhas.

O tônico que a Morrigan me dera estava começando a perder o efeito, e a sensação era desnorteante, mas não desagradável. Eu me sentia lerdo e desinibido, como se estivesse um pouco bêbado. Estava naquele ponto perfeito em que a gente pensa que pode controlar o mundo e nada parece opressivo ou ruim demais. Permaneci no salão de jogos, observando Tate. Ela mexia as palhetas como se fosse um negócio sério. E não disse mais nada.

Quando a última bola foi engolida pela máquina, ela suspirou e se virou para mim.

— Que foi? O que você quer?

— Você pode me dar uma carona para casa? — As palavras saíram antes

que eu tivesse tempo de refletir.

Tate continuou a me encarar com uma expressão indecifrável, e seu queixo parecia tão obstinado que tive vontade de agarrá-la pelos ombros somente para que ela parasse de me olhar daquele jeito.

Após uma longa pausa preenchida pelas sirenes e luzes piscantes da máquina de pinball, ela fez que sim.

Estávamos a apenas um quarteirão da Starlight quando tive a impressão de que havia feito uma péssima escolha. O tônico estava perdendo o efeito muito mais rápido do que na noite anterior, assim como a euforia de tocar para uma multidão. Cada desnível da rua e cada buraco faziam o carro sacolejar e sacudiam meus ossos.

Tate parecia não ter percebido. Ela olhava para a frente, tentando enxergar através da chuva que batia contra o para-brisa, e falava sobre a escola e vários filmes independentes. Sua voz estava calma, como se estivesse sem pressa, apenas esperando pelo momento certo. O momento em que lançaria alguma pergunta crucial e eu não teria outra opção a não ser responder. O ar estava carregado com o cheiro de ferro. Engoli em seco e abri um pouquinho a janela.

A gente estava a seis quarteirões da minha casa quando bateu o arrependimento, debilitante e oficial. Fechei os olhos e contei de trás para a frente, tentando manter a tremedeira sob controle e expelir o ar venenoso dos meus pulmões. Algo se revirou em meu estômago e tentei ignorar, inspirando fundo e devagar algumas vezes. Eu suava.

Quando a sensação de algo quente e embrulhado revirou meu estômago

de novo, pigarreei para limpar a garganta.

— Tate, você pode parar o carro?

— Ei... ei, qual é o problema?

— Estou muito enjoado. — O que estava muito aquém da verdade. A sensação era diferente de qualquer reação que eu já tivera, mesmo com o ferro do sangue ou o aço, mesmo nos meus piores dias.

A vertigem vinha em ondas, fazendo tudo girar. Ela se traduzia em estática de rádio em meus ouvidos e numa miríade de pontinhos pretos que cobria tudo o que eu olhava. O cheiro de metal penetrou minha boca e meu nariz. Estava sob a minha pele, no meu sangue, reverberando em minhas articulações e nos meus ossos.

Tate parou junto ao meio-fio e botou o carro em ponto morto.

— Isso é...

Mas eu já estava abrindo a porta do carro.

Consegui sair, mas mal me mantive em pé. No escuro, o chão parecia se elevar. Caí de joelhos e fiquei imóvel até o pior passar e eu sentir que tinha força suficiente para me deitar. Precisava estar sozinho em algum lugar silencioso. Precisava me enroscar em um quarto escuro, sem movimento nem barulho.

Pressionei o rosto contra a grama e inspirei o cheiro fresco das folhas, caules e raízes. A chuva batia suave e gelada em minha face. Eu precisava da Morrigan.

— Mackie, você está bem?

Tate estava ajoelhada ao meu lado, esticando o braço como se quisesse

colocar a mão no meu ombro, mas com medo de me tocar. Eu tremia em espasmos violentos.

Apertei os olhos com força e tentei ficar completamente imóvel. Todas as vezes que respirava, desencadeava uma tempestade de palpitações em meu peito.

— Mackie, me diz se você está bem. — A voz de Tate parecia tensa.

A dor em meus joelhos e cotovelos estava piorando, passando de uma dor surda e pulsante para algo mais parecido com estar sendo espancado com um martelo. Olhei para ela e tentei encontrar algo para dizer que a fizesse parar de falar. Tinha medo de como sairia a minha voz.

Tate esticou o braço para pegar minha mão, correndo os dedos por minhas articulações e palma. Seu toque não era ruim, mas a pressão provocou uma fisgada de dor que subiu pelo meu braço e irradiou até a parte interna do meu lábio.

— Suas mãos estão frias — observou ela.

A preocupação na voz de Tate fez com que minha garganta doesse ainda mais. Fechei os olhos com força e rezei para que ela fosse embora, que me deixasse sozinho para eu poder me recobrar e pensar no que fazer. A preocupação dela fazia com que eu tivesse total consciência do quão terrível era a reação. E me deixava sem ar. Eu precisava que ela fosse embora, mas nada a faria ir. Mesmo que eu a magoasse, mesmo que a chamasse dos piores nomes que conseguisse imaginar, ela não iria embora apenas porque eu estava mandando. Seu rosto flutuava acima de mim, de uma palidez oval. O único lugar onde eu encontraria ajuda seria na Casa do Caos.

— Você precisa ir embora — pedi, mantendo a voz o mais firme que consegui.

— Como assim? Não posso deixar você aqui no meio da rua. Jesus, acho que você está entrando em choque. Se estiver doente ou machucado, precisa de alguém aqui com você.

— Tate, me escute. Preciso que você encontre Roswell e o traga aqui, está bem?

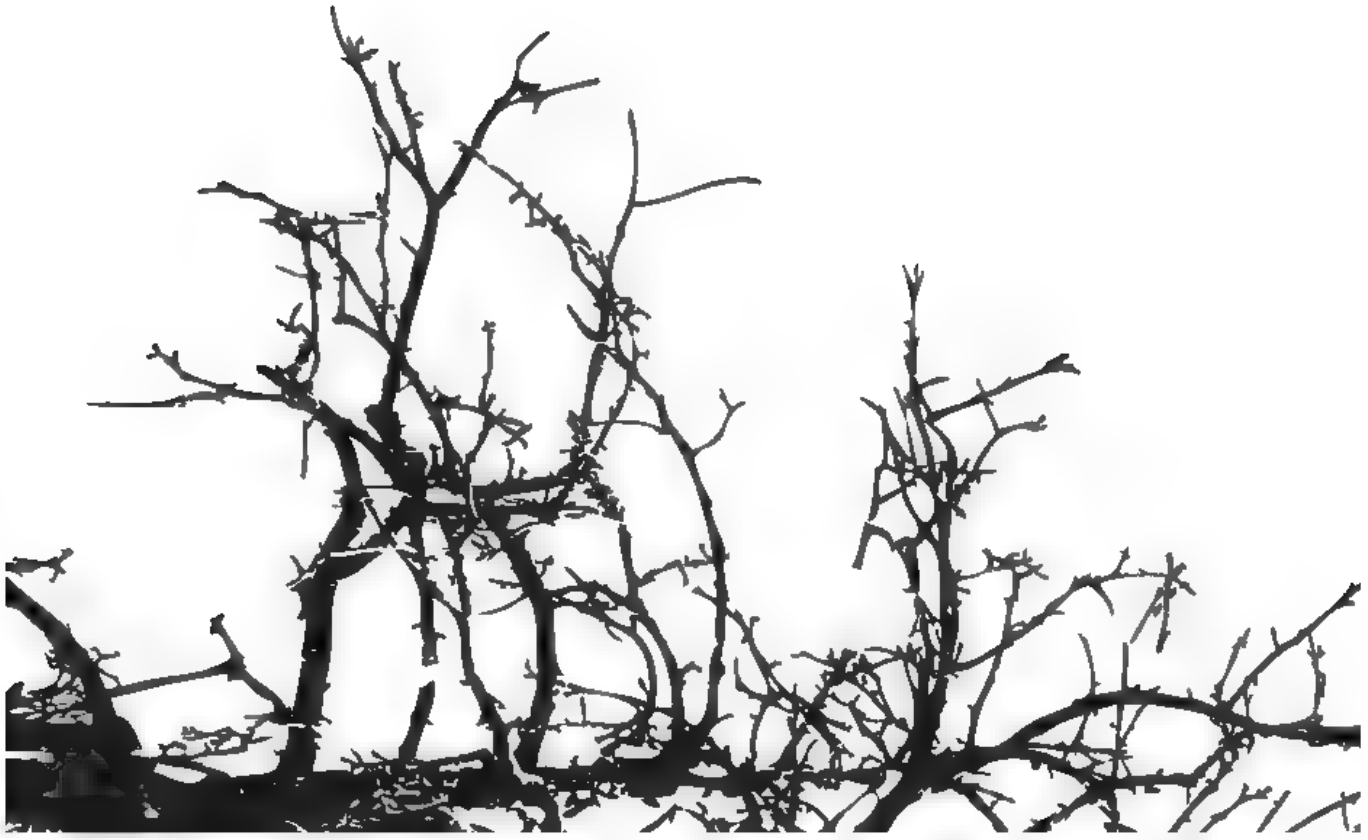
— Mackie, você está me assustando.

— Por favor, vai chamar o Roswell.

Ela não gostou nem um pouco, porém se levantou, parecendo assustada como eu nunca vira, e voltou para o carro.

Quando o Buick se afastou da calçada, fechei os olhos. Soltei o ar, um arremedo de suspiro entrecortado que não soou nem um pouco como alívio. Um suspiro fraco, o que tornava mais fácil fingir que ele viera de algum outro lugar, e não de dentro de mim. Mais fácil fingir que tudo vinha de algum outro lugar e que eu estava dormindo, talvez em casa, sonhando que meu peito estava sendo apertado, esmagado. O ar parecia denso demais para respirar, quase como água, e o chão já não estava mais frio.

Encostei o rosto na grama e imaginei se era assim que as pessoas se sentiam quando sabiam que estavam prestes a morrer.



Parte 3

Os

Mortos-vivos

O evento pós-festa

IQUEI DEITADO NO CHÃO por muito tempo, com o rosto colado na grama molhada e as roupas encharcadas pela chuva. Sabia que, se ficasse ali, Tate voltaria com Roswell, e eles iriam querer me levar para casa, ou pior, para a emergência do hospital.

Eu precisava me levantar e sair dali. Foi um processo em várias etapas dolorosas, mas consegui. A rua estava vazia e a chuva deixava tudo meio confuso. Eu prosseguia entre fachos de luz e sombras profundas. Os postes zumbiam tão alto que minhas articulações doíam cada vez que eu passava por um deles. Passei pela Welsh Street, entrei na Orchard, desci a encosta da ravina e cruzei a ponte. Meus joelhos pareciam fracos. Todas as vezes que eu havia pensado sobre minha condição ou na possibilidade de morrer, jamais entendera o que isso significava. Nunca tinha percebido o quanto eu desejava viver.

O solo estava escorregadio e lamacento, mas consegui, entre um escorregão e outro, descer a trilha íngreme que levava até o fundo da ravina. A pilha de escória de metal era uma forma volumosa e vaga. Ela nunca me parecera um lugar tão convidativo.

Despenquei no chão ao chegar à base da colina, e descansei a cabeça sobre o cascalho solto. Não havia nada que indicasse onde ficava a porta, nada a que eu pudesse me segurar ou me agarrar.

Fiquei deitado sobre as rochas sedimentares e o cascalho, tentando pensar no que fazer. Estava começando a perder a sensibilidade nas mãos

quando escutei o barulho de passos, não descendo a ravina, mas vindo de dentro da colina. A camada de cascalho deslizou para o lado e a porta se abriu, fazendo surgir um retângulo de luz amarela.

Era Carlina.

— Decidiu vir, afinal? — perguntou ela, segurando um lampião no alto, de modo que a luz incidiu sobre nós dois. — Você não me parece muito bem.

Concordei com um meneio de cabeça e lutei para me sentar, tentando recuperar o fôlego.

— Você acha que posso receber meu pagamento agora, por favor?

Carlina permaneceu na porta. O brilho do lampião era tão claro que eu mal conseguia ver o rosto dela.

— O que você andou fazendo? Não, deixa para lá. É melhor entrar.

Consegui me colocar de pé sem muita firmeza e a segui.

Ela fechou a porta e, em seguida, virou-se para me olhar.

— Qual é o seu problema? Você não mantém nada à mão para uma emergência?

Fiz que não.

Com um suspiro, ela pegou uma pequena garrafa no bolso e tirou a rolha.

— Tudo bem, respire fundo.

Carlina segurou a garrafinha na frente do meu rosto e eu inspirei, sentindo meus pulmões se expandirem. Não era o tônico, porém, o cheiro de folhas verdes me envolveu e pude sentir o imenso e trêmulo alívio de

finalmente conseguir puxar ar suficiente.

Quando recuperei o fôlego e pude ficar em pé sem precisar me apoiar na parede, Carlina me pegou pelo cotovelo e começou a me guiar em direção ao salão principal.

— Melhorou?

Fiz que sim, ainda um pouco atônito com a diferença entre respirar e sufocar.

Ela foi me conduzindo, murmurando entredentes e balançando a cabeça.

— Qual é o problema com vocês, garotos? Por que têm sempre que levar tudo às últimas consequências? Só porque você não é mais um trapo humano, não significa que se tornou invencível.

Fiz que sim de novo e a segui pelo túnel. Atravessamos o salão principal e entramos na sala enorme, de pé-direito alto, onde o chão era coberto de poças e a água brotava do solo.

A sala inteira estava repleta de gente conversando e rindo. Alguns tocavam violoncelos e violinos e, num dos cantos, uma garota de cabelos longos que pendiam em tiras em torno da cabeça afinava uma harpa, porém, a maioria apenas se encontrava reunida em pequenos grupos, e todos pareciam felizes. O chão era coberto por poças intermitentes nas quais boiavam brilhantes folhas outonais.

A Morrigan estava sentada ao lado de uma das poças escuras. Ela havia tirado os sapatos e as meias e balançava os pés na água. Brincava com um barquinho de papel, empurrando-o para a frente e para trás com um galho.

Carlina pousou a mão em meu ombro.

— Fique aqui, sente-se. Vou pedir a Janice para providenciar um pouco mais do tônico de espinheiro e vamos resolver o seu problema.

Sentei no chão, tomando cuidado para escolher um lugar que estivesse seco, e me recostei contra a parede. Era bom conseguir respirar de novo, mas eu me sentia exausto.

A Morrigan olhou por cima do ombro e me viu. Levantou num pulo, atravessou a sala correndo, empoleirou-se sobre minhas pernas e começou a esfregar os pés molhados na bainha do meu jeans.

Ela me deu um grande beijo estalado na bochecha e se sentou no meu colo para observar a multidão que andava de um lado para o outro. Recostei-me de novo na parede e deixei que ela passasse os braços em volta do meu pescoço. Eu ainda estava molhado e com frio, e ela era quentinha.

Algumas garotas-cadáver brincavam em torno da poça onde a Morrigan estivera até momentos antes, rindo e tentando empurrar umas às outras para dentro d'água. A garotinha rosada da festa de Halloween corria no meio delas, usando o mesmo vestido de princesa e brandindo a varinha de condão.

Numa outra poça mais distante, uma garota de rosto azulado veio à tona devagar, emergindo da água num silêncio fantasmagórico. Seus cabelos tinham um tom verde-musgo, e o nariz parecia estar apodrecendo em alguns pontos.

A Morrigan tomou meu rosto entre as mãos.

— Você não está feliz consigo mesmo? Você fez isso... você e os outros músicos... vocês deixaram todos muito satisfeitos.

Não soube o que responder. Havia algo de perturbador em ser o responsável pela brincadeira na água de garotas parcialmente apodrecidas.

A Morrigan apoiou a cabeça em meu ombro.

— Elas estão felizes — declarou ela. — A apresentação foi um sucesso, e todos se sentem bastante animados agora.

No meio da multidão, uma garota com uma saia de armação rasgada e com as pontas da clavícula em carne viva ergueu um copo acima da cabeça. Os cabelos dela estavam presos numa coroa de tranças em volta da cabeça, e os arames da armação da saia despontavam em meio ao tecido puído como se fossem ossos.

— Que a maldição recaia sobre a Casa do Desespero! Que Deus destrua a megera e a deixe apodrecer!

As outras garotas riram e soltaram gritinhos, espirrando água e jogando punhados de folhas vermelhas e laranja em cima umas das outras.

— Que ela apodreça — cantaram elas. — Que ela apodreça na Casa do Desespero!

Sorri, embora um tanto incomodado com a maneira como elas uivavam e dançavam; a Morrigan, porém, apenas soltou um suspiro e brincou com o galho.

— O que é isso? — perguntei. — Elas estão falando sobre o quê?

— O nome certo é Mistério, mas elas chamam também de Desespero — explicou a Morrigan. — A venerável casa da minha irmã, a qual deveria ser citada com respeito. Em vez disso, elas a ridicularizam e fazem piadas, mas isso é porque todos têm medo dela.

— Medo por quê?

— Porque ela faz por merecer. — A cabeça da Morrigan pesava em meu ombro e ela falava com o dedão na boca. — Ela me assusta também, para falar a verdade.

Janice abriu caminho pela multidão e se aproximou da gente. Ela ainda estava descalça, mas tinha trocado o macaquinho, ou pelo menos pusera um vestido sobre ele. Seus cabelos estavam presos no alto da cabeça, e ela carregava um leque enorme, pintado à mão. Parecia desgrenhada e sonolenta. A garrafa em sua mão era bem maior do que os pequeninos frascos que eles me tinham dado antes.

— Isto é para as noites de farra e de multidões enlouquecedoras — disse ela, entregando-me a garrafa. — Que você continue a fazer bom uso do seu baixo. E você — falou com a Morrigan —, deixe-o quieto até que ele tenha a chance de recuperar o fôlego.

A Morrigan deu um tapinha em minha bochecha. Em seguida, colocou-se de pé num pulo e voltou saltitante para sua poça e seu barquinho de papel.

— Fique bom — gritou ela por cima do ombro, brandindo o galho.

Quebrei o selo do tônico e tomei um longo gole.

Meu alívio foi tão óbvio que Janice riu.

— Se você vivesse aqui, como um verdadeiro menino feioso, isso não aconteceria.

Luther e Carlina vinham em nossa direção. Eles andavam de mãos dadas, apoiados um ao outro.

Janice olhou para eles e balançou a cabeça em sinal de reprovação.

— Vocês conversaram com esse aqui? Ele vive na cidade como se fosse um deles.

Luther revirou os olhos.

— Por quê, eu não faço ideia. Não pode ser agradável nem fácil. Você é tão doido quanto aquele lunático do Caury.

Ergui os olhos.

— Kellan Caury? O sujeito da Hanover Music?

Luther fez que sim.

— Ele era um sujeito estranho. Pensava que, para viver na superfície, bastava tomar os tônicos e ser legal com o pessoal da cidade. E olha o que aconteceu com ele.

Olhei para a garrafa. Não havia como negar que qualquer que fosse a crença de Caury, ela o colocara em maus lençóis.

Ao lado da poça, a Morrigan e a garota da varinha de condão tinham largado seus brinquedos e agora estavam de mãos dadas, brincando de ciranda.

Janice as observou girar e depois cair.

— Ela é um docinho. Às vezes, é capaz de irritar o diabo de tão petulante, mas nunca abusa da gente ou pede mais do que podemos dar. Ela se preocupa conosco.

— Por que ela nos pede para tocar música? — perguntei. — Quero dizer, a cidade realmente precisa disso?

Foi Carlina quem respondeu.

— Quando tocamos para eles, nós lhes damos algo raro e maravilhoso e, em troca, eles nos oferecem sua admiração. Sei que você sentiu isso hoje à noite. Você devia saber que o seu lugar é aqui, com a gente, tocando para obter a admiração deles e ajudando a manter a paz.

Luther a envolveu pela cintura e a puxou mais para perto, curvando-se para lhe dar um beijo.

Desviei os olhos porque me pareceu falta de educação ficar olhando.

Eles se beijaram como se não houvesse ninguém em volta, dando a impressão de que se amavam de verdade. Fiquei incomodado ao perceber que, para mim, amar alguém, mesmo que fosse minha própria família, apenas fazia com que me sentisse de certa forma estranho e envergonhado. Na Casa do Caos as coisas eram diferentes. Não era vergonha alguma ser estranho ou uma aberração porque todo mundo era também.

Assim que me senti melhor, levantei, atravessei a sala e me sentei na beira da poça da Morrigan, onde fiquei observando o barquinho de papel. Ele tinha sido recoberto com uma camada de cera para que se tornasse à prova-d'água. Mas isso não duraria eternamente, e o fundo já estava começando a ficar encharcado.

O evento pós-festa foi esfriando e as pessoas começaram a ir embora, deixando o aposento em duplas ou trios. Outros se deitavam amontoados no chão ou se agarravam a seus pares, recostados na parede.

Contudo, até onde eu podia ver, as garotas-cadáver não eram incluídas na diversão. Mesmo na Casa do Caos, os mortos não eram populares nas festas.

Em um dos cantos, Carlina continuava com os braços em torno do pescoço de Luther. Ela o beijava de um jeito esfomeado, puxando a boca dele de encontro à dela, e nem o rosto ossudo nem os dentes pontiagudos de Luther tinham importância, pois ela era bonita pelos dois.

A onda inicial de euforia produzida pelo tônico estava passando, e comecei a pensar em Tate. No que ela devia ter pensado ao voltar com Roswell até o lugar onde me deixara, somente para descobrir que eu não estava mais lá. Eu não tivera escolha. Ou ia para um lugar onde alguém pudesse me ajudar ou ficava na rua até desmaiar. Mesmo agora, eu ainda me lembrava da dor, do peso terrível em meu peito, como se nunca mais fosse conseguir respirar.

Não queria me sentir tão afetado pelo que acontecia com ela, mas seus olhos eram difíceis de esquecer. O luto dela era quase palpável de tão sólido, e eu não conseguia parar de pensar nisso.

Olhei para a água, tentando enxergar o fundo. A poça era escura demais para ver muita coisa, mas havia uma série de degraus escavados numa das paredes, indo em direção ao fundo.

— Por que tem degraus aqui?

A Morrigan me lançou um olhar intrigado.

— Para subir e descer.

— Mas por que alguém iria querer subir e descer dentro d'água?A Morrigan virou o barquinho com o galho, fazendo com que ele balançasse e girasse.

— Nem sempre houve água aí. Minha nobre irmã está me punindo com

uma enchente. Os andares lá de baixo estão inacessíveis agora, exceto para os mortos-vivos, que não precisam se preocupar com a inconveniência de ter que respirar.

— De onde vem a água? — perguntei, observando o barquinho balançar e girar.

— De todos os lugares. Ela cai do céu e brota do chão.

— Você não se preocupa com a possibilidade de que a enchente os obrigue a sair daqui?

— Em pouco tempo ela demonstrará piedade, quando se cansar de abusar da gente. Talvez até se arrependa do chilique. Até lá, vamos nos adaptando. — A Morrigan sorriu e balançou as pernas, batendo as solas dos pés na superfície da água. — Minha irmã comete o erro de pensar que, como escolhemos um meio de vida diferente, estamos atados a ele, mas não é bem assim. Se você nos der os corpos das crianças mortas, nós iremos criá-los. Se nos der água, aprenderemos a nadar.

— Mas é muita água. Quero dizer, o que vocês vão fazer se ela não parar de subir?

— Minha irmã vai se acalmar depois do Dia de Todas as Almas. Depois que ela receber sua oferenda, talvez a gente consiga persuadi-la a se tornar mais comedida com relação à chuva.

— Nunca ouvi falar em Dia de Todas as Almas. É a mesma coisa que Halloween?

A Morrigan riu e bateu de leve em minha cabeça com o galho.

— Não seja bobo. Halloween é apenas outro nome para o Dia das

Bruxas, quando os moradores da região acendem suas lanternas e jogam os ossos do gado no fogo para afastar os demônios. Depois vem o Dia de Todos os Santos, quando os devotos são venerados e santificados e têm seus dedos cortados para servirem de relíquias. E, por último, temos o Dia de Todas as Almas; esse é para o restante de nós.

— O restante?

A Morrigan fez que sim.

— As criaturas do subterrâneo. É no Dia de Todas as Almas que minha irmã renova sua influência sobre a cidade e sacrifica uma oferenda em seu próprio nome. É quando nos reunimos no pátio da igreja e queimamos sálvia e arruda. E, então, pouco antes de o sol nascer, testemunhamos o sacrifício, e o mundo volta a ficar melhor.

Ela disse isso como se estivesse recitando um poema ou me contando uma espécie de história, e não discutindo algo que acontecia com regularidade numa decadente cidade do aço.

Olhei para ela de cara feia.

— E vocês não veem nada de errado nisso? A Dama rapta crianças para matá-las e vocês não se incomodam. Vocês agem como se isso fosse uma coisa normal. Você fica me dizendo que ela é cruel, que extrapola os limites... Então, por que ninguém faz nada com relação a isso?

Observei o rosto dela, a forma como volta e meia ela levava a mão à boca, como se, inconscientemente, quisesse esconder os dentes.

— Faça um favor a si mesmo e fique fora do caminho dela. Ela é uma mulher intransigente e cruel, e não teria o menor escrúpulo em puni-lo. A

criança está na casa dela, e ficará a salvo até a noite do ritual, do sangue.

— Então, o que você está me dizendo é que vocês vão deixá-la matar uma criança e ficar apenas observando? — Pensei no olhar de Tate, na insistência desesperada de que a menina que havia morrido não era sua irmã. Minha mãe recusara-se a discutir o assunto, mas as crianças substituídas iam para algum lugar. Elas não desapareciam pura e simplesmente. Se havia um propósito ou motivo para a substituição, então Natalie ainda estava viva, esperando que alguém viesse coletar seu sangue.

A Morrigan se levantou e ergueu o galho como se fosse uma espada ou um cetro.

— Não há nada que você possa fazer pela criança. Minha irmã é uma megera sem coração, e, se você cruzar o caminho dela, só irá se machucar.

— Você está falando sobre matar uma criança. A filha de alguém. — Respirei fundo e fechei os olhos. — A irmã de alguém.

— Isso é apenas um grão de areia no grande projeto do mundo. Um grãozinho bem pequeno, a cada sete anos. Um preço ridículo a pagar pela saúde e pela prosperidade.

Janice se aproximou, sentou-se do meu lado e enfiou os pés na poça.

— A cidade precisa disso, Mackie. Nós todos precisamos.

— Então, vocês fazem fila no cemitério, queimam sálvia e matam crianças? Isso é ótimo. Realmente fantástico.

— Não somos nós que fazemos isso.

Senti um aperto na garganta, como se estivesse prestes a cair na gargalhada, mas não porque estava feliz ou achava aquilo engraçado.

— Vocês permitem que isso aconteça.

Janice suspirou e colocou a mão sobre o meu braço.

— Você não está pensando nisso de uma forma racional. Todo mundo se beneficia. Nós, a Casa do Desespero, os moradores e a cidade.

— Não — repliquei. — A cidade não se beneficia com isso. Ela apenas se machuca e fica aterrorizada. Como as pessoas podem ficar felizes enquanto seus filhos são raptados?

A Morrigan assentiu com um meneio de cabeça enérgico.

— É por isso que temos a música. A Dama pune a cidade, mas nós deixamos as pessoas felizes de novo.

— E nunca lhes ocorreu que seria melhor não torná-las infelizes, para começar?

Janice fez que não.

— Você não entende, isso é o que fazemos.

— Ah, é? — rebati. — Bom, mas não é o que eu faço.

A Morrigan me pegou pelo pulso. A mão dela estava molhada da brincadeira com a água, mas continuava quente.

— Ah, não seja rancoroso. Você conhece o curso dos acontecimentos tão bem quanto a gente. Sabe como isso tem de terminar.

— Sim, eu sei. — Tirei os dedos dela do meu braço e me levantei. — Vou embora.

Normal o suficiente

AÍ DA RAVINA NA ORCHARD e tomei o caminho de casa. Eu estava zangado e indignado, ou melhor, enojado. Não ia me deixar envolver em algo tão horrível — não podia fazer isso. No entanto, a Casa do Caos era o meu berço, a minha origem, e a responsável, em primeiro lugar, por eu viver em Gentry. Se eu quisesse ser saudável, precisava trabalhar para a Morrigan, embora a simples ideia me deixasse enjoado.

Queria conversar com Emma, mas não queria falar sobre as coisas que estavam realmente me incomodando, e, de qualquer forma, ela não estaria acordada. Ao checar meu telefone, vi que eram 2h45. Ainda chovia, o que não era nenhuma novidade.

Um carro vinha descendo a rua em minha direção, a luz amarela dos faróis cintilando através da chuva. Ele encostou de forma tão abrupta que o pneu do lado do carona arrastou no meio-fio.

Tate saiu do carro e atravessou a rua, deixando o Buick estacionado de qualquer jeito sobre a ciclovia.

— Ei — chamou ela, levantando respingos-d'água ao pisar no bueiro e passar para a calçada.

Parei e esperei.

Ao chegar perto de mim, Tate botou as mãos na cintura. Ela havia ligado o pisca-alerta, e a luz pulsava atrás dela em meio à garoa, acendendo e apagando como as batidas de um coração.

— Seu baixo está comigo.

Tive vontade de perguntar o que ela estava fazendo na rua tão tarde, rodando de carro sozinha.

— Você sabe que horas são?

Ela me fitou com os olhos apertados.

— Para falar a verdade, sei, sim. Estamos no meio da maldita madrugada. Que diabos aconteceu com você?

Dei de ombros e tentei adotar uma expressão indecifrável.

— Você não fingiu aquilo — retrucou Tate. — O que aconteceu no carro foi real.

Fiz que sim.

Ela afastou os cabelos molhados da testa.

— Bom, você está bem?

— Estou. Não se preocupe.

Ela se virou e olhou para os lotes de casas e para a rua, balançando a cabeça.

— Qual é o problema com você?

Não respondi de imediato. Tinha a sensação de que mesmo que conseguisse responder sem ser muito específico, ela apenas reformularia a pergunta e a repetiria; portanto, resolvi partir para uma abordagem mais básica.

— Existe alguma coisa a seu respeito… ou a respeito da sua vida… que você realmente odeie?

Tate riu, uma risada curta e seca.

— Meu Deus, por onde eu começo? — Ela me olhou com um meio sorriso, mas, de repente, sua expressão mudou.

— Que foi?

— Nada. É que seus olhos são realmente escuros. — Tate parecia pensativa e um pouco preocupada, mas apenas me olhava, sem condenar ou julgar.

Respirei fundo e coloquei a mão sobre o braço dela.

— Quero conversar com você sobre Natalie. — Eu a conduzi em direção à beira do jardim da sra. Feely. — Sente-se aqui.

Ela não me pareceu muito convencida, mas se sentou no chão e eu me acomodei ao lado dela.

— Posso fazer uma pergunta antes?

Ela fez que sim e arrancou um punhado de grama morta, observando-me de esguelha. O sorriso desaparecera.

— O que você faria se eu dissesse que sua irmã foi levada… que você está certa, que essa é uma cidade de merda que deixa coisas terríveis, abomináveis, acontecerem? Isso faria alguma diferença? Ajudaria?

A chuva batia no asfalto e lançava pequenos respingos para o alto, que eram refletidos pelas luzes do pisca-alerta do carro de Tate. Lá no cruzamento, o semáforo ficou vermelho e, de repente, a rua pareceu coberta de sangue. Tive a impressão de que estivera chovendo a minha vida inteira.Tate não respondeu, apenas arrancou outro punhado de grama. Parecia petrificada.

— No que você está pensando? — A pergunta saiu sussurrada, embora

não fosse a minha intenção.

— Em nada — respondeu ela de um jeito profundamente triste, parecendo forte e indefesa ao mesmo tempo. — Só estava pensando que você está certo. Não faz a menor diferença. Saber ou não saber de alguma coisa… não faz diferença porque já aconteceu. Ninguém poderia salvá-la.

Dois dias antes, eu pagaria para escutá-la dizer isso, para deixar o problema de lado e começar a aceitar a situação do jeito que era, pois, assim, ela poderia se livrar de um peso e seguir em frente. Agora tudo mudara. Se a Morrigan estivesse certa, então Natalie ainda estava viva, pelo menos até o nascer do sol da próxima sexta-feira. Contudo, eu estava a uma vida de saber o que fazer.

Quando peguei a mão de Tate, ela não a puxou.

— Só queria saber como isso aconteceu. Como algo assim pode ter acontecido.

Eu não sabia o que dizer; portanto, continuei apenas segurando-a, acariciando as costas da mão dela com o polegar.

— Não é nada pessoal ou mal-intencionado. Apenas acontece. Outras pessoas sofrem com furacões e terremotos.

Ela fez que sim, com os olhos fixos na rua. Reconheci a expressão em seu rosto, como se ela estivesse segurando a respiração. Com a mão livre, toquei seus cabelos. Eram mais macios do que aparentavam. Afastei a franja de sua testa, e Tate fechou os olhos.

— Esse lugar é cheio de gente hipócrita, é inacreditável. As pessoas são ótimas em preparar almoços beneficentes e funerais, mas nunca fazem nada

para impedir que isso seja necessário. Elas apenas dizem: "Ah, que pena."

Soltei a mão de Tate e passei o braço em volta dela. Imaginei se ela ia começar a chorar. Emma chorava por tudo, até com desenhos animados e comerciais de cartões comemorativos, mas Tate não era assim. Ela me pareceu menor do que eu esperava e mais meiga. Puxei-a para mim, acariciando seu braço.

— Eu acreditei em você. Desde o começo.

— Então, por que não disse? Quero dizer, você podia ter dito.

Ela repousou a cabeça em meu ombro e, por um segundo, pensei que não quisesse mais nada na vida. Em seguida, senti uma fisgada forte e abrasadora através da camisa. Prendi a respiração e tentei não arruinar o momento me afastando.

Tate encostou-se em mim e falou bem baixinho:

— Não estava tentando culpar você. Só achei que poderia saber o que aconteceu, só isso. Você não tem culpa de nada. Sei disso.

Fiz que sim, trincando os dentes ao sentir a fisgada de dor em minha clavícula. Ela deveria me culpar. Agora era a hora de Tate dar um chilique, exigindo saber tudo o que eu sabia porque eu finalmente descobrira algo importante e tenebroso. E ela não tinha a menor ideia de nada.

Tate se mexeu, fazendo a dor irradiar para o meu ombro e descer pelo peito como um choque elétrico produzido pelas pás de um desfibrilador, com o paramédico gritando agora. Ofeguei e a soltei.

Ela se afastou rapidamente, com os olhos fixos no chão. Tate usava um colar de bolinhas de metal em volta do pescoço, por dentro da blusa. Tive vontade de explicar, mas as palavras não saíram. Levantei.

— Aonde você vai? — A voz dela estava rouca.

— Lugar nenhum. Vamos dar uma volta. — Estiquei o braço, oferecendo minha mão. — Não vou conseguir entrar no seu carro. Que tal andar comigo até em casa?

Tate tentou se afastar assim que se levantou, mas não a soltei. Por um segundo, ficamos parados na calçada, de mãos dadas. Ela, então, puxou a mão num gesto brusco, como se não conseguisse ficar parada por tempo

suficiente para que eu pudesse tocá-la.

Seguimos pela Welsh Street em direção à igreja, praticamente calados.

Ao alcançarmos o pátio, paramos na calçada em frente.

Tate apontou com a cabeça para o pequeno cemitério.

— O corpo está aí. Posso mostrar se quiser.

Fiz que não.

— Não precisa.

— Prometo que não vou agir como uma garotinha chorosa.

— Não posso entrar no cemitério.

O olhar que ela me lançou não pareceu nada impressionado.

— Do que você está falando? Seu pai é o pastor. Você pode ir aonde bem entender.

— É complicado — respondi. — É só… é que tem uma coisa.

Tate me encarou por um bom tempo, como se estivesse pensando em todas as coisas diferentes que poderia dizer.

E, então, seguiu em direção ao limite da propriedade.

— Tudo bem, a gente dá a volta e olha pela lateral.

Contornamos o prédio e seguimos até a cerca, onde havia um canteiro de flores laranja que começavam a ficar amarronzadas.

— Ali — disse, apontando por cima da cerca. — Eles acabaram de colocar a lápide. É a pequena e branca, nos fundos, próximo ao muro.

Ela apontava para um lugar além dos túmulos anônimos e da cripta, para a seção de solo não consagrado, onde os antigos paroquianos costumavam enterrar todos os que consideravam impuros. No escuro, só dava para ver

com clareza as lápides de mármore. Elas se destacavam das sombras com um brilho pálido, enquanto que as de granito pareciam silhuetas indefinidas. A lápide para a qual Tate apontava erguia-se reta, mas a maioria das outras já estava meio inclinada.

Havia lugares em outras áreas do cemitério. Áreas consagradas. No entanto, o ser que não era Natalie fora enterrado com os excomungados porque seu lugar era ali, o que significava que o solo profano era exatamente o que a Morrigan dissera — apenas outra forma de a cidade entrar no jogo, se envolver. Algo com que todos concordavam, sem precisar dizer nada em voz alta.

Tate me olhava e, de repente, percebi que ela era o tipo de garota que jamais desviava os olhos. Ela podia arrancar a sua pele se você a deixasse olhar por tempo suficiente.

Fechei os olhos.

— Gostaria de poder fazer alguma coisa. Não sei como posso ajudar você.

Tate se aproximou, e sua voz saiu baixa e ofegante, como se estivesse me contando um segredo terrível.

— Sabe o que me deu a dica? O que me fez ter certeza absoluta? Não foi o fato de os dentes dela de repente parecerem grandes demais ou os olhos terem ficado estranhos. Quero dizer, sim, essas coisas chamaram minha atenção, mas elas não provavam nada. Foi o pijaminha dela. O pijaminha de ursinhos... ela o usava o tempo todo, mas então, uns dois meses antes de ela morrer, não consegui mais encontrá-lo. E quer saber de uma coisa? Não fazia

diferença, porque ela nunca mais tinha perguntado por ele. Além disso, ela já não gostava mais dos livros ilustrados nem dos brinquedos. Eu ficava me dizendo que era porque ela estava doente, só que isso não era verdade, porque à noite, quando a gente pensa em todas aquelas coisas que não temos coragem de pensar durante o dia… à noite, a verdade se tornava clara: ela não era a minha irmã.

Pisei no canteiro de flores ressecadas e me apoiei na cerca. Ao meu lado, Tate parecia pequena e triste. Sua boca estava com uma expressão mais amarga do que antes. Pela primeira vez desde aquela tarde sob o carvalho, ela não me olhava como se esperasse alguma coisa.

Queria abraçá-la, porém tudo estava errado — a hora, o lugar e o modo como ela se afastava num pulo e parecia inquieta, como se não aguentasse ser tocada. Assim sendo, continuei com a testa apoiada contra a cerca.

— Preciso dizer outra coisa.

— Então diga.

— Gosto de você. — Ao dizer isso em voz alta, a confissão pareceu irreversível… inescapável, como se eu tivesse acertado num ponto para o qual até então apenas não tivera palavras. Mas eu me senti assim porque era verdade.

Ela riu, incrédula.

— Você o quê?

Olhei para o chão e depois para o céu escuro e chuvoso, qualquer lugar, desde que não fosse para ela.

— Gosto de você. Muito. — Quando finalmente me virei para Tate,

meu rosto queimava. Foi difícil sustentar o olhar.

Tate apertou os olhos e me encarou. Em seguida, cruzou os braços.

— Este é um lugar totalmente inapropriado para esse tipo de conversa.

— Eu sei, mas gosto de você mesmo assim.

Dizer isso pela terceira vez foi como quebrar uma espécie de feitiço. O rosto dela se suavizou e pareceu distante.

— Não diga isso, a menos que esteja falando sério.

— Não diria se não estivesse. — Eu me aproximei e senti o cheiro metálico de novo. — Tire o colar.

— Por quê?

— Porque, se não tirar, não vou poder beijá-la.

Tate ficou ali, me olhando. De repente, ergueu as mãos atrás do pescoço e abriu o fecho. Sua boca estava ligeiramente aberta. Ela meteu o colar no bolso e eu encostei minha mão no rosto dela. E, então, antes que eu pudesse pensar o suficiente para perder a coragem, me inclinei para a frente.

Eu nunca esperara muita coisa de Tate. Olhares compridos e entediados, talvez. Umas duas rodadas de tiradas femininas inteligentes e maliciosas para as quais eu não tinha resposta. Talvez perder feio algumas vezes na sinuca, nos dardos ou nas cartas. Em vez disso, ali estava eu, beijando-a atrás da igreja. A boca de Tate era quente e eu fiquei surpreso ao perceber como era boa a sensação de não conseguir respirar.

Ela passou os braços em volta do meu pescoço e, em seguida, agarrou as costas da minha camisa, testando o chão com o pé atrás de si em busca do trecho em declive, e nos sentamos. Tate continuou agarrada a mim e me

empurrou de costas na grama. Acima dela, o céu parecia gigantesco e molhado. Um carvalho imenso que ficava ao lado da cerca estendia os galhos sobre um dos cantos do cemitério. As folhas sobreviventes estavam molhadas, cobertas por pequeninas gotas que refletiam a luz da rua em uma coleção de diminutas constelações.

Tate acariciou meu rosto com as pontas dos dedos, como se tentasse limpar os pontinhos de luz. Mas eram apenas gotas de chuva.

Ela olhou de relance por cima do ombro para a árvore reluzente e, em seguida, se virou de volta, sorrindo de um jeito manhoso e terno. Estava montada em mim. É estranho quando você não se sente feliz por tanto tempo e, de repente, se sente.

Ela se curvou e pude sentir o gosto do protetor labial e o cheiro de ferro e de xampu e, sob eles, aquele aroma vibrante de limpeza.

Ficamos deitados na grama ao lado da cerca do cemitério, trocando beijos e tremendo. Tate começou a bater os dentes e a puxei mais para perto, o que me fez sentir como um super-herói, embora sem nenhum motivo aparente. Ela se agarrou à gola do meu pulôver como se eu tivesse feito algo extraordinário.

Tate colocou a mão sobre o meu peito e começou a acariciá-lo com as pontas dos dedos, o que me provocou arrepios pelo corpo todo.Puxei-a ainda mais, mantendo a cabeça dela sob meu queixo.

— Não sou normal, Tate.

— Eu sei. — A mão dela começou a passear por debaixo da minha camisa, tocando minha pele, percorrendo meu peito e meu estômago, indo

em direção ao cós do jeans. — Isso é bom?

Fechei os olhos e fiz que sim.

— Você é normal o suficiente.

17

Confissão

O DIA SEGUINTE, fui para a escola numa espécie de estupor.

Tinha dormido muito pouco, mas, pelo menos, o tônico deixava as coisas controláveis. Roswell quis saber o que deixara Tate tão irritada, e lhe contei uma história totalmente sem sentido sobre ter ficado enjoado no carro. Ele não acreditou, porém não insistiu mais depois disso.

Eu passara a manhã inteira me preparando para o encontro com Tate, mas não a vi na escola. Era a primeira vez que Tate faltava à aula desde antes do funeral, o que, olhando de fora, já não era sem tempo. Ainda assim, não consegui deixar de pensar que, depois de ter me contado todas aquelas coisas sobre a irmã, ou talvez por eu tê-la beijado, ela estava me evitando.

A ideia me deixou mais aliviado do que eu poderia esperar. Nos últimos dias, minha vida tinha fugido ao controle, e Tate era uma complicação que eu não sabia como lidar. Mesmo assim, no decorrer do dia, durante as aulas e as revisões dos exercícios de casa, me peguei várias vezes pensando no beijo da véspera.

Quando finalmente cheguei em casa, tudo o que eu queria fazer era sentar na frente da televisão e desligar o cérebro.

Ao passar pela porta da frente, escutei a risada de Emma. Ela apareceu, vinda da sala, enquanto eu limpava os sapatos no capacho e tirava o casaco molhado. Emma abriu um sorriso largo e espontâneo, como se não pudesse evitar, mesmo que quisesse — a coisa fora engraçada a esse ponto. Usava um chapéu de chuva preto, de algum material flexível.

— É a Janice — disse, tirando o chapéu e tentando abaixar os fios arrepiados. — A gente estava de palhaçada. — Emma esticou os braços e pegou meu rosto entre as mãos com uma expressão preocupada, forçando-me a olhar para ela. — Você parece exausto. Tem certeza de que está bem?

Fiz que sim e fiquei um pouco surpreso ao perceber que estava falando a verdade. Eu só parecia exausto porque havia ficado na rua a noite toda.

— Estou apenas cansado.

Emma me lançou um olhar de dúvida e saiu. Peguei uma maçã na cozinha e fui para a sala de estar, a fim de ver qual era o caso com a Janice. Ela estava no sofá, folheando um livro didático. Seus cabelos estavam soltos em torno do rosto, e ela parecia mais uma vez comum e sem-graça.

— O que você está fazendo aqui? — perguntei. — Eu dei o que vocês pediram; portanto pare de incomodar a Emma.

Janice deu uma olhada no sumário e voltou a pesquisar os capítulos.

— Não estou incomodando a Emma. Estamos fazendo o trabalho de casa. E, sem querer ser pedante, foi ela que me procurou. Não saí por aí atrás de músicos bonitinhos; tudo o que eu fiz foi assistir às aulas.

Sentei de frente para ela e a observei fazer anotações num pequeno livro com capa de couro.

— Por que uma pessoa como você frequenta escola? Quero dizer, com que objetivo?

Janice correu o dedo pela legenda do diagrama colorido de uma célula e, em seguida, levantou os olhos.

— O objetivo é aprender todo o possível sobre a minha área.

Ergui as sobrancelhas.

— Sua área?

— Farmacologia, como é chamada agora. — Ela fechou o livro e se recostou no sofá. — O conhecimento científico muda tão rápido que é difícil acompanhar, mas Emma tem sido muito legal. Ela me explica um monte de coisas sobre horticultura. Eu nunca tinha plantado nada antes, e é legal entender certas coisas, como propagação de sementes. Ela tem me dado algumas aulas.

Assenti com um meneio de cabeça, imaginando que, num lugar como a Casa do Caos, devia ser complicado cultivar plantas.

— Emma — minha mãe chamou do vestíbulo. — Você vai usar todo esse musgo de turfa, ou posso jogar fora?

Ao escutá-la, Janice ficou com uma expressão estranha, esquisita. Ela se virou para a porta.

— Emma — chamou minha mãe de novo, entrando na sala e parando de supetão.

Janice se levantou e estendeu a mão.

— Olá, eu sou…

— Saia — cortou minha mãe. — Eu sei o que você é. Saia da minha casa.

— Por favor… — tentou Janice, recolhendo a mão e coçando a dobra do cotovelo.

Minha mãe ficou parada com o queixo erguido e os ombros empinados, como se um simples desviar de olhos, mesmo que somente por um segundo,

fosse tudo o que Janice precisava para fazer algo terrível.

Emma chegou por trás dela carregada de livros e parou, sem reação.

Janice se dirigia para a porta com uma expressão triste, mas como se já esperasse por aquilo.

Emma ficou olhando. Em seguida, se virou e encarou mamãe.

— O que está acontecendo? O que você disse para ela?

Minha mãe inspirou fundo, como se quisesse ficar mais alta.

— Mande essa garota embora — respondeu ela, com uma expressão que eu nunca vira antes. — Diga que ela não é bem-vinda aqui.

Emma ergueu as sobrancelhas e apertou os lábios. Suas bochechas ficaram vermelhas, o que era um sinal óbvio de que estava prestes a dizer algo de que se arrependeria. Era normal ela se irritar com papai, mas Emma nunca gritava com mamãe. Eu não sabia se ela não fazia isso porque seria fácil demais ou porque havia algo de assustador em relação aos silêncios de nossa mãe.

Por fim, Emma fechou os olhos e inspirou fundo, tentando se acalmar.

— Ela está me ajudando com as aulas de botânica.

Uma declaração quase convincente, mas minha mãe não se comoveu nem por um segundo.

— Ela é uma aberração.

Cravei as unhas nas palmas das mãos, enquanto Janice continuava ali, escutando.

Emma conseguiu controlar a explosão por três segundos e, então, soltou a pilha de livros no chão.

— Então, você a odeia só porque ela não é exatamente como você? Faz alguma diferença o fato de que ela é legal ou de que, desde que a conheci, ela não fez nada além de me ajudar?

— Você não sabe do que está falando. Ela é o pior tipo de criatura que existe.

— Você nem sequer a conhece! Eles não são necessariamente maus. E quanto ao Mackie?

— Não ouse falar do seu irmão. Mackie é um bom garoto. Ele cresceu num lar decente, com princípios morais. Ele é como a gente.

Emma continuou onde estava, com os livros espalhados a seus pés, e disse bem baixinho:

— Bom, talvez eles também sejam como a gente.

Minha mãe não respondeu de imediato. Ela sorriu, mas foi um sorriso duro e amargo.

— Como a gente. Me fale, algum de nossos amigos ou vizinhos possui uma devoção fanática pelo diabo? Eles raptam criancinhas? Por acaso, os paroquianos da Igreja Metodista sequestram bebês e cuidam deles como se fossem gado para sacrificá-los em nome de uma causa perdida? Mackie é um garoto doce e normal, e eles são monstros.

Todos permanecemos imóveis. Os livros caídos balançaram e escorregaram uns de cima dos outros, espalhando-se sobre o tapete. Minha mãe parecia estar com vontade de tapar a boca com as mãos, para se impedir de falar antes que fosse longe demais.

De repente, tive certeza de que aquele era o momento. Íamos falar sobre

todas as coisas terríveis e abomináveis de Gentry, sobre a forma como os bebês bonitinhos e saudáveis eram trocados por aberrações. Talvez até sobre o fato de eu não ser o filho dela e de um garoto chamado Malcolm Doyle estar morto porque um bando de gente que vivia debaixo da terra gostava de coletar sangue.

Íamos abordar os segredinhos sujos da cidade.

Minha mãe inspirou fundo e falou com as mãos fechadas em punhos.

— Eles sempre voltam. É apenas uma questão de tempo. Eles nos observam e esperam e, então, quando baixamos a guarda, vêm e tomam tudo.

— Pare de chamá-la de eles. Ela é uma pessoa!

Minha mãe continuou no mesmo tom fatídico.

— Eu sabia que eles levariam meu filho se lhes desse chance. Fiz tudo o que podia para impedir, lancei mão de todas as simpatias e amuletos. Enchi a casa de sinos, moedas e tesouras decorativas, mas, no fim, não fez a menor diferença. Alguém pegou a tesoura do berço, e eles vieram e o levaram mesmo assim.

Ela e Emma se olharam fixamente. Imaginei a casa cheia de simpatias e amuletos. Como tempos depois, ela tivera de jogar tudo fora para que eu parasse de gritar no berço.

Emma respirou fundo.

— Fui eu — disse ela. — Fui eu que peguei... peguei a tesoura e não a coloquei de volta... fui eu. É isso o que você quer saber? É essa a grande revelação que estava esperando? Que eu tinha quatro anos e era uma garotinha idiota?

A sala pareceu pequena demais para nós quatro, mesmo comigo tentando passar despercebido e Janice com as costas grudadas na estante de livros. Minhas mãos tremiam e Emma parecia furiosa.

Embora atordoado, percebi que ela realmente se culpava.

Havia os motivos simples — ela havia tirado a tesoura, não gritara nem chamara ninguém ao ver uma pessoa entrar pela janela e levar o irmão. E também não pedira ajuda depois que ele fora raptado. Em vez disso, ficara comigo a noite toda, tentando passar as mãos por entre as barras do berço.

Esses, porém, eram os motivos simples. Só que havia mais do que isso; eu estava lá porque ela passara anos sorrindo, escutando e me protegendo.

Porque ela me amava. Tudo o que eu era devia à minha irmã.

— Tudo bem! — gritou Emma, com uma voz fina, estranha e estridente.

— Tudo bem, a culpa é minha, certo?

Mamãe estava sozinha no meio da sala, com os ombros caídos e os braços pendendo sem vida ao lado do corpo.

— Não — retrucou ela. — É minha.

Seu tom era de desafio, como quando as pessoas realmente pensam que a culpa é de outra.

Janice continuava com as costas na estante de livros, coçando a dobra do cotovelo. Quando olhei de relance em direção ao vestíbulo, ela abaixou a cabeça e saiu de fininho. Alguns segundos depois, escutei a porta da frente abrir e fechar, e ficamos sozinhos com quinze anos de silêncio e o fantasma triste e paciente de Malcolm Doyle.

Nenhum de nós disse mais nada, e a sala pareceu zumbir levemente, de

um jeito que não tinha nada a ver com as luzes ou com os fios.

Então, Emma soltou um suspiro e jogou as mãos para o alto. Lançou-me um olhar desesperado e saiu da sala. Minha mãe continuou parada sozinha no meio do aposento, com as costas viradas para mim e as mãos cobrindo o rosto.

— Mãe? — Eu a peguei pelo ombro e a virei. — Mãe, não faça isso.

— O que você andou fazendo? — perguntou ela, e sua voz saiu alta, quase histérica. — Você andou perambulando pelo mundo subterrâneo? Pelo amor de Deus, o que você fez?

Eu me afastei. O pânico na voz dela era alarmante, e não consegui fechar a boca.

— Sente-se — mandou ela. — Precisamos conversar.

Sentei na beira do sofá e ela se sentou de frente para mim, mas não disse nada por um longo tempo. Encostado contra a parede, o relógio de armário tiquetaqueava de modo ritmado. Tive uma visão assustadora de nós dois, sentados um de frente para o outro pelo resto da vida, sem saber o que dizer.

Passado um bom tempo, ela esticou o braço por cima da mesinha de centro e me pegou pelo pulso.

Permaneci imóvel, esperando.

Ela acariciou as costas da minha mão com o polegar.

— Quando conheci seu pai, achei que seria a minha oportunidade de esquecer. Um novo começo, mas eu era tão ingênua. Eles jamais somem de verdade quando ainda há chance de ganharem alguma coisa.

Fechei os olhos, tentando pensar em algo que eles gostariam de ganhar — algo que eu pudesse dar a eles. Eles tinham a Casa do Caos inteira, cheia de monstros risonhos e túneis alagados.

— Já dei o que eles queriam. Não foi nada ruim nem perigoso. Eles só querem ser amados.

Ela riu, mas foi uma risada desagradável, dura e amarga.

— Amados? Não acredite nisso. Eles querem um corpo quente. Eles têm de pagar impostos, da mesma forma que todo mundo da Igreja Metodista deposita o dízimo na caixinha da igreja todos os anos, e do mesmo jeito que as pessoas fazem fila em abril para dar dinheiro ao governo. É a mesma coisa, com a única diferença que o pagamento deles é feito de sete em sete anos, e a moeda usada é o sangue.

Concordei com um meneio de cabeça e tentei não pensar em Malcolm Doyle. Não queria pensar em seus cabelos louros, em seus olhos verdadeiramente azuis, ou em sua morte sangrenta. Se me permitisse pensar nisso, sonharia com ele por anos a fio.

Minha mãe abaixou a cabeça e olhou para as próprias mãos.

— Eles protegem a cidade, mantendo-a em segurança, e nos trazem sorte. Mas, para isso, é preciso certos sacrifícios. E como eles não são completamente desprovidos de sentimentos, preferem usar as crianças de outras pessoas.

— Você está falando de você mesma? — perguntei, mas querendo dizer Malcolm Doyle, Natalie Stewart, qualquer um que tivesse sido raptado para que eles pudessem fazer sua oferenda de sangue.

— Eu fui um caso especial. Não fui levada pelos motivos normais. — Os olhos dela estavam enevoados e abatidos, como se estivesse esperando que eu visse o quão irônica era a situação toda. — A Dama gostava de mim. Ela me chamava de preciosa, me mantinha como um animalzinho de estimação e me contava sobre todas as oferendas que faziam em nome dela. Criancinhas que choravam e gritavam. Ela me contou que há seiscentos anos eles usavam os guerreiros que vinham até ela oferecer suas vitórias e derrotas. E me disse que nunca deixaria nada acontecer comigo. Ela ficou comigo por tanto tempo que foi como se eu estivesse sendo mantida num pote.

— Mas, se a Dama não queria que você voltasse para casa, por que não a impediu de fugir?

— Ela teria impedido. Teria me mantido lá, mas apareceu alguém que me levou de volta para casa. Uma criatura estranha... um monstro... me tirou da colina, certa noite, e me conduziu pelo parque. Depois me deixou na porta da casa dos meus pais, do jeito como se deixa um cachorro perdido. Olhei para ela fixamente, tentando entender a dor em sua voz. Não fazia sentido.

— Mas isso foi uma coisa boa, certo? Você voltou para casa.

— Só que não pode ser assim — retrucou minha mãe. — Não pode. As pessoas encontram um jeito de parar de sentir falta depois de um tempo. Elas seguem em frente. E o que se faz com uma garota que não suporta o cheiro do escapamento do carro? Que fica cega sob a luz do sol? Escute — continuou ela. — Eu sei como eles são. Conheço a forma como pensam, e é sempre em termos do que podem ganhar.

— Mas o que eles podem ganhar?

Ela deu de ombros, um gesto repentino e descuidado.

— Não sei, mas você pode ter certeza de uma coisa. Eles vão usá-lo, manipulá-lo e depois jogá-lo fora quando não precisarem mais de você. — Ela sorriu de forma inesperada, um sorriso fraco e assustador. — Fiquei sentada numa almofada aos pés da Dama e brinquei com um cuco. Eu cantava algumas musiquinhas e ela me acompanhava. Você não pode voltar lá. De jeito nenhum.

Respirei fundo.

— Eles me disseram que, se eu não os ajudasse, iriam machucar a Emma. Não posso ficar aqui sentado e deixar isso acontecer.

Minha mãe se levantou e se aproximou.

— Emma tem quase vinte anos. Ela sabe se cuidar. Você é um ser raro… talvez valioso… e eles querem alguma coisa de você. Quando alguém lá de baixo quer alguma coisa, nunca é algo inofensivo. Não volte lá.

— E se eles fizerem alguma coisa terrível com ela só para me punir?

— Eles sempre irão puni-lo — replicou ela —, porque odeiam perder. Quando raptaram o Malcolm, foi para me punir por tê-los deixado.

— Mas fugir não foi escolha sua. Você era uma criança… uma vítima.

— Mas eu fugi, e a Dama não perdoa uma coisa dessas porque isso é tudo o que importa. — Ela tirou as mãos do rosto e me fitou. — Eles vão usar você, Mackie. O que eu preciso fazer para que você entenda que eles são muito perigosos?

No entanto, quando tentei imaginá-los como seres perigosos, tudo o que

consegui visualizar foi a expressão no rosto de Janice, um misto de confusão e dor. Emma não estava sendo usada ao explicar como funcionava a propagação das sementes; elas estavam apenas compartilhando um interesse em comum. Era o que as pessoas faziam quando queriam ser amigas.

— Estou me sentindo melhor — disse, por fim. — Essa talvez seja a primeira vez na vida que me sinto realmente bem, e devo isso a eles.

— Será que você não entende? Você está sendo comprado. Eles descobriram o seu preço.

Só que, no cômputo geral, meu preço não era absurdo. Eles haviam me dado mais do que eu jamais esperara, porém o ponto principal não era o alívio da dor ou do cansaço, nem mesmo a promessa de me tornar uma pessoa normal. Emma era algo tão grande e evidente que, de repente, não havia espaço em minha cabeça para mais nada.

— Não tive escolha.

Minha mãe sentou na beirada da cadeira de espaldar alto com os braços envolvendo o próprio corpo. Seus olhos estavam límpidos e duros.

— Tudo na vida envolve escolha.

18

A beleza e a verdade

MMA E MINHA MÃE já tinham saído quando desci para tomar café na terça-feira, e comi cereal com leite frio sozinho, em pé ao lado da pia.

Fechei os olhos e tentei escutar o rugido da multidão na Starlight, sentir o gosto do beijo de Tate e a sensação da mão dela entrelaçada à minha. No entanto, só conseguia me lembrar da conversa da véspera com minha mãe, como um arranhão que eu podia sentir com a ponta do dedo. Algo a respeito daquela ferida aberta me dava vontade de meter o dedo e continuar cutucando.

Meu pai estava ao lado da janela da sala de estar com as mãos cruzadas na nuca, olhando para a rua vazia.

Sentei no chão e me recostei no sofá. O barulho da chuva estava me deixando meio embotado e confuso, como se eu não soubesse ao certo se estava dormindo ou não.

Continuei recostado no sofá, pensando em como era difícil a gente se comunicar com alguém. Em como eu nunca conseguia descobrir como falar todas as coisas que eu queria dizer. Porque era complicado. Mais complicado do que beijar Tate, e mais ainda do que o terrível segredo que eu sabia a respeito da irmã dela. A ideia de deixar alguém se aproximar tanto, de saber tantas coisas a respeito da gente era claustrofóbica. Só que, para ficar com ela, eu precisaria me tornar mais real.

Fiquei pensando na boca de Tate. Na maneira como ela enfiara as mãos

por debaixo da minha camisa. E em como eu era tão bom em escolher as coisas erradas que ficava difícil saber se alguma coisa era o que de fato eu deveria querer.

Não pude deixar de pensar que ficar com ela atrás do pátio da igreja talvez tivesse sido uma espécie de recompensa, um prêmio por eu ter acreditado nela, ou então um suborno para que eu lhe contasse tudo o que sabia. Que Natalie ainda estava viva. Só que eu tinha acabado de descobrir isso, e ela não poderia ter suspeitado, de jeito nenhum; portanto, o que acontecera lá na grama tinha de ter sido real. Só podia significar que ela quisera realmente me beijar. Pelo menos um pouco?

— Você me parece imerso em pensamentos hoje — comentou meu pai, ao se virar da janela.

Dei de ombros e não o corrigi. Eu estava perdido por completo.

Saí para a escola um pouco mais cedo do que de costume. Segui de modo determinado pela Orchard e cortei caminho pela ponte. Uma neblina encobria o fundo da ravina, e ela envolveu meus pés quando atravessei a ponte, pensando no aviso de minha mãe, o qual combinava perfeitamente com o que a Morrigan dissera sobre ficar fora do caminho da Dama.

Atravessei a Welsh Street com as mãos nos bolsos. A vizinhança estava deserta e eu começava a me sentir perdido de novo, a mesma sensação que às vezes me acometia à noite, como se eu talvez não existisse. Foi quando vi alguém na minha frente. Alguém com uma jaqueta cinza, e com cabelos curtos e bagunçados. Corri para alcançá-la.

— Oi, Tate.

Ela olhou por cima do ombro e fez uma cara que não chegou nem perto de um sorriso. Acenou brevemente com uma das mãos.

Eu me aproximei.

— Como vão as coisas?

Ela deu de ombros e não respondeu.

Virei de modo que ficasse de frente para ela e comecei a andar de costas.

— Você fez o trabalho de literatura?

— Não — respondeu ela. — Não finja que essa é uma conversa normal. Não comece a agir como se tudo estivesse bem.

— O que você quer que eu diga?

Tate suspirou.

— Por que você sempre pergunta isso? Não quero que você diga nada. Só queria que as pessoas dessem a devida importância à morte dela.

De repente, eu me senti quente e estranho, mas não desviei os olhos.

— Ninguém está dizendo que não é importante. Só que não podemos fazer nada para ajudar, entende? Não há nada que a gente possa fazer.

E isso era verdade. Uma verdade incontestável, mas me senti um mentiroso dizendo aquilo. Natalie estava viva, pelo menos até sexta. Eu devia estar agora pensando num jeito de salvá-la, porque isso era o que uma pessoa corajosa e honrada faria, e tinha a sensação de que Tate podia ver a culpa estampada em mim, a palavra desonesto escrita em letras garrafais na minha testa.

Tate parecia ter se fechado por completo desde os nossos quinze ou

vinte minutos juntos ao lado do cemitério. Era desconcertante pensar que eu a beijara e agora mal conseguia olhar para ela.

— Por que você não está de carro?

Ela saiu andando.

— Ele se recusou a dar partida.

Pulei na frente dela de novo.

— Qual é o problema?

— Se eu soubesse, você não acha que eu teria consertado? — Ela me lançou um olhar exasperado. — Olhe só, estou com pressa. Será que dá para você me deixar passar?

Quando, por fim, entrei na aula de literatura, eu me sentia um tanto agitado, mas não saberia dizer se era por minha causa ou por causa de Tate. A ideia de que ela havia ficado comigo como agradecimento por eu finalmente admitir que acreditava nela ou para provar alguma coisa me parecia um pouco sórdida, mas, por outro lado, eu não dava a mínima. Ainda queria beijá-la.

Algumas fileiras à minha frente, Alice estava sentada olhando para o quadro e brincando com os cabelos. Ela os enrolava em volta do dedo e os desenrolava de novo. O rosto dela era suave e simétrico, como uma coisa que se sabe de antemão que será livre de imperfeições.

— Tate — chamou a sra. Brummel, com um sorriso doce, como se tentasse provar com todas as forças que nada desagradável acontecera na sexta anterior. — Você pode distribuir os testes corrigidos, por favor?

Tate levantou-se da carteira parecendo uma pintura de Van Gogh, cheia

de cores, texturas e luz. Os cabelos dela estavam espetados como uma espécie de crista de galo, e seus cotovelos pareciam pontudos por baixo da camiseta térmica. Ela pegou a pilha de testes e começou a distribuição pelo meu corredor, folheando os papéis.

Debrucei-me por cima da carteira.

— Jenna… Jenna, você tem uma caneta?

Jenna pegou uma na pasta e me entregou, sorrindo como um anúncio de pasta de dente ou como um gato sorriria se usasse aparelho, tivesse luzes nos cabelos e um motivo para sorrir.

Eu havia esquecido meu caderno; portanto, comecei a vasculhar os bolsos em busca de bilhetes, embalagens de chicletes ou recibos. Por fim, encontrei um folheto de show e escrevi no verso: Posso acompanhá-la até em casa?

Quando Tate chegou perto da minha carteira, entreguei-lhe o bilhete, mas ela não olhou para ele. Tate colocou o teste virado de cabeça para baixo sobre a minha mesa e continuou pelo corredor.

Peguei-a pelo pulso. Não tinha planejado fazer aquilo, e o ato me pegou de surpresa. A pele dela estava fria e seus ossos pareceram frágeis sob a minha mão.

Por um segundo, ficamos assim, eu a segurando pelo pulso e ela permitindo. Mas, então, ela se soltou com um safanão como se eu fosse contagioso.

Tate terminou de distribuir os testes e voltou para a carteira sem olhar para a sra. Brummel nem para outra pessoa. Observei-a, mas ela não

levantou a cabeça nem olhou de relance para os lados.

Passamos a aula toda conferindo as respostas do teste e discutindo cada uma nos mínimos detalhes. Folheei o livro de literatura, procurando por fotos interessantes ou, quem sabe, por uma solução mágica para todos os meus problemas.

Eu estava analisando o capítulo sobre romantismo quando, ao virar a página, deparei com a foto de um vaso pintado. As pessoas no vaso estavam todas de perfil. Elas dançavam, pulavam e se esparramavam, tocando pequeninas flautas. Aquilo me fez lembrar o evento pós-festa na Casa do Caos, uma comemoração com uma graça estranha e assustadora.

Na outra página, havia um poema. Ele descrevia como a beleza e a verdade eram as coisas mais importantes da vida. Elas eram a mesma coisa. Contudo, não fazia diferença que alguém pintasse o mundo de uma forma bonita. O fato era: meus amigos não me conheciam, Tate não me queria, e a verdade era uma coisa bastante feia.

Fechei o livro e olhei para o relógio, desejando que os ponteiros se movessem mais depressa.

Na minha frente, Alice e Jenna conversavam sobre a festa de Halloween do lago, imaginando se naquele ano haveria uma grande fogueira ou se, por causa da chuva, eles teriam de se contentar com pequenas fogueiras nas áreas destinadas a churrasco dos abrigos de piqueniques. Fiquei observando-as porque as duas eram bonitas e era legal ter alguma coisa normal para distrair a atenção da minha própria vida.

Alice usava outro exemplar de sua variada coleção de blusinhas

decotadas, e eu estava aproveitando para me atormentar um pouco, o que Roswell diria ser uma atitude bastante masoquista. Era também uma autoindulgência; os cabelos dela tinham um tom de mel e brilhavam, e ficar pensando a respeito de Tate fazia com que me sentisse um idiota.

Alice se virou e, ao me pegar observando-as, lançou-me um olhar entediado.

— Você vai à festa, Mackie? — Ela ergueu as sobrancelhas, mas manteve as pálpebras semicerradas, como se olhar para mim a deixasse cansada.

Se fosse outro dia — qualquer outro dia —, eu interpretaria a pergunta pelo que ela era. A forma que Alice encontrara de mostrar que era melhor do que eu, de me descartar e de me fazer sentir inferior. Só que, nos últimos tempos, tudo andava completamente fora dos eixos. Elas tinham sido totalmente antipáticas, mas, mesmo assim, eu sorri, ergui as sobrancelhas e me inclinei para a frente, do modo como vira Roswell fazer um milhão de vezes.

— Por quê? Você quer ir comigo?

Alice abriu a boca e piscou. Tornou a fechar a boca e fiquei surpreso e um tanto satisfeito ao ver que ela enrubesceu. Atrás dela, Tate fazia anotações cuidadosas em suas respostas. Pensei tê-la visto enrijecer os ombros, mas não saberia dizer com certeza.

Alice me olhava boquiaberta, porém logo se recobrou.

— Está me convidando para ir com você?

Havia divertimento na voz dela, e desafio. Continuei sorrindo,

apreciando a forma como sua boca parecia macia e brilhante.

— Bom, isso vai depender se você vai aceitar ou não.

— Aceito — respondeu ela, mordendo o lábio e sorrindo de modo conspiratório.

Atrás dela, Tate continuava teimosamente debruçada sobre a carteira, analisando o teste como se as respostas fossem importantes.

19

O Lago

ÃO ERA UM ENCONTRO. Ou, pelo menos, as coisas se tornavam mais fáceis se eu ficasse me dizendo isso.

Não era um encontro porque eu havia marcado com a Alice lá. No entanto, era alguma coisa, já que eu fizera planos de encontrá-la, da mesma forma que os rapazes normais combinam com as garotas de irem a festas. Roswell ainda pretendia ficar com Stephanie, porém a ideia não parecia deixá-lo muito ansioso. Quando lhe perguntei como deveria agir com Alice, ele apenas deu de ombros e disse:

— Bom, você pode começar com uma conversa.

Depois do jantar, fui para a casa dele. A mãe de Roswell abriu a porta com os cabelos presos numa espécie de trança sofisticada no alto da cabeça. Ela estava ocupada prendendo o fecho do colar e sorriu para mim.

— Ele está no quarto, se arrumando para as fãs. Você acha que consegue persuadi-lo a dirigir com responsabilidade?

— Posso tentar. Não sei quanta influência eu exerço sobre ele.

Isso a fez rir, e a risada deixou-a parecida com ele. Tinham o mesmo formato de olhos, com o mesmo tom azul profundo, gélido. Ela usou uma das mãos para segurar o colar e, com o braço livre, me deu um abraço.

— Não se venda barato, destruidor. Ele escuta você.Roswell estava no segundo andar, tentando grudar as presas sobre os caninos. Ele havia caprichado um pouco mais, já que era uma genuína festa de Halloween, e seus cabelos estavam esticados para trás, formando uma espécie de topete

esquisito.

Sentei à escrivaninha dele, coberta de pedaços de seu último projeto de relógio, e o observei manusear a cola para os dentes, espremendo-a na ponta dos dedos e depois limpando o excesso no jeans.

— O que você falou para minha mãe que a fez rir como uma garotinha adolescente?

— Nada de mais. Por que ela sempre parece achar que você dirige como se tivéssemos acabado de roubar um banco?

Roswell soltou uma risada e revirou os olhos.

— Porque é isso o que os adolescentes fazem, certo? Eles também tatuam suásticas nos braços, roubam receitas médicas dos idosos e usam cocaína pura. Preciso instituir uma lei para impedi-la de assistir a 60 Minutes e a todas as declarações do Ministério Público.

Analisei o relógio semipronto. A carcaça era feita com um velho telefone antigo, daqueles de discar, e os números do mostrador tinham sido substituídos por diferentes moedas estrangeiras. A escrivaninha estava coberta de pinos e pequenas engrenagens.

Peguei uma moeda de latão com um buraquinho no meio e a estudei.

— Ela nunca diz nada disso para mim.

— Isso é porque ela pensa que, de nós dois, você é o bonzinho.

— Eu sou o bonzinho. Onde você arrumou todas essas partes de relógios?

— Onde você acha? Os gêmeos me deram. Juro por Deus, toda vez que Danny conserta alguma coisa, termina com uma tonelada de peças

"sobressalentes". — Roswell cruzou os braços e me olhou de cima a baixo. — Você não vai se fantasiar?

Fiz que não.

— E desde quando eu preciso de fantasia?

Ele riu e me deu um soco de leve no ombro.

— Desde que você deixou de ter uma aparência esquisita, saiu do casulo e começou a parecer razoavelmente normal.

Ergui as sobrancelhas e me levantei.

— Ei, talvez essa seja a minha fantasia.

O lago estava seco, e já estava assim desde antes de eu nascer.

Ele ficava na periferia da cidade, fedorento e vazio, um grande buraco lamacento. As margens eram entremeadas de pedras, mas o centro se tornara um pântano devido à água da chuva. A área em torno do leito do lago já fora um parque, com abrigos para piqueniques e deques de madeira para atracar barcos e pescar, porém as atividades de lazer tinham sido abandonadas quando o lago secou. As pessoas ainda iam correr pelas trilhas ou passear com seus cachorros pelo mato, mas ele agora era usado sobretudo para pequenos tráficos de drogas e festas da escola.

Seguimos para a ponta sul do lago, em direção a um dilapidado grupo de abrigos para piqueniques. As fogueiras estavam acesas, brilhando como pequenos faróis. O fogo crepitava sob a brisa úmida quando entramos no estacionamento pavimentado. O caminho que seguia até os abrigos era pontilhado por ervas daninhas, embalagens de fast-food e latas de cerveja. Continuava chovendo, a mesma garoa fina que caía havia semanas.

Alice, Jenna e Stephanie estavam reunidas debaixo do abrigo do meio, usando casacos de inverno sobre as fantasias. Alice estava em pé ao lado do fogo, segurando uma lata de cerveja com as duas mãos e com os ombros encolhidos de frio.

Roswell e eu nos aproximamos. Assim que Alice me viu, abriu um sorriso e fez sinal para que eu fosse me juntar a ela. Roswell me entregou uma cerveja e eu a abri. Era estranho estar no centro dos acontecimentos, em vez de observar da periferia.

Jeremy Sayers chegou perto de mim fantasiado de pirata, com um chapéu de três pontas e um tapa-olho.

— Doyle — cumprimentou-me, dando um tapinha bem forte em meu ombro. — O maricas esquisitão!

Era difícil dizer se aquilo era uma brincadeirinha normal ou maldosa. Ele sorria; portanto, presumi que fosse algo normal e devolvi o sorriso.

Tyson Knoll intrometeu-se do outro lado de nosso círculo. Mais um pirata.

— E aí, meu chapa, você contou a ele sobre o sangue?

Tentei não soar preocupado.

— Que sangue?

— No seu armário! E então, você não adorou aquilo?

Tomei um gole da minha cerveja e fiz que sim, sem saber ao certo o que ele esperava que eu dissesse. Eu teria usado uma palavra diferente. Adorar? Adorar, não, definitivamente.

Jeremy passou o braço por cima dos meus ombros. Ele cheirava à

desodorante e a algum tipo de bebida alcoólica forte.

— Lembra quando o Mason cortou o lábio no ano passado, durante a aula de educação física, e você desmaiou como um veadinho? Lembra? Foi hilário!

Continuei em pé ao lado de Alice, tentando fingir que a história não era completamente constrangedora, mas ela apenas se virou e sorriu para mim.

Fiquei surpreso ao perceber o quanto todos aqueles anos tentando passar despercebido tinham me deixado paranoico. Como cada acontecimento extraordinário era uma ameaça e cada encontro, suspeito. Eu passara tanto tempo me protegendo de tudo e de todos que não sabia sequer identificar a diferença entre o que era perigoso e o que não era.

Eles eram expansivos e imprevisíveis e, até pouco tempo atrás, eu sempre os observara com o mesmo fascínio com que observava Roswell. Da mesma forma como algumas das garotas menos populares observavam Jenna e Alice agora, não exatamente com ressentimento ou inveja, mas como se quisessem ser elas. Cammie Winslow estava próxima à cerca, no abrigo ao lado. Ela usava uma fantasia de palhaço grande demais, e parecia perdida e esperançosa, como se fosse capaz de dar qualquer coisa para se enturmar com o restante de nós, rindo e bebendo cerveja barata com pessoas como Jeremy e Tyson. E, sim, basicamente, eles eram dois idiotas, porém, até então, eu não sabia o que era me sentir incluído, e agora eles estavam agindo como se eu fizesse parte do grupo.

O ar estava frio e úmido. O calor da fogueira atingia meu rosto com uma baforada quente, ainda que eu estivesse mais afastado do que os outros. A

churrasqueira e a grelha eram de aço, cobertos e enegrecidos de fuligem, mas ainda era possível sentir uma nuvem de ferro se espalhando com a fumaça. Mesmo assim, eu continuava firme e feliz. Tudo parecia ótimo, do jeito que deveria ser.

No estacionamento, alguns dos rapazes do time de luta livre tentavam acender o fogo para queimar um espantalho de estopa e palha da Bruxa Porca, mas a chuva estava forte demais, e eles só conseguiam fazer muita fumaça. Ela vinha em nossa direção em nuvens escuras, trazendo um cheiro desagradável de fluido de isqueiro.

Alice se aproximou um pouco mais e pegou minha mão. A dela era menor e mais larga do que a de Tate, com a palma macia e delicada e as unhas pintadas de um azul berrante. Seu aperto era firme e, de repente, me fez lembrar a Morrigan e como ela sempre queria ficar bem perto de mim, me tocando. Tal como uma criança pequena que vive esticando o braço para se certificar de que você está ao alcance dela.

Só que Alice era bonita, nem um pouco parecida com os monstros da Casa do Caos. Sua beleza não era mutante como a de Janice ou Carlina, mas estável e constante, uma beleza que chamava a atenção das pessoas e fazia com que elas desejassem ser notadas por Alice, mesmo que somente por um segundo.

Ficamos com os rapazes dos times de luta livre e de futebol enquanto eles contavam histórias sobre as idiotices que tinham feito com outras pessoas — em nome da diversão, é claro — e passavam uma garrafa de uísque Maker's Mark de mão em mão. Roswell e Stephanie tinham se

afastado para conversar, o que provavelmente significava se agarrar. Eu estava sozinho, navegando pelo mundo das pessoas normais, o que era mais fácil do que eu jamais pensara que pudesse ser. E não estava metendo os pés pelas mãos.

Alice me passou a garrafa e, ao tomar um gole, o calor produziu uma sensação agradável, de algo que desce queimando. Tive a impressão de conseguir sentir um leve sabor metálico do seu piercing de língua, mas não saberia dizer com certeza.

Alice ergueu os olhos para mim. Eles eram de um azul profundo, radiante. Ela também sorriu, um sorriso doce, como se tudo estivesse maravilhoso e fosse continuar assim para sempre. Coloquei as mãos sobre os ombros dela e a beijei.

A boca de Alice estava quente de encontro à minha. Senti gosto de uísque e de algo mais indefinido, seguido por uma leve baforada de aço cirúrgico que fez minha cabeça girar.

Beijei-a de novo, aproximando-me mais um pouco. O fogo transmitia calor e a chuva produzia um leve tamborilar ao bater contra o cascalho do estacionamento. Alice corria as mãos pelas minhas costas. De repente, tive total consciência do corpo dela grudado ao meu; em seguida, de sua língua, com o piercing venenoso passeando pelo meu lábio inferior, escorregando para dentro de minha boca.

E, então, a dor.

Por um segundo, eu não saberia dizer onde estava ou de onde vinha a dor. Era como uma luz forte e abrasadora que brilhava sobre mim, apagando

o resto do mundo todo.

Alice pressionou o corpo contra o meu. Uma de suas mãos estava em minha nuca, puxando meu rosto ao encontro daquela boca e de seu beijo frio e doloroso, prendendo-me ali. De repente, livrei-me num gesto brusco e tropecei para trás.

Afastei-me cambaleando do círculo da fogueira, buscando apoio no corrimão de madeira da cerca que circundava o abrigo para piqueniques, e tentei pensar. A dor era insuportável, diferente de tudo o que eu já sentira. Nunca poderia imaginar que houvesse tantas formas diferentes de dor.

Meus braços estavam dormentes e pesados. Tateei meu casaco em busca da garrafinha de vidro e, enquanto tentava tirar a rolha, derrubei uma boa quantidade sobre minhas mãos.

Tomei um grande gole do tônico e pressionei a testa contra o corrimão, encolhendo-me ao perceber que nada acontecia, nada acontecia, droga de efeito nenhum. E, então, algo aconteceu, só que não foi uma coisa agradável. Senti uma onda forte que não foi de alívio nem melhora, e caí por cima do corrimão, com ânsia de vômito. Era uma sensação terrível, desesperadora, e parecia que ia durar para sempre.

Alice me chamava, mas eu não consegui responder. A festa parecia estar acontecendo a um milhão de quilômetros dali, em outro país. Outro universo. À minha volta, só havia a terra e o corrimão, e nada mais.

— Ele está bêbado — falou Roswell de algum lugar acima de mim, e, em seguida, senti a mão dele nas minhas costas, entre as omoplatas. — Merda, ele está doidão.

— Não seria bom pegar um copo-d'água? — perguntou Alice, enquanto eu mantinha os olhos fechados e continuava debruçado sobre o corrimão, sentindo o frio piorar e a tremedeira começar.

Roswell permaneceu ao meu lado, com a mão em minha nuca.

— Está tudo bem, não se preocupe. Vou levá-lo para casa.

— É, essa é uma boa ideia — replicou Alice, num tom indiferente e distante. — Jesus, isso é horrível.

Eu conseguia sentir algumas coisas: Roswell me mantendo em pé, me guiando até o carro dele. Parando e deixando que eu me curvasse para vomitar no chão do estacionamento. Ele me ajudou a sentar no banco do carona, abriu um pouco a janela e fechou a porta.

Em seguida, entrou e ligou o carro, lançando-me um olhar breve.

— O que foi que aconteceu? — A voz dele soou alta e ríspida, como se ele estivesse zangado.

Eu sabia que precisava ser cuidadoso, guardar o segredo, mas estava fraco demais para conseguir contornar a pergunta. Sentia fortes espasmos no peito, e mal conseguia respirar.

— Eu a beijei.

— E por causa disso entrou em choque anafilático?

Fechei os olhos e deixei a chuva que entrava pela janela bater em meu rosto.

— Ela tem um piercing na língua.

Roswell não disse mais nada. Engatou a ré, saiu do estacionamento e virou na estradinha de terra esburacada que ia dar na rua principal.

Escorreguei no assento do carona e apoiei a cabeça na porta, tentando não vomitar dentro do carro.

Em meio ao enjoo e à dor, lembrei-me da voz de Luther. Sua declaração sussurrada ecoou em minha cabeça: Você está morrendo. Antes do beijo fatal, a noite estava sendo quase normal, mas isso não podia durar. Não havia normal para mim. Não para pessoas como eu.

Já na rua pavimentada, Roswell começou a fazer perguntas de novo, parecendo muito agitado. Ele falava rápido demais, tornando difícil acompanhar a conversa.

— E então, o que eu posso fazer? Se precisar que eu encoste o carro, é só falar. Será que eu devo pegar um pouco de água? Será que é bom ligar para Emma e avisar a ela que estou levando você para casa e que sua aparência é péssima?

— Me leve até o fim da Orchard.

Roswell inspirou fundo e pareceu forçosamente calmo.

— Tudo bem, sua voz está pastosa. Repete! Tive a impressão de que você acabou de pedir algo completamente insano.

— Você precisa me deixar no fim da Orchard. Preciso ir até a pilha de escória de metal.

20

Mundinho horroroso

OSWELL ESTACIONOU NO ALTO da ravina e abriu a porta. Sob o brilho da luz de teto, pude ver o rosto dele obscurecido pelas sombras, e tão duro e compenetrado, que mal o reconheci.

Esperei uma discussão, mas ele apenas me puxou para fora do carro e me guiou pela trilha que ia dar na ponte. Embora atordoado, ponderei que ele era um bom amigo, isso se for possível chamar de bom amigo alguém que o deixa sozinho e semidesmaiado numa ponte.

Senti um alívio enorme ao alcançar o fundo da ravina, embora estivesse muito, muito pior. Ajoelhei na lama, pressionando a testa contra a pilha de escória molhada e chamando, aos sussurros, por Carlina, Janice, qualquer um. Quando a porta se materializou em meio ao cascalho, eu me joguei de encontro a ela e caí dentro do túnel.

Fui descendo aos trancos e barrancos e, após uma série de escorregões, daqueles que parecem acontecer em câmera lenta, me vi de volta ao salão cavernoso da Casa do Caos. Estava com uma profunda e incômoda sensação de que jamais conseguiria me afastar daquele mundinho horroroso. Meu mundo. Eu não tinha outro lugar para ir.

A Morrigan estava sentada no chão, ao lado da mesa de recepção, empurrando um trenzinho de alumínio para a frente e para trás no piso de pedra. Ela levantou os olhos quando entrei cambaleando no salão e, pela expressão, percebi na hora que eu estava mal. A Morrigan se levantou num pulo, chutou o trem para o lado e atravessou correndo a sala em minha

direção.

Pegou minha mão e deu um puxão tão forte que quase caí.

— Meu Deus! O que aconteceu? Quem fez isso com você?

Fiz que não, fraco demais para explicar que a culpa era muito mais minha do que de qualquer outra pessoa.

A Morrigan me soltou e correu de volta até a mesa. Abriu a primeira gaveta e pegou um pesado sino de latão. Segurando-o acima da cabeça, tocou o sino e gritou:

— Janice! — Ela foi até uma das portas, sem parar de badalar o sino, e tive uma ligeira impressão de que poderia desmaiar devido ao barulho. — Janice! Traga o soro de emergência e a seringa!

Janice apareceu do nada, pegou meu braço e levantou a manga do casaco.

— Estou aqui, não se mexa.

Fiquei imóvel e tentei focalizar os olhos. Janice segurava uma seringa, mas, em vez de uma agulha de aço, ela terminava numa ponta de latão que parecia grossa demais para furar a pele. Percebi com um fascínio embotado que ela ia espetá-la mesmo assim, mas minha cabeça pulsava e eu não conseguia forçar minha mente a pensar em nada coerente para dizer.

Precisei me apoiar na mesa de recepção para me manter de pé. Janice posicionou a seringa, encostando a ponta na curva interna do meu cotovelo e forçando-a contra a pele. Uma fisgada quente irradiou pelo meu braço quando ela apertou o êmbolo. O soro que escorreu pela seringa e entrou em minha corrente sanguínea tinha um tom marrom escuro e queimava. Fechei

os olhos e deixei a cabeça cair para trás, enquanto a dor atingia seu ápice e depois amainava. Janice puxou a seringa e comecei a tremer. As sensações que se seguiram foram: joelhos bambos e tonteira, desagradável, porém, familiar. Escorreguei para o chão.

Janice colocou a seringa de lado e, após um segundo, consegui focalizar meus olhos. Ela estava em pé sobre mim, com seu macaquinho e um roupão de banho bordado. Os cabelos estavam arrepiados em alguns lugares, como se tivesse sido acordada.

— Desculpe se eu acordei você — murmurei, recostando-me contra a mesa. — Obrigado pela injeção. Já estou me sentindo melhor.

Ela se agachou, pegou meu rosto entre as mãos e olhou dentro dos meus olhos, como se quisesse verificar as pupilas. Em seguida, abriu minha boca e balançou a cabeça em desânimo.

— Está tentando se matar? O que diabos você andou metendo na boca?

— Virou-se para a Morrigan, que continuava imóvel ao lado da mesa, agarrada ao sino. — Ele precisa se deitar. Leve-o para algum lugar quieto.

Eu nunca escutara ninguém falando com a Morrigan daquele jeito, como se falasse com um empregado ou com uma criancinha, mas ela apenas consentiu com um meneio de cabeça e me tomou pela mão. A dela era tão quente que eu quase não aguentava o toque. Puxou-me em direção a uma das portas estreitas e me conduziu por um corredor escuro.

O aposento era um quarto com o pé-direito alto, e percebi que só podia ser o dela. Havia um tapete verde florido sobre o chão e uma enorme casa de bonecas de quatro andares num dos cantos, mas a maior parte do quarto era

tomada por uma gigantesca cama de dossel.

— Aqui — disse ela, puxando as cobertas. — Descanse aqui.

Caí na cama com o casaco molhado e os sapatos enlameados, tremendo, e me virei de lado.

A Morrigan chegou bem perto de mim.

— Quando você vai aprender que possui certas limitações? Você pode aprender a lidar com o mundo, pode sobreviver, mas não pode ser como eles. Eu não tenho nenhum soro ou tônico para isso. Não importa o quanto você decida abusar. Você jamais vai poder viver do mesmo jeito que eles.

Não comentei o absurdo do termo Eles. Todos eram Eles, tanto as pessoas de Gentry quanto as da Casa do Caos. Eu era o único que não pertencia a Eles. Eu era apenas um estranho excêntrico, à parte de tudo aquilo.

— Não quero viver do mesmo jeito que todo mundo — sussurrei, e minha voz soou ofegante e entrecortada. — Só quero viver a minha vida.

— Bom, para isso você precisa do tônico, assim como começar a prestar mais atenção à sua saúde. Você tem sido muito descuidado consigo mesmo, mas agora está aqui, seguro, e vamos tomar conta de você.

A Morrigan pegou um lenço e o mergulhou numa tigela com água ao lado da cama. Ela limpou meu rosto, esfregando os riscos feitos pelos bigodes da Alice.

Em seguida, inclinou-se para a frente e sussurrou em meu ouvido:

— Pensei que minha irmã tivesse feito isso com você. Ao vê-lo na porta, achei que ela havia mandado o Carrasco acabar com você.

Fiz que não e tentei contar que aquilo não era culpa de ninguém. Que ninguém tinha "acabado comigo".

— Eu amava minha irmã — continuou ela, limpando minhas pálpebras com o lenço. A água estava fria e cheirava a limo de poça e a folhas mortas, mas a sensação era boa ao encontro da pele. Eu estava começando a pensar que talvez estivesse em casa, mesmo que fosse uma casa esquisita e assustadora onde eu não queria viver. As mãos dela eram pequenas e delicadas. — Eu a amava tanto, mas, no fim, não consegui aguentá-la. Você acha hipócrita amar uma pessoa e ver defeitos em suas ações?

Pisquei para me livrar da água que entrara em meus olhos, mas não respondi. A pergunta não fazia sentido. O amor não seguia regras ou instruções.

— Fiz uma coisa errada — murmurou a Morrigan, subindo na cama e se empoleirando em minhas canelas.

O quarto parecia abaulado nos cantos, entrando e saindo de foco e, acima de mim, o dossel dava a impressão de se estender indefinidamente. Eu me sentia anestesiado. O que quer que Janice tivesse injetado em mim, aliviara a dor, mas me deixara tonto e burro, drogado demais para raciocinar.

A Morrigan se ajeitou para deitar a meu lado no travesseiro.

— Às vezes, minha irmã sequestra crianças. Sem nenhum motivo em particular, apenas para ficar com elas. Ela pode pegar uma porque a acha bonita ou divertida. Uma vez, ela sequestrou uma garotinha, uma linda e esperta garotinha, e a criou como se fosse um brinquedo.

Não consegui captar tudo, mas entendi a parte em que a Morrigan dizia

que achava pior manter crianças como bichinhos de estimação do que sequestrá-las com o intuito de matá-las. Fechei os olhos e imaginei uma menininha loura num vestido azul dominical. A imagem parecia desbotada e familiar, marcada por vincos, como uma foto que fora dobrada. No entanto, minha cabeça estava recheada de luzes brancas e ecos, e eu não consegui situá-la.

A Morrigan torceu o lenço e passou uma das pontas pelo meu rosto.

— Eu a levei de volta. Fui até os aposentos da minha irmã, lá no meio da Casa do Desespero, e a peguei. E a devolvi à família. Era a coisa certa a fazer, mas minha irmã me odeia por isso. O lago secou pouco tempo depois, e então voltou para nos torturar, alagando os túneis. Ela suga toda a alegria da cidade e envia chuva. — A Morrigan aproximou a boca da minha orelha e pude perceber um leve tom de tristeza sincera em sua voz. — Eu a traí, e agora estamos afastadas. Ela irá me punir pelo restante da minha vida, por causa de uma menininha.

Assenti com um meneio de cabeça, mantendo os olhos fechados. O pano úmido estava frio contra meu rosto e, de repente, lembrei onde tinha visto aquela imagem desbotada. Eu a vira milhares de vezes no vestíbulo, sempre que passava pela cristaleira com os bibelôs holandeses e as xícaras de chá.

— Minha mãe — falei, e minha voz soou rouca e estranha, como se fosse a voz de outra pessoa sussurrando em meu ouvido.

21

Abençoado

CORDEI NO ESCURO, esparramado na cama de dossel da Morrigan e com as cobertas enroladas entre as pernas. Os lençóis tinham um cheiro estranho de mofo, como o ar no sótão de uma casa desconhecida.

Quando meus olhos se ajustaram à escuridão, comecei a reparar nos objetos. Lá estava a enorme casa de bonecas e, no outro canto, uma pesada penteadeira com um espelho articulado. Ao meu lado, a Morrigan dormia toda encolhida, abraçada a uma boneca imunda e com o dedão na boca. Seus cabelos pendiam afastados do rosto, e ela parecia inacreditavelmente tranquila, como uma criancinha.

Desvencilhei-me das cobertas e sentei com os pés apoiados no chão. O local da injeção que Janice me aplicara ainda doía, mas eu me sentia melhor do que em geral acontecia depois de uma reação daquelas, e muito melhor do que tinha o direito de me sentir, considerando que pouco antes eu estivera com o piercing da Alice dentro da boca.

Deixei a Morrigan dormindo na cama gigantesca e percorri o caminho de volta até o salão. Subi o túnel e saí para a chuva.

Quando cheguei na casa do Roswell, a luz da varanda estava apagada e o carro dele se encontrava parado na frente da entrada da garagem. Já passava muito da meia-noite; o primeiro andar estava às escuras, mas havia uma luz acesa no quarto dele. Parei ao lado da jardineira de flores da mãe dele, debaixo da sombra da garagem, e enviei uma mensagem de texto pedindo

para ele descer.

Roswell me encontrou na porta lateral, dando a impressão de estar prestes a dizer alguma coisa, mas fiz que não. Ele deu de ombros e apontou para o Smelter Park. Andamos os dois quarteirões em completo silêncio.

No parque, Roswell se dirigiu a uma mesa de piquenique de madeira num dos cantos do parquinho e se sentou no banco, inclinando-se para a frente com o capuz sobre a cabeça e as mangas do pulôver cobrindo as mãos.

Eu tinha a impressão de que todos estavam começando a se acostumar ao clima e, se ele continuasse assim por muito mais tempo, nós todos aprenderíamos a viver daquele jeito, sem guarda-chuvas ou capas impermeáveis. Aprenderíamos a viver úmidos o tempo inteiro.

Sentei ao lado dele, tentando organizar o que iria dizer, mas minha garganta doía e nenhuma palavra me parecia adequada.

— Então, o que você está fazendo acordado a essa hora?

Ele deu de ombros.

— Estava trabalhando no relógio, esperando um sinal de que você não estava morto. Tentei ligar, mas não consegui acessar nem sua caixa postal.

A voz dele parecia tranquila, como sempre, mas a forma como me observava estava me deixando nervoso.

Ele se virou e pousou a mão em meu braço, num gesto que ficou em algum lugar entre bater e agarrar.

— Você me deu um tremendo susto. O que foi que aconteceu?

Desviei os olhos para o parquinho vazio, o escorrega enferrujado e os balanços abandonados, tentando agir como uma pessoa normal. Meu coração

estava disparado, do jeito como acontecia quando eu ficava nervoso antes de uma apresentação na escola. Do outro lado de uma cerca baixa, o depósito de lixo era apenas uma silhueta avantajada contra um fundo escuro de árvores e céu.

Senti o olhar de Roswell pregado em meu rosto.

— Tudo bem — falou, por fim. — Isso não é um ataque pessoal nem nada do gênero, só que ultimamente você tem andado mais estranho do que o normal. Será que dá para contar o que está acontecendo?

Meu coração batia tão acelerado que doía. Fechei os olhos antes de responder.

— Não sou uma pessoa de verdade.

Roswell soltou uma risada, curta e baixa, quase um rosnado.

— É, sim. Você é uma pessoa de verdade. Se você é louco ou não, isso a gente ainda precisa verificar, mas não estou sentado aqui conversando comigo mesmo.

Ouvi-lo dizer aquilo era como ser absolvido de um pecado. Eu devia ficar feliz; no entanto, apenas me senti péssimo. Abaixei a cabeça e a cobri com as mãos.

— Como é? — perguntou ele, bem baixinho. — Só me conte por que você é assim.

Como se faltasse algum ingrediente-chave que pudesse me completar e me tornar tão normal quanto as demais pessoas. Baixei os olhos para a grama para não ter que olhar para Roswell. E então lhe contei a história por partes. A janela aberta, a tela, o berço, e como Emma não sentia medo de mim,

como ela esticara o braço para passar a mão por entre as barras. Como, basicamente, eu não passava de um parasita, tal como os melros e os cucos. Esperei que ele me chamasse de mentiroso e dissesse que eu estava louco. Gentry era boa em guardar seus segredos, e as pessoas estavam bastante acostumadas a negar qualquer parte do contexto que não lhes agradasse.

O playground ficava numa das extremidades do parque, depois do campo de beisebol e do grande retângulo de grama aparada. Quando eu era pequeno, tudo o que eu mais queria era brincar lá, mas tivera de me contentar com os jogos no gramado, primeiro de pique e, mais tarde, frisbee e futebol americano. Roswell nunca se incomodara que eu tivesse de me manter longe das barras horizontais e do carrossel

Roswell inspirou fundo e olhou de relance, por cima do ombro, para a rua.

— Nunca aconteceu com a minha família — acabou dizendo. — O rapto, a troca, seja lá como chamam. Não acontece com a gente.

Por um minuto, fiquei sem saber o que dizer. Parecia uma declaração bastante corajosa, dado o histórico da cidade.

— Tem certeza?

— Absoluta.

— Parece que já aconteceu com quase todo mundo em Gentry, em algum momento. Quero dizer, o primo, o pai, a avó ou o tio-avô de todo mundo tem sempre uma história sobre um parente que, de repente, ficou muito esquisito e depois morreu.

Ele deu uma risadinha, fazendo que não.

— Sórdido, não é mesmo? Mas na casa dos Reed isso não acontece.

Olhei-o fixamente.

— Por que não?

Ele deu de ombros.

— Somos protegidos por um encanto. — Disse isso em tom de brincadeira, mas era verdade.

Roswell era exuberante, indestrutível. Era o tipo de filho que uma família normal deveria ter. Se eu pudesse ser como ele, mesmo que somente um pouco, minha vida seria diferente. Pensei sobre o que a Morrigan dissera. A intenção fazia a diferença. Se você acreditasse estar sob a proteção de um encanto, se acreditasse ser capaz, simpático e popular, então era isso o que você seria.

De repente, o sorriso tranquilo de Roswell desapareceu. Ele olhava fixamente para os próprios pés.

— Não é que eu me sinta culpado, não exatamente…

— Mas se sente.

Ele fez que sim, sem levantar os olhos dos sapatos, e sorriu com amargura.

— Você acha que é por isso que anda comigo? Quero dizer, você não se importa que eu seja esquisito porque, no fundo, você também é?

Ele parou de analisar os sapatos e olhou para mim.

— A coisa não funciona assim. Odeio ser eu a dar a notícia, mas há outras razões para a gente se tornar amigo de alguém além da esquisitice

mútua. Na verdade, você é razoavelmente interessante, entenda. E, com você, eu não preciso estar sempre feliz ou ser engraçado. Posso dizer o que penso. Embora você seja um terror no quesito honestidade, Mackie, é uma pessoa fácil de conversar.

Era bom pensar que Roswell tinha um motivo legítimo para ser meu amigo, além do fato de nossos pais trabalharem na igreja. Isso, porém, não mudava o fato de eu ser estranho e desonesto.

— Mackie Doyle está morto. Eu não sou ninguém.

Roswell inclinou-se para a frente, com os cotovelos apoiados nos joelhos.

— Veja bem, Mackie é você. Eu comecei a chamá-lo de Mackie na primeira série... você... e não outra pessoa. Nunca conheci nenhum Malcolm Doyle. Se ele está morto, sinto muito, mas isso não significa nada. Ele não é você.

Não consegui olhar para ele.

— Você está... olhe só, se estiver me sacaneando, preciso que me diga.

— Mackie, não me entenda mal, mas nunca conheci ninguém tão estranho quanto você em toda a minha vida. Isso não faz com que você deixe de ser uma pessoa de verdade. Para ser sincero, só o torna um indivíduo bastante singular.

Enterrei os dedos na beirada da mesa de piquenique.

— Esse é um momento decisivo na minha vida e você está agindo como se fosse uma coisa normal. Como se não fosse nada.

Ele se inclinou para trás e ergueu os olhos para o céu.

— Bom, talvez você devesse parar de ver isso como um momento

decisivo. A vida não se resume a algo que aconteceu quando você tinha menos de um ano de idade.

Eu sabia que ele estava certo, mas era assustador. Desviei os olhos porque não queria que ele percebesse o quanto eu me sentia solitário. Era perturbador pensar que tudo o que definira minha vida por tanto tempo fosse apenas circunstancial.

— Fiz uma coisa completamente idiota hoje à noite — falei, sentindo o sarcasmo em minha voz.

— Percebi. Quando você começou com aquela tremedeira toda, imaginei que devia ser algo sério. Piercing na língua, hein? Isso é porque você gosta dela tanto assim… quero dizer, tanto a ponto de beijá-la, apesar dos riscos?

Fiz que não.

— Ela… age como se eu fosse normal. Como se não houvesse nada diferente, nada estranho. Como se eu fosse como as outras pessoas.

Roswell soltou uma gargalhada tão alta que fiquei com medo de que alguém saísse de casa para ver o que estava acontecendo.

— E esse é o seu critério? Você escolhe uma garota só porque ela faz com que você se sinta como qualquer outro?

— Não. — Joguei o corpo para trás, apoiando-me nos cotovelos, e olhei para a chuva que caía. — Só estou dizendo que, às vezes, é legal sair com alguém que não faz com que você se sinta uma completa aberração.

Ficamos sentados no banco, observando o play ground.

Foi Roswell quem quebrou o silêncio. Sua voz soou como se ele

estivesse prendendo o riso por causa de alguma coisa que considerara engraçada.

— Com quem você sairia então, se ser normal não fosse um problema? Quero dizer, se querer que elas o achem um sujeito comum e chato não fizesse parte da equação?

— Qualquer garota? — Abaixei a cabeça e puxei as mangas do pulôver por cima das mãos. — É provável que a Tate.

Achei que ele fosse rir, que talvez perguntasse se eu estava falando da Tate Stewart ou de alguma outra garota com o mesmo nome, mas com um jeito menos agressivo.

Ele apenas assentiu com um meneio de cabeça e bateu com o ombro no meu.

— Então saia com ela. Não me entenda mal, ela é meio assustadora, mas pode ser legal. Quero dizer, pelo menos ela não é uma daquelas piranhas das fraternidades em treinamento.

Ri, mas a risada soou falsa; portanto, parei.

— Não tem como. Eu a irritei de um jeito que você não conseguiria imaginar. Não dá para consertar.

Roswell fez que não.

— Sempre dá para consertar. Jesus, o fato de os gêmeos terem conseguido montar um limpa-neve que funciona a partir de dois outros quebrados e mais algumas partes retiradas de secadores devia provar isso. E as pessoas são bem previsíveis depois que a gente as conhece. Elas não mudam tanto assim. Você se lembra da sétima série, quando tivemos que

organizar um debate sobre assuntos da atualidade e ela e o Danny tiveram uma baita discussão sobre as penas para crimes capitais? Ela ficou sem falar com ele por cerca de um mês, mas depois o perdoou.

— Que bom. Mas aquilo foi por causa de um trabalho de estudos sociais. Tate tinha doze anos. — Suspirei e esfreguei o rosto com as mãos. — Roswell, você não faz ideia da merda que eu fiz, eu ferrei com tudo por completo. Se Tate tiver o mínimo de juízo, ela vai me odiar.

Roswell deu de ombros.

— Tudo bem, ela odeia você. Mas, se quiser sair com ela mesmo assim, engula o orgulho e peça desculpas. Se ela for uma pessoa sensata, vai desculpar. Se não, talvez seja melhor esquecê-la e partir para as garotas que achem você normal. Só que sem brincos na língua.

Ficamos ali, sentados no banco, sem dizer nada e sem olhar um para o outro, apenas quietos e tranquilos. A chuva quase parara; restava somente uma névoa fina e fria. Por ora, tudo o que eu queria era continuar ali, sentado no banco ao lado de Roswell, sentindo-me bem, sem problema algum.

A briga

DIA SEGUINTE FOI IMPORTANTE, especialmente porque foi o primeiro em semanas que não amanheceu chovendo. O céu continuava nublado, mas o ar estava frio e seco. Era o primeiro sinal de que a chuva não duraria para sempre e o inverno talvez estivesse finalmente chegando.

Drew e Danny estavam estranhamente animados na hora do almoço, parecendo satisfeitos consigo mesmos e sorrindo um para o outro. Quando Roswell perguntou o que havia de tão engraçado, eles apenas se entreolharam e caíram na gargalhada.

Apoiei-me nos cotovelos, tentando prender um bocejo.

— Vocês parecem felizes.

Danny jogou uma batata frita em cima de mim.

— E você está com uma aparência péssima.

— Consertamos o Pânico Vermelho — declarou Drew. Ele tentava manter o riso sob controle, mas sem sucesso. — Ontem à noite. Parece um daqueles objetos construídos pelo MacGyver, mas funciona.

Tive vontade de perguntar como eles aguentavam saber a verdade sobre qualquer assunto quando isso não lhes trazia nada de bom. Como alguém aguentava ficar sob os holofotes. Qual era a sensação de deixar outra pessoa descobrir seus segredos.

Depois da aula, peguei o caminho mais longo para voltar para casa, contornando o estacionamento e observando o solo encharcado. Eu acabara

de alcançar o carvalho-branco quando vi Tate e Alice saindo juntas da escola.

Algo completamente inesperado.

Elas seguiam lado a lado, conversando enquanto atravessavam o estacionamento. Pelo menos, Alice falava. Tate olhava para o horizonte límpido como se estivesse muito entediada.

Quando pararam, a impressão era de duas assassinas prontas para o duelo. O sorriso de Alice transmitia mais determinação do que benevolência.

— Só estou dizendo que você podia se esforçar. Não precisa entrar para o grupo das líderes de torcida. Apenas seja normal.

Tate não disse nada.

Alice aproximou-se um pouco mais.

— Você é tão estranha. Seu jeito deixa as pessoas desconfortáveis.

Talvez ninguém mais tenha coragem de dizer isso, mas precisava ser dito.

— Certo — replicou Tate. — Tudo bem, você já disse. Agora, por que você não vai para trás da arquibancada se agarrar com alguém?

Alice riu de um jeito nada divertido.

— Meu Deus, você é mesmo do contra. Não faço ideia de como pode ter pensado que ficaria com o Mackie, mas vocês se merecem, definitivamente.

Tate lançou-lhe um olhar demorado e estupefato. Do tipo que queima as pessoas.

— Você não tem a menor qualificação para dizer o que eu mereço.

Quero dizer... Jesus, só porque você gosta de compartilhar os detalhes de sua vida amorosa com quase todo mundo, isso não nos torna amigas íntimas. Na

verdade, só faz com que você pareça uma tremenda piranha.

Alice deu um tapa em Tate. O som foi bastante alto, e ela pareceu surpresa consigo mesma.

Tate apenas inclinou a cabeça de lado. Em seguida, esticou o braço e devolveu o tapa de forma leve, rápida e zombeteira.

Alice armou um soco, mas Tate deu um passo para trás e bloqueou o golpe. Ela se movia com rapidez, como se estivesse jogando queimado ou hóquei sobre a grama, e nada daquilo fosse sério. Como se tudo fosse apenas uma grande brincadeira idiota.

Foi então que Alice acertou Tate para valer. Eu não saberia dizer se foi intencional. Poderia ter sido um acidente bizarro de coordenação visual-motora ou de física, mas o fato é que ela acertou. O nariz de Tate começou a sangrar, sujando a frente da camiseta dela. Por um segundo, ela não demonstrou nenhuma reação. E, então, sorriu, algo que, quando alguém está coberto de sangue, é a coisa mais aterrorizante que pode fazer. O sangue escorria pelo queixo dela, empapando a gola da camiseta. Tirei as mãos dos bolsos e comecei a atravessar o estacionamento. Em seguida, quando Tate derrubou Alice no chão, comecei a correr.

As pessoas se aproximaram, formando um círculo. Alice estava no chão, e Tate não parava de bater. O sangue que pingava do queixo e escorria pelo pescoço dela brilhava na frente da camiseta. Tate assumira uma postura empertigada e arrogante, como a de várias rainhas britânicas que eu já vira em fotos.

— Ei — gritei. — Ei, ei, parem com isso!

Eu me espremi para passar pelo meio da multidão e tentar alcançar Tate. Agarrei-a pela camiseta, mas ela se soltou com um safanão. Ainda estatelada no chão, Alice tentava se afastar para poder se colocar de pé de novo.

À minha volta, as pessoas gritavam, fechando o círculo, mas não faziam nada para ajudar a apartar a briga.

Consegui abrir caminho a cotoveladas até o meio do círculo e agarrei Tate pela cintura.

— Tate. Tate!

Ela se contorcia como um peixe, arqueando o corpo contra o meu.

Segurei com mais força.

— Tate — falei no ouvido dela. — Pare com isso.

O sangue na camiseta queimava minhas mãos. Alice continuava tentando recuar, arrastando a bunda no chão. Seu choro, em soluços entrecortados, fizera borrar a maquiagem dos olhos, que escorria em linhas cinzentas pelas bochechas.

— Tate, pare. — Tentei fazer minha voz soar dura e autoritária, como a de alguém que está no comando, mas ela saiu muito fraca. Meus ouvidos estavam começando a apitar. — Por favor, pare.

O corpo dela tremia. Do outro lado do círculo, Alice se levantou. O olhar que ela nos lançou — me lançou — foi zangado e estranho. Em seguida, sumiu no meio da multidão.

Em meus braços, Tate relaxou, e seu corpo ficou mole. De repente, comecei a sentir um formigamento, uma sensação de estar flutuando, como

se meu corpo fosse muito leve. Uma sensação enganosa, porque, na verdade, isso significava que eu estava prestes a desmaiar.

Soltei-a e cambaleei para trás, mantendo as mãos longe do corpo. Por um segundo, tive quase certeza de que precisaria me sentar, mas a sensação passou.

Comecei a tentar limpar o sangue, esfregando as mãos na grama molhada, na calça jeans, qualquer coisa que me ajudasse a arrancá-lo da minha pele. Havia respingos em meus pulsos, mas eu não estava perdendo a cor como acontecera no dia da doação de sangue. Entrei no prédio sozinho, com Tate logo atrás.

Tropecei no último degrau da escada da entrada e quase caí.

Tate me segurou pelo ombro.

— Qual é o problema?

— Preciso de água. — Minha voz saiu rouca. Tate estava tão perto que eu mal conseguia respirar devido ao cheiro de sangue. — Minhas mãos.

Ela agarrou minhas mãos e as meteu debaixo do jato do bebedouro. A água estava gelada, e ardeu ao bater nos pontos irritados e em carne viva.

Tate se manteve bem atrás de mim, segurando-me pelos pulsos e apertando a alavanca de água com o quadril.

Quando o sangue terminou de descer pelo ralo, ela me soltou. Recostei-me na parede. Minhas mãos pareciam feixes de terminações nervosas, e uma leve estática ainda ecoava em meus ouvidos.

Tate ficou ali, de braços cruzados, observando-me com os olhos apertados. O sangue continuava a pingar do nariz dela, sujando todo o chão.

Analisei seu rosto, a boca semicoberta por uma mancha avermelhada.

Debaixo de todo aquele sangue, ela era bonita, de um jeito bastante preocupante, e sorri de modo espontâneo.

Ela suspirou e seus ombros relaxaram um pouco.

— Você está bem? — perguntou, por fim.

Fiz que sim, batendo com as mãos na frente da camiseta para secá-las.

— Vou me limpar, então. — Tate se virou e entrou no banheiro sem dizer mais nada.

Sentei no chão e fechei os olhos. Minhas mãos pareciam pulsar, e fiz o melhor que pude para secá-las na camiseta.

Quando Tate saiu do banheiro, segurava um punhado de toalhas de papel sob o nariz, já encharcadas de sangue. Ela se agachou do meu lado e eu me virei, cobrindo a boca com a manga do pulôver.

Tate não pareceu notar que eu evitava respirar o ar em torno dela, ou talvez apenas tivesse percebido que esse era o aspecto menos preocupante da situação. Ela olhava para as minhas mãos.

— Meu Deus, o que aconteceu com você?

— Está tudo bem, não foi nada — respondi, mantendo o braço na frente do nariz e da boca. — Vamos sair daqui.

Tate continuava com o nariz enfiado nas toalhas de papel. O sangue tinha um cheiro vermelho e úmido.

— Sair daqui? Não vou com você a lugar algum. Olhe só, sinto muito ter dado um soco na cara da sua namorada, mas, às vezes, a baixaria é inevitável, certo?

— Não é isso. Eu preciso conversar com você.

Tate se levantou. Ela parecia muito mais assustadora de pé.

— Sobre o quê? Como você insiste em suspirar pelos cantos por causa da Alice, apesar do fato de ela ser uma garota maliciosa e não saber onde deixou o cérebro? Não, obrigada. Já conheço essa história.

— Tate, por favor, me dê uma chance. Apenas me escute.

— Por quê? — rebateu ela, lançando-me um olhar duro e irritado. — Como um campeão altruísta certa vez ressaltou: o que eu ganho com isso?

Aquele não era o lugar que eu teria escolhido para fazer uma revelação, sentado no chão da entrada oeste com Tate em pé ao meu lado, mal conseguindo evitar que o sangue pingasse na minha cabeça. Ao falar, minhas palavras saíram abafadas pela manga do pulôver. Não consegui encará-la.

Tate remexeu-se, inquieta, e suspirou.

— Peço desculpas se meu desprezo estiver deixando você nervoso. Está precisando de um ombro amigo? Precisa que alguém lhe diga que você está se saindo muito bem? Faça isso, Mackie… continue falando para o seu casaco! Não dou a mínima para esse seu problema de pensar que precisa agir como um completo idiota!

Trinquei os dentes e repeti, dessa vez mais alto:

— Sua irmã não está morta.

A mudança foi instantânea. A mão que segurava os lenços de papel contra o nariz pendeu ao lado do corpo e Tate me fitou. Seus olhos estavam esbugalhados e o sangue escorria por cima do lábio, mas ela não parecia perceber.

— Cubra o rosto — pedi, falando com a boca enterrada na manga.

Prendi a respiração e me virei de lado.

Ela pressionou de novo as toalhas de papel contra o nariz e me olhou por cima da mão.

— Repete o que você disse.

— Ela não está morta. Pelo menos, eu acho que não. Ainda não.

Tate inspirou fundo, trêmula. Seus olhos estavam tão acesos que ela parecia prestes a liberar uma descarga elétrica.

— Acho melhor você me dizer o que isso significa.

— Olhe só, não podemos conversar sobre isso aqui.

— Ah — replicou ela. — Mas nós vamos conversar sobre isso.Pressionei minhas pálpebras com os dedos.

— Você estava certa. Tem razão sobre esta cidade. Existem coisas… pessoas. Gente estranha, misteriosa. — Gente como eu. — Eles levaram a Natalie e vão mantê-la viva até sexta-feira.

— Certo. E agora, como eu posso trazê-la de volta?

Tirei as mãos da frente do rosto, mas não olhei para ela.

— Não sei.

Tate emitiu um barulho rouco, ofegante, mas não foi uma risada.— Isso é ótimo. Uma maravilha, mesmo.

— Eu não sei, mas vou pensar em alguma coisa.

Ela continuou ali, em pé, com os olhos duros e as toalhas de papel ensanguentadas.

— E por que você faria isso agora? O que eu preciso fazer para ganhar a

nobre ajuda de Mackie Doyle?

Ergui os olhos para ela. Era possível perceber um leve desespero em seu rosto, mesmo que Tate tentasse esconder.

— Posso acompanhá-la até sua casa?

Por um minuto, pensei que ela fosse dizer que eu era nojento, assustador, e me mandar direto para o inferno, mas ela apenas fez que sim e partiu em direção à porta.

A casa da Tate era mais velha do que a minha, com um jardim pequeno e malcuidado, cheio de lixo e folhas secas.

Uma garota magricela estava sentada no sofá da sala, assistindo televisão — algum desenho bem colorido e com uma espaçonave.

Ela desviou os olhos da tela quando entramos e olhou fixamente para as toalhas de papel ensanguentadas da Tate.

— Ai, meu Deus, você foi suspensa?

— Connie, cala a boca.

A garota se levantou do sofá e saiu trotando pelo corredor em direção a uma porta fechada.

— Mãããe, Tate andou brigando.

Tate inspirou fundo e apontou para a escada.

— Vá para o seu quarto. Agora.

Connie voltou pisando duro para a sala e subiu a escada. A porta ao fim do corredor continuou fechada.

Tate suspirou e entrou no banheiro; eu a segui. Ela foi direto até o armário de remédios e começou a verificar os frascos e vidrinhos com uma

das mãos, enquanto, com a outra, pressionava as toalhas de papel contra o nariz. Pegou um vidrinho de água oxigenada e algumas bolinhas de algodão e fechou o armário. Em seguida, soltou as toalhas de papel dentro da pia. O cheiro se espalhou pelo banheiro.

Agarrei a cortina do chuveiro para não cair; o barulho fez Tate se virar.

— Como você está, Mackie?

— Mais ou menos.

— Não precisa ficar aqui. Sente-se, ou saia, ou qualquer outra coisa, enquanto eu termino de me limpar.

Fui para a cozinha e abri o congelador. Não havia muita coisa — umas poucas embalagens sem rótulo e alguns waffles —, mas encontrei uma bandejinha de cubos de gelo pela metade. Soltei o gelo e o joguei numa sacola plástica de compras, cuja ponta escapava para fora da lixeira. Enchi a bandejinha com água e a coloquei de volta no congelador. Em seguida, sentei na varanda da frente com a cabeça apoiada entre as mãos e a sacola no chão, ao meu lado.

Após alguns minutos, Tate apareceu e parou na minha frente. O nariz parara de sangrar, mas uma das bochechas estava toda arranhada. Ela também estava com os cabelos molhados, espetados para cima como um porco-espinho, e trocara a camiseta. Tive uma visão incrível e torturante de Tate lavando o sangue do pescoço, o peito nu. Na minha visão, o sutiã dela era preto e de renda, embora, na verdade, eu não conseguisse imaginá-la entrando numa loja e escolhendo algo desse tipo.

Sentou-se ao meu lado e abriu a mão, sem sequer virar a cabeça. Ofereci

o gelo e ela aceitou. Suas mãos tremiam um pouco, porém seu rosto se manteve duro.

— Você está bem? — perguntei, a voz ainda baixa.

Ela correu os dedos pelos cabelos. Havia uma pequena marca avermelhada sob seu olho esquerdo.

— Não, mas vou sobreviver.

A voz dela estava tão cansada e seus pulsos pareciam tão inacreditavelmente frágeis comparados com os meus que tive vontade de sorrir. Ficamos sentados um ao lado do outro, sem nos tocar e sem dizer nada.

— Eu queria ser como você — soltei. Dizer isso foi estranho, mas absolutamente sincero. E eu não estava falando apenas de ser normal. Tate estava triste e zangada, porém sabia com exatidão quem ela era.

Riu.

— Por que alguém… em especial você… iria querer ser como eu?

— Você é sempre tão boa em demonstrar que sabe exatamente o que está fazendo o tempo todo.

Tate abriu um sorriso leve e travesso.

— E o que faz você pensar que eu não sei?

Nós dois rimos, mas paramos com a mesma velocidade. Ela havia abaixado os cabelos, alisando-os para trás, como um menino, mas, mesmo assim, de cabelos molhados e rosto avermelhado dos arranhões, mesmo naquela situação, Tate era bonita.

— Tate.

Ela me olhou de relance, e a sacola farfalhou.

— Que foi?

— Sinto muito.

Tate se virou para o jardim e soltou um suspiro.

— Eu sei.

— Não, não sabe. Pelo menos, não de tudo. Não é... não é como você pensa.

Isso fez com que Tate abaixasse o saco de gelo e se virasse para me encarar.

— Como você sabe o que eu estou pensando?

— Sinceramente? Uma grande experiência pessoal.

Ela se virou, esticou o braço e puxou minha cabeça para baixo. Em seguida me beijou, um beijo suave e lento. O gesto me pegou completamente desprevenido. Eu não me dera ao trabalho de criar esperanças de que Tate me deixasse chegar perto dela de novo, mas seus braços me envolviam, sua boca estava pressionada contra a minha. E eu não lhe dera nada além da confirmação de algo de que ela já suspeitava.

Ergui a mão e toquei-lhe o rosto, a lateral do pescoço. Quando ela se afastou, seus olhos estavam intensos e alertas. Os cabelos sob meus dedos continuavam úmidos.

— Que foi? — perguntei, deixando a mão em sua nuca.

Ela levantou o braço e segurou meu pulso.

— Quer subir para o meu quarto? Vamos. Só um pouco.

— Tem certeza de que isso é uma boa ideia?

— Você quer ou não?

Fiz que sim, sentindo-me elétrico e ofegante, tentando decidir se estávamos de volta ao sistema de recompensas ou se ela estava insinuando algo mais sincero. Se um beijo podia significar algo mais do que um simples reconhecimento por eu ter oferecido o que ela queria. Mesmo assim, eu a segui, porque a mão dela estava quente e eu ainda podia sentir o gosto de seu protetor labial.

O quarto era um misto de personalidades. Tate tinha pôsteres por todos os lados: Quentin Tarantino, Rob Zombie e Sammy Sosa. Era tudo muito arrumado, mas não do jeito que alguém imaginaria o quarto de uma garota. A cor dominante parecia ser o cinza, exceto por uma ridícula colcha florida sobre a cama.

Quando Tate se sentou nela, parei na porta e cruzei os braços. Ela se abaixou para desamarrar os sapatos.

— Tate?

Ela ergueu a cabeça e me fitou.

— Que foi?

— Por que você está fazendo isso? Quero dizer, isso é porque eu disse o que você queria escutar?

Ela fez que não, tirando a blusa.

— Ninguém me diz o que eu quero escutar. — O sutiã dela era bem comum: creme, liso. Seu corpo era mais magro e rígido do que eu imaginara, mas os seios eram empinados e redondos, como pequenas frutas. Deus. Deus. Deus.

Tate largou a blusa no chão e estendeu a mão.

— Vem cá.

Sentei ao lado dela, sentindo-me estranho e quente demais. Ela passou os braços em volta do meu pescoço e me beijou. Beijei-a de volta e, de repente, nada mais parecia estranho. Lá fora, o brilho de um relâmpago iluminou o céu. A tempestade se aproximava e, à medida que o céu escurecia, as rajadas de vento ficavam mais fortes.

Tate arrancou meu pulôver e puxou minha camiseta para cima. Ergui os cotovelos e, por alguns instantes, ela ficou presa em minha cabeça, mas logo se soltou. Nós dois rimos. Percebi que eu devia estar completamente desgrenhado, porque ela passou a mão para abaixar meus cabelos.

Estiquei o braço por trás dela para soltar o sutiã. O fecho era de arame e queimava meus dedos, porém, após algumas tentativas, consegui. Tate se desvencilhou do sutiã e se encostou em mim, num convite para que eu acariciasse seu corpo, suas costas.

Quando a toquei, ela prendeu a respiração. A pele dela estava toda arrepiada. Meu coração batia descontrolado, e eu não saberia dizer se estava mais excitado ou mais nervoso, mas não tinha importância. As duas sensações eram igualmente satisfatórias.

O vento ficou mais forte e os galhos das árvores começaram a arranhar a janela. Outro relâmpago brilhou no céu, seguido de imediato por um trovão. Tate fechou os olhos com força, como se olhasse para o sol. Inclinei-me para a frente e beijei-lhe o maxilar, logo abaixo da orelha. Ela encostou o rosto em meu ombro nu, e tive a sensação de que as coisas tinham voltado a

se encaixar, que eu podia ser bem do jeito que eu era e que tudo estava no seu devido lugar.

De repente, escutamos várias batidas na porta.

— Tate? — A maçaneta girou. — Tate, abra a porta.

Tate suspirou, me empurrou para longe, sentou e pegou o sutiã. Em seguida, virou-se para a porta.

— É uma emergência?

— Tate, estou falando sério… me deixa entrar.

— Connie, é uma emergência?

— É! — A voz dela soou esganiçada, em pânico. As palavras seguintes saíram abafadas pelas rajadas de vento e pelos trovões. — Tem fumaça… na igreja! Alguma coisa está pegando fogo!

Tate fechou o sutiã, vestiu a blusa e me jogou a camiseta. Eu a vesti com rapidez, descemos correndo as escadas e saímos para a varanda da frente.

Nossas transgressões

FUMAÇA ERA DA COR DE ÓLEO QUEIMADO, se erguia numa coluna de trinta metros de altura e se espalhava uns sessenta metros por cima da cidade, tal como a Coluna de Fogo dos israelitas.

— Merda — falei, e minha voz saiu totalmente sem entonação. — Merda. A igreja está pegando fogo.

Tate estava do meu lado na varanda. Ela pousou a mão em meu braço, mas eu mal senti. Acima da gente, os trovões ribombavam e o vento soprava em rajadas, mas, sob toda a barulheira, escutei o rugido baixo das chamas.

Desci os degraus num pulo e saí correndo em direção ao fogo.

Na Welsh Street, o quarteirão inteiro estava um caos. Ao virar a esquina, senti o calor pulsante que vinha em ondas, o cheiro seco e penetrante da fumaça e das cinzas. A rua fervilhava de luzes e sirenes; caminhões estacionados na diagonal bloqueavam o trânsito. A igreja era uma ruína ondulante de chamas que lambiam as fachadas do prédio com suas línguas alaranjadas, enegrecendo os tijolos. Havia um buraco irregular na base do campanário, e a fumaça saía por ali em nuvens espessas.

A água escorria pelos bueiros, mas vinha das mangueiras, e não do céu. Ela respingava pela calçada e pela rua, preta de fuligem, pontilhada por brasas incandescentes e pedaços de madeira.

Os bombeiros corriam de um lado para o outro pelo gramado, retirando as pessoas do prédio em grupos de dois e de três.

Encontrei Emma no pátio da corte judicial. Estava sozinha, abraçando

os próprios cotovelos e observando a escola dominical sucumbir às chamas. Aproximei-me dela e a puxei para mim. Ao erguer os olhos, ela franziu o rosto.

— Como foi que o fogo começou? — perguntei, mantendo o braço em volta de minha irmã e deixando-a se apoiar em mim.

— Não sei... um relâmpago, talvez... estava relampejando. A capela se incendiou antes que os bombeiros conseguissem chegar. Não acho que eles conseguirão salvá-la. O telhado já se foi.

— Cadê o papai?

Emma balançou a cabeça. Ela estava com a boca aberta, mas não parecia ter nada em especial para dizer.

— Emma, cadê o papai?

— Não sei, eu não sei. Havia tanta gente... o coro das mulheres, o grupo de estudo bíblico e o pessoal da limpeza. — Ela balançava a cabeça sem parar. — Devia haver, pelo menos, umas trinta pessoas lá dentro.

Atravessei a rua em direção à igreja, me abaixei para passar pela fita de isolamento da polícia, contornei as macas, abri caminho em meio à multidão que observava e segui para a entrada de serviço, onde os paramédicos ajudavam as mulheres do coro a entrar nas ambulâncias e a colocar máscaras de oxigênio. Procurei por ele entre as pessoas que tossiam, enroladas em cobertores e ponchos e, ao perceber que meu pai também não se encontrava entre os retardatários que saíam do prédio, fui verificar as macas.

Uma das macas estava coberta. Senti um aperto no peito, causado por um temor profundo e indescritível, mas, antes mesmo de me aproximar, vi

que não podia ser ele. O corpo sob o lençol era pequeno e delicado. O corpo de uma mulher. Ou de uma garota.

Fui até o motorista da ambulância e o agarrei pelo braço. Ele não era um dos membros da congregação do meu pai, mas seu rosto era familiar devido aos anos de piqueniques com o pessoal do hospital, Brad ou Brian — algum nome confiável, sonoro. Eu o segurei e o virei de frente para o lençol.

— Quem é?

Ele fez que não.

— Não podemos revelar o nome ainda. Ela precisa ser declarada morta.

— A voz dele soou desanimada e ele me encarou com uma expressão absolutamente atônita. — Não posso fazer isso. Ela tem de ser identificada por um médico ou pelo legista.

Soltei-o, chocado com a profunda formalidade de uma simples declaração de morte. Eu já sabia disso, e ele também; não era preciso a confirmação de um legista. O corpo dela estava na nossa frente, debaixo de um lençol; que diferença fazia quem declarasse isso? Ela ser pronunciada morta por um paramédico de olhos arregalados ou por outra pessoa não ia mudar nada.

Baixei os olhos para o corpo coberto. A chuva não passava de uma garoa fininha, encharcando o lençol pouco a pouco. O contorno do corpo não estava muito nítido. No entanto, eu conhecia aqueles sapatos. Os dedos dos pés despontavam ligeiramente por baixo do lençol, apenas os dedos.

Os sapatos eram de couro vermelho e sola de borracha, sem salto, com pequeninas flores vazadas sobre os dedos dos pés. Era possível ver as meias

pelos buracos das pétalas. Eu havia reparado naqueles sapatos na festa de Halloween da Stephanie. Eles não combinavam nem um pouco com a fantasia de Jenna Porter.

Passei as mãos pelos cabelos, tentando encontrar os sentimentos adequados à situação. Ela era legal. Talvez um pouco avoada ou fútil. Mas legal. Não merecia morrer daquele jeito, respirando fumaça até os pulmões pararem. Ela me cumprimentava nas aulas e me emprestava canetas, e ficava calada quando Alice falava de forma grosseira e maliciosa com as outras garotas — e ela fazia isso, eu sabia, mesmo quando eu estava ocupado olhando, embasbacado, para suas pestanas ou seus cabelos. Mas Jenna, não. Jenna nunca maltratava ninguém.

Afastei-me de Brad, que parecia petrificado e chocado, e girei 360 graus, passando os olhos pela multidão em busca do meu pai, até que finalmente o vi. Ele estava parado no meio da rua, com o mesmo terno azul-marinho que sempre usava para trabalhar. Os cabelos estavam molhados e a camisa de botão, antes branca, agora estava preta de fuligem.

Os braços dele pendiam ao lado do corpo, e o rosto estava virado para a igreja que queimava e ruía. Sua expressão era de total desamparo, e ele não me viu. A única coisa em seu campo de visão era a igreja em ruínas. Ela era um marco da cidade, um dos prédios mais antigos de Gentry, e agora se fora. Parei ao lado dele e a observei desmoronar, imaginando o quanto era estranho que algo pudesse representar tantas coisas. Ela era Gentry, da mesma forma que Natalie era Gentry — ambas, respectivamente, o símbolo de uma cidade e o corpo quente que representava todos os outros.

Observei a igreja desmanchando-se em fumaça, a escola dominical em ruínas, sentindo uma espécie de carinho surreal por ela. A igreja fora construída para aguentar os desastres e desígnios divinos. Havia para-raios em dois cantos do telhado e mais outro na ponta do campanário, exatamente onde o raio a atingira. O buraco ficava a quinze centímetros do para-raios mais alto. O relâmpago se desviara do metal, o que não era compatível com o "comportamento" de um raio, embora fosse bastante compatível com outros desastres.

Afastei-me da fumaça, do caos e da igreja incendiada, do corpo coberto de Jenna e de meu desolado pai, e segui direto para a pilha de escória de metal.

Na Concord Street, a água se acumulara junto ao meio-fio e corria bem rápido em direção aos bueiros entupidos por folhas mortas.

— Mackie! Mackie, espere. — Carlina vinha correndo pela calçada em minha direção. Ela usava o mesmo casaco e tinha enrolado um cachecol em volta da cabeça.

A chuva estava tão fina que mais parecia uma névoa e, sob a luz dos postes, era possível vê-la caindo fraquinha e de lado. As gotas formavam uma pequena franja na bainha do casaco, pingando no chão em volta dos pés de Carlina.

— Você está indo aonde? — perguntou ela, parando sob um dos postes.

— Aonde você acha? Vou descer para perguntar à Morrigan o que diabos ela ganha incendiando um prédio da comunidade! A igreja já era, Carlina. O prédio todo já era.

Ela cobriu o rosto com as mãos e deixou os ombros penderem.

— Não é nada disso. — Em seguida, repetiu: — Não é nada disso.

— Então me diz o que é. Me conta o que aconteceu com a igreja. Vocês incendiaram a igreja do meu pai?

— Nós não somos monstros, Mackie. Não fizemos isso.

O rosto dela estava estranhamente sem expressão, e fiquei mais uma vez surpreso com o fato de ela parecer tão diferente da mulher no palco. Carlina Carlyle representava fumaça e luzes de palco coloridas. A mulher diante de mim era misteriosa e impassível. O ar da rua estava quente e abafado.

— Quem somos nós? — perguntei, e minha voz soou cansada, como se eu já não me importasse mais.

— Na verdade, não gostamos de nomes. Quando você nomeia alguma coisa, retira parte de seu poder. Ela se torna conhecida. Já fomos chamados de um monte de coisas… Os bons vizinhos, os antigos, os outros. Espíritos, assombrações e demônios. No entanto nunca nos deram um nome de verdade. Não somos nada.

Ela ficou um minuto em silêncio e, ao continuar, a voz soou estranha:

— A Dama é o tipo de pessoa que gosta de fazer a cidade sofrer. Ela é quem gosta de atear fogo às coisas.

— Onde ela está?

— Há uma porta no depósito de lixo próximo ao parque. Mas é melhor você não ir lá. Ela é perigosa ao extremo, e a Morrigan vai ficar uma fera.

— Ela que fique uma fera.

Carlina se virou e passou os olhos pela rua.

— Você precisa pensar sobre o que está fazendo. Tem todo o direito de ficar zangado com a Dama pelo que ela fez, mas não é seu trabalho defendê-los.

— Pare de falar deles assim. Eu sou um deles.

Carlina assentiu com um meneio de cabeça, os olhos arregalados e tristes.

— Então leve uma faca com você — falou baixo. — É só uma faca normal de cozinha. Enrole-a num pano de prato ou num lenço, se precisar, mas leve-a e finque-a no chão, na base do depósito de lixo. A porta não vai abrir se você não fizer isso.

— Só isso? Eu enfio uma faca no chão e a porta se abre. E depois? Abro um sorriso e entro?

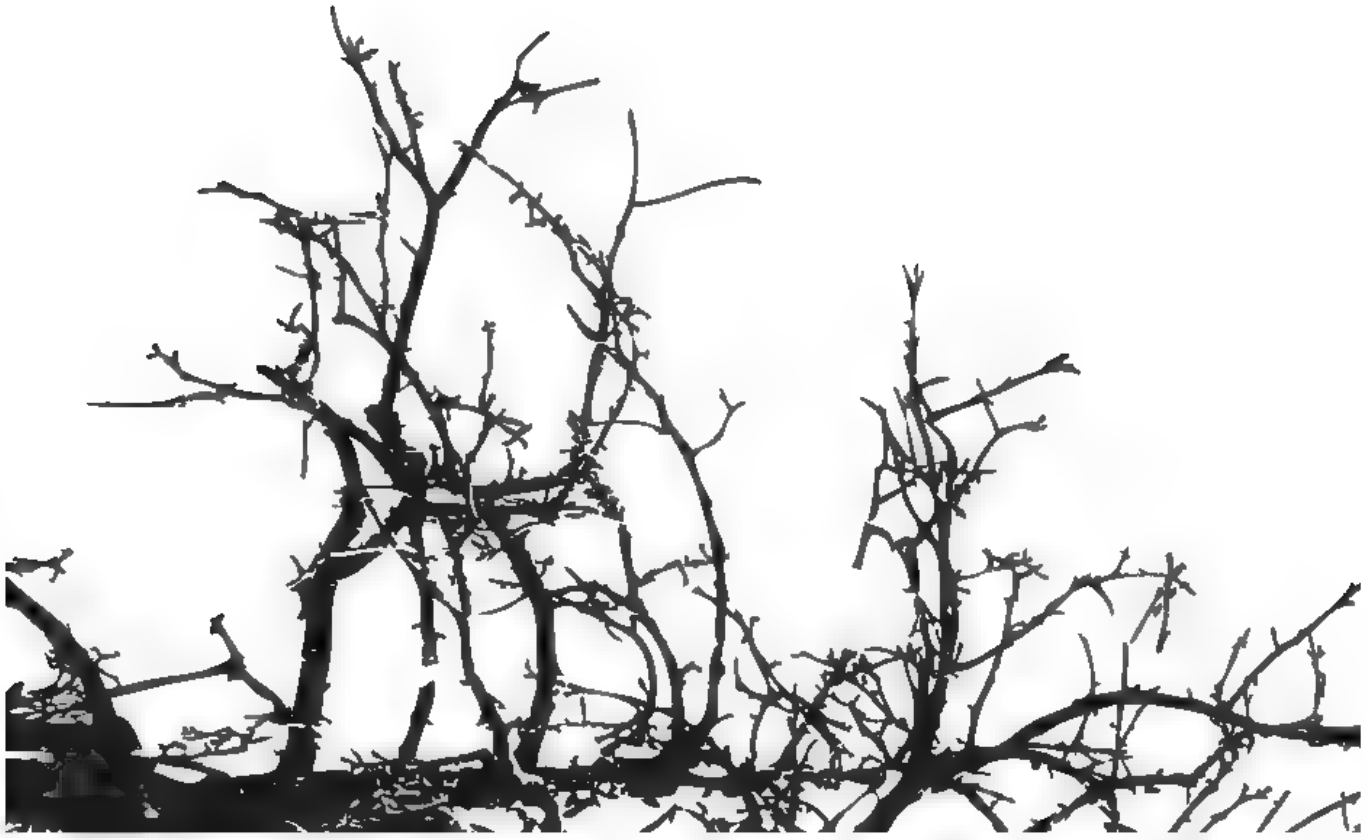
Carlina meteu as mãos nos bolsos.

— Os excluídos sempre podem voltar para casa se quiserem. Ela pode ser um osso duro de roer, mas deve isso a você.

A chuva continuava fina e constante. A palavra excluído soou como um tapa quando Carlina a pronunciou

Talvez ela tenha visto algo em meu rosto, porque cruzou os braços e baixou os olhos.

— O que eu quero dizer é: boa sorte.



Parte 4

Eles

A casa do desespero

O CHEGAR EM CASA, enrolei um pano de prato na mão e fui vasculhar o armário que ficava em cima da geladeira, tateando em meio à confusão de talheres proibidos, à procura de uma faca. Eu tremia, e meus dedos passaram por cima de garfos e conchas antes de encontrarem a faca que meu pai usara para descascar a maçã. A lâmina tinha apenas uns sete centímetros e meio de comprimento, e não era particularmente afiada. O acabamento do cabo de madeira já estava gasto. Enrolei-a no pano de prato e a meti no bolso do meu pulôver. Em seguida, puxei o capuz por cima da cabeça e parti em direção ao parque.

Ao alcançar o cruzamento da Carver com a Oak, cortei caminho pelo gramado, passei pelos abrigos para piqueniques e pelo playground. Os balanços rangiam sozinhos. O parque estava vazio, fumaça pairando sobre tudo.

Do outro lado do campo de beisebol, o depósito de lixo erguia-se escuro e indistinto através da chuva. O chão parecia um pântano de águas paradas. Pulei a cerca e abri caminho por um emaranhado de ervas daninhas.

Assim que alcancei a base do depósito de lixo, enfiei a faca até o cabo no solo de terra e cascalho solto. A porta surgiu quase instantaneamente, tão apagada e gasta que mal consegui enxergá-la. Como não havia maçaneta, bati e dei um passo para trás. Por um segundo, nada aconteceu, mas, então, o contorno da porta se acendeu com um brilho de luz quente que vinha de dentro. Escutei um som de sinos a distância e fui pego de surpresa por uma

estranha sensação de inevitabilidade. O depósito sempre estivera ali, sobressaindo acima do parque, bem ali, do outro lado da cerca. À minha espera.

Quando a porta se abriu, não havia ninguém esperando do lado de dentro. Duas fileiras de luminárias de vidro iluminavam o corredor. Os vidros apresentavam um sofisticado padrão em losangos e eram presos a uma armação de chumbo. Assim que entrei, a porta se fechou atrás de mim. Vi a faca no chão e me abaixei para pegá-la.

A casa da Dama não se parecia nem um pouco com a Casa do Caos. As paredes eram revestidas com painéis de madeira escura e envernizada, e o piso ostentava um intrincado arranjo de ladrilhos com rodapés em madeira esculpida. Tudo era limpo, simétrico e brilhante. Pequenas alcovas retangulares com vitrais coloridos brilhavam ao longo das paredes do salão, iluminados por trás por lampiões a óleo. O ar tinha um cheiro agradável de grama aparada e especiarias.

Ao final do salão, havia uma pequena mesa com um prato raso de prata sobre ela.

Um garoto estava ao lado da mesa, com uma bermuda azul-marinho que ia até o joelho e uma jaqueta combinando. Ele parecia ter uns doze anos e me olhava com a mão estendida.

— Seu cartão, por favor.

Olhei para ele.

— Cartão? Sobre o que você está falando?

— Seu cartão de visitação. Apresente seu cartão que eu irei anunciar

sua chegada.

— Não tenho cartão nenhum. Me leve até a Dama!

Ele me fitou por um longo tempo. Em seguida, assentiu com um meneio de cabeça e fez sinal para que eu o seguisse.

— Por aqui. — Ele me conduziu por corredores e portas até um quarto aconchegante e bem-iluminado.

O piso era coberto por tapetes, e um fogo ardia numa lareira de mármore. Toda a mobília era composta de peças antiquadas, do tipo que minha mãe gostava.

Uma mulher estava sentada numa cadeira de encosto alto, bordando um punhado de flores de aparência venenosa num pedaço de pano. Ela ergueu os olhos quando entrei. A pele em torno deles parecia avermelhada, como se ela estivesse chorando. No entanto, quando a luz iluminou seu rosto, percebi que os cílios eram cobertos por algo amarelado e purulento. Ela parecia jovem e poderia até ser considerada bonita e delicada, não fosse por sua aparência doentia.

— Você é a Dama? — perguntei, parado na porta.

Ela continuou sentada, imóvel, com a agulha de bordar na mão, me observando. A frente de seu vestido, com gola alta de renda, era um arranjo complicado de dobras e amassados. Ela sorriu, o que a fez parecer frágil.

— Isso é jeito de se cumprimentar alguém?

A voz dela era doce, mas com um quê gélido que quebrava a harmonia. Sua expressão era tão serena que parecia arrogante, e pude sentir a raiva crescendo dentro de mim.

— Você incendiou a igreja do meu pai! Existe um cumprimento educado para isso?

A Dama soltou o bordado.

— Foi um mal necessário, infelizmente. Minha querida irmã anda saltitando por aí como um cachorrinho treinado, bancando a idiota com pessoas que já estão perigosamente perto de nos esquecer. Estava na hora de fazer a cidade se lembrar do que somos feitos.

— Esse é o seu motivo… injetar o temor a Deus em um bando de gente que nem sequer acredita que vocês existem? Você acabou de destruir um prédio de 200 anos! Uma garota está morta!

— O temor a Deus não é nada em comparação ao medo da tragédia e da perda. — Ela inclinou a cabeça de lado e sorriu. Seus dentes eram pequenos, alinhados e perfeitamente brancos. — No entanto, de modo geral, isso nos beneficia de outras maneiras. Afinal, a tragédia acabou sendo doce e nos trouxe um visitante.

A princípio, pensei que ela estivesse falando de si mesma no plural, da forma como as rainhas fazem, mas, então, olhei em volta. Perto da mesa, havia uma menininha sentada numa almofada grande, com botinhas e um vestido branco estilo marinheiro. Ela brincava com uma gaiola de arame, colocando e tirando um passarinho de corda de dentro dela. Uma grande fita amarrava-lhe o pulso ao pé da mesa.

— Gosta dela? — perguntou a Dama. — Ela é uma coisinha tão doce!

A menina devia ter uns dois ou três anos, com olhos amendoados e dentes pequenos e alinhados. Ela sorriu para mim, formando uma covinha

tão funda em uma das bochechas que eu poderia enfiar meu dedo no buraquinho.

Prendi a respiração. Ela não era bem como eu me lembrava, mas tive certeza de que a conhecia. Por baixo de todos os laços e babados, eu a conhecia. Ela era humana. Eu costumava vê-la todas as semanas no estacionamento da igreja, ou brincando de pique-pega com Tate no gramado em frente à escola dominical. Natalie Stewart estava sentada no chão, olhando para mim por cima da gaiola.

Ela acenou com o cuco na mão. A Dama esticou o braço, acariciou os cabelos de Natalie e lhe deu um tapinha na face.

Lembrei-me do que minha mãe dissera sobre se sentar numa almofada aos pés da Dama. Natalie estava tão limpa que parecia artificial.

— Ela é o quê, sua boneca?

A Dama riu, escondendo a boca por trás da mão.

— Eu adoro uma bela criança, você não? Ela complementa o quarto. — A Dama gesticulou para o aposento à nossa volta. — Como pode ver, sou uma grande amante da beleza.

As paredes eram cobertas por armários com portas de vidro, nos quais se viam conchas e flores prensadas. O maior deles ficava sobre um sofá com estofamento de veludo. Ele estava cheio de borboletas mortas presas com pequeninos alfinetes de latão. Havia, também, fileiras de prateleiras embutidas em duas paredes, como uma biblioteca, só que, em vez de livros, elas exibiam pássaros — em sua maioria, pintarroxos e gralhas —, além de um enorme corvo empalhado com olhos de vidro alaranjados.

Enquanto eu observava as borboletas e os pássaros, a Dama sentou-se à escrivaninha e analisou meu rosto. De repente, ela se levantou e virou de costas para mim.

— Sente-se, por favor — disse ela, apontando para uma poltrona ao lado da lareira. — Sente-se ali para se aquecer.

Sentei-me na beirinha da poltrona de encosto alto, inclinando-me ligeiramente para a frente. Meu pulôver estava molhado e pingava sobre o estofado.

Natalie soltou a gaiola e se aproximou o máximo que a fita permitia.

A Dama sorriu.

— O que a gente fala para o nosso convidado?

Natalie contraiu o queixo sem olhar para mim.

— Como vai? — perguntou ela, balançando-se para a frente e para trás nos calcanhares.

Ao vir para a frente de novo, ela estendeu a mão e me ofereceu uma fita amassada com um pequeno pingente amarrado. Quando estiquei o braço para pegá-lo, Natalie o soltou em minha palma. Em seguida, sorriu e se afastou, metendo uma mecha de cabelos na boca e chupando.

A Dama continuou imóvel, com os olhos perdidos ao longe e a mão sobre a garganta. Ela tocava sem parar um camafeu oval preso a uma fita de veludo, acariciando o entalhe com a ponta do dedo.

De repente, ela se virou para olhar para mim. Ao sorrir, seu sorriso me pareceu feroz.

— Minha irmã costumava ser uma deusa guerreira. Ela não contou a

você? Ela costumava se sentar no vau dos rios com um galho de freixo na mão e a asa de um corvo amarrada nos cabelos. Observava os inimigos atravessarem o rio e escolhia quais e em que ordem eles morreriam. Mas, então, ela se deixou arruinar, da forma como todo mundo se deixa arruinar, diminuindo-se até se enquadrar nas visões dos ignorantes. Todos, exceto eu.

— Não entendo. Por que você se incomoda tanto com o que as pessoas pensam da Morrigan?

— Ninguém está imune à descrença. O enfraquecimento da fé deles pode destruir todos nós. — Virou-se e me encarou, enfatizando a palavra todos. Seus olhos estavam escuros e injetados, debruados por um amarelo purulento. — Nós sempre tivemos orgulho de nossa força e poder, mesmo quando isso nos tornava monstros. Só que, agora, eles nos enfraqueceram em suas histórias, nos transformaram em espíritos e fantasmas. Pessoas comuns, propensas à maldade, mesquinhas em suas ações. Mesquinhas, desprezíveis e fracas. — Ela ergueu a cabeça e me encarou. — Eu lhe asseguro, sr. Doyle, não sou fraca.

Eu não disse nada. Ela podia parecer doente e frágil, mas, naquele momento, parecia também inacreditavelmente cruel.

— Estamos mudando — continuou ela. — Eles arruinaram minha irmã e lhe roubaram o poder. Somos um povo mítico, definidos pelos caprichos das doutrinas e histórias deles. Eles sempre nos disseram o que nós somos.

— Por que continuar aqui, se é tão ruim? Por que ficar e esperar que eles arruínem vocês?

— A cidade está ligada a nós. Desde o começo, nós os ajudamos sempre

que podíamos, e eles retribuíram essa ajuda.

— Você está falando do sangue?

A Dama se empertigou.

— Merecemos um pagamento pela ajuda que proporcionamos. Nós demos a eles prosperidade. Nós os transformamos no que eles são… o mais próspero e afortunado vilarejo da região e, em troca, eles pensam em nós como seres poderosos, orgulhosos e temíveis. A crença deles tem sido suficiente para garantir nossa sobrevivência.

Só que isso não era o bastante. Os telhados estavam cheios de goteiras; o solo, desgastado pela chuva. A ferrugem se instaurara, e agora Gentry se desfazia pouco a pouco. A Dama estava pálida, com os olhos avermelhados, e eles precisavam de sangue e de adoração para sobreviver.

Balancei a cabeça.

— Você tira as crianças de suas famílias e as mata. Está dizendo que as pessoas devem apenas se omitir e deixar isso acontecer?

— Nós fazemos parte dessa cidade tanto quanto eles… Somos vitais para o estilo de vida deles. E eles nos amam por isso.

Olhei fixamente para o fogo, balançando a cabeça.

— Isso não é verdade. Eles não nos amam nem precisam de nós. Eles nos odeiam.

A Dama emitiu um ruído ofegante, quase uma risada.

— As pessoas são muito hipócritas, meu querido. Elas falam, marcam reuniões e, em geral, fazem um grande estardalhaço. Sabe como você pode ver quem é sincero?

O sorriso dela foi frio. Ela podia ser de cera ou porcelana, como uma boneca, mas seus olhos eram brilhantes e perversos.

— Os sinceros vão embora. Os outros fincam suas raízes nessa cidadezinha pacata, torcem as mãos e lamentam a perda dos filhos e, enquanto isso, aceitam as dádivas. Eles mantêm a cidade e a alimentam, como sempre fizeram.

Os olhos dela estavam escuros, horríveis. Tive a impressão de que ela jamais pararia de sorrir.

— Vejamos, matar crianças não é algo que vocês façam porque são psicopatas moralmente falidos, é mais como uma espécie de serviço público.

— Minha voz soou dura, e isso me deu mais coragem. — Vocês fazem isso pelo bem de todos, certo? Não apenas para se alimentar, mas pelo bem da cidade, porque a cidade precisa de pais desolados e crianças mortas. Ah, que inferno, e por que não incendiar as igrejas já que estamos nisso?

— Exatamente — replicou a Dama, com muita calma. — O sangue deles é o sangue deles e, quando eles me homenageiam com ele, eu o aceito e lhes retribuo com poder. Eu os faço prosperar. — Ela estendeu o braço e tentou tocar meu rosto. — Aceite isso, querido. Todo mundo já aceitou.

Eu me afastei, saindo do alcance dela.

— Se você vai continuar fazendo a cidade sangrar, por que se importar com a igreja? Por que fazê-los sofrer se vai lhes tirar o sangue de qualquer jeito?

— Porque minha irmã, aquele demônio infeliz, abusou demais da minha autoridade, permitindo que seus diabinhos dessem as caras na rua em todas

as oportunidades. Seu desrespeito pela prudência pode parecer inestimável agora, mas isso prejudica todos nós. Eles não vão ficar felizes o suficiente para dar a Morrigan o que ela quer se estiverem preocupados com a própria tragédia.

— Então você a está punindo.

A Dama sorriu, e sua boca pareceu bela e cruel.

— Só quero que sejamos amigáveis, quero chegar a um acordo. Mas se a Morrigan se recusa a agir com bom-senso, então não há nada que eu possa fazer, ela precisa ser punida. Você pode dizer isso a ela na próxima vez que a vir? Diga que tudo isso poderia ter sido evitado.

— Não sou seu garoto de recados. Eu trabalho para a Morrigan, e não é minha obrigação dizer-lhe o que ela está fazendo de errado.

A Dama sorriu, seus olhos voltados para baixo.

— Ah, meu menino ingênuo, a Morrigan não manda em você. Você é uma criatura livre que veio até mim hoje à noite por conta própria. Ela o teria impedido se pudesse. De vez em quando, você pode desperdiçar seu tempo com o circo deplorável que ela armou, mas é senhor de sua própria vontade.

— Pelo menos, sua irmã se preocupa com algo além dela mesma. Ela salvou a minha vida; portanto, pare de falar dela como se ela estivesse tão abaixo de você.

— Ela está abaixo de mim. A Morrigan não possui orgulho nem dignidade. Ela manda suas criaturas dançarem como macacos e se denegrirem na frente da cidade.

— E por isso você decidiu odiá-la?

A Dama fez que não, desviando os olhos para Natalie.

— Ela mentiu e me enganou. Roubou uma criança de minha casa e a levou de volta. Ela me desafiou e arriscou que fôssemos descobertos. Quase destruiu a cidade.

— Ela acha repugnante manter crianças como se fossem brinquedos ou animaizinhos de estimação, e está certa. O que você vai fazer com seu novo brinquedinho? Vai alfinetá-la numa cortiça e depois mostrar para todo mundo sua coleção, falando sobre o quanto ela é bela?

— Essa menininha travessa? Nada tão importante. Ela voltará para a terra como todos os outros, de um modo totalmente indigno de nota.

— Ela não precisa ser fora de comum para ser importante. É uma criança com uma família. A irmã de alguém.

— Precisamente. Agora ela não é nada. Ela será morta em solo não consagrado ao amanhecer de um dia santo esquecido, o Dia de Todas as Almas, e a morte dela irá renovar a cidade.

— E isso é tudo o que você precisa para ficar feliz? Você mata criancinhas, depois volta para casa e espera até chegar a hora de fazer tudo de novo? Que merda de existência é essa?

A Dama ergueu a cabeça e olhou para alguma coisa ao longe.

— Eles costumavam nos homenagear com guerreiros. — Lançou um olhar de relance para Natalie, como se a ideia de usar um ser tão insignificante a repudiasse. — Mas agora fomos reduzidos a fantasmas e demônios, e apenas o sacrifício dos fracos nos mantém vivos.

Afastei-me alguns passos. O quarto estava cheio de pássaros com olhos

de vidro, borboletas mortas e móveis grandes e antiquados. Todas essas coisas estavam muito claras, como se fossem as únicas coisas que já tivessem me acontecido na vida.

A Dama andou até a escrivaninha e apanhou um pequeno sino de latão. Quando o balançou, o som foi alto e claro.

Em seguida, ela se sentou e me olhou fixamente.

— Essa reunião já se prolongou demais, senhor. Agradeço a sua companhia e não lhe desejo mal, mas não posso voltar atrás com relação à destruição da igreja, nem lhe dar o que você deseja. O Carrasco irá lhe mostrar a saída.

Lembrei-me do que a Morrigan dissera sobre o Carrasco. Por um segundo, quase consegui visualizá-lo — uma figura impressionante, grande e assustadora. E, então, a visão desapareceu. Em seu lugar, ficou a imagem de uma mulher. Ela estava deitada de costas numa poça-d'água lamacenta, o rosto desfigurado, os braços amarrados ao lado do corpo.

— Não — falei, já sabendo que a palavra não faria a menor diferença, mas precisando dizê-la mesmo assim. — Não vou deixá-la aqui. Ela é apenas uma criança pequenina.

— Não adianta discutir — replicou a Dama. — Não vou entregá-la a você de livre e espontânea vontade, e você não pode lutar com o Carrasco. Nenhum de nós pode.

Tentei pensar no que uma pessoa corajosa faria. No que Tate faria. Só que Natalie era da família dela, e eu estava no subterrâneo com uma mulher que esvaziava lagos inteiros e jogava a água na sala de estar da irmã quando

se sentia particularmente vingativa. Que invocava chuvas intermináveis e incendiava prédios somente para se certificar de que ninguém a esquecesse. Comparado a ela, eu era um inútil.

Quando a porta se abriu, Natalie se encolheu de medo junto à saia da Dama e abraçou a gaiola. O Carrasco parou na porta. Ele era magro, mais alto do que a Dama. Poderia ser o irmão dela. Tinha os mesmos cabelos escuros, os mesmos olhos aguados e doentios.

As lembranças familiares vieram em flashes — o casaco preto, a boca fina e sem cor, o rosto ossudo —, tudo vago e perturbador, como um sonho materializado.

Ele levou a mão à testa, ainda que não estivesse de chapéu.

Ao olhar para ele, lembrei-me de mim mesmo bebê, pequeno o suficiente para ser carregado no braço. Ele entrando sorrateiramente no quarto, retirando o bebê verdadeiro do berço e fechando a janela. E me deixando para trás. O Carrasco era a única lembrança que eu tinha da vida antes de Gentry.

A Dama levantou-se da cadeira, abrindo caminho para ele, e o Carrasco observou-a se afastar. Seus olhos eram penetrantes e estreitos.

Ao falar, ela manteve o olhar longe dele.

— Acompanhe nosso convidado até a porta, por favor.

O Carrasco sorriu — um sorriso estranho, vazio — e me cumprimentou com um ligeiro curvar de cabeça. Senti o cheiro que ele exalava pela pele. Um fedor tóxico de ferro. Pude sentir minha pulsação — não apenas no peito, mas nos braços, mãos e garganta.

A Dama havia coberto o rosto com um lenço, e eu perguntei, mais por uma confusão atordoada do que por curiosidade:

— O que é ele?

Ela me olhou por cima da ponta rendada do lenço, e sua resposta saiu abafada.

— Ele é um sádico e um masoquista. Ele suporta uma dor terrível só porque lhe agrada ver o sofrimento dos outros.

O Carrasco não parecia uma pessoa particularmente triste e sofredora. Seus olhos eram injetados e avermelhados em volta, mas ele se movia com rapidez.

— Me acompanhe — falou num murmúrio rouco, agarrando-me pelo braço.

Enquanto o Carrasco me arrastava em direção ao corredor, olhei por cima do ombro. A última coisa que vi foi a irmã de Tate, sentando de volta em sua almofada, abraçada à gaiola.

Então, o cheiro me envolveu e eu cambaleei. O Carrasco me segurou com firmeza, enterrando os dedos em meu braço. Sua expressão era educada, como a de um cavalheiro em um filme sobre pessoas que andam de carruagem, mas a voz era grave e cortante; ela parecia pertencer a outra pessoa.

— Calma — disse ele. — Você está bem.

Ainda me segurando pelo braço, ele me conduziu pelo corredor.

— Me conte, primo, como está o tempo lá em cima no parque hoje à noite? Achei que tinha sentido cheiro de chuva.

Como não respondi, ele me sacudiu de leve e me segurou com um pouco mais de força, arrastando-me pelo cotovelo enquanto o casaco ondulava às suas costas.

— Não vá desmaiar agora, ou terei de lhe dar uns tapas para fazê-lo voltar a si. Talvez você pense que eu não me importo com o que acontece lá em cima, mas, juro por Deus, adoro aquela cidade. A Dama sente saudade dos velhos tempos, mas a hospitalidade das tribos e vilas não se compara com a que temos aqui.

Concentrei-me em colocar um pé na frente do outro, mantendo o corpo ereto e os olhos no chão à minha frente.

— Vou contar uma história — continuou ele. — Uma história sobre a gente e sobre as pessoas que moram lá em cima. Era uma época terrível, desesperadora, e eles vieram a nós em busca de salvação. Primo, nós recebemos mais sangue num único ano do que qualquer colina já viu. Fizemos sacrifícios em todos os festivais antigos… Imbolc, Beltane e Lammas… e em todos os dias santos. — Sorriu por cima do ombro, revelando dentes pequenos e alinhados, mas uma gengiva com o aspecto doentio, de algo em carne viva. — Há um monte de dias sagrados, primo.

— Durante a Depressão — interrompi. Minha voz soou grossa e desarticulada.

— A o quê?

— Durante a Grande Depressão, vocês tiraram o sangue da cidade. Roubaram as crianças e as pessoas culparam Kellan Caury. Elas o enforcaram na Heath Road por sequestrar criancinhas.

O Carrasco parou de andar e se virou para me encarar. E, então, sorriu — um sorriso largo e atravessado que lhe tomou o rosto inteiro.

— Ah, mas o Caury fez isso sim. Não se engane. Ele as sequestrou.

O cheiro que ele exalava ao falar era grosso e infecto, como ferrugem e sangue velho. Soltei o braço com um safanão e me recostei na parede revestida de papel de parede colorido.

— Sobre o que você está falando? Caury não era um sequestrador. Ele só queria viver uma vida normal.

O Carrasco riu.

— Claro. Claro, ele queria uma vida pacata e idílica, cuidando de sua loja e olhando as estrelas com sua garota. Mas nós queríamos algo mais. E a gente sempre consegue o que quer.

Olhei para o Carrasco pela primeira vez — olhei de verdade. O rosto dele era simétrico, o nariz reto e o queixo e os maxilares pontudos, porém a pele repuxada em torno dos olhos lhe dava uma aparência oca, vazia.

Com exceção do grupo de garotas em estado de putrefação, as pessoas da Casa do Caos pareciam saudáveis. Elas eram estranhas e, por vezes, feias, mas seus rostos não exibiam sofrimento e seus olhos eram límpidos. O Carrasco parecia contagioso. Suguei o ar repetidas vezes, em inspirações curtas. Eu estava começando a perder a visão periférica, e não podia fazer nada para evitar.

Ele me agarrou de novo e me sacudiu com força.

— Fique comigo, primo. Já estamos quase na porta.

— Como você fez isso… O que você queria dele?

— Caury? Simples. Ele tinha uma namorada doce e piedosa, que tocava piano na igreja aos domingos e não se incomodava com o fato de ele ser totalmente esquisito. Talvez ele não tenha ficado muito animado com o trabalho a princípio, mas, no fim, se mostrou bastante disposto a cooperar.

— De repente, a voz do Carrasco ficou ansiosa. — Quando finalmente terminei o serviço, a vagabundinha era metade do que fora antes, e ele teria feito qualquer coisa para que ela não perdesse mais nenhum dedo.

Senti a cabeça leve e um enjoo que vinha em ondas.

— Pelo que escutei, não foram vocês que o mataram. Foram o xerife e os representantes do Estado... Eles é que reuniram uma multidão para linchá-lo.

O Carrasco fez que não.

— Ah, nós o matamos. Não se engane. A cidade foi atrás dele, mas fomos nós que o matamos. Eles o levaram até o local de sua morte; talvez não soubessem nem por que estavam fazendo isso, mas o levaram até lá mesmo assim. Eles o espancaram com um porrete, bateram nele no meio da rua, como se ele fosse um cachorro, mas Caury ainda estava vivo o suficiente para gritar.

— Vocês mataram um dos seus?

Ele me puxava, conduzindo-me por corredores com sofisticados rodapés entalhados e papéis de parede coloridos. Viramos uma curva e me vi de volta diante da porta de entrada, com chão polido e elegantes paredes revestidas de madeira. Tudo parecia meio vago, entrando e saindo de foco.

O Carrasco destrancou e abriu a porta.

— Volte para os seus amiguinhos.

Senti o cheiro de folhas mortas e ar fresco que vinha lá de fora. Eu precisava chegar logo no parque, em algum lugar onde eu pudesse respirar, mas a irmã de Tate continuava amarrada ao pé de uma mesa. Assim sendo, eu me virei e encarei o Carrasco, com o aposento girando à minha volta.

— E se eu não quiser fazer isso?

Ele se manteve ao lado da porta, empertigado e perfeito, do jeito que se espera que as pessoas numa corte sejam perfeitas, mas sua boca era fina e as sombras arroxeadas sob as maçãs do rosto o deixavam parecido com uma caveira.

— Você vai fazer isso porque eu estou mandando e, se não fizer, então pode ir para o inferno. Você pode ser legal, bom e justo, primo, mas não é meu primo de verdade.

Ele me deu um tapa entre as omoplatas e me empurrou em direção a Gentry e ao mundo lá fora.

Saí tropeçando para a garoa fina e caí de quatro no chão. As folhas estavam frias e escorregadias sob meus dedos abertos. Atrás de mim, a porta se fechou e desapareceu nas sombras.

Levantei, ofegando e tossindo, e parti em direção ao parque. Na esquina da Carver Street, parei. Permaneci sob o facho bruxuleante da luz do poste, analisando o pingente que Natalie me dera. A fita estava grudenta e desfiada, e o pingente nada mais era do que um cursor de zíper, feito de plástico rosa e com o formato de um ursinho de pelúcia.

Atravessei o gramado até a solitária mesa de piquenique onde Roswell e

eu nos sentáramos na véspera, e despenquei no banco para pensar.

Eu estava exausto. Meus pulmões doíam e minhas roupas cheiravam a fumaça. A igreja do meu pai se fora, e Natalie Stewart não estava morta, mas logo estaria.

Eu queria me tornar invisível, desaparecer. Queria me deitar e ser engolido pelo chão. Desse jeito, eu não teria de sentir nem pensar. Podia ser apenas terra, raízes e grama. Nada.

Meu celular vibrou dentro do bolso e eu o peguei para ver quem estava ligando. Emma. Sabia que devia atender, pelo menos dizer a ela onde eu estava e que estava bem, mas conversar me pareceu algo impossível. Olhei para o telefone, para o nome dela piscando no visor. E o desliguei.

Sagrado

CORDEI TREMENDO, desconfortavelmente enroscado sobre o banco da mesa de piquenique. A dor em meu pescoço era insuportável, e meus dedos do pé estavam dormentes. Eram seis da manhã. Eu tinha nove chamadas perdidas da Emma e duas do Roswell.

A escola não era exatamente uma prioridade. Minhas mãos e pés estavam congelando; eu precisava ir para casa, tomar um banho e dormir na cama. No entanto, já estava claro, e eu sabia que tinha de falar primeiro com Tate; portanto, peguei o caminho mais longo para casa, descendo a Welsh Street, a fim de passar pela casa dela.

Tate estava na garagem, cujo portão se encontrava levantado, e imaginei que ela estava planejando matar aula ou que alguém tinha avisado ao diretor que ela havia arrebentado Alice de porrada, o que era mais provável. E o castigo por brigar na escola era suspensão.

O capô do Buick estava levantado e Tate remexia em alguma coisa no motor. Quando me aproximei da entrada da garagem, ela bateu com a cabeça na parte interna do capô e deixou cair uma chave de boca. A ferramenta quicou ao bater no chão de cimento e rolou para debaixo do carro.

Tate deu um chute no para-choque e recuou ligeiramente, contraindo-se.

— Tate — chamei e, em seguida, fiquei quieto. Minha voz estava rouca e falhada.

Ela se virou, já armando um sorriso, que não chegou a se completar.

— Qual é o problema? O que você está fazendo aqui?

Balancei a cabeça, agarrei-a pela manga e puxei-a para longe do carro, em direção à luz fraca do amanhecer.

— Você já viu isso antes?

— Ei... — Ela esticou o braço para pegar o enfeite de zíper. — Ei, onde você arrumou isso?

Tentei fazê-la ver a resposta em meu rosto, sem explicações totalmente inadequadas, sem palavras, mas Tate apenas me olhou com uma expressão de pânico.

— Onde você arrumou isso? Achou em algum lugar? Onde diabos você arrumou isso? — Arrancou o enfeite da minha mão e o segurou no alto. — Está vendo isso? Está vendo esse pedaço de plástico na minha mão? Você precisa me contar onde arrumou isso.

Fiquei ali, olhando para ela. A verdade era uma coisa terrível e eu não tinha um nome para definir a mim mesmo nem o que estava acontecendo debaixo das barbas da cidade.

— Eu o encontrei exatamente onde você está pensando.

Ela olhou para o pequeno pingente e pude ver a transformação em seu rosto, como se algo dentro dela se quebrasse e rapidamente se reconstituísse.

— Você a viu.

De repente, fiquei surpreso ao perceber como minha boca estava seca.

— No subterrâneo.

Tate me fitou.

— Mas você a viu. Ela está viva e você a viu e não fez nada... você não a trouxe de volta?

Fiz que não, sentindo-me impotente e envergonhado.

— Não pude, Tate. Eles estão tão acostumados a ter permissão para fazer isso, e ninguém nunca tenta impedi-los, ninguém faz nada. Não sei como.

— Bom, é melhor descobrir!

Pensei em minha mãe: estranha, distante, fria e triste.

— Tem certeza de que é isso o que você quer?

— Claro, tenho certeza absoluta. Ela é minha irmã! — gritou Tate, batendo com as mãos no capô do carro. — Por que eu deixaria de fazer todo o possível para ter minha irmã de volta?

Eu não sabia como explicar a vida na minha casa, como ela podia ser ruim, estranha e assustadora. Como minha mãe continuava a ser castigada simplesmente por sobreviver; que eles haviam esperado quinze anos para se vingar, porque, para pessoas como eles, quinze anos eram como dois segundos e nada jamais era perdoado de verdade. Eles podiam fazer você pagar pelo resto da vida.

— Isso só vai deixar sua família ainda mais abalada — falei.

Tate inspirou fundo e segurou a minha mão, não como uma namorada, mas como alguém que está se afogando, com força e em pânico.

— Mackie, minha família já está tão abalada que não consigo pensar em nada que possa piorar ainda mais as coisas. — Ela apertou meus dedos, com os olhos fixos em mim. Tudo cheirava a metal. — Só me diga o que fazer.

Balancei a cabeça. Tate nunca perguntava a ninguém o que devia fazer, e eu não tinha resposta, nenhuma informação privilegiada. Isso era apenas o

que sempre acontecera, o que vinha acontecendo havia décadas. Talvez séculos.

Os olhos de Tate estavam duros e brilhantes, mas não devido a lágrimas. Seu olhar era brutal, e ela era o tipo de garota que jamais implorava por nada.

— Tem de haver alguma coisa que eu possa fazer, porque não vou ficar sentada sem fazer nada!

Mantive a mão dela entre as minhas, segurando-a pelo pulso, sem deixá-la se mexer.

Fora preciso muito tempo para que eles conseguissem convencer Kellan Caury a cooperar, mas o Carrasco acabara descobrindo uma forma de fazer isso. Consegue-se obter muito de um sujeito ao se cortar os dedos da namorada dele.

— Não saia de casa — falei, ainda segurando a mão dela.

Ela me lançou um olhar tenebroso.

— Não... nem pensar. Você está falando da minha irmã. Não vou ficar em casa como uma menina boazinha e esperar você decidir se vai ou não fazer alguma coisa, de jeito nenhum!

Ela era tão corajosa, tão impulsiva, que não menti quando falei:

— Olhe só, é assim que as coisas são, e você não pode fazer nada para ajudá-la. Precisa entrar em casa e trancar as portas. Vou pensar em alguma coisa.

Dizendo isso, dei-lhe um beijo rápido e saí pela porta da garagem antes que pudesse ver a expressão dela.

Eu tinha quase certeza de que Tate me seguiria, mas não seguiu. Depois de

atravessar um quarteirão e meio sem ela gritando obscenidades atrás de mim, eu me permiti criar esperanças de que, pelo menos dessa vez, Tate tivesse realmente me escutado.

Segui para casa, fazendo um inventário mental de minhas opções. Nada muito encorajador. A Morrigan podia odiar a irmã, mas não ia me ajudar a salvar Natalie porque, aparentemente, ela não considerava o sacrifício humano um motivo inadequado para se sequestrar crianças. Ou talvez ela apenas tivesse medo da irmã — como todos os outros. Medo do que poderia acontecer se a Dama pegasse alguém fazendo algo que lhe desagradasse.

Eu não tinha uma solução nem um plano. Tinha apenas meia garrafinha de tônico e uma velha faca de descascar frutas, e nenhuma das duas coisas seria de muita ajuda nas atuais circunstâncias.

Parei ao chegar na esquina da Concord com a Wicker. Fiquei ali na calçada por um longo tempo, olhando para minha casa como se ela fosse um daqueles jogos em que é preciso encontrar o objeto escondido. Alguma coisa no jardim não estava de acordo; havia erros demais para contar.

A escada estava para fora, aberta e virada de lado, formando um A maiúsculo sobre o gramado. Longas manchas de terra cobriam o caminho de entrada. A grama estava amassada em alguns lugares. A calha do telhado parecia estar entupida por galhos e folhas mortas, e a água escorria numa cascata constante pelos degraus da frente.

Tentei a porta, mas ela estava trancada, tanto a fechadura quanto o ferrolho, então precisei vasculhar os arbustos em busca do esconderijo da chave extra. Havia plantas arrancadas e bulbos de tulipa espalhados pelo

cimento, já secos e amarronzados.

Uma das lanternas de abóbora do Halloween estava toda pisoteada sobre o chão da varanda. Seus olhos me fitavam esbugalhados, a vela derretida pela metade.

Ao entrar no vestíbulo, fiquei surpreso ao perceber que a casa estava deserta. Meu pai devia estar na delegacia ou ajudando a família da Jenna a fazer os preparativos preliminares para o funeral. Ele estaria confortando as pessoas, tentando organizar o caos, enquanto minha mãe devia estar no hospital, trabalhando no turno da manhã. Emma, porém, só tinha aula à tarde. A mochila dela estava pendurada num gancho atrás da porta. Esperei um segundo e chamei por ela.

Não houve resposta. Seu casaco estava sobre o banco da mesinha de correspondência. Como não havia nenhuma luz acesa, fui andando devagar, colado à parede.

A cozinha estava vazia, mas senti um arrepio leve e assustador na nuca, como se houvesse mais alguém no aposento. Fiquei um longo tempo com os ouvidos atentos, procurando escutar alguma coisa. E, então, ouvi: não um choro, mas um leve ofegar. Em seguida, nada.

— Emma? — Acendi a luz e ajoelhei no chão.

Emma estava sentada debaixo da mesa. Todos os talheres de aço e as facas boas estavam arrumados num círculo à sua volta, e ela mantinha os braços junto ao peito, segurando uma faca de açougueiro. Um hematoma começava a surgir em uma de suas bochechas.

— Emma, o que foi que aconteceu?

Ela abriu a boca, mas não disse nada, apenas continuou debaixo da mesa, me olhando e balançando a cabeça.

Estendi a mão para tocá-la e o círculo de metal mandou uma fisgada de dor pelo meu braço. Caí sentado no chão e fechei os olhos enquanto esperava a cozinha parar de girar.

— Você precisa tirar esses negócios daí.

Ela fez que não de novo, uma sacudidela de cabeça rápida e nervosa.

Puxei as mangas do pulôver por cima das mãos e afastei as facas, a fim de pegá-la, puxá-la de debaixo da mesa e arrastá-la pelo piso de linóleo até a luz.

As roupas e os cabelos de Emma estavam cobertos de folhas mortas e pedacinhos de grama seca. A camiseta dela estava enlameada. Os braços nus, cheios de queimaduras espiraladas dos cotovelos para baixo. Pareciam pequenas linhas enlouquecidas que exsudavam um líquido límpido e amarelado. Quando toquei numa delas, Emma ofegou. A pele em torno da queimadura estava grudenta. Não repeti o gesto.

Segurei-a pelos ombros.

— Eles entraram em casa?

— Não — sussurrou ela. — Elas ficaram no jardim. Eu estava na escada, você sabe, limpando a calha, que havia entupido. Elas... ahn, elas estavam rindo.

— Como elas eram? Como eu?

O olhar que ela me lançou foi de agonia.

— Não, elas não eram como você. Elas eram... — Ela fez uma pequena

pausa para respirar. — Elas eram feias.

Percebi que eu a estava apertando e me obriguei a parar.

— Feias como?

— Ossudas, pálidas e… apodrecidas. — Sem que eu esperasse, ela apertou o rosto contra meu peito, de modo que falou com a boca colada em meu pulôver. — Elas estavam mortas, Mackie.

Uma fisgada de dor atravessou minhas costelas e eu ofeguei.

— Ai! Solte isso.

Emma olhou para a faca em sua mão, parecendo surpresa de vê-la ali. Em seguida, jogou-a longe. A faca girou como um ponteiro ao cair no chão e então parou, apontando para a geladeira.

Emma inspirou fundo.

— Elas se aproximaram pelo gramado e cercaram a escada. — A voz dela estava firme. — Perguntaram se eu gostaria de ir visitá-las. Disseram que administravam um sanatório e que eu era exatamente o tipo de garota que elas precisavam na equipe.

— E depois? — Comecei a limpar a grama da camiseta dela e a retirar as folhas de seus cabelos. — O que elas fizeram com os seus braços?

— Elas me derrubaram da escada. As unhas delas… eram unhas compridas… e depois… — Ela esticou os braços, mas não completou a frase.

As queimaduras estavam úmidas e em carne viva. Elas liberavam um cheiro forte de ozônio que me fez pensar em tempestades e relâmpagos.

— Como você conseguiu escapar?

O sorriso dela foi a coisa mais irônica que eu já tinha visto.

— Recitei o salmo 23.

— Você as espantou recitando versos da Bíblia?

— Eu leio, Mackie.

— Então, o que você está me dizendo é que tem um livro que diz que, se um bando de garotas apodrecidas aparecer na sua casa e começar a fazer arranhões abrasivos em seus braços, você deve recitar uns dois salmos e elas irão embora?

— Mortas-vivas — corrigiu ela, com a cabeça apoiada em meu ombro.

— Quando uma pessoa retorna dos mortos, ela é chamada de morta-viva. — Emma falou de modo detalhista e sério, mesmo com os braços chamuscados e os cabelos molhados encharcando meu pulôver. Ela me apertou com força e ergueu a cabeça novamente. Seus braços estavam em carne viva, exsudando, e ela os mantinha duros, longe do corpo, como se tentasse esconder o quanto eles estavam doendo. — Eu só... só não sabia o que mais eu podia fazer.

— Emma, sinto muito. Vou pegar água oxigenada, iodo ou qualquer outra coisa. Vamos limpar esses ferimentos. Só me diz o que eu preciso fazer.

— Está tudo bem. — água pingava pelo rosto dela. — Eu estou bem.

Elas nem sequer entraram em casa. E não está tão ruim quanto parece. Doeu um bocado, mas já está melhor. Mal sinto agora.

Olhei para os braços dela de novo e, em seguida, a afastei para analisar suas mãos.

— Está com frio?

— Um pouco, mas nada de mais. — Ela baixou os olhos para as mãos.

As mãos de minha irmã estavam ligeiramente arroxeadas, mas o roxo foi piorando enquanto observávamos. As veias estavam inchadas, formando uma malha escura sob a pele. Suas unhas tinham perdido a cor e estavam cinzentas, sem sangue.

— Elas levaram minhas luvas de trabalho — disse Emma, numa voz fraca e trêmula. — Elas ficaram com as minhas luvas.

Levantei.

— Certo, acenda todas as luzes e tranque as portas. Volto assim que puder.

Emma esticou o braço e me agarrou pela manga. Seus dedos escorregaram, como se ela não conseguisse controlá-los.

— Espere um pouco, aonde você vai?

— Pegar suas luvas de volta.

O preço

EBAIXO DA PILHA de escória de metal, a Casa do Caos estava úmida por causa da chuva. As duas lareiras enormes que ficavam em cada uma das extremidades do salão tinham sido acesas e o aposento estava mais quente do que de costume.

O bando de garotas-cadáver encontrava-se reunido em torno de uma das lareiras. Elas estavam organizando as bandejas com as garrafinhas de Janice, derretendo a cera sobre os gargalos e colando os rótulos. Trabalhavam numa espécie de linha de montagem, passando as garrafinhas de mão em mão e conversando em voz baixa. Atrás da mesa da recepção, a Morrigan estava sentada no chão, brincando com uma boneca feita de penas e costurada com uma linha imunda e cheia de nós. Aproximei-me da mesa e parei em frente a ela.

— Olá, excluído — ela me cumprimentou sem levantar os olhos. — Você veio aqui me pedir desculpas por ir correndo implorar favores à minha irmã?

— Não, vim dizer que você cometeu um tremendo erro. E pare de me chamar de excluído.

— Você prefere o quê? Órfão? Substituto feioso? Criança deixada no berço de outra? — Ela largou a boneca e ergueu os olhos para mim. As chamas do fogo pareciam agulhas brilhantes refletidas em seus dentes. — Eu lhe dei curas e remédios, cuidei de você quando estava doente. Sem meus cuidados, você teria morrido e, ainda assim, você me desrespeita, me insulta

indo atrás da minha irmã?

— Conversei com a sua irmã, certo? Tudo bem, sou uma pessoa terrível. Mande as suas prostitutas repugnantes devolverem as luvas da Emma.

A Morrigan apontou com a cabeça para a outra extremidade do salão.

— Mande você.

As garotas estavam agrupadas no chão, rindo baixinho e sem parar. Uma delas, com uma aparência faminta, cabelos emaranhados e cortes profundos nos braços, usava um par de luvas de jardinagem de camurça cor-de-rosa. Atravessei o salão e parei ao lado delas. Elas fediam ainda mais perto do fogo — um misto de terra molhada e carne estragada, em decomposição. Na luz bruxuleante do fogo, elas pareciam esverdeadas por debaixo da pele.

— Podemos ajudá-lo? — perguntou a que estava usando as luvas de Emma. Ela abriu um sorriso frouxo e meloso, deixando à mostra dentes pretos e gengivas podres.

— Me devolve isso aí.

— Isso o quê?

— As luvas da minha irmã. Cansei de brincadeirinhas.

A garota ao lado dela inclinou-se para a frente e lhe deu uma cotovelada, sorrindo para mim. Ela segurava um galho de madeira em brasa e um bloco de cera semiderretida. Sua língua era azul e a boca inteira estava cheia de pequenos vermes brancos.

— O que ela ganha se cooperar?

— Dê um beijo nela — sussurrou a garota da festa de Halloween.

As outras riram e cobriram as bocas.

— Isso, beije-a, beije-a, e a gente libera as mãos da sua irmã.

A que estava com as luvas se levantou, aproximou-se de mim e sorriu.

— Só um — disse ela, e sua voz era mais doce do que a das outras.

Quase triste. — Me dê apenas um beijo, e eu devolvo as luvas da sua irmã.

Olhei para ela. Seus olhos deviam ter sido verdes, mas agora eram enevoados e desbotados.

— Não precisa ser um beijo apaixonado — acrescentou ela. — Você não precisa me convencer de que é um beijo sincero. Só me dê uma chance de fingir que você não me acha repugnante.

As outras garotas observavam, ansiosas e famintas, mas a que estava com as luvas parecia apenas com frio. Ela não estava rindo.

Eu me inclinei e lhe dei um beijo na bochecha, no cantinho da boca. O cheiro era ruim. Ela fedia a água estagnada e carne em decomposição; porém, por baixo de tudo aquilo havia uma leve insinuação de incenso de igreja e flores de enterro, um aroma triste de luto, de nunca morrer de verdade.

Permaneci com o rosto próximo ao dela, a boca pressionada contra sua bochecha, mesmo depois de ter lhe dado o que ela me pedira. A única coisa que desejava. Eu queria que aquele beijo fosse importante, porque sentia pena dela. Porque ela estava morta, e eu não.

Quando finalmente me empertiguei de novo e me afastei, as garotas começaram a murmurar incansavelmente, mas a que estava com as luvas apenas me lançou um olhar melancólico.

— Foi bom — sussurrou ela, estendendo as mãos.Segurei as luvas pelas

pontas dos dedos e puxei. As mãos dela ostentavam um rosado saudável, mas, mesmo sob a luz do fogo, pude ver a cor começar a desaparecer. O tom róseo foi sumindo, e as unhas adquiriram um feio arroxeado. Ela suspirou e sorriu para mim. O sorriso fez com que seus lábios rachassem.

Enfiei as luvas no bolso do meu pulôver e voltei até a mesa onde a Morrigan continuava sentada, brincando com a boneca e fazendo-a dançar pelo chão. Eu ainda podia sentir o fedor gélido da pele da garota, um miasma fantasmagórico que pairava à minha volta e se agarrava a mim. A Morrigan cantarolava, o que me fez ter vontade de chutá-la.

— Por que você deixou que elas fizessem isso com a Emma? Achei que tínhamos combinado que ela seria deixada em paz se eu trabalhasse para você. Achei que ela e Janice fossem amigas.

A Morrigan olhou para mim.

— Você optou por recorrer à minha irmã. Foi correndo até ela na primeira oportunidade. Ela faz de tudo para acabar com a cidade, e você foi se curvar diante dela. — Ela jogou a boneca na direção da perna da mesa e a cabeça fez um barulho oco ao bater. — Eles ficam sem vontade de nos agradar quando estão tristes. Ficam absortos demais na própria infelicidade, na tragédia, e deixam de nos amar.

— Olhe só, foi você quem começou isso. Você provocou a Dama quando pegou minha mãe de volta.

A Morrigan continuou sentada de pernas cruzadas, abraçada à boneca.

— E olhe onde isso nos trouxe. A cidade está doente. E piora a cada ano. Agora os prédios começaram a ruir, a casa de Deus foi destruída e até os

trilhos do trem e as estruturas das pontes estão enferrujando.

Soltei o ar por entre os dentes e mostrei o enfeite de zíper.

— Eles vão matar uma garota de três anos. Não um guerreiro nem um rei. Apenas uma garotinha… como você.

A Morrigan pegou o ursinho de plástico e o virou na palma da mão. Em seguida, olhou para mim, os dentes pontiagudos e brilhantes.

— Não, como eu, não. Eu sou bem robusta. Ela, por outro lado, vai sangrar.

Quando finalmente falei, minha voz soou áspera.

— Qual é o seu problema?

Ela soltou a boneca no colo e olhou para mim, ainda com o enfeite de zíper na mão.

— Você nunca escolhe a gente, sempre eles. Todas as vezes.

— E vou continuar fazendo isso! Não estou tomando partido de ninguém. A Dama é completamente louca, e você sabe como impedi-la. Me diz o que eu preciso fazer para pegar a Natalie de volta.

A Morrigan deu a impressão de estar pensando no assunto. Em seguida, lançou-me um olhar travesso.

— Morto é morto — disse. — Mas minha própria irmã tem pele fria. Às vezes, ela não consegue notar a diferença.

— Certo, mas o que você quer dizer com isso?

— Nada, apenas que há sempre crianças sobrando, mortas em camas emprestadas, enterradas com roupas emprestadas, esperando para serem usadas. — Ela abriu um sorriso largo, e foi difícil dizer se o sorriso era cruel

porque ela era cruel ou se era apenas seu jeito de sorrir.

— Não. — Fiz que não. — Não é sobre isso que você está falando. Você não está falando de crianças, e sim de cadáveres. De violar túmulos para roubar corpos.

— Chame do que quiser. Você me perguntou como eu consegui pegar a criança de volta, e eu contei. Era tarde da noite, e, naquela sala de estar cheia de belezas mortas, troquei algo vivo por mais outra coisa morta. Minha irmã demorou horas para descobrir. Até perceber que seu troféu se fora e a criança silenciosa sentada em sua sala era uma das nossas.

Inspirei fundo e me senti um pouco enjoado.

— Então me conte. Como você fez para que a Dama acreditasse que o corpo era real?

A Morrigan sorriu, balançando a cabeça.

— Meu querido, ele era real.

— Então, como você fez para que ele se passasse pela outra criança, como conseguiu substituir algo que estava vivo por algo que não estava?

Ela brincou com o enfeite de zíper, rolando-o entre os dedos, enquanto assobiava e se balançava.

— Nossas crianças apodrecem, mas não tão rápido quanto as dos humanos. Eles são bem agitados, esses substitutos fracassados.

Ao lado da lareira, as garotas-cadáver sussurravam e davam risadinhas, trançando os cabelos quebradiços umas das outras. A que eu tinha beijado me lançou um rápido olhar por cima do ombro. Em seguida, se virou de volta e manteve a cabeça abaixada.

A Morrigan se levantou e me encarou com a boneca imunda numa das mãos e o enfeite de zíper na outra. Ela parecia uma garotinha, estranha e antiquada, porém seus dentes eram animalescos e os olhos, grandes e pretos.

— Não sou sua guardiã e não devo nada a você, não mais. Se quiser cruzar o caminho dela, isso não é problema meu, mas você deveria saber qual será o preço. Uma pessoa sempre deve saber o preço de seus atos.

— E qual é o preço?

Ela soltou a boneca, que caiu esparramada no chão com os braços e as pernas virados em ângulos esquisitos.

— Se depois da aventura dessa manhã você ainda não sabe, certamente não sou eu que vou dizer.

Ela sorriu e estendeu o ursinho de plástico. Após um segundo, eu o peguei.

27

Ressuscitando os mortos

QUANDO ENTREI EM CASA, deixando a garoa e a neblina para trás, fiquei aliviado ao ver o sobretudo preto do meu pai pendurado no vestíbulo. Ele estava sentado na cozinha, de costas para a porta. A chaleira fervia sobre o fogão e havia xícaras em cima da bancada, mas Emma não estava com ele e eu não tinha coragem suficiente para entrar e perguntar como ele estava.

Meu pai parecia muito abatido: os ombros caídos e a cabeça curvada como se estivesse rezando. Rezando ou chorando, e eu não sabia como lidar com nenhuma das duas situações. Tirei os sapatos e subi direto.

O quarto de Emma era uma confusão de livros e delicadas bandejas de brotos e mudas. As prateleiras iam do chão ao teto e as paredes eram cobertas de cartões postais e fotos de estufas e jardins recortadas de revistas. Emma estava sentada na cama com os braços cruzados e as mãos sobre os ombros, parecendo uma menininha. As mãos tinham readquirido a cor natural e ela pusera band-aids sobre os arranhões dos braços. Olhou-me com uma expressão desconfiada.

— Oi.

Não tive forças para responder. Queria perguntar por que ela não estava lá embaixo com o papai. As mãos dela eram quentes, cheias de vida. O ataque das garotas-cadáver naquela manhã não podia ser o motivo para eles estarem sentados em cômodos diferentes.

O cheiro de fumaça ainda pairava sobre tudo. Estava impregnado em

minhas roupas e nos meus cabelos. O jeans que Emma usara na véspera estava amontoado no chão e exalava um cheiro de telhas enegrecidas e fios de cobre queimados.

Emma recostou-se na cabeceira da cama: o corpo duro, as mãos envolvendo os cotovelos.

— Por que elas fizeram isso comigo?

— Porque eu irritei uma pessoa.

— Foi por um motivo importante? — Ela se virou para a janela, de modo que não pude ver seu rosto. Eu não sabia o que dizer. Até então, teria dito que sim, mas o que eu conseguira de fato?

— Peguei suas luvas de volta. — Tirei-as do bolso e as joguei em cima da cama, ao lado dela. Elas ficaram onde caíram, rosadas e sujas.

Emma pegou as luvas. Calçou-as um segundo depois.

Sentei ao lado dela e corri os olhos em volta, observando todas as suas tranqueiras. Havia livros abertos sobre a escrivaninha e pelo chão, páginas marcadas com post-its e clipes coloridos. Livros sobre química e folclore e um exemplar em brochura com as pontas levantadas: A lenda de Tam Lin.

Ao meu lado, Emma deixou-se relaxar. Encostou a cabeça em meu ombro e inspirou fundo.

— O que está acontecendo, Mackie?

A voz dela era pouco mais do que um sussurro e me pareceu triste, como se ela já soubesse que a resposta não podia ser boa.

Apoiei o rosto no topo de sua cabeça.

— O mesmo de sempre.

Emma fez que sim e fiquei imaginando se ela sabia o que isso significava ou se era apenas mais uma característica perturbadora das pessoas de Gentry. Você sempre sabia que alguma coisa estava acontecendo, embora nunca soubesse o quê.

— Sei qual é o problema com a mamãe — falei.

— Um pedaço de granito no lugar onde devia estar o coração?

— Mais ou menos. Você sabe que eu vim de outro lugar, não sabe? Para ela, isso é como voltar no tempo. Eles a sequestraram e depois a trouxeram de volta, e ela nunca mais soube como ser normal após esse incidente.

Emma continuava com os olhos fixos nas luvas cor-de-rosa.

— Tem certeza? — perguntou.

Fiz que sim.

De repente, ela se recostou em mim e deitou a cabeça em meu ombro. Ficamos ali sentados, encostados um no outro. Lá fora, o céu estava escuro e pesado. A chuva batia na janela e escorria pelo vidro, provocando reflexos vermelhos e amarelos na luz do poste.

— Precisamos fazer uma coisa terrível — comentei. — Precisamos desenterrar... — Parei. — A irmã da Tate foi substituída por uma coisa. Precisamos desenterrá-la.

Emma se afastou.

— Do que você está falando?

Eu não queria continuar a conversa. Violar um túmulo era o pior tipo de profanação, mas eu sabia que não havia escolha. Mesmo que eu desistisse e deixasse Natalie morrer, as coisas terríveis não parariam de acontecer. As

crianças continuariam a ser substituídas. Gentry continuaria fingindo não ver, como sempre fizera. O único problema é que eu não conseguiria continuar a viver comigo mesmo.

Inspirei fundo.

— Natalie Stewart está viva e acho que sei como salvá-la. Contudo, não podemos fazer nada até termos algo para deixar no lugar dela. Se conseguirmos recuperar o corpo, existe um meio de acordá-lo. Não sei bem como, mas sei que é possível.

Emma olhou para as prateleiras de livros.

— Li sobre substitutos que voltaram dos mortos, mas você precisa do sangue ou, às vezes, de algo que pertencia à pessoa que ele substituiu. Precisamos de algo que pertencia a Natalie. Você pode ligar para a Tate, por favor?

— Não acho que seja uma boa ideia. De qualquer forma, já tenho uma coisa. — Peguei o enfeite de zíper no meu bolso. — Não é muito, mas isso era da Natalie.

Emma olhou meio em dúvida para o objeto.

— Tudo bem — disse, por fim. — Vou começar a verificar os relatos folclóricos e os ensaios acadêmicos, qualquer coisa que possa nos dar as diretrizes. Mas isso não vai ser nada legal. E vamos ter que cavar muito.

— Eu sei. Acho que podemos chamar o Roswell.

— Heim?

— Ele vai ajudar — repliquei. — Pode não ficar muito entusiasmado com a ideia, mas vai ajudar.

Emma continuou sentada, imóvel, os olhos fixos em algum ponto incerto atrás do meu ombro. Por fim, ela afastou a colcha e se levantou. Com uma das mãos, prendeu os cabelos num rabo de cavalo e foi até a cômoda pegar um elástico. Seu rosto estava sério e os cabelos já se soltavam de novo, caindo em finos chumaços em torno do punho.

— Tudo bem — disse ela, prendendo os cabelos com o elástico. — Só que a gente precisa de um plano. É muito sério o que você está propondo.

— Eu sei, mas pelo menos não será um arrombamento em lugar nenhum. — Tentei manter a voz firme. — Não será uma operação clandestina. Todos os responsáveis por qualquer coisa estão no hospital ou na delegacia. Papai está em casa, a igreja foi destruída. Vamos esperar até escurecer e depois entramos furtivamente no cemitério. Ninguém vai estar prestando atenção a atos de vandalismo ou invasão de propriedade. A cidade inteira está abalada demais para se preocupar com o que alguém está fazendo no cemitério.

Fiquei deitado na cama, tentando dormir, mas sem sucesso. Os planos de desenterrar um corpo tinham arruinado a minha paz.

Tate me ligou duas vezes, mas não atendi nem escutei as mensagens. Já era difícil o suficiente pensar no trabalho da noite sem que ela se envolvesse. Se ela soubesse o que eu pretendia fazer, ia ficar horrorizada. Ou pior, poderia querer ajudar.

Após meia hora de cochilos e sobressaltos, levantei e desci. Encontrei meu pai na cozinha. A chaleira ainda apitava sobre o fogão; ele não se mexera desde a última vez que eu o tinha visto.

Fui até o fogão e apaguei o fogo.

— Pai?

Ele ergueu a cabeça. Seu rosto estava sem expressão, a pele vermelha ao redor dos olhos.

— Que foi?

— O prédio não importa.

Meu pai se empertigou na cadeira e me olhou como se tentasse decidir se devia ficar zangado ou magoado ou algum outro sentimento tão ruim quanto.

— Ele não importa — repeti. — A igreja é você e a cidade. Onde não importa. Vocês vão construir uma igreja nova e a congregação estará lá com você, e é isso o que você ama. As pessoas, não o prédio. Tudo vai voltar a ser como era antes.

Por um segundo, pensei que ele fosse dizer que eu estava sendo desrespeitoso, passando dos limites, que eu não entendia a importância do prédio. Que alguém como eu jamais poderia entender. Mas ele continuou sentado com as mãos nos joelhos e o maxilar tremendo. E, então, se levantou.

Meu pai começou a atravessar a cozinha na minha direção e tentei não retrair os ombros. Eu não tinha a menor ideia do que estava para acontecer e, por um segundo, a expressão dele foi tão intensa que pensei que ele fosse me sacudir ou me bater. Em vez disso, ele me apertou num abraço bruto, com uma das mãos em minha nuca e os dedos enterrados em meu couro cabeludo. Ele tinha um cheiro agudo de exaustão, um odor acre de fumaça

que continuava impregnado em tudo. Em nós dois. Ele ficou ali, me abraçando, como se buscasse salvação.

Fiquei parado na entrada da garagem com as luvas de trabalho do meu pai nas mãos, esperando pelo Roswell. Eram nove horas e já estava completamente escuro. Nuvens pesadas cobriam o céu e a garoa encharcava o solo em alguns pontos do gramado, formando poças. O pêndulo de ursinho estava no meu bolso e meu coração batia acelerado diante da ideia de desenterrar algo que deveria permanecer enterrado. Esse era o tipo de coisa que só os desesperados faziam. O último recurso, a única opção restante; portanto, eu devia estar desesperado.

Quando Roswell encostou o carro, vi que ele estava usando outra jaqueta. A preta. Eu não tinha dito nada sobre qual seria a vestimenta apropriada.

Ficamos ali parados na rua, olhando um para o outro por cima do capô do carro. A vizinhança estava silenciosa. Não havia outros carros nem gente andando pelas ruas. As pessoas de Gentry sabiam que deviam ter medo do escuro. Nas varandas, algumas lanternas de abóboras ainda brilhavam com seus sorrisos amarrotados.

— Qual é o lance? — perguntou Roswell, como se fosse comum a igreja pegar fogo e eu ligar para ele no meio da semana pedindo que viesse depois que escurecesse e trouxesse uma pá.

Engoli em seco, tentando controlar o pânico que se formava em meu peito.

— Preciso da sua ajuda. Temos de fazer algo ruim. Precisamos violar um

túmulo. Não me olhe desse jeito... a garota que foi supostamente enterrada não está morta. Eu a vi na noite passada. Mas a gente precisa do que está no caixão.

Roswell não pareceu perturbado nem me pediu para repetir nada.

— Violação de túmulo. É disso que você está falando.

Pressionei as pálpebras com a base das mãos.

— Eles raptaram a irmã da Tate, e não podemos pegá-la de volta a menos que tenhamos a coisa que foi enterrada no lugar dela.

Quando tirei as mãos dos olhos, percebi que Roswell continuava me observando, mas não consegui encará-lo. Mantive os olhos fixos na lanterna de abóbora da casa dos Donnelly, do outro lado da rua.

— Eles? — perguntou Roswell, parecendo apreensivo.

— Eu. Eles são como eu.

— Não seja burro — replicou ele, sem nenhuma malícia. — Ninguém é como você.

Emma surgiu de detrás da casa, arrastando consigo a escada e carregando, sob o outro braço, um rolo de lona. Trazia também uma sacola resistente pendurada num dos ombros e um cachecol amarrado em volta dos cabelos.

Roswell olhou de mim para ela.

— Então nós vamos fazer isso mesmo?

Eu sabia que ele toparia, porque sempre topava, mas foi um enorme alívio escutá-lo dizer nós.

Emma me entregou a escada. Sua expressão era tensa e as mãos

tremiam. Ela ajeitou a sacola no ombro, puxando-a um pouco mais para cima e, ao olhar para Roswell, ele pegou o rolo de lona e as ferramentas sem que ela precisasse pedir. Nós três ficamos ali no jardim, olhando uns para os outros. Em seguida, sem que ninguém dissesse nada, saímos para a rua e partimos em direção à igreja.

Ao chegarmos ao portão do cemitério, Emma abriu a sacola, pegou uma lanterna e me entregou. A frente estava coberta por uma folha de papel grosso e, quando a acendi, um facho de luz estreito varreu o chão e afastou as sombras com seu brilho pálido. A igreja de meu pai se fora, porém os túmulos permaneciam intocados. A única parte que restara da vocação de uma vida era a parte morta.

Apontei o facho de luz para o meu próprio rosto.

— Como você se tornou uma especialista em invadir cemitérios?

— Não gosto de ir a lugar nenhum sem estar preparada. — Emma mostrou um molho de chaves. — E, como você disse, não estamos invadindo nada.

Emma destrancou o cadeado e o portão se abriu com um guincho. Senti algo muito estranho ao me ver ali parado na trilha. Eu nunca tinha estado em um cemitério em toda a minha vida. Permanecemos no lado não consagrado, seguindo a trilha que rumava para o norte, passando pelos túmulos anônimos e a cripta. Eu podia sentir o cheiro da fumaça, muito mais forte agora que estávamos perto das ruínas enegrecidas da igreja. Ela pairava acima da cidade, deixando o ar estagnado e irrespirável. O lugar inteiro parecia quieto e sinistro. O silêncio era total, semelhante ao silêncio que precede uma

tempestade de raios, como se todos estivessem abatidos, à espera de que o pior passasse. Ocorreu-me que era completamente irracional pensar sobre pessoas mortas daquela forma. Os mortos eram sempre silenciosos.

Emma seguiu na frente em direção aos fundos do cemitério, escolhendo o caminho por entre as lápides do solo não consagrado, reservado aos suicidas e natimortos. Essa, porém, não era a verdade, era? O solo era reservado sim, mas para os monstros abandonados em roupas alheias.

Passamos pelo mausoléu e seguimos para o muro dos fundos, onde a lápide branca destacava-se pequena e pálida contra a escuridão.

Ao chegarmos na beira do túmulo, Emma largou a lona, abriu a sacola e começou a tirar as ferramentas. Ela as arrumou sobre uma toalha como se fossem instrumentos cirúrgicos.

— Aponte a lanterna para o chão.

Joguei o facho de luz sobre o túmulo recente e lamacento, ainda à espera da grama que seria plantada para cobri-lo. Depois de limparmos a maior parte da lama, Emma ajeitou a lona, alinhando-a com um dos lados da cova.

— Jogue a terra aí, e tente não fazer muita sujeira. Desse jeito, podemos ajeitar tudo de volta quando tivermos terminado.

Roswell e eu nos revezamos para cavar enquanto Emma ficou na beira da cova cuidando para que a terra não se espalhasse demais e nos entregando as ferramentas.

A noite dava a impressão de que não terminaria nunca. Eu estava dentro da pequena cova, cavando cada vez mais fundo. O buraco era tão profundo que eu tinha a sensação de que jamais conseguiria sair dele. A terra se

acumulava sobre a lona, mas escorria de volta, caindo sobre meus cabelos, minhas roupas e a escada.

O ar estava frio e esfumaçado. Meus braços e costas doíam e, apesar do frio, eu já estava começando a suar quando a pá bateu em algo duro e plano. Limpei a terra de cima e Roswell pulou para dentro da cova, a fim de me ajudar.

O caixão era pequeno, com mais ou menos um metro e vinte de comprimento. Era mais pesado do que parecia, mas conseguimos soltá-lo do chão, levantando-o com as pás. Em seguida, entramos embaixo de uma das pontas e o empurramos para a grama. A madeira estava úmida, escorregadia devido ao musgo que a cobria. O caixão estivera enterrado apenas por alguns dias, mas já começava a liberar um cheiro pútrido.

— É um caixão usado em cremação — falou Emma tão baixo que mal consegui escutá-la. Ela estava ajoelhada, passando a mão por cima da tampa.

— Não é um caixão para enterros tradicionais.

— Esse é mais barato — murmurou Roswell, e sua voz soou rouca.

Emma pegou uma chave de fenda e começou a soltar o engate da fechadura, que já começara a enferrujar. Quando os parafusos se soltaram, ela enfiou a haste da chave entre o metal e a madeira. De repente, minha irmã bufou e a fechadura inteira se soltou com um gemido.

Ficamos parados por um minuto, ajoelhados na grama, olhando para o caixão fechado.

Até que Emma inspirou fundo.

— Tudo bem, me passe a lanterna. — As mãos dela estavam firmes, mas

sua voz soou esganiçada.

Entreguei-lhe a lanterna; ela se inclinou para a frente e levantou a tampa.

O corpo era pequeno e estranhamente perfeito. Mas então Emma jogou o facho de luz sobre o rosto e a esquisita sensação de perfeição desapareceu. O nariz já estava perdendo a forma, começando a se decompor. O cheiro desprendeu-se do caixão aberto, subindo em nuvens. Por cima, um odor doce de carne em decomposição que parecia pairar e pinicar o ar e, sob ele, um fedor químico que poderia ser atribuído ao fluido embalsamador.

Emma se levantou e cambaleou para trás. A lanterna caiu e rolou pela grama. A luz incidiu sobre as lápides e túmulos cobertos de mato. Ela cobria a boca com ambas as mãos como se tentasse abafar os próprios gritos.

Roswell contornou o monte de terra e esticou o braço para segurá-la, mas eu não consegui me mover. Fiquei olhando para o pequeno corpo, deitado sobre o forro de cetim, semicoberto pelas sombras.

— Precisamos tirá-lo daí. — Minha voz soou distante e sem entonação.

— Você está bem? — perguntou Roswell, olhando de relance para mim e cobrindo a boca e o nariz.

Fiz que sim. A chuva balançava e borrava tudo, e nós três ficamos observando o corpo.

Passado um segundo, peguei a lanterna caída e me aproximei do caixão. Meu corpo estava tão anestesiado que, se não fosse pelo modo como a luz balançava e pulava, eu não saberia sequer que estava tremendo. Tentei segurar firme a lanterna, mas não consegui sentir minhas mãos.

Foi Roswell quem se ajoelhou e esticou os braços para pegar o corpo. O bebê. Ele se debruçou sobre o caixão, hesitante, mas esticou os braços mesmo assim, de modo gentil e cauteloso. A coragem de Roswell me deixou enjoado.

Segurei a lanterna com mais força e pigarreei para limpar a garganta.

— Ele vai servir ou já está apodrecido demais?

— Não — respondeu ele, com os dedos sob o queixo da criatura. — Ele está em boa forma. Realmente boa. Não acho que essa coisa pudesse ser humana.

A voz dele parecia feita de algodão, como se viesse de muito longe.

Entreguei a lanterna para Emma e cobri o rosto com as mãos. Eu sabia. Claro que eu sabia. No entanto, ouvi-lo dizer tornava tudo o mais verdadeiro. Alguém largava um bebê para sofrer e morrer num mundo venenoso sem o menor arrependimento, sem a mínima sensação de culpa. Poderia muito bem ter sido eu.

Roswell se empertigou e se levantou.

— Mackie.

Não respondi. Minha garganta estava tão fechada que doía só de respirar.

Roswell deu a volta no caixão e me abraçou. Não queria que ele fizesse isso. Queria que me deixasse ficar escondido nas sombras, fingindo não ser nada. Eu queria parar de enxergar. Ele estava sempre abraçando alguém, ainda que de um jeito descontraído, que não significava nada. Dessa vez, ele me puxou com força de encontro ao ombro dele e manteve a mão firme nas

costas do meu pulôver, mesmo quando tentei me afastar.

Durante toda a minha vida, Roswell sempre salvava a situação dizendo a coisa certa, porém dessa vez ele não disse nada. A chuva gelada caía lentamente, e acho que eu não aguentaria se ele tentasse melhorar as coisas.

Então percebi Emma ali também, me abraçando. Ela passara os dois braços em volta de mim e pressionava o rosto contra meu ombro. Permiti que ela continuasse me abraçando; eu podia sentir o calor do corpo dela através da camiseta. Emma cheirava a outono e terra e aconchego do lar, tal como a igreja incendiada e o túmulo. Apoiei-me nela, imaginando o quanto era estranho que eu não tivesse terminado num pequeno caixão de madeira anos atrás, que alguém no mundo pudesse me amar tanto assim.

Quando ela me soltou, senti-me leve e distante, anestesiado pelo frio.

Anestesiado o suficiente para tocar o corpo. Ele estava deitado no caixão, gelado e duro como uma boneca. Ajoelhados, um de cada lado do caixão, Roswell e Emma olharam para mim em expectativa, sem dizer nada.

Por fim, Emma inspirou de modo rápido e entrecortado e murmurou:

— Vamos tirá-lo daí?

Levantamos o corpo do caixão e o envolvemos cuidadosamente na jaqueta de Roswell. Os cabelos eram escuros e grossos, porém quebradiços. A pele era cinzenta. Aquela criatura não se parecia nem um pouco com a verdadeira garota amarrada à mesa da Dama.

Emma acariciou os cabelos sem vida, ninando o corpo em seu colo.

Após um minuto, amarrei o enfeite de zíper no pulso dele, sem saber mais o que fazer. O corpo continuou imóvel nos braços de Emma, parecendo uma

criaturinha patética e horrorosa com um vestido amarrotado e um bracelete improvisado.

Parei ao lado delas.

— E agora?

Emma olhou para o rosto emaciado.

— Nas histórias, as pessoas conversam com eles, mas nenhum dos relatos fornece um manual ou algo parecido. Não sei o que dizer.

— Tudo bem. Acho que eu sei.

Curvei-me e sussurrei no ouvido da substituta todas as coisas que eu gostaria de dizer para a garota-cadáver na Casa do Caos. Que alguém fizera aquilo com ela, que não tinha problema ser repulsiva e assustadora porque a culpa não era dela.

Quando o embrulho nos braços de Emma começou a se mover, tive vontade de olhar para o outro lado. O corpo que se contorcia era pior do que o anterior, imóvel e trágico. Ele se remexeu no colo de Emma e ela olhou para mim com uma expressão muda, perdida.

Agachei-me ao lado dele e abri a jaqueta de Roswell.

A criatura era pequena e delicada, quase como uma criança de verdade. Não era uma réplica perfeita, mas ela se parecia com a Natalie. Ela piscou e ergueu uma mãozinha pequenina. Os olhos eram vazios e ligeiramente enevoados, mas eram amendoados como os de Natalie. Como os de Tate.

— Precisamos nos apressar — murmurei, pensando nas mãos de Emma após as garotas-cadáver roubarem as luvas dela. Como elas haviam começado a apodrecer.

Emma soltou um longo e demorado suspiro. Ainda ajoelhada no solo lamacento e segurando no colo o ser que se contorcia e se remexia, ela levantou os olhos para mim. Eles estavam marejados de lágrimas, como se ela quisesse largar a criatura.

— Jesus Cristo — sussurrou Roswell. Ele segurava a pá, parado rigidamente ao lado da cova aberta. — Essa é a coisa mais assustadora que eu já vi.

Fiz que não, olhando para o ser nos braços de Emma.

— É só um corpo que alguém não quis. Não é pior do que eu.

A morta-viva

OSWELL FECHOU O CAIXÃO e nós o colocamos de volta na cova. Encolhi-me ao escutar o baque surdo que ele provocou ao bater no fundo de terra. Passado um minuto, Roswell começou a jogar a terra retirada de volta sobre ele.

O túmulo já estava praticamente coberto quando meu telefone vibrou. Tate. Como não atendi, ela ligou mais duas vezes e, em seguida, mandou uma mensagem: sacanagem, mackie. estou indo para a sua casa.

Desliguei o telefone e o meti de volta no bolso. Não havia como eu me livrar dela. Só podia esperar que, quando meu pai abrisse a porta e visse uma garota perturbada, devastada pelo luto, decidisse que ela precisava de conselhos. No entanto, eu não acreditava muito nessa possibilidade. Sabia por experiência que, quando Tate queria alguma coisa, era quase impossível dissuadi-la, e eu nunca vira meu pai tão abalado.

Ela ia aparecer lá em casa e fazer a loucura ou insanidade que tivesse de fazer ao descobrir que eu não estava. Não era uma ideia reconfortante.

— Então, qual é o plano? — perguntou Roswell, usando a pá para jogar o restante da terra sobre o caixão.

Emma continuava sentada no chão lamacento com a morta-viva no colo, mas nesse momento se levantou.

Apoiei-me no cabo da pá, ofegante e tonto devido ao aço, encharcado de chuva e ainda assim com calor.

— Vamos entrar na casa debaixo do depósito de lixo e pegar a Natalie de

volta.

— Eles vão concordar com isso?

Olhei para ele com desânimo.

— Precisamos de uma distração. Algo como uma oferenda ou um presente. A mulher responsável pela casa adora quando as pessoas são simpáticas com ela.

— O que ela gostaria de ganhar?

Pensei no assunto, em como ela ficara irritada com a Morrigan — tão irritada que decidira alagá-los pouco a pouco, em vez de puni-los de uma vez só e acabar logo com aquilo.

— Ela quer ter o poder de controlar todo mundo... o mundo inteiro. Quer ter certeza de que todos sentem tanto medo dela que jamais irão desobedecê-la, enganá-la ou mentir para ela.

Emma se aproximou de mim com a morta-viva aconchegada junto ao ombro, parecendo desconfortável.

— Exatamente o que vamos fazer agora, é isso que você está dizendo?

— Por aí. Acho que podemos dizer que ser enganada é o que mais a incomoda, mas não tenho uma solução para isso, nem vocês.

Roswell assentiu com um meneio de cabeça, parecendo pensativo.

— Não, mas conhecemos algumas pessoas que têm.

Os gêmeos não ficaram muito animados por serem arrastados para a chuva no meio da noite, e menos animados com a ideia de se desafazerem do Pânico Vermelho, mas apareceram no cemitério em menos de quinze minutos. Danny carregava o polígrafo. Ele tinha uma alça, como uma velha

maleta, porém Danny o trazia com cuidado nos braços.

Em geral, os gêmeos não se chocavam com quase nada. No entanto, eles encararam a morta-viva com um pouco menos de autocontrole do que o habitual.

— Pai do céu! — exclamou Danny, olhando para a criatura nos braços de Emma. — O que vocês andaram fazendo? Ficaram loucos?

Drew não disse nada. Após um segundo, estendeu a mão e tocou o bracinho da morta-viva. Ela se contorceu, irritada, e ele deu um passo para trás.

Expliquei o plano e Drew meneou a cabeça em concordância, ainda observando a morta-viva com uma espécie de fascínio desconfiado.

Danny teve mais dificuldade em aceitar. Levantou o polígrafo.

— Tudo bem, concordo que não devemos deixar Natalie Stewart ser morta… isso não está em discussão. Mas por que estamos abrindo mão do nosso projeto mais bem-sucedido?

Tentei pensar em uma maneira de explicar a Dama e seu apetite por poder e controle, mas foi Roswell quem respondeu:

— Precisamos de um presente convincente para uma mulher que tem tudo.

Danny fez que sim, parecendo resignado.

— Tudo, com exceção de um polígrafo portátil da era McCarthy, aparentemente.

— Grande novidade — comentou Drew. — Ninguém tem um desses.

O caminho até o parque pareceu demorar mais do que de costume.

Emma agiu como um soldado com relação à morta-viva. Ela a carregou enrolada no casaco do Roswell. A criatura não pareceu se importar, apenas recostou a cabeça no ombro da minha irmã e permaneceu quieta.

Ao chegarmos ao depósito de lixo, estiquei o braço para pegá-la.

— Não podemos entrar todos juntos… não faz sentido. Além disso, mamãe e papai vão ficar loucos imaginando onde a gente está. Acho melhor você voltar para casa.

Emma recuou, agarrada à morta-viva e fazendo que não.

— De jeito nenhum. Vou com vocês. — O rosto e o pescoço dela estavam cobertos de terra. Emma parecia ter fugido de algum lugar.

Fiquei ali, olhando para ela. Minha irmã sempre se dispunha a fazer o que fosse necessário. Sempre. Ela me acompanhara durante toda a minha vida.

— Não vai, não. Não precisa, e pode ser perigoso.

Emma chegou bem pertinho de mim.

— Agora, me escute. — O ser em seu colo começou a se contorcer e choramingar, e tive a impressão de que ela o estava apertando. — Passei anos fazendo de tudo para me certificar de que você não morresse.

— E eu nunca pedi que você fizesse isso… você não precisava ficar me seguindo, nem tomar conta de mim. Podia ter se dedicado à sua própria vida.

— Eu sei. Mas me escute. Todas as vezes que precisei escolher entre você ou qualquer outra coisa, sempre escolhi você. Não tenho certeza de que fiz as opções certas sempre, mas não importa. Eu fiz as escolhas… Eu. Você não pediu nada. Eu optei por você e não me arrependo.

Estávamos parados no escuro, diante do depósito de lixo. Roswell e os gêmeos permaneceram ligeiramente afastados, procurando ficar de fora. A discussão era entre mim e Emma. Durante quase toda a minha vida, sempre tínhamos conversado no escuro. O fato é que a gente não percebe o quanto as expressões traem o que as pessoas estão dizendo. A voz de Emma era sempre sincera, a parte mais honesta e verdadeira de qualquer coisa que ela dissesse. Era assustador perceber essa sinceridade na voz dela.

Virei-me para ela e disse:

— Por favor, Tate está indo para a nossa casa… ela pode até já estar lá… e não sei o que ela vai fazer quando descobrir que saímos. Acho que virá nos procurar, e você precisa impedi-la. Mantenha-a longe do parque e do cemitério. Se ela se envolver nisso vai ser um desastre.

Emma não respondeu, mas, após um segundo, concordou com um meneio de cabeça e deixou Roswell pegar a morta-viva.

— Emma — disse eu —, obrigado.

Ela se aproximou na ponta dos pés e me deu um beijo no rosto.

— Apenas volte para casa, viu?

Em seguida, virou-se e saiu em direção a Welsh Street. Eu a observei atravessar o parquinho com a cabeça abaixada, sem olhar para trás. Sabia que ela estava chorando, mas não havia nada que eu pudesse fazer exceto continuar. Pulamos a cerca e fui guiando o caminho até a base do depósito de lixo. Ao chegarmos lá, usei a faca para abrir a porta da Casa do Desespero. O garoto com uniforme de servente que ficava na entrada pediu meu cartão e eu disse a ele que não tinha nenhum. Ele me lançou um olhar de

reprovação e eu o mandei ir se ferrar.

Atrás de mim, os gêmeos observavam, incrédulos, o salão. Roswell parecia não ter nada a dizer, o que não era tão surpreendente assim, dado o fato de que ele estava segurando um agitado bebê em decomposição que estivera morto até uma hora atrás.

— É uma grande falta de educação trazer visitas que não foram convidadas — informou o menino de uniforme.

— Temos um presente — repliquei. — Algo raro e valioso. Ela não sabe ainda, mas vai desejar muito ter um desses.

O garoto fez que sim e atravessou o salão, adentrando a Casa do Desespero, mas não nos conduziu de novo até a sala de leitura. Em vez disso, guiou-nos por uma galeria larga e por um par de portas duplas.

— Ela irá recebê-los no salão de conferências.

O aposento era mais elegante do que a sala de leitura, com um tapete intrincado e nichos com vasos pintados ao longo das paredes. Havia também esculturas em bronze de pássaros voando e de pastoras em cima das mesas espalhadas pelo salão. A Dama encontrava-se reclinada num comprido sofá escuro. Ao pararmos na porta, ela ergueu os olhos e sorriu como se estivesse nos esperando.

Danny e eu entramos no salão, enquanto Roswell e Drew ficaram parados na porta, com Drew ligeiramente à frente de modo que bloqueasse a visão da morta-viva.

— Sr. Doyle — falou a Dama. — É um grande prazer vê-lo de novo. A que devemos a honra?

Mantive uma expressão neutra e agradável.

— Andei pensando sobre algumas coisas que você me disse. Fui injusto… sei disso… e resolvi lhe trazer um presente.

A Dama abriu um sorriso de expectativa. Em seguida, olhou para além de mim e seu sorriso desapareceu.

— Mande-os embora — ordenou, com uma expressão de fúria. — Fora, agora!

A princípio, pensei que ela havia visto a morta-viva, e demorei um segundo para perceber que ela estava falando de Drew e Danny. Encarei-a e balancei a cabeça.

— Eles não podem ir, não os dois. Eles são a razão para estarmos aqui.

— Você trouxe monstros sobrenaturais para a minha casa? Como ousa? Como ousa achar que pode profanar meu lar?

Olhei por cima do ombro para os gêmeos. A semelhança entre eles nunca me parecera chocante nem tão absurda assim. Pelo menos, eles sempre tinham parecido muito mais normais do que eu. Aparentemente, cada um tinha uma ideia diferente do que era uma aberração.

Aproximei-me da Dama com as mãos levantadas.

— Espere, se o Drew sair, será que o Danny pode ficar para mostrar o presente a você? Um dos dois precisa ficar para mostrar como ele funciona.

A Dama me observou com desconfiança.

— Muito bem. Você, com o presente. Você pode ficar. Faça o outro esperar no corredor.

Drew e Roswell desapareceram num piscar de olhos e a Dama voltou a

atenção novamente para mim.

— Que presente você tem para mim?

— Queria lhe trazer algo que pudesse ajudá-la. Você me contou sobre como a Morrigan mentiu para você e, lá na cidade, eles têm uma solução para esse problema. Essa máquina irá impedir que qualquer pessoa minta para você de novo.

A Dama sorriu e seus olhos pareceram famintos.

— Isso seria de fato um belo presente. — Ela mal me lançou um olhar de relance. Seus olhos estavam fixos em Danny e na maleta. — Mas parece tão comum.

Danny estava ajoelhado no chão, abrindo a maleta.

— Isso faz parte de como ela funciona. Ninguém sabe que você tem uma máquina dessas até ser tarde demais.

Comecei a retroceder em direção à porta.

— Enquanto você vê como funciona, se importa se eu for dar uma olhada nos meus amigos?

A Dama nem sequer ergueu os olhos. Eles observavam com carinho e ganância as mãos de Danny enquanto ele destrancava a maleta e abria o Pânico Vermelho.

Roswell e Drew estavam esperando no corredor, parecendo deslocados e tensos. Eu não queria deixar Danny sozinho, mas a gente precisava encontrar Natalie.

Voltamos até a entrada e, em seguida, refiz o caminho para a sala de leitura da Dama. Eu tinha a impressão de que, mesmo que o esconderijo sob

o parque fosse grande e espalhado, não havia nem de longe tanta gente morando ali quanto havia na Casa do Caos.

Encontramos a sala sem muita dificuldade e sem cruzarmos com ninguém. O fogo ardia na lareira e algumas das luminárias de parede estavam apagadas.

A princípio, não a vi. A Casa do Desespero parecia não ser tão grande quanto a Casa do Caos, mas era igualmente um labirinto, e, se eles a tivessem levado para outro lugar, eu não saberia como encontrá-la. Mas Natalie estava ali. Ela havia puxado a almofada para debaixo de uma das mesas baixas e estava sentada olhando para a sua gaiola. Os cabelos estavam embaraçados e os laços, desfeitos. Ela tirara as botinhas e um pé de meia. Agachei-me ao lado dela e fiz menção de pegá-la, mas ela se virou e cobriu o rosto. Ao erguer as mãos, dei uma boa olhada em seu braço. Em volta do pulso havia um machucado em carne viva, exsudando, vermelho nas beiradas e praticamente negro no centro. E, em torno dele, a descoloração parecia estar se espalhando por baixo da pele, subindo em direção ao ombro.

— Roz — chamei, falando baixo e tentando soar calmo e despreocupado para não assustá-la. — Tire o pingente do pulso da morta-viva, agora.

Roswell aproximou-se de mim por trás.

— Mas, e quanto ao plano? A gente não tem que fazê-la parecer real?

— Tire, agora!

— Tudo bem — respondeu ele. — Claro. O show é seu. — Escutei um barulho forte de tecido rasgando quando ele arrebentou a fita. E, então, um

ganido, seguido por um baque surdo. — Ai, Jesus!

Eu me virei, já sabendo o que ia ver. Roswell deixara a morta-viva cair no tapete, e já não havia mais nada remotamente humano em relação à criatura. Ela ainda se remexia e se contorcia, deitada de costas, mas sua pele estava praticamente sem cor de tão cinzenta. Assim que conseguiu se virar e se colocar de gatinhas, ela ergueu a cabeça e me olhou. A íris dos olhos era de um amarelo encardido, assim como os dentes.

Ainda debaixo da mesa, Natalie soltou um gritinho agudo, como um coelho capturado, e Roswell abaixou-se para pegar a morta-viva. Ele jogou a jaqueta sobre ela e a suspendeu, mantendo o rosto dela escondido, porém Natalie já se enfiara ainda mais debaixo da mesa, tentando escorar-se num dos cantos e cobrindo o rosto com as mãos.

— Natalie — chamei, mas ela não olhou para mim. — Natalie, está tudo bem. Pode sair daí. — Eu não queria puxá-la, mas pelo visto teria de fazer isso.

Drew sentou-se do meu lado e tirou uma moeda do bolso.

— Você gosta de truques de mágica, não gosta, Nat? — Ele fez a moeda correr por cima dos dedos.

Quando ela espiou por entre os dedos, ele fez a moeda dançar na beirada da mão.

— Eu era seu vizinho. Lembra?

Ela não respondeu, mas, após um segundo, fez que sim.

Ajoelhei no chão e comecei a desfazer o nó que a prendia ao pé da mesa. Roswell tentava manter a morta-viva coberta, mas ela não queria ficar

debaixo da jaqueta.

Quando soltei a fita, Drew enfiou-se debaixo da mesa, sem jamais desviar os olhos de Natalie, nem quando a morta-viva começou a choramingar e se debater atrás dele.

— Vamos levar você para casa agora. Cubra os olhos.

Por um segundo, Natalie não se mexeu, mas, quando ele repetiu o pedido, ela soltou o passarinho e cobriu os olhos com as mãos. Ele a pegou e a aconchegou junto ao ombro. Manteve-a virada para o outro lado enquanto Roswell descobria o corpo agitado, tentando evitar que a criatura o agarrasse ou batesse nele.

— Isso é ruim — sussurrou ele, amarrando a fita em torno do pulso da morta-viva e afastando a mãozinha dela todas as vezes que ela tentava segurá-lo. — Com toda certeza, vamos para o inferno. Isso é muito ruim.

— Você não faz ideia de como as coisas podem ficar ruins — disse uma voz rouca atrás da gente.

Havia alguém parado na porta, imóvel e no escuro, de modo que a princípio não consegui distinguir o rosto. Os braços estavam cruzados, e ele era apenas uma sombra, exceto pelo piscar dos olhos.

— Desculpe a ousadia de dizer isso, mas vivemos num mundo conturbado, não é mesmo? — Ele entrou na sala e pude ver seu rosto. Era o Carrasco. Estava igualzinho ao dia em que me mostrara a saída, exceto pelo fato de que agora usava luvas pretas. Elas eram de um tecido grosso, com pequenas garras de aço costuradas nas pontas dos dedos.

Natalie passara os braços em torno do pescoço de Drew, agarrando-se a

ele. Tentei me manter firme quando o Carrasco veio em minha direção e as primeiras nuvens de metal espalharam-se pelo aposento.

— Você se importaria de explicar o que está fazendo num dos aposentos particulares da Dama com dois invasores e um cadáver?

Roswell se levantou, parecendo decidido e com muito menos medo do que eu. Ele era mais alto do que o Carrasco, embora parecesse mais jovem, sem nenhuma das características necessárias à crueldade.

— E o que você é, alguma espécie de bicho-papão?

O Carrasco sorriu.

— Pessoalmente, prefiro pensar em mim como um demônio. No entanto, no grande esquema das coisas, isso não faz a menor diferença. Fico feliz em ser chamado de pesadelo, monstro ou goblin, desde que me chamem de alguma coisa.

Dei outro passo para trás, tentando fugir do cheiro.

— Mas não é isso o que a Dama quer… ela não gosta de nomes.

— A Dama não tem visão. Nem perspectiva. Não suporta a ideia de ser qualquer outra coisa que não uma deusa. Ela sofre por uma vida que não existe. Nunca mais seremos a raça que costumávamos ser; portanto, está na hora de nos tornarmos outra coisa.

Inspirei fundo e senti o ar queimar a minha garganta.

— O que você vai fazer?

O Carrasco analisou meu rosto. Sua expressão era educada — ligeiramente interessada, até. E, então, ele sorriu, deixando à mostra as gengivas vermelhas e inchadas, e deu um soco numa das campânulas de

vidro sobre o consolo da lareira.

Ela explodiu, espalhando cacos de vidro pelo aposento. O barulho foi muito alto.

Roswell deu um pulo para trás e Drew tentou proteger Natalie, cobrindo o rostinho dela com a mão.

O Carrasco chutou para o lado o que restava da campânula quebrada e pisou sobre os pedaços.

— Isso não é uma negociação. Não estamos barganhando nada. Se você se recusar a entregar essa doce cordeirinha, vou pegar, uma por uma, todas as pessoas que são ou foram importantes para você e começar a cortar pedaços delas até que concorde. Entenda que eu não tenho o menor pudor em fazer isso.

Recuei, tropeçando entre as poltronas e mesas baixas, tentando me afastar dele.

Ele me seguiu.

— Você achou que ia entrar aqui e trocar uma criança por um pedaço de carne apodrecida? — Atrás dele, a campânula fora reduzida a cacos espalhados pelo chão. — A gente conhece esse truque, primo. Nós o inventamos.

— Mas vocês não perceberam quando a Morrigan pegou minha mãe.

Ela deixou uma morta-viva no lugar dela e, adivinha? A Dama caiu direitinho.

Ela foi enganada porque não percebe a diferença… você não percebe a diferença. — Eu praticamente gritava quando ele me pegou.

O Carrasco me agarrou pela frente do pulôver e me jogou contra a

parede. Ao lado da minha cabeça, uma daquelas caixas com tampo de vidro cheia de besouros caiu e se espatifou no chão. Ele torceu a gola do pulôver me deixando sem movimento, com minhas costas coladas na parede.

Atrás dele, Roswell era uma silhueta alta e vaga movendo-se na nossa direção.

O Carrasco inclinou-se para a frente e colou a testa na minha.

— Você pode me enganar uma vez — sussurrou ele. — Que vergonha!

— Apertou o nariz contra o meu, e a respiração dele começou a queimar o fundo da minha garganta. A voz do Carrasco era áspera e furiosa. — Tente me enganar a segunda vez, e eu corto a merda da sua garganta.

— Ei — gritou Roswell, puxando o Carrasco pelo casaco. — Ei, solta ele!

O aposento já estava tão enevoado que eu mal conseguia focalizar alguma coisa. Minha única certeza eram os olhos pretos e assassinos do Carrasco.

Ele nem sequer se virou.

— É o invasor que está falando, que está tentando me agarrar? Você deve estar louco.

— Ele está certo — murmurei. — Fique fora disso. Ele gosta demais de torturar as pessoas.

O Carrasco soltou uma risada baixa e áspera.

— Torturar? Não, só gosto de ver o sangue escorrer, primo. É lindo quando a luz incide sobre ele.

Ele se aproximou ainda mais, rindo. Pude sentir o cheiro de ferrugem e,

sob ele, o de infecção, doença. O sorriso dele parecia uma fatia branca reluzente, flutuando diante de mim como a lua. Mas, então, pisquei e restou apenas o bafo dele contra meu rosto.

— Primo — falou ele junto ao meu ouvido. — Primo, olhe para mim. — Agarrou meu queixo e puxou meu rosto para perto do dele. — Olhe para mim. Vou deixar minha marca em você, bem em cima do coração, e você terá de me encarar como um homem. Em seguida, vou destruí-lo, e você irá implorar por piedade como um garotinho.

Ele estava tão perto que eu podia ver a textura em carne viva das gengivas. Fiquei com os olhos fixos no sorriso, imaginando onde estariam Roswell e Drew, esperando que ele me cortasse. Era isso o que ele queria — dor, sangue, a chance de fazer alguém implorar.

— Vamos começar pelo seu rosto — disse. A faca era comprida, afiada e estranhamente reluzente, como se pertencesse àquela mão. — Vamos melhorar esse seu sorriso.

Sob aquele bafo, não restava espaço para nada além do cheiro, da tonteira. O aposento estava encolhendo, diminuindo, e eu não conseguia focalizar nada. Eu me sentia leve e enjoado.

Estava sozinho. Roswell e Drew não se encontravam em lugar nenhum. Não havia nada além da parede às minhas costas e da lâmina à minha frente.

O Carrasco ajustou a faca na mão e a brandiu a centímetros do meu rosto.

— Abra bem a boca — sussurrou ele. Trinquei os dentes e esperei pelo gosto metálico, a dor que bloquearia o mundo à minha volta.

De repente, a mão de Roswell entrou em meu campo de visão, colidindo com o rosto do Carrasco. Escutei um sibilo, seguido por um cheiro de pele queimada, e ele cambaleou para trás. Não encontrei forças para evitar escorregar parede abaixo e cair sentado no tapete. A morta-viva estava sentada a alguns centímetros de distância. Seus olhos eram amarelos e vazios.

— Tire as mãos de cima dele — gritou Roswell, colocando-se entre mim e o Carrasco. A voz dele soou furiosa e impaciente.

De repente, Drew estava ao lado dele, segurando Natalie num dos braços. Seus ombros estavam empertigados e as pernas, afastadas, como se esperasse um ataque.

O Carrasco rosnou para mim, mostrando os dentes, e, por um segundo, ele pareceu tão assustador e repugnante quanto os moradores da pilha de escória de metal. Havia várias marcas em uma das bochechas, formando um círculo, como uma mordida.

— Como você quiser — disse ele, partindo em direção à porta. — Não faz diferença. Fique aqui e espere pelo fim. Honestamente, é melhor assim… o terror, os gritos. Você vai querer assistir, é claro — continuou, olhando por cima do ombro para Drew. — Pode embalá-la e niná-la quanto quiser. Ela vai morrer amanhã de manhã.

Drew apertou Natalie com força de encontro ao peito e ela escondeu o rosto.

O Carrasco pigarreou e cuspiu. Em seguida, virou-se, chutou os cacos de vidro sobre o tapete e saiu da sala. A porta bateu com força atrás dele e a

chave girou na fechadura. O barulho foi bem alto.

Roswell continuou parado perto de mim, com os punhos cerrados.

Então, abriu a mão. Estava ofegante, com uma expressão furiosa. Em sua palma havia uma tampinha de garrafa.

Ele a guardou de volta no bolso e seguiu para a porta, tentando forçá-la com o ombro. Chutou a maçaneta e as dobradiças algumas vezes, mas sem muito ânimo, e então disse o que eu já sabia.

— Não consigo. É pesada demais.

Continuei jogado contra a parede. Minha vista estava escurecendo e eu podia sentir que começava a cair para o lado, escorregando em direção ao chão. Devo ter apoiado a mão em algum momento sobre a caixa de besouros quebrada porque minha palma se encheu de cacos de vidro, alfinetes e fragmentos brilhantes e afiados de besouros esmagados.

Roswell ajoelhou-se ao meu lado e ergueu os olhos para Drew.

— Ei, ele não me parece muito bem. Pode me dar uma mãozinha aqui?

Drew se aproximou, ainda segurando Natalie no colo.

— Só um segundo. Não quero largá-la em nenhum lugar em que possa haver cacos de vidro. Ela está descalça. — Ele parecia meio perdido.

Roswell examinava minha mão, limpando os detritos e retirando os cacos de vidro. Analisou o sangue que brotava dos cortes, escuro e pegajoso, quase roxo.

— Até que não está mal — disse, e reconheci a velha bravata e animação pelo que era na verdade: uma grande mentira. A voz que ele usava quando tudo estava bem mal.

Senti um vazio ao lembrar que ele agia assim com frequência, sentando-se ao meu lado enquanto eu tremia e ofegava, e dizendo que tudo ia ficar bem.

Passado um segundo, Roswell falou de novo e, pelo menos dessa vez, sua voz soou sincera.

— Bom, acho que agora estamos ferrados.

Minha mão ardia enquanto ele tirava os cacos de vidro, porém eu já conseguia respirar melhor.

— Danny ainda está lá fora. Quem sabe ele não encontra Emma ou meu pai? Talvez ele consiga pedir ajuda.

Roswell empertigou-se com a mão cheia de pedaços de besouro e cacos ensanguentados, sem parecer muito convencido.

— Claro, pode ser.

— Bom, no momento, isso é tudo o que podemos esperar.

Escutamos um burburinho no corredor. Em seguida, a chave girou na fechadura e a porta se abriu, revelando Danny com uma aparência desgrenhada e furiosa. O Carrasco o trazia suspenso pelas costas da jaqueta, de modo que os pés mal tocavam o chão. Danny estava com um hematoma sob um dos olhos, já começando a escurecer, e o lábio sangrando.

O Carrasco o jogou dentro da sala e fechou a porta. Danny caiu com violência sobre o tapete, mas logo se recobrou.

— Desculpem — disse. — Eu tentei, mas ela não é burra.

Drew foi até ele e começou a limpá-lo de maneira distraída e mecânica, como se estivesse batendo a poeira dos móveis.

— O polígrafo não funcionou? Ela ficou brava? Eu sabia que a gente não devia ter tentado transportá-lo… deve ter dado algum curto.

Danny balançou, os olhos fixos no chão.

— Ela me obrigou a experimentá-lo.

Roswell virou-se para ele.

— Mas era só para você mostrar como ele funciona. Como ela descobriu o verdadeiro motivo de estarmos aqui?

— Porque é uma droga de um polígrafo, caralho! Ela fez perguntas. Qual a parte de "ele funciona" que você não entendeu?

— Espere um pouco, ela usou em você? — Roswell fechou os olhos com força, em seguida, abriu-os novamente. Ele suspirou e caiu sentado no sofá enquanto Danny andava de um lado para o outro e eu tentava manter a respiração o mais curta possível.

— Desculpe — repetiu ele, olhando para mim e cobrindo o lábio machucado, enquanto procurava alguma coisa para ajudar a estancar o sangue. Pegou um caminho de mesa rendado numa das mesinhas de canto e o pressionou contra a boca. Em seguida, sentou-se numa das cadeiras de encosto alto e baixou os olhos para o chão.

Sentei no sofá, entre Roswell e Drew. A morta-viva estava à nossa frente, sentada na beirinha de uma das poltronas aveludadas. Roswell inclinou-se para a frente, observando-a com uma expressão resignada.

Ele suspirou e se virou para mim.

— Não podemos deixá-la aqui.

Ela parecia uma boneca de pano, recostada contra o braço da poltrona,

sem se mexer nem respirar. Analisei os olhos vazios, a íris de um amarelo-escuro e a córnea de um amarelo mais claro. Não lembrava em nada as outras garotas-cadáver, que sussurravam e riam como qualquer pessoa. Ela parecia oca, e imaginei se a culpa era minha, se eu havia feito algo errado na hora da ressuscitação. Talvez eu a tivesse estragado.

Por fim, balancei a cabeça para afastar o pensamento.

— Acho que não faz diferença. Ela não sabe onde está. Não se importa com o que possa acontecer ou com quem está em volta.

Roswell inclinou-se mais um pouco e apoiou os cotovelos nos joelhos.

— Mas ela pode ser destruída, certo?

Recitei as limitadas maneiras de acabar com as garotas-cadáver que a Morrigan tinha me contado.

— Cortando a cabeça ou queimando-a.

— E o seu amigo das garras... ele parecia ser do tipo que a cortaria só por diversão.

Concordei com um meneio de cabeça.

— Então, não podemos deixá-la aqui. Só não sei o que devemos fazer com ela.

Fechei os olhos e recostei a cabeça no encosto do sofá.

— Se conseguirmos tirá-la daqui, sei quem poderá cuidar dela.

Eu sabia que a Morrigan e as pessoas da Casa do Caos tomariam conta dela. Ela era estranha, talvez estragada, mas ainda assim havia um lugar para pessoas como ela, o que era mais do que eu podia dizer de mim mesmo.

Drew suspirou e se recostou também. Natalie continuava com os braços

em volta do pescoço dele e o rosto escondido em seu ombro.

— Tirar ela daqui? Nós não temos como sair.

Era verdade. Estar no subterrâneo significava que não havia nenhuma varanda ou janela disponível. A porta tinha 60 centímetros de espessura e as dobradiças ficavam do lado de fora.

Permanecemos sentados em silêncio, esperando o que viesse a seguir.

A gola do meu pulôver roçava os cortes feitos pelas garras do Carrasco, mas continuei sentado, sem me dar ao trabalho de tentar ajustá-la. Não estava doendo tanto assim. A sala estava envolvida em silêncio e penumbra. Inclinei-me para a frente e apoiei os cotovelos nos joelhos, pensando que, às vezes, o jogo terminava assim. Às vezes, a gente dava o melhor de si, mas assim mesmo tudo ia por água abaixo.

29

O Sacrifício do Sétimo ano

ÃO DEMOROU MUITO para eles virem nos pegar e nos arrastar para fora da Casa do Desespero, em direção ao cemitério. O dia não havia clareado ainda.

Havia sete homens, altos e ossudos, todos vestidos como o Carrasco, embora nenhum estivesse coberto com apetrechos de metal. Um deles carregava Natalie de modo estranho sob o braço. Ninguém tentou tirar a morta-viva do colo de Roswell.

O

Carrasco

me

escoltou

pessoalmente,

permanecendo

desconfortavelmente perto e assobiando em meu ouvido. A respiração dele parecia chacoalhar, exalando uma profunda e indiferente felicidade.

— Você vai adorar isso — sussurrou ele. — Ela vai entrar na cripta para ser comida, e vai gritar a plenos pulmões. Eles sempre gritam.

— Aposto que você gosta disso — murmurei, ofegante e rouco demais para falar mais alto. — Aposto que adora assistir às crianças serem mortas.

— Não, primo. De jeito nenhum. Vou ficar observando o seu rosto.

Na Welsh Street, o solo ainda fumegava. A igreja — o que restara dela — projetava-se em direção ao céu, ruínas retorcidas e enegrecidas.

Os homens nos empurraram e nos arrastaram, guiando-nos cemitério adentro na direção da cripta. O ar ainda cheirava a fumaça, porém era um cheiro novo, seco e perfumado, como incenso.

A Morrigan já estava à nossa espera num dos cantos da parte não consagrada do cemitério, com o grupo de garotas-cadáver logo atrás dela. Todas estavam encharcadas, e ela segurava sua boneca. O restante dos moradores da Casa do Caos encontrava-se espalhado em torno delas. Carlina e Luther estavam juntos, abraçados. Janice e a garota da varinha de estrela estavam de mãos dadas, e todas as garotas-cadáver seguravam molhos de ervas amarrados com linha, queimando suave.

Assim que me viu, a Morrigan ficou séria.

— O que você está fazendo aqui? Você devia estar em casa, em segurança.

Debati-me, tentando me livrar das garras do Carrasco.

— A Dama vai matar Natalie. Por favor, você não pode fazer nada para impedi-la?

— Meu querido — disse a Morrigan, abraçada à boneca. — As coisas não seriam assim se eu pudesse escolher, mas não tem outro jeito. Sem o sangue, a cidade inteira irá sofrer. — Ela olhou para trás por cima do ombro, parecendo ansiosa.

A Dama estava parada sob a sombra de um carvalho, envolta num manto comprido e escuro. O capuz levantado escondia seu rosto, mas eu sabia que era ela por causa dos bordados do vestido e pelo agrupamento de serventes ao seu redor.

A Morrigan virou-se de novo para mim e abriu a boca como se fosse dizer alguma coisa. Mas, então, congelou, com os olhos fixos em alguém na multidão atrás de mim.

Era Tate. Ela abria caminho pela multidão com sua jaqueta azul de mecânico, parecendo absolutamente furiosa, andando de maneira decidida em direção ao lugar em que eu me encontrava, imobilizado pelo Carrasco. Tate lançou um único olhar frio e avaliativo na direção dele e se virou para mim.

— Que merda, Mackie! Você disse que ia cuidar do problema!

— Eu tentei — respondi totalmente ciente de que isso soava como uma desculpa esfarrapada. Sem valor nenhum. — Deus do céu, o que você está fazendo aqui?

— O que você acha que eu estou fazendo? Emma falou para eu ficar longe do cemitério; portanto, pensei: ei, é para lá que preciso ir.

A Morrigan se aproximou da gente, tomando cuidado em se manter o mais distante possível do Carrasco. Ela parou na frente de Tate, parecendo desconfortável em seu vestido de festa queimado.

Continuava abraçada à boneca; porém, quando levantou o queixo e falou, sua voz soou paciente e bastante adulta.

— Você não devia estar aqui. O acordo é vocês não nos verem quando realizamos nosso trabalho mais sombrio.

Tate encolheu-se ligeiramente diante dos dentes vorazes, mas não pareceu nem um pouco dissuadida.

— Bom, mas eu consigo ver muito bem e não vou embora sem a minha

irmã.

A Morrigan esticou o braço e pousou a mão no pulso de Tate.

— Isso é um ritual muito mais antigo do que você e sua família. Mais antigo do que a cidade. O sangue faz o sol brilhar e as plantações crescerem. Essa é a verdade do mundo.

Tate baixou os olhos para ela e, em seguida, falou numa voz calma e letal, quase um sussurro.

— Que se foda o mundo. Quero a minha irmã de volta.

— Chega. — A voz da Dama ecoou pelo terreno não consagrado. — Sua irmã é insignificante, uma oferenda ridiculamente pequena. Isso não é problema meu, e se você continuar a se intrometer nos meus assuntos, não terei escolha a não ser chamar o homem que lida com as intromissões.

Tate olhou de relance para mim e, pela primeira vez, pareceu perturbada. Correu os olhos pelo cemitério, como se somente agora começasse a perceber quantas pessoas havia ali e como algumas delas pareciam assustadoras.

Quando voltou a pousar os olhos em mim, o Carrasco debruçou-se sobre o meu ombro e levantou uma das mãos enluvadas, balançando as garras de maneira preguiçosa na frente do meu rosto, sem tocar, sem nunca tocar, mas permitindo que Tate visse com que facilidade ele poderia fazer isso.

Observei-o flexionar os dedos.

— O que você quer?

Ele tocou a lateral do meu pescoço e pude sentir o ferro frio em contato com a pele.

— Tudo o que eu quero é que você fique aqui e assista às pessoas que ama serem terrivelmente mutiladas. Isso é pedir demais?

Permaneci imóvel, tentando não dar a ele a satisfação de ver como até um leve toque machucava.

Ao meu lado, Roswell e os gêmeos debatiam-se para se livrar das garras dos ajudantes ossudos do Carrasco, mas sem muito sucesso. Tate, porém, estava livre, ninguém a segurava.

— Solta ele — disse ela, num tom de voz duro e cruel, como se estivesse preparada para destruí-lo.

O Carrasco estava tão próximo que pude sentir sua risada em meu ouvido.

— Você é uma pequena causadora de problemas, não é mesmo? Venha, tente pegá-lo então. Estou louco para ver se você consegue.

As garras dele se enterraram um pouco mais. Elas romperam a pele e minha respiração começou a sair em espasmos. Tentei não fazer barulho nenhum, mas tudo estava acontecendo muito rápido.

Tate se curvou e arregaçou a bainha do jeans para pegar alguma coisa escondida na bota.

Ele me soltou e deu um passo para trás, erguendo as mãos como se estivesse se rendendo, deixando que ela ficasse comigo. Em seguida, deu um soco em minha cabeça.

Caí no chão e, por um segundo, tudo o que consegui ver foi um mar de luzinhas brilhantes. Fiquei deitado na lama e nas cinzas, tentando recuperar o fôlego. O solo estava molhado contra minhas costas, encharcando meu

pulôver. O Carrasco agachou-se ao meu lado e encostou as garras em meu pescoço. O toque foi tão gentil que parecia quase indecente que doesse tanto. A marca da tampinha de garrafa que Roswell usara destacava-se escura na bochecha dele.

— Sai de cima dele — repetiu Tate, e sua voz soou bem baixa.

O Carrasco soltou sua risada grave e tremida.

— Não, minha preciosa, de jeito nenhum. O que vai acontecer é o seguinte: eu vou esculpi-lo um pouco e você vai assistir, e é assim que vai ser, porque, se tentar me impedir, vou abrir um talho na garganta dele e nós dois vamos ficar aqui sentados no escuro, observando-o sangrar até morrer.

As garras penetraram ainda mais em meu pescoço e soltei um grito rouco de dor, odiando o som da minha voz. De repente, escutei uma pancada e as garras desapareceram. Rolei para o lado, sentindo uma dor fria e abrasiva subir pela base do crânio.

O Carrasco estava no chão ao meu lado. Levantara as mãos, como se quisesse cobrir o rosto com elas, mas as garras impediam que tocasse a própria pele. Havia uma marca comprida de queimadura num dos lados da face.

Todos que estavam em volta deram um passo para trás. Tate se virou e os encarou. Ela segurava um objeto comprido e fino, de um preto fosco sob a luz do poste. Era um pé de cabra.

As garotas-cadáver começaram a rir em uivos altos e esganiçados enquanto o Carrasco lutava para se colocar de pé. Pelo visto, as pessoas da Casa do Caos acalentavam sentimentos não muito caridosos com relação a

ele. Não se importavam que ele levasse uma porrada no rosto com um pé de cabra. Estavam ali apenas para testemunhar o que quer que acontecesse. Ele deu uma olhada ao redor e, em seguida, virou-se para Tate.

Ao lado dele, ela parecia pequena. Jovem. O Carrasco tinha um sorriso largo que prometia morte, mas, antes disso, dor. O que ele mais gostava na vida era de causar dor aos outros.

— Minha menina — disse ele, com uma cadência na voz que soava quase como arrependimento. — Minha garotinha, largue o seu brinquedo. Você vai morrer se não largar.

Ela fez que não e segurou o pé de cabra com mais força ainda.

— Largue isso, ou terei de abri-la e deixar seus olhos para os corvos. —

Ele a atacou sem aviso. Lançou-se sobre o braço dela, e suas garras rasgaram-lhe o ombro da jaqueta. Tate não recuou, nem mesmo quando o sangue começou a empapar o tecido.

Em vez disso, ela sorriu, do mesmo jeito que sorrira para Alice no estacionamento da escola. Um sorriso que dizia: Adoro quebrar coisas.

O Carrasco sorria de volta, como se aquele momento fosse só deles.

Como se ele não soubesse que a melhor forma de irritá-la era fazendo-a sangrar.

Ela brandiu o pé de cabra de novo e, dessa vez, acertou os dentes dele.

Ele cambaleou, escorregou na lama e na fuligem e caiu. O sangue escorria de sua boca e queixo, pingando no chão, enquanto o pé de cabra fumegava na mão de Tate. O Carrasco já estava perdendo o fôlego. Ele se ajoelhou entre as lápides, tremendo e tossindo.

Tate parou ao lado dele, segurando o pé de cabra com as duas mãos. Ainda sorria, parecendo selvagem e elétrica. Ao nosso redor, a multidão estava em silêncio.

O Carrasco não se mexeu. O sangue escorria de sua boca. Ele passou o braço pelo queixo para limpá-lo e ergueu os olhos para Tate com uma expressão de fúria.

— Cuide dela — mandou a Dama, e sua voz soou estridente.

O Carrasco lutou para colocar-se de pé, cuspindo um punhado de sangue sobre o chão lamacento. E, então, deu um bote.

Tate brandiu o pé de cabra com força, tentando acertar a mão dele, e quebrou duas garras. Elas se soltaram com uma fagulha e o Carrasco recuou.

Tate já se afastava, preparando-se para o próximo golpe.

Ele a pegou no meio do caminho, abrindo uma fileira de cortes superficiais num dos lados do pescoço, mas ela nem sequer estremeceu. Ali só havia o Carrasco, Tate e o pé de cabra. Uma barra de ferro preta na mão dela, que dessa vez o acertou no peito, fazendo-o recuar.

O Carrasco cambaleou, mas logo se recobrou. Posicionou-se ligeiramente inclinado para a frente e, por um segundo, achei que fosse se jogar sobre ela, mas apenas ergueu uma das mãos enluvadas e tocou a própria testa. As garras deixaram pequenos vergões onde roçaram a pele.

— Eu desisto — disse ele. Sua voz estava rouca e feroz, e a respiração vinha em grandes espasmos.

— Francamente, meu senhor! — exclamou a Dama, a voz saindo da escuridão. — Eu pedi a você que se livrasse dessa inconveniência e estou

surpresa que não tenha feito isso ainda.

— Eu desisto — repetiu ele, erguendo a cabeça. Lançou um olhar assassino na direção da Dama.

Ela falou com toda a frieza, o rosto ainda encoberto pelo capuz:— Você faz o que eu mando e, no momento, estou mandando que se livre dessa garota.

Ele se virou de costas para ela.

O Carrasco encarou Tate, que continuava segurando o pé de cabra, mas não fez menção de desafiá-la. Ele parecia furioso, porém rigidamente controlado.

— Você. — A voz dele soou áspera; pingava um sangue escuro do queixo. — Um demônio de tão mal-educada, mas é ágil o suficiente com uma ferramenta sem corte. Você e eu, a gente podia marcar outra rodada qualquer dia desses, não acha?

Tate não respondeu. Olhava fixamente para algum ponto atrás dele, na direção em que a Dama se encontrava, num canto do cemitério, e parecia mais assustada do que estivera durante todo o confronto com o Carrasco.

Acompanhei o olhar dela e entendi. Um dos homens ossudos saíra de trás da cripta com Natalie nos braços.

O Carrasco curvou-se diante de Tate num cumprimento desajeitado e, em seguida, passou por ela, pelas garotas-cadáver e continuou cemitério adentro. As garras quebradas ficaram aos pés de Tate. Ele não olhou para trás.

— Já chega! — A Dama adiantou-se, tirou Natalie dos braços de seu

guardião e seguiu arrastando-a em direção à cripta branca. — Vamos entrar agora. Talvez demoremos um pouco lá dentro.

Tate partiu para cima dela, porém dois ajudantes do Carrasco a interceptaram. Eles a pegaram pelas costas da jaqueta e praticamente a levantaram do chão. Ela começou a chutar a esmo, gritando por Natalie numa voz que me provocou uma fisgada no peito.

Lembrei-me do que minha mãe dissera após a Morrigan me encontrar, pedir minha ajuda e eu concordar porque não queria que nada acontecesse a Emma. Tudo envolve escolha.

Eu sabia o que ela queria dizer — que é preciso pensar nas opções e pesar as consequências antes de tomar qualquer decisão, mas esse era um conselho inútil quando se tratava das coisas realmente importantes. Agora não era um desses momentos.

Agora era o fim do jogo. O momento em que tudo ficava quieto, em que só havia a minha respiração rápida e descompassada e as batidas do meu coração. O momento em que não havia ninguém, apenas eu. O ser à parte de tudo, que não pertencia a lugar nenhum.

— Espere — falei.

A Dama parou, de costas para mim.

— O que significa isso, sr. Doyle? — Pelo som da voz, ela parecia estar sorrindo.

— Deixe-me ir no lugar dela. É a única opção. — Somente depois de dizer foi que percebi a verdade daquelas palavras. — É a única coisa que eu posso fazer.

A Dama se virou e empurrou Natalie na direção da multidão, quase a lançando em cima de Tate, que conseguiu se livrar dos dois estupefatos guardas e correu para pegar a irmã. Tate se ajoelhou no chão e abraçou Natalie com força. Eu jamais a vira assim, à beira das lágrimas.

Saída das sombras, a voz da Dama soou doce e diabolicamente animada.

— Venha comigo, sr. Doyle.

Tate olhou para mim e fez que não. Encarei-a de volta, tentando fazê-la compreender minha determinação. Apenas me deixe ir.

Ela fechou os olhos com força e enterrou o rosto nos cabelos de Natalie.

O gesto me deixou mais seguro do que nunca de que eu estava fazendo a coisa certa. Era a única opção. Virei-me e segui ao encontro da Dama, que esperava no degrau de pedra da entrada da cripta.

Ao me aproximar, ela puxou o capuz para trás, revelando o rosto, e quase fiquei sem ar. Estava muito diferente da mulher que eu havia conhecido na sala de leitura. Os olhos eram maiores, mais escuros do que os da Morrigan ou de qualquer uma das garotas-cadáver. Em contraste com a pele branca, eles pareciam gigantescas bolas de fuligem, envoltos numa sombra profunda, sem nenhuma cor.

Lembrei-me da história de Emma sobre entrar na caverna para ser comido. Que se entrasse de livre e espontânea vontade, então a morte não significava morte, mas sim transformação.

Há um monte de coisas que podem nos assustar no dia a dia. E se alguém que você conhece descobre estar com câncer? E se alguma coisa acontece com sua irmã ou com seus amigos ou com seus pais? E se você for

atropelado por um carro ao atravessar a rua ou os colegas da escola descobrirem que você não passa de uma aberração? E se você entrar demais num lago e se afogar, ou se houver um incêndio ou uma guerra?

Você pode ficar acordado a noite inteira se preocupando com essas coisas porque elas são assustadoras e imprevisíveis, mas são reais. São possíveis.

O olhar profundo e vidrado da Dama era negro e inacreditável.

Ela estendeu a mão, esperando por mim. Dei a mão a ela e a deixei me arrastar para longe da minha vida, dos meus amigos, em direção à cripta.

— Espere — falei, sentindo a palavra prender na garganta. — Quero dar uma última olhada.

Roswell e os gêmeos estavam imprensados contra a cerca do pátio da igreja, contidos pelos ajudantes do Carrasco. Drew ostentava a mesma expressão vazia que os Corbett geralmente exibiam, porém Danny me observava como se tivesse alguma coisa afiada sob as costelas, alguém se remexendo. Roswell estava com as costas coladas na cerca, imobilizado por dois homens de sobretudo preto. Ele continuava segurando a morta-viva, olhando para mim. Apenas olhando.

Tate agachou-se em meio às lápides com os braços em volta de Natalie. Estava com a boca aberta como se quisesse dizer alguma coisa, mas o que ela poderia dizer? A irmã era a sua família. A única coisa a fazer era eu virar as costas para ela, para todo aquele mundo brilhante e seguir a Dama.

No entanto, por um segundo, não tive certeza se conseguiria fazer isso.

Os olhos de Tate estavam fixos em meu rosto, e era difícil abrir mão disso.

Abrir mão da vida no momento em que ela finalmente começava.

Os músicos e as garotas-cadáver permaneceram em silêncio. Eles tinham ido lá por isso, não por prazer nem por maldade. Tinham ido ver o mundo ser renovado, e isso significava sangue. Não fazia diferença que eu estivesse parado diante deles. No que lhes dizia respeito, eu já estava morto.

— Venha para mim — ecoou a voz da Dama, vinda de dentro da cripta.

A porta estava aberta, uma fenda preta em contraste com a pedra branca, e me virei e segui porque essa era a última, a melhor opção.

Da entrada, dava para sentir um cheiro de terra molhada e pedra úmida. O chão estava coberto por uma fina camada de água, decorrente de infiltração do solo ou chuva. Eu não conseguia escutar nada além das batidas do meu coração.

— Você está sangrando — disse ela, oculta pelas sombras. — Posso sentir o cheiro de cobre e sal.

No escuro, seu rosto era fantasmagórico, quase transparente. Era possível ver o contorno pálido dos ossos através da pele. Quando ela ergueu a cabeça e olhou para mim, pude ver os dentes, que agora pareciam tão pontiagudos e cruéis quanto os da Morrigan.

A Dama sorriu e estendeu a mão.

— Aproxime-se. Deixe-me olhar para você.

Dei mais um passo, afastando-me da igreja em ruínas e do círculo de espectadores, e penetrando a escuridão.

— Sonhei com isso — disse ela. — Sonhei com você por vários anos, mesmo antes de conhecê-lo. No entanto, o sonho é um substituto fraco para

a carne de verdade.

Estávamos agora dentro da cripta, escondidos da visão do pátio.

— Há quanto tempo você vive do sangue de inocentes?

Ela estendeu a mão para pegar meu braço e me puxar mais para perto, de modo que pudesse falar direto em meu ouvido.

— Está me pedindo para calcular em anos? Seria melhor responder em galões. O tempo é apenas um mito para aqueles que não viveram o suficiente para ver todas as estruturas entrarem em colapso e todas as situações se reverterem. As pessoas nos chamam de demônios e, então, um século depois, rezam para nós.

— Não em Gentry — repliquei. — Não importa quanta paz e prosperidade você traga aos moradores... eles nunca irão idolatrar você. Não como faziam no seu antigo lar.

A Dama sorriu, deixando os dentes à mostra.

— Lar? Meu lar é qualquer lugar em que as pessoas me conheçam. Em Gentry, os moradores erguem efígies em honra a mim, e você acha que eu me importo se eles as queimam por desprezo ou por amor?

— Está dizendo que não faz diferença se eles a amam ou não, desde que acreditem em você?

A Dama assentiu com um meneio de cabeça.

— Essa é a ordem natural das coisas. Os deuses deixam de ser reconhecidos e se tornam monstros. E, às vezes, eles se levantam do meio da plebe derrotada para se tornarem deuses novamente.

— E quanto a você? — perguntei, observando o rosto faminto. Os olhos

dela eram inacreditavelmente escuros, antiquíssimos, mais profundos e completos do que a fome, a praga ou a guerra. Eles eram tão penetrantes que pareciam enxergar dentro de mim. — O que você é?

Ela sorriu, esticando o braço para tocar meu rosto.

— Eu sou o terror. — Sua mão parecia feita de papel, como se a pele estivesse ficando cada vez mais fina. — O medo das pessoas me dá forças, e eu me alimento dele.

— Achei que você se alimentasse do sangue das oferendas.

Ela riu, uma risada seca e embolorada.

— Meu querido, você é uma gracinha. Eu me alimento do ato da oferenda em si. Da devoção e da humilhação. Agora, estenda a sua mão.

Deixei-a tomar meu pulso. Ela aninhou minha mão entre as dela e a virou como se estivesse procurando a pulsação. Em seguida, sem aviso nenhum, cravou os dentes.

Uma fisgada de dor irradiou pelo meu braço, mas não o puxei, embora tenha ficado sem ar. Inspirei devagar uma vez, e então de novo. A força da mordida fez com que enormes pontos brancos surgissem diante dos meus olhos.

— Eu esperava algo diferente — sussurrou ela, arranhando minha mão com os dentes. — Sonho com isso desde a primeira vez em que bebi o sangue de um dos meus. O desespero, a entrega. Como aconteceu com o homem que era chamado Caury.

Fiz que sim, tentando me concentrar em respirar. Meu peito estava apertado.

— Você o matou — murmurei. — Você o usou por meses, anos, e depois o matou.

— A cidade estava desmoronando, querido. Possuímos uma ligação com o povo de Gentry, somos forçados a ajudá-los, mesmo que eles não considerem isso uma ajuda. Mesmo que paguem um preço alto por isso.

— Ajudá-los. — Minha voz soou rouca. — É, você os ajuda muito. Ajuda a colocar seus filhos em caixões. A cobrir as casas de amuletos. Você se considera uma deusa, mas não passa de um monstro.

Ela fez que não.

— Vocês querem dar um nome àqueles que não podem ser nomeados. Nós somos o caos e a tragédia. Somos o horror dançante e falastrão do mundo. — Ela lambeu minha palma. Ao erguer a cabeça, vi que estava sorrindo. Os dentes estavam sujos de sangue. — Olhe só para você. Você foi afastado, tornou-se um excluído, mas, mesmo assim, agarra-se à vida, aos seus amigos. Você os ama e cuida deles, ainda que eles o odeiem. — A mordida transmitia calor. Meu braço inteiro queimava e minha visão estava enevoada.

Soltei o ar e a deixei beber. Livrei-me da culpa, do segredo, da ansiedade e do medo. Em resposta, fui bombardeado por um turbilhão de imagens e lembranças.

Pensei em Tate, em como ela não se importava com o fato de meus olhos serem tão negros. Nem com a minha esquisitice. Nos meus amigos, que eram meus amigos, não por acidente, mas porque haviam escolhido ser. Eles estavam todos ali, lá fora no cemitério — e tinham me ajudado. Pelo

menos, tinham tentado. Pensei em meu pai, dando o melhor de si para fazer sempre a coisa certa, de uma maneira inacreditável.

E Emma. Emma rindo, sorrindo e chorando. Emma aos doze anos de idade em seu vestido de Páscoa com o chapéu florido, e aos catorze, plantando tulipas no outono, dormindo sobre a escrivaninha com a cabeça apoiada nos braços, me ajudando com o trabalho de casa. Emma com a mangueira, molhando seu jardim de hortaliças. Emma, agora e por toda a minha vida.

Pensei nela, em todos eles, seus rostos e vozes, e em todos os motivos pelos quais eu os amava, mas não conseguia deixá-los me amar de volta. Eu podia sentir a respiração da Dama dentro do meu pulso, um bafo quente e molhado, enquanto ela me consumia. O ritmo era lento, combinando com as batidas do meu coração. A dor na mão estava menos elétrica agora. Estava sumindo aos poucos, juntamente com a cripta.

Estendi a mão livre, buscando alguma coisa sólida. Encontrei o rosto dela e o toquei. Os ossos sob sua pele eram pontiagudos e ferinos. A escuridão se fechava à minha volta. A Dama era forte, e eu estava tão cansado.

— Sabe o que eu adoro em gente como você? As crianças podem me temer, a cidade pode me demonizar, mas, lá no fundo, o medo delas é descomplicado. Você possui a complexidade de odiar o que é e o lugar de onde veio. Isso é maravilhoso.

— Então tome — murmurei, já com o rosto colado no chão. — Tome tudo.

Ela soltou meu braço, parecendo crescer diante de mim. No escuro, ela era pálida e luminosa, não uma bruxa ou uma deusa, mas algo pior. Sua pele estava macia agora. Os cabelos eram compridos e transparentes como teias de aranha.

Rolei, deitando de costas, com a mão latejante aconchegada ao peito. Acima de mim, a escuridão parecia viva, uma profusão de formas, sombras, asas e pesadelos. Alguma coisa se agitava em torno de nós, uma criatura atemporal, faminta demais para viver dentro de um só corpo.

Fechei os olhos; a mordida já não doía mais, apenas me puxava para a escuridão. Comecei a flutuar, a sentir como se eu não fosse eu. E, no entanto, eu continuava a ser a mesma pessoa que sempre fora. Fui tomado pelas minhas lembranças mais antigas, senti-me frio, flutuando, afastando-me cada vez mais da dor, indo em direção à lua pálida, ao farfalhar das folhas. O berço estranho e as cortinas ondulantes com sua estampa de flores. Continuei flutuando, caindo, caindo, envolto em escuridão e ar estagnado e, então, aterrissei.

Eu estava esparramado no chão de pedra de uma cripta abandonada, no escuro e tremendo, com a Bruxa Porca de Gentry debruçada sobre mim, mordendo minha mão.

Puxei o ar com força, que entrou arranhando, e comecei a rir.

A Dama afastou a boca da minha mão.

— O que há de tão diabolicamente engraçado para você rir de mim?

Sorri, mesmo no escuro, sentindo-me tonto e um pouco eufórico.

— Tudo.

Ela agarrou a frente do meu pulôver e me sacudiu.

— Por que você está rindo? O que significa essa risada?

A pergunta, porém, era tão fora de propósito, tão sem sentido que só balancei a cabeça. Eu não precisava de um motivo.

Nenhuma das coisas que ela tomara tinham desaparecido. Elas voltavam em grandes ondas, felizes, assustadas, curiosas, esperançosas e vivas. Elas se erguiam e preenchiam meu peito até eu me sentir cheio demais para respirar, de tão agradecido.

Isso era amor. Durante toda a minha vida eu estivera tão convencido de que estava além dele, excluído, mas isso era amor — sempre fora — e agora eu sabia.

A verdade

CHÃO ESTAVA MOLHADO sob a minha cabeça, mas tudo bem.

A sensação era excepcional. Estávamos numa cripta, no cemitério de uma igreja, e o fato de que eu pertencia àquele lugar significava que eu podia pertencer a qualquer lugar.

A Dama estava debruçada sobre mim, agarrada à minha jaqueta, respirando junto a meu rosto.

— O que está distraindo sua atenção do nosso trabalho, sr. Doyle?

Minha garganta estava seca, e falar doía.

— Sou tudo isso... minha vida inteira. Tudo isso sou eu.

Por um segundo, escutei apenas o som do sangue jorrando da minha mão, caindo sobre o chão de pedra.

— Então me dê tudo. — A voz dela estava rouca. Seus dedos se enterraram em minha pele, apertando a carne macia da base do pescoço. — Quero o medo, o terror em seus olhos quando você perceber de verdade, lá no fundo, que está morrendo. Quero sua ruína mais profunda e vou continuar cavando até encontrá-la.

A faca continuava em meu bolso, envolvida num pano de prato. O rosto dela estava a centímetros do meu, com um sorriso semelhante ao de uma caveira.

— Já chega — falei. — Cansei de ser comida, de alimentar você. Não tenho nada que você queira.

Ela enfiou o dedo num dos cortes em carne viva na lateral do meu

pescoço. Soltei o ar num longo suspiro, mas não fiz nenhum barulho, nem quando ela começou a abrir e rasgar o local queimado.

— O arrependimento é uma das únicas coisas verdadeiramente constantes na vida — sussurrou ela. — Já está arrependido da sua bravata?

— Ela enterrou ainda mais o dedo, rasgando a pele. — Posso continuar a cavar. Posso rasgá-lo até você não conseguir fazer nada além de gritar.

Procurei pela faca no bolso e a desembrulhei do pano.

— Não. Por você, não.

— Você é tão gloriosamente ingênuo. É um charme ver que ainda se considera forte.

Eu não era forte. Não estava tentando ser um herói nem provar que era corajoso, só que a voz dela era arrogante e vazia, e não me metia medo. A única coisa que me assustava agora era perceber o quanto estava difícil manter os olhos focados, o quanto minhas mãos estavam dormentes. Segurei a faca com mais força ainda, forçando meus dedos a obedecerem. Em seguida, puxei a mão do bolso e enfiei a lâmina no ombro dela até o cabo.

Por um segundo, a Dama continuou debruçada sobre mim, abrindo e fechando a boca como um peixe. E, então, cambaleou e caiu para trás. Ela despencou no chão com força, espirrando água estagnada para todos os lados.

Fui me arrastando em direção à porta aberta e ao ar fresco.

A primeira coisa que vi foi o céu, enorme, girando. Ele continuava nublado, porém as nuvens estavam se espaçando, deixando, aqui e ali, pedaços de céu estrelado à mostra. E, então, Tate estava ao meu lado, me segurando, me

beijando. Fiquei deitado no chão lamacento, beijando-a de volta.

Havia uma mancha escura na manga da jaqueta dela, no ponto onde eu a segurara.

Agarrei-a pelo ombro com a mão boa e tentei me sentar. Tate me firmou quando perdi o equilíbrio. Eu estava trêmulo e tonto; havia perdido metade do meu sangue, mas continuava inteiro. Tate continuou me segurando enquanto eu tremia.

Ficamos sentados na lama, com os braços em volta um do outro. A Morrigan aproximou-se saltitante dos degraus da cripta, onde a Dama continuava deitada de costas, olhando para o céu marmorizado.

A Morrigan olhou com curiosidade para a faca com expressão quase científica.

— Você foi ferida — disse, abaixando-se para examinar o ombro da Dama. — Será que vai sarar? Está doendo?

— Feia — sussurrou a Dama. — Monstro, mulher imunda, traidora.

— Não — replicou a Morrigan, acariciando a testa da irmã. — Não, minha querida. Você é que é assim.

Espalhadas pelo cemitério, as garotas-cadáver sussurravam e soltavam risadinhas estranhas e esganiçadas, enquanto a Dama tossia e se contorcia, sangrando sobre a pedra.

A Morrigan ajoelhou-se ao lado dela. Tocou o cabo da faca e correu os dedos pelo local em que ela despontava do ombro da irmã. Segurava, na outra mão, uma das garras quebradas do Carrasco, que fumegava em sua palma, exalando um cheiro de carne estragada que fez meu estômago revirar,

mas a Morrigan não parecia perceber.

— Você é terrivelmente egoísta, e sabe disso. Eu amei você por tanto tempo, mas meu amor nunca foi caro ou precioso para você. Não faria diferença nenhuma se eu não a tivesse amado.

A Dama estava deitada a seus pés, olhando para cima com olhos pretos horrorizados. Seus lábios haviam adquirido um azul gélido, mortal.

— Como ousa falar comigo assim, sua monstrenga asquerosa? — A voz dela saiu falhada.

A Morrigan sorriu, deixando à mostra todos os dentes pontiagudos.

— Você agora não passa de um demônio feioso, seu homem se foi, e vou falar com você como eu quiser.

— Desgraçada insubordinada… Eu devia mandar puni-la. Devia açoitá-la até que me implorasse para parar.

A Morrigan sacudiu a cabeça.

— Mas não vai. Não há ninguém aqui para fazer isso.

Ela analisou a garra em sua mão. Em seguida, com uma precisão assustadora, enfiou-a na lateral do pescoço da Dama. A ponta atravessou a pele e penetrou a carne com facilidade, enterrando-se até o punho da Morrigan. No chão, a Dama levou a mão à garganta, soltando gritos esganiçados para as árvores desnudas. A Morrigan empertigou-se, mas deixou a garra onde estava.

O grupo de garotas fechava o círculo em volta delas. Os ajudantes da Dama não esperaram pela multidão risonha de vermes e dentes. Eles saíram correndo do cemitério, afastando-se do local onde a Dama se encontrava

deitada na lama, ferida. Seus gritos estavam mais baixos e mais desesperados, e a Morrigan a observava com uma expressão estranha, quase com satisfação. Imaginei se ela sempre sonhara com isso, tal como a Dama sonhava em beber sangue.

No entanto, quando ela se virou para mim, não deixou nossos olhos se encontrarem.

— Sinto muito — disse, olhando para alguma coisa no chão. — Não sou um monstro, sou uma pessoa boa. Eu sou o amor, você sabe. — Ela chorava, soltando pequenos soluços entrecortados. — Eu não guardo rancores. Procuro ser generosa.

Ela se aproximou, arrastando os pés, de onde eu me encontrava sentado, ainda tremendo contra Tate.

— Você pode me perdoar?

Tate passou os braços em volta de mim, ajudando a me manter firme. Escorreguei um pouco para o lado e descansei a cabeça no ombro dela.

— Perdoá-la pelo quê?

— Por ter sido tão feia e má.

— Eu perdoo você — respondi, mas as palavras pareceram sem sentido, desnecessárias. Os dentes dela já não me incomodavam mais. A única coisa a perdoar eram as marcas no braço de Emma.

A pequena princesa rosada atravessou saltitante o cemitério, brandindo a varinha de condão, de mão dada com Roswell.

Os gêmeos estavam logo atrás deles. Drew carregava Natalie, que dormia com a cabeça apoiada no ombro dele. Seu vestidinho branco estava

deplorável, puído na barra e coberto de lama. Os cabelos estavam embaraçados e com as pontas levantadas, como um animal peludo. Danny carregava a morta-viva, que não se aconchegara ao ombro dele. Na verdade, ela não fazia nada.

— Você está perdendo sangue — observou a Morrigan, examinando a minha mão.

Olhei para mim mesmo. A frente do meu pulôver estava escura; havia sangue por todos os lados.

A Morrigan saiu trotando e retornou com Janice, que pegou um frasco no bolso do casaco e me ofereceu. Era uma das garrafinhas da farmácia dela, de vidro marrom e lacrada com cera.

— Você precisa beber isso.

Ela levou a garrafa à boca e mordeu o lacre. Em seguida, limpou os resquícios de cera e me entregou. Bebi o líquido em grandes goles. Tinha um sabor quente, que me deixou ofegante e tonto, porém melhor. Eu me sentia inacreditavelmente cansado.

Janice já estava abrindo outro frasco. Ela tirou uma pasta grossa e a espalhou sobre o ferimento da minha mão. Ele queimou por um segundo lancinante e, em seguida, ficou dormente.

Apoiei-me ainda mais em Tate, tentando evitar que minha vista escurecesse.

— O que isso significa para Gentry? — perguntei à Morrigan, olhando de relance para a Dama, deitada no chão ao lado da cripta.

A Morrigan sentou-se do meu lado. Pegou minha mão entre as dela e

apertou.

— As tragédias vão acabar, porque eu não sequestro crianças nem incendeio igrejas.

— Mas o que isso significa para a cidade? Ela vai deixar de ser um lugar tão bom?

A Morrigan deu de ombros e se levantou, virando-se para as árvores.

— E você alguma vez a achou um lugar bom?

Fiz que não.

— Na verdade, não. Pelo menos, não desde antes de eu nascer.

— Talvez nunca tenha sido.

Concordei com um meneio de cabeça e passei os olhos por todas as lápides do canto não consagrado do cemitério, marcando os túmulos dos substitutos que não tinham sobrevivido nem sido ressuscitados pela Morrigan.

— Adeus. — Ela se despediu.

Como não respondi, ela pousou a mão no topo da minha cabeça. O peso foi estranho e reconfortante.

— Eu amo você — disse ela. — Esse adeus não é para sempre nem por tanto tempo assim. Significa apenas que estou indo para casa agora, e você também.

Ela se abaixou, pegou a boneca e limpou o excesso de terra, parecendo estranhamente adulta. Em seguida, foi até a entrada da cripta e parou ao lado da irmã.

A beleza delicada da Dama desaparecera. Seu rosto havia adquirido um

amarelo pálido, apagado, e as veias despontavam pretas por debaixo da pele. Seus olhos pareciam chocados e injetados.

— Que coitadinha feiosa. — A Morrigan sacudiu a cabeça.

Ela fez sinal para as garotas-cadáver, que, sussurrando sem parar, se aproximaram, levantaram o corpo da Dama e saíram arrastando-a pela lama em direção a Orchard e à pilha de escória de metal.

De repente, tive uma leve e vaga impressão de escutar pássaros cantando em algum lugar. A luz estava mudando, tornando-se mais quente. O céu estava pálido e o horizonte começava a adquirir uma tonalidade vermelha brilhante. Fazia semanas que não víamos um nascer do sol.

Ninguém falou nada, apenas seguimos por entre as lápides em direção à rua. Roswell e Drew tentaram uma ou duas vezes começar uma conversa sobre coisas bobas, mas desistiram. Natalie continuava dormindo, recostada ao ombro de Drew.

Apoiei-me em Tate e fiquei surpreso ao perceber o quanto ela era real e sólida. Ela passou o braço em volta de mim. A dor na mão amainara bastante. O cemitério parecia quase translúcido, como num sonho, como se eu estivesse sonhando com ele, nós seis e o caminho estreito e lamacento.

Amanhecer

A CONCORD STREET, a luz da varanda continuava acesa, brilhando sob a luz fraca do amanhecer. Subimos os degraus da frente abraçados, como se relutássemos em nos afastar muito um do outro.

Verifiquei a maçaneta, mas a porta estava trancada. Precisei recostar contra a mureta da varanda por um segundo, a fim de esperar que o mundo parasse de girar. Em seguida, forcei-me a dar um passo à frente e tocar a campainha.

Emma abriu a porta e, ao me ver, lançou-se em meus braços. Eu estava ensanguentado e enlameado. Mesmo com sangue e lama por todos os lados, secando no meu pulôver, manchando o rosto e as mãos dela, Emma não me largou. Parecia ter passado um ano inteiro chorando.

Lá dentro, meu pai andava de um lado para o outro na cozinha, passando os dedos pelos cabelos. Minha mãe estava sentada pacientemente à mesa, as mãos agarradas à toalha como se estivesse esperando que ele parasse.

Quando surgimos na porta, os dois ergueram os olhos. A expressão de meu pai foi um misto de choque, confusão e alívio, principalmente alívio. Minha mãe deu a impressão de que ia desmaiar, e tive plena consciência de como eu estava, todo ensanguentado, com Emma agarrada ao meu braço. Ao meu lado, Tate e os gêmeos pareciam ter saído de um documentário de guerra. Roswell era o único relativamente incólume, com uma expressão alerta e intrigada, como se estivesse ali por acidente.

Meu pai parou do outro lado da mesa e olhou para mim. Para todos nós.

— Você está muito machucado? Precisa ir para o hospital? — A voz dele saiu rouca e pude sentir um cheiro forte e enferrujado de ansiedade.

Sacudi a cabeça, inclinando-me para a frente e apoiando a mão boa na mesa.

— Nem todo o sangue é meu.

Ele assentiu com a cabeça e esfregou os olhos com uma das mãos.

Minha mãe observava Natalie, que havia acordado e estava com os braços em volta do pescoço de Drew, olhando sonolenta para a cozinha ao seu redor. Mamãe foi até ela, pegou seu rostinho entre as mãos e olhou bem para seus olhinhos.

Em seguida, soltou Natalie e se virou para mim.

— Você fez isso? Você a trouxe de volta?

Não respondi. Não tinha sido eu. Pelo menos, não sozinho.

— Você desceu lá só para trazê-la de volta?

Fiz que sim. A próxima pergunta seria: Por que você fez algo tão inacreditavelmente perigoso? ou O que fez com que um risco insano parecesse uma boa ideia? Eu não queria falar sobre isso. Só agora estava começando a entender o quanto eu estivera indiferente ao mundo, sem me importar com nada, nas semanas antes de conhecer a Morrigan.

Abri a boca para impedi-la de falar, mas a verdade devia estar estampada no meu rosto, porque ela não esperou para ouvir o que eu ia dizer.

Atravessou a cozinha e me abraçou, passando os braços em volta do meu pescoço.

— Você voltou — sussurrou ela. — Podia ter desaparecido para sempre, mas voltou.

Senti-me estranho, parado ali na cozinha, abraçando minha mãe. Ela não era do tipo de chorar ou abraçar, porém não me soltou.

— Foi uma coisa corajosa — continuou ela, agarrando as costas do meu pulôver. — Muito corajosa.

Para ser honesto comigo mesmo, eu não tinha sido particularmente corajoso. Havia apenas feito um trabalho sujo e lançado mão de medidas desesperadas e, em seguida, fechado os olhos e rezado para que algo desse certo. Isso não era ser corajoso. No entanto, era legal saber que ela pensava assim.

Subi para o banheiro e limpei a maior parte do sangue e da lama. Ainda era possível ver as marcas das garras no meu pescoço e num dos lados do rosto, porém o corte na mão já estava fechando, as beiradas coladas pelo poder da pasta esverdeada da Janice. Se a cicatrização continuasse nesse ritmo, em poucas horas não haveria mais nada.

Meu reflexo no espelho parecia pálido e cansado, meio morto, porém os olhos estavam castanhos em vez de pretos. De mais a mais, antes meio morto do que moribundo.

Quando abri a porta, encontrei Emma esperando no corredor. A camiseta dela estava manchada de terra e sangue ressecado. Por um segundo, ficamos ali, no corredor do segundo andar, apenas nos olhando. Ela parecia exausta.

— O que foi que ela disse? — perguntou Emma, passando meu braço

em torno do ombro dela, de modo que me fizesse abraçá-la.

Puxei-a para junto do peito e pensei sobre o que minha mãe dissera,

aquela coisa tão misteriosa e rara.

— Que estava feliz por eu ter voltado. Ela não achava que eu ia voltar.

— O que ela quis dizer é que ama você.

— Eu sei.

Emma sorriu.

— Eu também te amo. Mas isso você já sabia.

Isso me fez sorrir também, e a abracei com tanta força que ela gritou.

— Para sempre, louco. Para sempre.

Um de Nós

SEGUNDA-FEIRA SEGUINTE foi um dia tão normal quanto poderia ser dadas as circunstâncias. Isto é, bem normal. Uma das habilidades inatas de Gentry era deixar as coisas voltarem a ser exatamente como haviam sido.

Na cantina da escola, as pessoas estavam mais desanimadas do que de costume, e Alice exibia o mesmo olhar magoado que Tate exibira no dia do enterro de Natalie. As pessoas não evitavam Alice do jeito como haviam feito com Tate, porém seu círculo usual de amigos não parecia tão amigável. Tive a sensação de que isso acontecia, em grande parte, por opção. Ela e Stephanie não se largavam, como se pudessem preencher o buraco que Jenna deixara. Todos os demais estavam de fora.

O enterro de Jenna ocorrera no sábado. Eu não tinha ido; porém, pela primeira vez, isso não me fizera sentir solitário nem excluído. Iria ao cemitério depois, pararia num dos cantos da parte não consagrada e olharia para o túmulo dela, porque ela era alguém com quem eu convivera. Jenna era parte da cidade, assim como eu.

Enquanto eu observava o movimento da cantina, Tate veio em minha direção, abrindo caminho pela multidão da hora do almoço. Lá fora, o dia estava frio, porém ensolarado, e a luz que entrava pelas janelas incidiu sobre ela. Os cabelos de Tate brilharam de um jeito que ninguém mais perceberia, o que não tinha a menor importância, porque eu percebi e gostei.

— Tá olhando o quê? — perguntou Roswell, acompanhando o meu

olhar.

As luzes zumbiam, mas o barulho não me incomodava. Era apenas o som da escola, o som que eu escutava quando perambulava pelo mundo.

Sorri e senti meu rosto corar.

— Tate.

Roswell fez que sim, com uma expressão bem séria.

— Bom, com relação a perdoar você, salvar a irmã dela ajudou, mas vocês terão de passar algum tempo juntos se você realmente quiser pedi-la em namoro.

Quando Tate alcançou a gente, peguei a mão dela e ela permitiu, com uma expressão séria e feroz, como se tentasse não sorrir.

Depois da aula, Tate me levou até em casa. Eu nunca me sentira muito à vontade em convidar alguém para entrar, e foi meio estranho perguntar se ela queria. Tate deixou que eu tirasse sua jaqueta e subimos juntos para o meu quarto.

— Deixe a porta aberta — falou Emma, botando a cabeça para fora do quarto de TV. Ela estava dando uma aula a Janice sobre germinação de sementes, o que parecia meio fora de propósito, levando em conta que a Casa do Caos não possuía luz natural.

Eu não ouvira mais nada sobre a Morrigan, embora Janice aparecesse todos os dias, como sempre. Sentia-me tentado a admitir que talvez ela e Emma fossem amigas de verdade, sem segundas intenções.

Ergui as sobrancelhas.

— Está falando sério?

Ela sorriu.

— Não, estou só bancando o papai. Se ele descobrir que você subiu sozinho para o seu quarto com uma garota, vai ficar puto.

Tate entrou no quarto atrás de mim. Correu os olhos pelas roupas e deveres de casa espalhados.

— Você é muito mais bagunceiro do que eu pensei.

Meu baixo estava no chão, dentro do estojo aberto. Eu passara o fim de semana inteiro tocando, tentando capturar o som dos meus pensamentos, as coisas que havia sentido enquanto estava na cripta, tonto, com frio e sorrindo. Cheguei perto algumas vezes, mas depois do show com os Rasputin, era estranho tocar sozinho. Eu ainda gostava da sensação das cordas sob os dedos, dos tons graves fluindo pelos fones de ouvido, porém o baixo resumia-se a uma única voz, e as histórias seriam mais bem-contadas por uma banda.

Dei de ombros e fui até a cama.

— Sei que me falta um monte de qualidades, e organização é uma delas.

— Pelo menos você não é de perder tempo — replicou Tate, erguendo as sobrancelhas e cruzando os braços. — Direto para a cama. Por acaso esse é seu jeito de dizer que estou devendo uma bela sessão de pegação?

Fiz que não, debruçando-me sobre a cama e abrindo a janela.

Passado um segundo, Tate veio se juntar a mim no telhado.

— Eu não me importaria. Mas não porque me sinta em dívida.

Ficamos sentados no telhado, olhando para a rua. Passei o braço em volta dela.

— Como é ter Natalie de volta?

Tate riu, sacudindo a cabeça. Em seguida, parou e inspirou fundo.

— É maravilhoso, e assustador. Eu não tinha percebido, mas meio que me acostumei a não tê-la por perto. Ela mudou nesses dois meses.

Concordei com um meneio de cabeça, lembrando-me de minha mãe e de todas as maneiras que a vida no subterrâneo podia mudar alguém.

— Vai ficar tudo bem — falei para Tate, não porque achasse que Natalie voltaria a ser exatamente a mesma pessoa de antes, mas porque, de agora em diante, acontecesse o que acontecesse, pelo menos ela seria ela mesma.

Tate se inclinou e me beijou.

— Você fez a coisa certa — disse ela. — Quero dizer, achei que você fosse estragar tudo ou, pior, nem tentar.

— Porque eu agi como um babaca?

Ela suspirou e deitou a cabeça em meu ombro.

— Simplesmente imaginei que você faria qualquer coisa para não se envolver. Quero dizer, isso é o que as pessoas fazem.

— Eu tentei não me envolver.

— Pode ser, mas, no fim, você fez o que era certo. Na hora que foi preciso.

Um mundo inteiro se estendia abaixo de nós, cheio de gente feia, cruel, bonita. A linha que dividia os dois lugares era tão tênue que mal os separava, e ambos se alimentavam de dor, sangue, medo, morte, alegria e música.

Mas, por enquanto, o pôr do sol era suficiente.

Busquei o calor da mão de Tate e entrelacei nossos dedos. A única coisa que importava era o peso da cabeça dela em meu ombro.

Nossas vidas não possuíam limites, eram imprevisíveis e imperfeitas, mas eram nossas. Assim era a vida em Gentry.

Esse era o nosso jeito de fazer as coisas.

AGRADECIMENTOS

uitas pessoas tornaram este livro possível, e outras mais o tornaram melhor. Preciso agradecer sobretudo a:

Minha agente, Sarah Davies, pelas críticas inestimáveis e pela convicção inabalável de que o que eu tinha escrito era, de fato, uma história.

Minha editora, Lexa, que entendeu meu livro e, em seguida, me mostrou como consertá-lo.

Ben Schranke a equipe da Razorbill, por desmistificarem um pouco um processo misterioso.

Minhas divertidas irmãs de coração, Tessa Gratton e Maggie Stiefvater — Tess me mantém honesta e Maggie não permite que eu enferruje.Gia, pelas entregas-surpresa de doces. E também por me dar caronas quando eu estava havia noites sem dormir, tornando as estradas muito, mas muito mais seguras.

Minha irmãzinha Yovanoff, pelas fotos excelentes e por anotar todas as passagens em que ficara confusa.

Meu marido, David, pela crença inabalável — mesmo nos dias em que eu não acreditava.

E Syl, sempre disposta a ler tudo o que eu escrevo e depois me dizer

exatamente o que achou.

shadow

Hunters